

O FOGUETE DA MORTE

IAN FLEMING

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

007



IAN FLEMING

O FOGUETE DA MORTE

tradução de
Álvaro Cabral

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA-FEIRA

CAPITULO 1

PAPELADA SECRETA

Os dois .38 detonaram simultaneamente. As paredes da câmara subterrânea receberam o impacto do som, jogando-o para a frente e para trás, em múltiplos ricochêtes, até o silêncio voltar a estabelecer-se. James Bond observou a fumaça que se esvaía de cada lado do compartimento, atraída para o ventilador de exaustão. A recordação em sua mão direita de como fizera pontaria e atirara, com um rápido movimento da esquerda, deixava-o confiante. Abriu o tambor para um lado, em seu Colt especial de detetive, e esperou, a arma apontando para o chão, enquanto o Instrutor caminhava as vinte jardas em sua direção, no hemicírculo da galeria de tiro. Bond viu o Instrutor rindo.

— Não acredito, não É possível. Desta vez lhe peguei direitinho — foi dizendo.

O Instrutor acercou-se ainda mais.

— Eu vou para o hospital, mas você está morto. Trazia em uma das mãos, o alvo-silhuêta, representando a parte superior do corpo de um homem. Na outra, um filme polaróide do tamanho de um cartão postal. Entregou este último a Bond, e os dois se encaminharam para uma mesa que estava colocada atrás de ambos e sobre a qual se via uma lâmpada de escrivaninha, velada por um abajur verde, e uma grande lente.

Bond segurou a lente e debruçou-se sobre a fotografia. Era um filme em flash de Bond. Em torno da sua mão direita via-se um halo, um tanto impreciso, de chama branca. Focalizou a lente, cuidadosamente, sobre o lado esquerdo de seu casaco escuro. No meio do coração via-se um minúsculo ponto de luz.

Sem dizer palavra, o Instrutor colocou o grande alvo branco, com

o formato de um homem, sob a luz da lâmpada. O coração era representado por um olho de boi, negro, de uns sete centímetros de largura. Bem por debaixo e a um centímetro para a direita, estava o rasgão provocado pela bala da arma de Bond.

— Perfurou o lado esquerdo da parede do estômago e saiu pelas costas — disse o Instrutor, satisfeito. Tomou de um lápis e fez uma conta na margem do alvo.

— Vinte rounds, e creio que me deve sete xelins e meio — continuou êle, impassível.

Bond riu. Contou algumas moedas de prata.

— Dobre a parada, na próxima segunda-feira — sugeriu.

— Por mim, estou de acordo — retorquiu o Instrutor. — Mas não pode vencer a máquina. E se quer realmente entrar para a equipe que disputa o Troféu Dewar, convém darmos algum repouso aos .38 e dedicar algum tempo à Remington. Aquele novo tipo de cartucho vinte e dois que acaba de ser criado significará, pelo menos, 7.900 probabilidades de ganhar em 8.000. A maioria de suas balas terão de se alojar no círculo-x, e quando está bem por debaixo de nossos narizes, não é maior do que uma moeda de xelim. A cem jardas, é como se nem sequer lá estivesse.

— Quero que o Troféu Dewar vá para o inferno — disse Bond. — É de seu dinheiro que eu ando atrás.

Com uma pancada seca, retirou as balas não detonadas do interior do tambor de seu revólver, para a mão em concha, colocando a arma e os projéteis sobre a mesa:

— Ver-nos-emos então segunda-feira. À mesma hora?

— Às dez em ponto, seria ótimo para mim — respondeu o Instrutor, fazendo girar os puxadores da porta de ferro.

Sorriu nas costas de Bond, quando este desapareceu, galgando a íngreme escada de ferro que levava ao andar térreo. Estava satisfeito com os exercícios de tiro de Bond, mas nem sonhava sequer em dizer-lhe que era o melhor atirador no Serviço. Só M. podia saber disso, e seu chefe de gabinete, a quem deveria comunicar os resultados do exercício de tiro daquele dia, para serem anotados no Registro Confidencial relativo a Bond.

Bond transpôs a porta verde almofadada, à prova de som, no fim da escadaria do porão, e encaminhou-se para o elevador que o transportaria ao oitavo andar do edifício cinzento e maciço, próximo a Regent's Park, onde estava instalado o Quartel-General do Serviço Secreto. Bond ficara

satisfeito com a marca atingida, mas não orgulhoso dela. O dedo com que puxara o gatilho estremeceu dentro do bolso, enquanto êle cogitava sobre a maneira como superar aquela infinitésima fração de velocidade que venceria a máquina — aquela complicada caixa de truques que mostrava o alvo por apenas três segundos, ripostava ao atirador com um .38 sem balas e expedia um feixe de luz em sua direção, fotografando o momento exato em que êle atirava, colocado no centro do círculo de giz, no chão.

A porta do elevador abriu-se, com um ranger suave, e Bond entrou. O ascensorista captou nele o cheiro de cordite. Todos tinham esse cheiro quando vinham das galerias de tiro. Gostava desse cheiro forte. Recordava-lhe o Exército. Apertou o botão do oitavo andar e repousou o coto do braço esquerdo na manivela de comando.

Se ao menos a luz fosse melhor, pensava Bond. Mas M. insistia em que todos os exercícios de tiro deviam ser efetuados em condições de visibilidade razoavelmente precárias. Luz frouxa e um alvo que ripostava ao tiro era o mínimo que se podia obter como cópia de uma situação real. “Fazer misérias, atirando num pedaço indefeso de papelão, não prova coisa alguma”, era a lacônica frase de introdução do *Manual de Defesa com Pequenas Armas*.

O elevador parou, e quando Bond saiu, enfiando pelo austero corredor do Ministério do Trabalho e penetrando no mundo trepidante de garotas carregando dossiês, de portas que abriam e fechavam, de telefones retinindo, abafados, despojou a mente de todos os pensamentos relacionados com tiros. Preparou-se para o trabalho normal de um dia de rotina no Quartel-General.

Encaminhou seus passos para a última porta à direita. Era tão anônima quanto todas as demais que ultrapassara. Nada de números. Se alguém precisasse tratar algum assunto no oitavo andar e seu escritório não fosse aí, apareceria alguém que o levaria à sala onde precisasse ir e escoltá-lo-ia de volta ao elevador, quando o caso terminasse.

Bond bateu e esperou. Olhou o relógio. Onze horas. As segundas-feiras eram tremendas. Dois dias de processos e dossiês para serem examinados. E, em geral, os fins de semana eram dias bastante movimentados por aí fora. Apartamentos vazios eram roubados. Pessoas eram fotografadas em situações comprometedoras. Os “acidentes” com automóveis eram coisa mais fácil de resolver, comparados com os morticínios que ocorriam nas estradas, cada fim de semana. As malas semanais que

vinham de Washington, Istambul e Tóquio, teriam chegado e sido repartidas. Talvez houvesse alguma coisa para êle.

A porta se abriu, e Bond desfrutou seu momento diário de prazer, por dispor de uma bela secretária.

— Bom dia, Lil — cumprimentou êle.

O meticuloso calor do sorriso dela, sempre acolhedor, caiu uns dez graus.

— Me dê esse casaco — disse a moça. — Fede a cordite. E não me chame de Lil. Sabe que detesto.

Bond tirou o casaco e entregou-o à secretária.

— Qualquer pessoa batizada com o nome de Loelia Ponsonby deve habituar-se a apelidos.

Bond estava de pé, ao lado da escrivaninha da secretária, na pequena ante-sala que ela conseguira transformar em algo mais humano que um escritório funcional. Observou-a enquanto ela pendurava o casaco no caixiño de ferro da janela aberta.

Lil era alta, morena, com um tipo de beleza discreto, ao qual a guerra e cinco anos no Serviço Secreto haviam acrescentado um quê de severidade. Se não se casasse logo ou arranjasse um amante, pensou Bond pela centésima vez, seu ar frio de austeridade poderia facilmente converter-se no de uma solteirona, e ela ingressaria no batalhão das mulheres que desposaram uma carreira.

Bond já lhe dissera mais ou menos isso, diversas vezes, e tanto êle como dois outros agentes da secção 00, haviam desencadeado assaltos à virtude da moça. Ela os tratara a todos com o mesmo e frio jeito maternal (que, para apaziguar seus respectivos egos ofendidos, eles definiam, intimamente, como frigidez sexual), mas, no dia seguinte, tratava-os com pequenas atenções e amabilidades, como se quisesse mostrar que a culpa era realmente dela, e que lhes perdoava.

O que êles ignoravam era que Lil quase morria de preocupação quando eles corriam perigo, e os amava a todos por igual; mas que não tinha a menor intenção de se envolver, emocionalmente, com homens que podiam estar mortos daí a uma semana. Era bem verdade que trabalhar no Serviço Secreto constituía uma forma de escravidão. E, sendo mulher, quase não sobrava de si mesma para fomentar outras relações. Para os homens era mais fácil. Tinham uma desculpa para casos acidentais e sem conseqüências. Para eles, casamento, filhos e um lar eram coisas fora

de questão, se quisessem ser úteis “no negócio”, como diziam na gíria íntima. Mas, para as mulheres, um “caso” fora do Serviço convertia-se, automaticamente, num “risco para a segurança” e, em última análise, só tinham a escolher entre o pedido de demissão do Serviço e uma vida normal, ou então o concubinato perpétuo com seu Rei e Pátria.

Loelia Ponsonby sabia ter quase atingido a hora da decisão, e todos os seus instintos lhe gritavam que saísse dali. Entretanto, dia após dia, o drama e romance de seu mundo de Edith Cavell-Nightingale estreitavam-na, cada vez mais irredutivelmente, à companhia das outras moças do Quartel-General, pelo que cada dia lhe parecia mais difícil desertar, através de um pedido de demissão, traindo aquela figura paternal em que *O Serviço* se convertera.

Entretanto, era ela uma das moças, mais invejadas no edifício, membro do pequeno grupo de Secretárias Principais que tinham acesso aos mais recônditos segredos do Serviço — o “Clube das Pérolas e Gêmeas”, como eram apelidadas nas costas por outras pequenas, numa alusão irônica ao fato de serem supostamente originárias do “condado” e de “Kensington”. E, no que dizia respeito à Seção de Pessoal, o destino dela seria, daqui a vinte anos, aquela simples linha dourada, no final da lista de honradas do Ano Novo, entre as condecorações atribuídas aos funcionários do Departamento de Pescas, do Departamento de Correios, do Instituto Feminino, lá bem no fundo das O.B.E. (cavaleiros da Ordem do Império Britânico): “Miss Loelia Ponsonby, Secretária Principal do Ministério de Defesa.”

Deixou a janela. Trajava uma blusa listada de branco e rosa pálido, e uma saia lisa, azul-marinho.

Bond sorriu para o fundo de seus olhos cinzentos.

— Só lhe chamo Lil às segundas-feiras. Miss Ponsonby o resto da semana. Mas juro que nunca a chamarei de Loelia. Me dá a impressão de personagem de versinhos indecentes. Algum recado?

— Não — respondeu a moça, lacônica. Depois, adozou a voz. — Em compensação tem pilhas de coisas em sua escrivaninha. Nada de urgente. Mas muita coisa mesmo. Ah.. . e o “Clube das Boateiras” informa que 008 saiu. Está em Berlim, repousando. Não é estupendo?

Bond olhou-a rapidamente:

— Quando soube você disso?

— Há meia hora — respondeu ela.

Bond abriu a porta interna de comunicação para o amplo escritório, com suas três escrivatinhas, e tornou a fechá-la. Encaminhou-se para a janela e contemplou os últimos vestígios de verde primaveril, no arvoredo do Regenfs Park. Assim é que Bill sempre conseguira. Peenemunde e volta. Devia estar em estado deplorável. Repouso em Berlim não soava bem. Bom, só lhe restava aguardar as últimas novidades, através da única fuga no sistema de todo o edifício: a sala de estar das moças, conhecida como “Clube das Boateiras”, para fúria impotente de todo o pessoal do serviço de segurança interna.

Bond suspirou e foi sentar-se diante de sua escrivatinha, puxando para si o gavetão sobre o qual se empilhavam os envelopes marrons, marcados com a estrela vermelha de top-secret. Que seria feito de 0011? Já fazia dois meses que ele desaparecera na “Meia-Milha Suja”, em Singapura. Nem uma palavra desde então. Enquanto que ele, Bond, n.º 007, o mais antigo dos três homens no Serviço que conquistaram o duplo zero, estava ali, sentado diante de sua cômoda escrivatinha, com o nariz em cima da papelada e flertando com a secretária.

Deu de ombros e, resolutamente, abriu o primeiro envelope. Dentro, encontrava-se um mapa detalhado da Polônia meridional e do nordeste da Alemanha. Sua principal característica era uma linha vermelha e irregular, ligando Varsóvia e Berlim. Havia também um memorando datilografado, com o título: *Tópico: Uma Rota de Fuga, consolidada, do Leste para o Oeste.*

Bond retirou do bolso sua cigarreira de metal, de côr negra de aço, e o isqueiro Ronson, negro-oxidado, colocando-os a seu lado. Acendeu um cigarro, da mistura de Macedônia com três anéis dourados que Morlands de Grosvenor Square preparava especialmente para ele; acomodou-se na poltrona, estofada e giratória, inclinando-se ligeiramente para a frente. Começou a ler.

Era o início da típica rotina diária para Bond. Só duas ou três vezes por ano surgia missão para a qual eram requeridos seus talentos pessoais. Durante o resto do tempo, competiam-lhe as obrigações de um folgado funcionário público superior — horário de escritório elástico, desde cerca das dez até às seis; almoço, geralmente na cantina; noites passadas jogando cartas, em companhia de um punhado escasso de amigos íntimos, ou no Crockford’s; ou fazendo amor, com uma paixão algo fria, na companhia de uma de três senhoras casadas de idênticas disposições afetivas; fins de

semana jogando golfe, com paradas altas, num dos clubes dos arredores de Londres.

Não tomava férias mas, geralmente, concediam-lhe uma licença de quinze dias, ao término de cada missão — além de qualquer outra que, por motivo de doença, pudesse ser necessária. Ganhava 1500 libras por ano, ordenado de um Primeiro-Oficial no Serviço Civil, e possuía uma renda própria de outras mil libras, deduzidos os impostos. Quando estava tratando de um caso, podia gastar o dinheiro que lhe aprouvesse, de modo que durante os outros meses do ano podia viver confortavelmente com suas 2000 libras líquidas. Possuía um pequeno mas confortável apartamento nas cercanias de Kings Road, uma velha governante escocesa — um tesouro chamado Mary — e um Bentley coupé, modelo 1930, quatro e meio de cilindrada, mas super-remodelado, tendo Bond acondicionado o carro, eficientemente, de maneira a poder fazer os cento e cinquenta quilômetros por hora, quando lhe apetecia.

Nessas coisas gastava quase todo o dinheiro, e sua ambição consistia em ter depositada no Banco a menor quantia possível, caso fosse morto como, nos momentos de depressão, êle sabia que seria, muito antes da idade limite estabelecida pela lei, aos quarenta e cinco anos.

Faltavam oito para ser automaticamente retirado do quadro dos agentes 00 e passar a ocupar um cargo de gabinete no Quartel-General. Tinha pela frente, portanto, oito duras missões. Provavelmente dezesseis. Talvez mesmo vinte e quatro. Eram demais.

Havia já cinco pontas de cigarros no cinzeiro grande, de vidro, quando Bond terminou de decorar os pormenores das diretrizes relativas ao tópico Varsóvia-Berlim, rota de fuga. Pegou um lápis vermelho e passou os olhos pela lista de distribuição, indicada na capa. A lista começava com “M”, depois “COS”, em seguida, mais uma dúzia de letras e números, terminando com “00”. Diante desta sigla, fez uma rubrica nítida, assinou com o número 7, e jogou os papéis na bandeja marcada “Saída”.

Era meio-dia. Bond pegou o seguinte envelope da pilha e lançou o olhar pela primeira página. Era da Seção do Serviço Secreto Radiofônico da N.A.T.O., com a recomendação habitual “Apenas para Informação” e tendo como epígrafe “Assinaturas e Prefixos de Rádio”. Puxou então o resto da pilha para junto de si, relanceando cada um dos papéis. Traziam os seguintes títulos:

O Inspectoscópio — Máquina para Detecção de Contrabando.

Philopon — Droga mortífera japonesa.

Possíveis pontos de esconderijo em trens. N.º 11. Alemanha.

Os Métodos de Smersh. N.º 6: Rapto.

Rota Cinco para Pequim.

Vladivostock. Reconhecimento fotográfico pelos Thunderjet da Força Aérea dos Estados Unidos

Não se surpreendeu com a curiosa mistura que teria de digerir. A Seção 00 do Serviço Secreto não tomava conhecimento das operações comuns das outras seções e bases, mas somente das informações essenciais que pudessem ser úteis ou instrutivas para os únicos três homens do Serviço, entre cujos deveres se incluía o assassinato — a quem podia ser ordenado que matassem. Não havia qualquer urgência naquela papelada. Não era pedida qualquer providência ou ação, por parte dele ou de seus dois colegas, exceto que cada um anotasse os números de processos que julgasse conveniente que os demais lessem, quando voltassem a estar adidos ao Quartel-General. Quando a Seção 00 acabasse de examinar o lote, os papéis iriam para baixo, para seu destino final, nos “Registros”.

Bond voltou ao documento da N.A.T.O. Leu o seguinte: “A maneira quase inevitável como a individualidade se revela, por meio dos padrões de reação instantânea do comportamento, está demonstrada pelas características imutáveis do “punho” de cada operador. Esse “punho” ou modo de bater as mensagens é peculiar e reconhecível pelos que estão habituados a recebê-las, constituindo como que a assinatura ou o prefixo pessoal do operador, para cada mensagem que transmite. Pode também ser medido por mecanismos muito sensíveis. Ilustrando esta informação, em 1943, o Departamento norte-americano do Serviço Secreto especializado em radiofonia utilizou-se desse conhecimento para descobrir uma estação inimiga no Chile, a qual era operada por “Pedro”, um jovem alemão. Quando a polícia chilena cercou a estação, “Pedro” ainda logrou escapar. Um ano depois, os peritos do Serviço Secreto pegaram um novo transmissor clandestino e conseguiram reconhecer “Pedro” como operador. Para disfarçar seu “punho”, ele transmitia com a mão esquerda, mas o disfarce não foi bastante eficiente, e ele foi capturado, finalmente.”

E o relatório prosseguia: “O Departamento de Pesquisas de Rádio da N.A.T.O. esteve utilizando recentemente, em regime experimental, uma forma de “misturador” que pode ser ligado ao pulso dos operadores,

com a finalidade de interferir, instantaneamente, nos centros nervosos que controlam os músculos da mão. Contudo...”

Havia três telefones sobre a escrivaninha de Bond. Um preto, para chamadas externas; um verde, para as comunicações internas; e um vermelho, este ligado apenas para M. e seu chefe de gabinete. Foi o zumbido familiar do telefone vermelho que quebrou o silêncio da sala.

Era o chefe de gabinete de M.

— Pode subir? — perguntou a voz, em tom agradável.

— M.? — indagou Bond.

— Sim.

— Tem alguma idéia do que seja?

— Disse apenas que, se você estivesse aqui, êle gostaria de vê-lo...

— Está bem — respondeu Bond, desligando.

Pegou o casaco, disse à secretária que estaria com M. e não esperasse por êle, saiu do escritório e caminhou pelo corredor, rumo ao elevador.

Enquanto esperava, pensou naquelas outras vezes em que, no meio de um dia vazio, o telefone interrompera o silêncio, de súbito, e o transportara de um mundo para outro. Deu de ombros. Segunda-feira! Devia ter contado com complicações.

O elevador chegou.

— Para o nono — disse Bond, entrando.

CAPÍTULO 2

O REI DA COLUMBITE

O nono andar era o último do edifício. A maior parte estava ocupada pelo Serviço de Comunicações, a selecionada equipe de operadores inter-serviços, cujo único interesse era o mundo das micro-ondas, das manchas solares e das “camadas mais pesadas”. Por cima deles, no telhado plano, ficavam as três antenas, atarracadas e robustas, de um dos mais potentes transmissores de toda a Inglaterra, descrito na placa de bronze do hall de entrada do edifício como “Rádio-Testes Limitada”. Os demais inquilinos figuravam com os nomes da “Companhia Universal de Exportação”, “Delaney & Irmãos (1940) Limitada”, “The Omnium Corporation” e “Informações (Miss E. Twining, OBE)”.

Miss Twining era uma pessoa de verdade. Quarenta anos atrás, fora uma Loelia Ponsonby. Agora, aposentada, sentava-se em seu pequeno escritório do andar térreo e passava os dias rasgando circulares, pagando os impostos e taxas de seus locatários fantasmas e afastando, delicadamente, vendedores e pessoas que desejavam exportar alguma coisa, ou queriam consertar seus rádios.

O nono andar era sempre muito silencioso. Quando Bond dobrou à esquerda e seguiu pelo corredor, maciamente atapetado, em direção à porta verde que dava para os escritórios de M. e seus auxiliares pessoais, o único som que ouviu foi um gemido fino e agudo, porém tão fraco que quase obrigava a apurar toda a atenção, para que fosse perceptível. Sem bater, empurrou a porta verde e penetrou na penúltima sala do corredor.

Miss Money Penny, secretária particular de M., ergueu os olhos da máquina e sorriu para o recém chegado. Gostavam um do outro, e ela sabia que Bond a admirava. Usava o mesmo modelo de blusa de sua se-

cretária, mas com as listas em azul.

— Uniforme novo, Penny? — perguntou Bond.

A moça riu.

— Loelia e eu compramos na mesma loja. Tiramos à sorte, e o azul calhou para mim.

Pela porta entreaberta dia sala contígua chegou até eles uma espécie de tosse. O Chefe de Gabinete, homem mais ou menos da idade de Bond, apareceu com um sorriso sardônico no rosto pálido e fatigado.

— Acabe com isso. M. está esperando. Aceita um almoço depois?

— Ótimo — respondeu Bond.

Voltou-se em direção da porta que ficava ao lado de Miss Money Penny, passou por ela e, ao entrar, fechou-a atrás de si. Por cima da porta, acendeu-se uma luz verde. Miss Money Penny ergueu as sobrancelhas para o Chefe de Gabinete. Este sacudiu a cabeça.

— Não creio que se trate de negócio, Penny. Mandou chamá-lo assim, sem mais nem menos.

O funcionário voltou para seu próprio gabinete e mergulhou no trabalho do dia.

Quando Bond abriu a porta, M. estava sentado por detrás de sua imensa escrivaninha, acendendo um cachimbo. Fêz um gesto vago com o fósforo, indicando a cadeira do outro lado da escrivaninha, para a qual Bond se dirigiu, sentando-se. M. fitou-o atentamente, por entre a fumaça das primeiras baforadas e, depois, jogou a caixa de fósforos sobre o espaço vazio, de couro vermelho, diante dele.

— Aproveitou bem sua licença? — perguntou M., de repente.

— Sim senhor, muito obrigado.

— Ainda está queimado do sol, pelo que vejo.

M. revelava sua desaprovação pela expressão do rosto. Não que lamentasse ter concedido a Bond umas férias que, em parte, tinham sido gastas em convalescença. A ponta de crítica provinha do puritano e jesuíta que vive em todos os condutores de homens.

— É verdade — respondeu Bond, em tom neutro. — Faz muito calor nas vizinhanças do Equador...

— Muito. Foi, aliás, um repouso merecido — comentou M., apertando os olhos, mas sem intenção de humor. — Espero que essa côr não dure muito. Os homens queimados são sempre suspeitos na Inglaterra. Ou não têm que fazer, ou adquirem o bronzado com lâmpadas de ultra-

violeta.

M. liquidou o assunto com um movimento curto e lateral do cachimbo.

Voltou a pôr o cachimbo na boca e chupou-o, distraído. Procurou os fósforos e levou algum tempo para tornar a acendê-lo. Finalmente disse:

— Parece que conseguiremos aquele ouro, no fim de contas. Tem havido alguns comentários a respeito, no Tribunal de Haia, mas Ashenheim é um ótimo advogado.

— Esplêndido — disse Bond.

Seguiu-se um intervalo de silêncio. M. remirava o cachimbo. Pelas janelas, coava-se o ruído longínquo do tráfego de Londres. Um pombo foi pousar num dos peitoris da janela aberta, com um ruflar de asas, e tornou a levantar vôo, rapidamente .

Bond tentava decifrar alguma coisa naquele rosto marcado por tantas intempéries, que êle conhecia tão bem e refletia tanto sua lealdade. Mas os olhos cinzentos estavam calmos, e a pequena artéria, que sempre pulsava no alto de sua têmpora direita, não dava qualquer sinal de vida.

De súbito, Bond desconfiou de que M. estava embaraçado. Tinha a impressão de que o chefe não sabia por onde começar a verdadeira conversa. Bond quis ajudar. Mexeu-se um pouco na cadeira e afastou os olhos de M. Este baixou os olhos para as próprias mãos e, ociosamente, pôs-se a mexer uma unha partida.

Em seguida, levantou os olhos do cachimbo e pigarreou, clareando a garganta.

— Está empenhado em algum caso especial, no momento, James? — perguntou M., num tom aparentemente indiferente e ocasional.

“James”. Aquilo não era normal. Era raro que M. usasse um nome próprio naquela sala.

— Não... só a papelada e as coisas habituais. O senhor quer que eu trate de alguma coisa? — perguntou Bond.

— Para ser franco, quero — respondeu M., franzindo as sobrancelhas para seu interlocutor.

— Mas... na realidade, não é nada que se relacione com o Serviço. Trata-se quase, como direi?... de um assunto pessoal. Pensei que talvez você me pudesse dar uma ajuda...

— Claro que posso — disse logo Bond.

Sentia-se aliviado ao verificar que, pelo que tudo indicava, a bar-

reira já fora transposta. Provavelmente, alguém das relações do patrão estava em apuros, mas não queria pedir um favor à Scotland Yard. Chantagem, talvez. Ou questão de drogas entorpecentes. Bond sentia-se satisfeito por M. tê-lo escolhido. Claro que trataria do caso. M. era um daqueles fanáticos, no que se referia à propriedade e pessoal do Governo. Empregar Bond num caso pessoal, deveria ter-lhe parecido assim como se fosse um roubo de dinheiro do Estado.

— Já calculava que você me respondesse assim — disse M., com seu jeito rude. — Não é coisa que vá lhe tomar muito tempo. Suponho que uma noite será o bastante. — Fêz uma pausa: — Diga, você já ouviu falar num tal Sir Hugo Drax?

— Claro que ouvi — respondeu Bond, surpreendido com o nome. — Não se pode abrir um jornal sem ler alguma coisa a respeito dele. O Sunday Express está publicando agora uma história de sua vida. História extraordinária, diga-se de passagem...

— Eu sei. Fale-me apenas dos fatos, tal como você os encara. Gostaria de saber se sua versão combina com a minha — pediu M., incisivo.

Bond olhou pela janela, durante alguns instantes, enquanto punha em ordem seus pensamentos. M. não gostava de conversa fiada. Apreciava imenso uma narrativa completa e detalhada de qualquer caso, sem comentários ou digressões.

Finalmente, Bond tomou a palavra:

— Bem, para começar, o homem é um herói nacional. O público tomou-se de amores por êle. Creio que está na mesma categoria de Stanley Matthews ou Gordon Richards. Estimam-no sinceramente. Consideram-no como um deles, mas em versão gloriosa. Espécie de super-homem. Pela aparência pessoal, não é lá grande coisa, com todas aquelas cicatrizes da guerra. É um tanto falastão e exibicionista. Mas o pessoal gosta até disso. Faz dele um tipo no gênero Lonsdale, porém de maior popularidade entre as classes populares. Gostam que seus amigos o chamem de Hugger Drax, que, como trocadilho, não está mal. Ganhou por isso a fama de gostosão, e penso que não deixa de fazer sucesso com as mulheres. Depois, quando se pensa o que êle está fazendo pelo País, invertendo somas consideráveis de seu próprio bolso e muito mais do que qualquer governo parece ser capaz de fazer, é realmente extraordinário que não insistam em fazê-lo primeiro-ministro.

Bond observou os olhos frios de M. gelarem ainda mais, contudo,

estava resolvido a não permitir que sua admiração pelos feitos de Drax levassem uma ducha de água fria, por parte do patrão.

— No fim de contas — prosseguiu Bond — tudo indica que êle conseguiu livrar este País de guerras, durante bastantes anos, no futuro. E não deve ter muito mais de quarenta anos de idade. Sinto por êle o mesmo que a grande maioria das pessoas. Além do mais, existe ainda todo esse mistério a respeito de sua verdadeira identidade. Não me surpreende o fato de o povo ter uma certa pena dele, apesar de ser multimilionário. É um tipo solitário e misantrópico, ao que parece, apesar da vida alegre que leva.

M. esboçou um de seus sorrisos glaciais.

— Tudo o que você me disse dá a impressão de fazer parte do roteiro para o folhetim do Express. Êle é, sem dúvida, um homem extraordinário. Mas qual é sua versão dos fatos? Não creio que saiba muito mais do que você. Provavelmente até sei menos. Não leio os jornais muito detalhadamente, e não existe dossiê a respeito dele, a não ser no Ministério da Guerra. Assim mesmo, não são muito esclarecedores. E agora me diga, James. Qual é o ponto principal da estória do Express?

— Lamento muito — respondeu Bond. — Mas os fatos não são muito concretos. Vejamos.

Olhou novamente para a janela e procurou concentrar-se:

— Durante a ofensiva alemã das Ardenas, durante o inverno de 1944, o Exército nazista usou em grande escala guerrilheiros e sabotadores. Deu-lhes o nome um tanto fantasmagórico de “lobisomens”! Causaram danos de toda a espécie. Excelentes em camuflagem e truques de toda a espécie. Alguns continuaram agindo mesmo depois de os aliados rechaçarem o ímpeto alemão nas Ardenas e termos passado à ofensiva, com a invasão do País. Organizavam-se com enorme rapidez, quando as coisas ficavam mesmo pretas.

Bond continuou:

— Um dos melhores golpes deles foi dismantelar a ligação da reatguarda entre os QG britânico e norte-americano. Reforços para as unidades de manutenção, creio que eram. Foi um negócio complicado, que envolveu toda a espécie de pessoal aliado — sinaleiros americanos, motoristas de ambulâncias britânicas — enfim, um grupo bastante sortido. Os “lobisomens” deram um jeito para minar a messe, e quando esta foi pelos ares, carregou também uma boa parte do hospital de campanha. Mais de

cem mortos e feridos. Separar e reconhecer todos os corpos foi um diabo de negócio. Um dos corpos ingleses era o de Drax. Metade do rosto desaparecera. Foi atacado por uma amnésia total, que durou um ano, e no fim ninguém sabia quem êle era, nem êle próprio. Houve cerca de mais vinte corpos que não foram identificados, e que nem nós, nem os americanos, pudemos reconhecer. Ou por excessivas mutilações, ou porque se tratava de pessoas em trânsito, ou porque estavam ali sem autorização. Era uma unidade desse tipo. Dois oficiais-comandantes, claro. Trabalho de equipe bastante confuso. Uns registros desleixados. De modo que, depois de um ano por diversos hospitais, puseram Drax no registro de “Homens Desaparecidos” do Ministério da Guerra. Quando chegaram os papéis de um tal Hugo Drax, órfão que trabalhara nas docas de Liverpool, antes da guerra, êle mostrou sinais de interesse. A fotografia e descrição física pareciam adaptar-se, mais ou menos, ao que nosso homem deveria ter sido antes do desastre. Daí por diante, começou a recuperação dele. Começou falando um pouco a respeito de coisas simples de que se recordava, e os médicos sentiram-se muito orgulhosos dele. O Ministério da Guerra encontrou um homem que servira na mesma unidade de Pioneiros onde estivera Hugo Drax. Quando o levaram ao hospital, afirmou ter a certeza de que esse homem era seu camarada Hugo Drax. Isto resolveu o caso. Os anúncios publicados não fizeram aparecer mais ninguém que se chamasse Hugo Drax e, finalmente, êle foi reformado no final de 1945 com esse nome e pensão integral, por incapacidade física.

— Mas êle continua dizendo que realmente não sabe quem é — interrompeu M. — É sócio do Blades. Joguei cartas muitas vezes com êle, e conversamos depois de jantar. Diz que, por vezes, tem uma forte sensação de “ter ali estado antes”. Vai freqüentemente a Liverpool, tentar desenterrar o passado. De qualquer forma, que mais?

Os olhos de Bond revelavam sua concentração, no esforço de recordar a seqüência do caso.

— Ao que parece, Drax esteve desaparecido durante três anos, depois da guerra. Então, a City começou ouvindo falar dele, através de notícias que provinham do mundo inteiro. O mercado de metais foi o primeiro a inteirar-se a respeito dele. Dizia-se que descobrira uma mina muito valiosa de columbite. Todos queriam apoderar-se dela. A columbite é um metal que possui um ponto de fusão extremamente alto. Os motores de propulsão a jato não poderiam ser construídos sem êle. Existe

muito pouca quantidade desse metal, no mundo inteiro. Apenas alguns milhares de toneladas são produzidos cada ano, a maior parte como produto derivado das minas de estanho da Nigéria. Drax deve ter previsto o incremento da Era do Jato, e tocou no ponto nevrálgico da escassez de matéria-prima para determinadas partes vitais dos novos engenhos. Deve ter conseguido, não sabemos como, a soma de 10.000 libras, visto o Express afirmar que em 1946 Drax comprou três toneladas de columbite, à razão de 3.000 libras cada. Recebeu um bônus de 5.000 libras de uma firma norte-americana de construção de aviões, pois estavam com uma prensa danada em receber o lote, e Drax fez a entrega antecipada. Quem quisesse columbite, só tinha de procurar a organização “Metais Drax”. Todo esse tempo continuou negociando pela certa com qualquer coisa que lhe desse um lucro interessante — Shellac, sisal, pimenta-do-reino, tudo servia. Naturalmente, jogava com a alta de um produto na Bolsa, mas tinha “peito” para enfrentar as situações, mesmo quando estas não lhe sorriam. Os lucros eram novamente investidos, criando outras fontes de rendimento. Por exemplo, foi um dos primeiros homens a comprar poços usados de minas, na África do Sul. Agora, estão sendo reabertos e explorados de novo, na mineração de urânio.

Os olhos calmos de M. estavam fixos em Bond, enquanto puxava fundas baforadas do cachimbo e escutava o agente. Este continuou:

— Naturalmente, tudo isso causou espanto na City, que se perguntava que demônio estaria acontecendo. Os corretores de matérias-primas topavam constantemente o nome de Drax. Tudo o que desejassem, Drax tinha e pedia um preço muito mais elevado do que eles estavam preparados para aceitar. Nosso homem operava de Tânger, porto livre, nada de impostos ou restrições monetárias. Por volta de 1950 estava multimilionário. Foi então que regressou à Inglaterra e começou a gastar como um nababo. Jogava fora o dinheiro, praticamente. Tinha as melhores casas, os melhores carros, as mais belas mulheres. Camarotes na Ópera e para as corridas em Goodwood. Manadas de gado Jersey premiadas em concursos de raças. Cravos premiados em exposições florais. Dois iates: dinheiro para as tripulações da Walter Cup. 100.000 libras doadas ao Fundo de Sinistrados de Inundações. Prêmios de potros de dois anos. Baile de Coroação para Enfermeiras no Royal Albert Hall... não há uma semana em que seu nome não surja nas manchetes dos jornais com alguma nota de sensação. E ficando cada vez mais rico. O povo adora isto. É como nas Mil

e Uma Noites. Ilumina-lhes as vidas. Se um humilde soldado de Liverpool, ferido e mutilado, conseguiu chegar a tal ponto em cinco anos, por que não aconteceria o mesmo com eles, ou com seus filhos? Dava a impressão de ser quase tão fácil quanto ganhar uma fantástica soma nas apostas de futebol.

— E foi então que apareceu a surpreendente carta para a Rainha: “Vossa Majestade, permiti-me a temeridade. ..” e a genialidade típica da manchete no Express do dia seguinte: DRAX TEMERIDADE, e a história de como oferecera à Grã-Bretanha todos os estoques de columbite, pondo-os à disposição do Governo para que fosse construído um foguete superatômico, com um raio de ação que cobriria todas as capitais européias — resposta imediata a quem tentasse o bombardeamento nuclear de Londres. Dez milhões de libras seriam dadas de seu próprio bolso, já possuía um projeto da coisa, e estava preparado para encontrar os quadros técnicos necessários para a construção do engenho. Seguiram-se meses de expectativa, e todo o mundo estava impaciente. Surgiram perguntas na Câmara dos Comuns. A oposição quase forçou um voto de confiança. E veio então a notícia de que o Primeiro-Ministro anunciara a aprovação do projeto pelos peritos balísticos do Ministério de Abastecimento, que Sua Majestade aceitara graciosamente a oferta, em nome do povo da Grã-Bretanha, e conferira ao doador o grau de Cavaleiro do Reino-Unido.

Bond fez uma pausa, quase empolgado pela história desse homem extraordinário.

M. comentou:

— Sim... Paz em nossa Era. Na Era presente. Lembro-me das manchetes há um ano. E agora o foguete está quase pronto. “O Explorador da Lua”. Ao que me consta, deve fazer realmente o que estava projetado. É muito estranho.

M. tornou a guardar silêncio, olhando para a janela. Voltando bruscamente a cabeça, encarou Bond do outro lado da escrivaninha, e disse, devagar, martelando as palavras:

— É, o negócio é esse, pouco mais ou menos. Não sei muito mais do que você. Uma história maravilhosa. . . um homem extraordinário.

M. parecia refletir. Mordia a ponta do cachimbo entre os dentes:

— Só tem uma coisa...

— De que se trata, chefe? — indagou Bond.

M. parecia tomar uma decisão. Dirigiu um olhar amistoso ao agen-

te, ligeiramente curvado para a escrivainha.
— Sir Hugo Drax faz trapaça jogando cartas.

CAPÍTULO 3

“ESTRIPADORES” & Cia.

Faz batota no jogo?

— Isso mesmo — respondeu M., de sobrancelhas franzidas. — Não lhe parece estranho que um multimilionário trapaceie no jogo de cartas?

Bond sorriu, com ar de desculpa.

— Nem tanto assim. Conheci muitas pessoas ricas que roubavam a si mesmas nos jogos de paciência. Mas só que isso não se enquadra na idéia que faço de Drax. É um pouco... digamos, decepcionante.

— Aí é que está o negócio — disse M. — Por que faz êle uma coisa dessas? E não se esqueça de que trapacear com cartas ainda pode liquidar um homem. Na chamada Alta Sociedade, quase constitui o único crime que pode aniquilar alguém, seja quem fôr. Drax faz a coisa tão bem feita, que até hoje ainda ninguém o pegou. Aliás, duvido de que alguém suspeite, a não ser Basildon, o atual presidente do Blades. Veio falar comigo. Tem uma vaga idéia de que tenho alguma coisa que ver com o Serviço Secreto, além de eu já lhe ter dado a mão em uma ou duas complicações, em tempos idos. Pediu meu conselho. Disse que, evidentemente, não desejava confusões no clube, mas que, acima de tudo, quer evitar que Drax se veja metido numa situação falsa. Admira-o tanto quanto qualquer de nós, e está apavorado com a hipótese de um incidente. Não se pode evitar que escândalos desse gênero transpirem além do clube. Muitos membros do Parlamento são sócios, e o caso seria logo comentado nos bastidores. Depois, a imprensa marrom tomaria conta do caso. Drax seria obrigado a sair do Blades, e surgiria logo uma ação judicial, apresentada em sua defesa por algum amigo. Repetição completa do Tranby Croft. Pelo menos, é assim que as coisas se apresentam no espírito de Basildon, e confesso que compartilho de sua maneira de pensar. Enfim, prometi

ajudá-lo e — lançando um olhar a Bond, M. finalizou — é nesse ponto que você entra em cena. Você é o melhor jogador de cartas entre nós, ou, pelo menos, tem obrigação de ser, depois dos casos que resolveu nos cassinos. M. sorriu ironicamente:

— Lembro-me do dinheiro que gastamos para lhe fazer seguir um curso de aperfeiçoamento em jogos de baralho, antes de você ir na pista daqueles romenos, em Monte Carlo, antes da guerra.

Bond sorriu com certa amargura.

— Steffi Esposito — disse êle, entre dentes. — Era o nome do camarada. Americano. Me fêz trabalhar dez horas por dia, durante uma semana, para que eu aprendesse uma coisa chamada *Riffle Stack*, e como dar as cartas de baixo, as segundas e as do meio. Escrevi um longo relatório a esse respeito, nessa ocasião. Deve estar enterrado nos Arquivos. O cara conhecia todos os truques do jogo. Como encerar os ases, para que o baralho abrisse neles; trabalhinho nas bordas e fios das cartas altas, feito nas costas com uma lâmina de barbear; como fazer recortes; reserva sob pressão, debaixo do braço — um truque mecânico dentro da manga, que nos fornece cartas. Estripadores — aparar um baralho inteiro, em menos de um milímetro de cada lado, mas deixando uma imperceptível barriguinha nas cartas que interessam — os ases, por exemplo. Refletores — minúsculo espelho embutido num anel ou adaptado ao fundo do cachimbo. Foi, na realidade, o que aprendi sobre *Leituras Luminosas*, que me ajudou no caso de Monte Carlo. Um crupiê vinha usando uma tinta invisível que o pessoal da turma lia com umas lentes especiais. Mas Steffi era um camarada formidável. Foi a Scotland Yard quem o descobriu para nós. Era capaz de embaralhar cartas uma única vez e depois partir sempre nos ases. Verdadeira prestidigitação.

M. comentou:

— Isso me parece demasiado profissional para o nosso homem. Esse tipo de trabalho requer muitas horas diárias de prática ou um cúmplice, e eu não acredito que êle o encontre no Blades. Não, não há nada de sensacional na maneira como êle faz batota, e até pode ser que tenha, afinal, uma sorte fantástica. É estranho! Êle não é assim um jogador tão bom, aliás só joga bridge, porém apresenta constantemente lances que são verdadeiramente espantosos. . . inesperados ou contrários às convenções. Mas resultam. Ganha sempre, e no Blades joga-se forte. Desde que entrou para o Clube, há um ano, que não perde uma só partida se-

manal. Contamos com dois ou três dos melhores jogadores do mundo, lá no clube, e nenhum deles teve recorde semelhante, num período de doze meses. Está começando a ser comentado, em ar de gracejo, e penso que Basildon tem todo o direito de tomar uma atitude a tal respeito. Qual o sistema que você acha ser empregado por Drax?

Bond estava louco para ir almoçar. O Chefe de Gabinete já devia ter desistido de esperar por êle há mais de meia hora. Poderia conversar com M. sobre trapaças, durante horas a fio. M., que nunca parecia interessado em comer ou dormir, ouviria tudo e de tudo se lembraria muito mais tarde. Mas Bond estava com fome.

— Levando em conta o fato de êle não ser um profissional e não preparar as cartas, de jeito nenhum, só existem duas respostas. Ou êle vê as cartas, ou então, usa um sistema de sinais com o parceiro. Costuma jogar sempre com o mesmo parceiro?

— Sempre tiramos à sorte a escolha de parceiros, depois de cada rubber. A não ser que haja desafio. E nas noites de convidados, segundas e terças, cada um fica com seu convidado. Drax quase sempre traz um homem chamado Meyer, seu corretor de metais. Um camarada simpático. É judeu e ótimo jogador.

— Se eu assistisse a um jogo, talvez pudesse descobrir — disse Bond.

— Era o que eu ia propor — cortou M. — Que tal irmos até lá esta noite? Pelo menos, você terá um bom jantar. Esperá-lo-ei por volta das seis. Ganharei um pouco de seu dinheiro no piquet e iremos observar um pouco de bridge, depois. A seguir ao jantar, jogaremos um ou dois rubbers com Drax e o amigo dele. Nunca falham às segundas-feiras. Está bem assim? Não estou desviando você de seu trabalho?

Bond respondeu sorrindo:

— De maneira alguma, chefe. E me agradaria imenso ir. Se Drax estiver trapaceando, eu lhe farei ver que descobri o truque, e isso será suficiente para colocá-lo de sobreaviso. Não gostaria de o ver metido em complicações. É só isto, chefe?

— Sim, James. Obrigado por sua colaboração. Drax deve ser um doido varrido. Evidentemente, essa é mais uma de suas manias. Mas não é o homem que me preocupa. Eu não ficaria nada satisfeito se acontecesse algo de ruim ao tal foguete. E Drax é, mais ou menos, o próprio “Explorador da Lua”. Bom, às seis horas, está bem? Não se preocupe com

a roupa. Alguns vestem-se para jantar, e outros não. Hoje não iremos de black tie. E agora, é melhor que trate de limar as pontas dos dedos, ou lá o que vocês fazem para jogar.

Bond retribuiu o sorriso de M. e levantou-se. A noite prometia. Ao encaminhar-se para a porta, concluiu que, afinal, tivera uma entrevista com M. que não lhe trouxera grandes preocupações.

Quando saiu do gabinete, a secretária de M. ainda estava em sua escrivaninha. Via-se um prato de sanduíches e um copo de leite, ao lado da máquina de escrever. Fitou intensamente Bond, mas nada havia para ler na expressão do agente.

— Suponho que ele terá desistido — disse Bond.

— Há quase uma hora — respondeu Miss Money Penny, em tom de censura. — Já são duas e meia. Ele deve estar chegando.

— Vou descer à cantina antes que feche. Diga-lhe que pagarei eu o almoço, na próxima vez.

Sorriu para a moça e meteu pelo corredor, até o elevador.

Já havia pouca gente na cantina dos funcionários. Bond sentou-se sozinho, devorou um peixe grelhado, com uma boa salada mista, regada ao molho tártaro e mostarda. Bebeu meia garrafa de Bordeaux e finalizou com duas xícaras de café, torradas e queijo Brie. O espírito, parcialmente ocupado com o problema de M., Bond percorreu rapidamente o resto da papelada da N.A.T.O., despediu-se da secretária, depois de lhe dizer onde estaria nessa noite e, às quatro e meia, pegava o carro na garagem do pessoal, nos fundos do edifício.

— O ventilador está chiando um pouco — disse o ex-mecânico da RAF, que considerava o Bentley de Bond como sua propriedade. — Traga-o aqui amanhã de manhã, se não estiver precisando dele na hora do almoço. Quero dar-lhe uma olhadela.

— Obrigado — respondeu Bond — isso será ótimo.

Retirou o carro e meteu na direção da Baker Street, com o tubo de escape produzindo um barulho infernal ao arrancar.

Chegou a casa em quinze minutos. Deixou o auto sob as árvores, na pequena praça, e entrou no andar térreo da casa estilo Regência, remodelada. Foi direto à sala de estar, cujas paredes estavam revestidas de estantes e, depois de uma rápida busca, puxou o *Manual Scarne Sobre Jogos de Cartas*, deixando-o cair sobre a ornamentada escrivaninha Império, colocada junto à janela.

Dirigiu-se depois ao pequeno quarto de dormir, forrado com papel de parede branco e dourado, decorado com cortinas vermelho-escuro, e despiu-se, jogando as roupas, mais ou menos metódicamente, sobre a coberta azul-marinho da cama de casal. Depois, entrou no banheiro e tomou um chuveiro rápido. Antes de sair, examinou o rosto no espelho e decidiu que não tinha a mínima intenção de sacrificar um preconceito de toda a vida, barbeando-se duas vezes num dia.

No espelho, os olhos azuis-acinzentados devolveram-lhe o relance com o fulgor adicional que deles irradiava quando seu espírito estava absorvido num problema que o interessava. O rosto seco, duro de expressão, revelava um quê de faminta necessidade de ação e de encontrar com quem medir forças. Passou rapidamente os dedos pelo queixo e, com um impaciente golpe de escova, empurrou para trás a vírgula de cabelos negros que teimava em tombar sobre a testa, acima da sobrancelha direita. Passou-lhe pela idéia que, à medida que o bronzeado do sol ia diminuindo, a cicatriz na parte inferior da face direita, que a princípio parecia tão branca, já chamava agora muito menos atenção. Lançou mecanicamente uma olhadela ao corpo nu, observando que a zona branca, quase indetectável, causada pelo calção de banho, estava também menos definida. Sorriu a uma recordação qualquer e entrou no quarto.

Dez minutos depois, envergando uma camisa de seda branca, calças de sarja azul-marinho, meias azuis-escuras e mocassins pretos bem engraxados, sentava-se diante da escrivaninha, tendo um baralho em uma das mãos e o maravilhoso manual de trapaças de Scarne aberto diante dele.

Durante meia hora, examinou rapidamente o capítulo dedicado aos métodos, praticando a “mão mecânica” (três dedos curvados sobre o lado mais comprido das cartas e o indicador sobre a borda mais curta e superior) e o truque de empalmar e anular um corte. Suas mãos trabalhavam automaticamente, nessas manobras básicas, enquanto os olhos continuavam lendo. Ficou satisfeito ao verificar que seus dedos mantinham a agilidade de sempre e não produziam o mínimo ruído nas cartas, mesmo ao pôr em prática a difícilíssima anulação com uma só mão.

Às cinco e meia, atirou as cartas sobre a mesa e fechou o livro. Entrou no quarto, encheu a grande cigarreira negra e guardou-a no bolso de trás das calças. Escolheu uma gravata preta de seda tricotada, vestiu o casaco, e verificou se o talão de cheques estava na carteira, junto com

as notas.

Deixou-se ficar de pé, por instantes, pensando. Depois, escolheu dois lenços de seda branca e, amassando-os cuidadosamente, colocou um em cada bolso lateral do casaco.

Acendeu um cigarro, voltou à sala de estar e sentou-se à escrivaninha, relaxando os nervos durante dez minutos. Olhou pela janela a praca vazia e pensou na noite que ia começar no Blades, provavelmente o mais famoso clube particular de jogo carteadado do mundo.

A data exata da fundação desse clube era incerta. A segunda metade do século XVIII viu abrirem-se muitas salas de jogo e cafés, mas os estabelecimentos e seus proprietários mudavam, constantemente, ao sabor da moda e da fortuna. O White fora fundado em 1755, o Almack em 1764, o Brooks em 1774, e foi nesse mesmo ano que o Savoir Vivre, antecessor do Blades, abriu suas portas em Park Street, uma rua tranqüila e sem importância, um pouco adiante de St. James.

O Savoir Vivre era demasiado fechado para poder sobreviver, e decretou sua própria morte um ano depois. Mais tarde, em 1776, Horace Walpole escreveu: “Foi aberto um novo clube, vizinho de St. James Street, que timbra em superar todos os seus predecessores.” Em 1778, o Blades vem mencionado, pela primeira vez, numa carta de Giggon, o historiador, que o junta ao de seu fundador, um alemão chamado Longchamp, nessa época dirigente do Jockey Club, em Newmarket.

Desde o início, o Blades pareceu fadado ao sucesso e, em 1782, encontramos o Duque de Wirttemberg escrevendo para seu irmão mais moço, com grande entusiasmo: “Este é, realmente, o ás dos clubes! Funcionam quatro ou cinco mesas de “quinze”, simultaneamente com as de whist e piquet e ainda uma grande mesa de hazard. Pude jogar em duas delas ao mesmo tempo. Dois contadores, cada um com o total de quatro mil guinéus em fichas, mal chegavam para a circulação da noite.”

A menção do jogo de hazard talvez forneça uma indicação para o segredo da prosperidade do famoso clube. A licença para jogar esse perigoso mas popular jogo de cartas deve ter sido concedida pelo Comitê, em contravenção às suas próprias regras, que estabeleciam o seguinte: “Nenhum jogo será admitido em Casa de Sociedade, salvo o xadrez, o whist, o pichei, o cribbage, quadrille, ombre e tredville.”

O fato é que o clube continuou progredindo e continua sendo ainda hoje o centro de alguns dos mais refinados jogos do mundo. Já não é tão

aristocrático como foi em tempos idos; a distribuição das fortunas por outras mãos alterou esse aspecto, mas ainda é o clube mais fechado de Londres. O número de sócios está limitado a duzentos, e cada candidato deve ter duas qualificações fundamentais para ser aceito: comportar-se como um cavalheiro e poder “mostrar” 100.000 libras em dinheiro ou em objetos de valor, como garantia.

As coisas boas do Blades, além do jogo, são de tal modo desejáveis, que o Comitê foi obrigado a estabelecer uma regra, pela qual se requer de cada sócio que ganhe ou perca 500 libras por ano, dentro do clube, ou pague uma multa anual de 250. A comida e os vinhos são os melhores de Londres. As contas não são apresentadas, sendo o custo de todas as refeições deduzidas no final de cada semana, proporcionalmente aos lucros de cada ganhador. Tendo em vista que cerca de 5.000 libras mudam de dono semanalmente, nas mesas, a contribuição não é muito penosa, e os perdedores têm a satisfação de salvar alguma coisa, no meio do descalabro; e o costume explica a equidade da exigência para os jogadores menos assíduos.

Os empregados de um clube contribuem poderosamente para fazê-lo progredir ou decair, e os do Blades eram insuperáveis. A meia dúzia de garçonetes de serviço no restaurante são de um padrão de beleza tão elevado, que alguns dos sócios mais jovens levaram-nas contrabandeadas para certos bailes de debutantes da mais alta projeção social; e, se a noite, uma ou outra dessas garotas fôr persuadida a desgarrar-se para um dos doze quartos de sócios, nos fundos do clube, isso é assunto considerado da conta exclusiva dos referidos cavalheiros.

Existem mais umas duas ou três sutilezas que contribuem para o luxo e requinte do local. Somente notas novas e virgens de qualquer uso, bem como moedas de prata que parecem ter acabado de sair da cunhagem, são utilizadas nos pagamentos efetuados dentro do clube. Se um sócio decidir ficar para passar a noite, suas notas e trocos miúdos são levados pelo *valet-de-chambre*, que os substitui por dinheiro novinho em folha na manhã seguinte, com o chá e o *Times* matinais. Nenhum jornal entra na sala de leitura sem ter sido primeiro passado a ferro. Flóris é quem fornece os sabonetes e loções para os toaletes e quartos de dormir. Há uma linha direta para Ladbroke, no balcão da portaria. O clube detém os melhores camarotes e localidades nos mais famosos prados, como Ascott, Newmarket e outros locais de corridas de cavalos; no Lords, para o

cricket; Henley, para as regatas; Wimbledon, para o tênis. Todos os sócios que viajam pelo estrangeiro têm, automaticamente, o direito de frequentar o melhor clube em qualquer grande capital.

Em resumo, ser sócio do Blades, em troca das 100 libras de jóia e da quota de 50 libras anuais, significa desfrutar de um luxo da era vitoriana, aliado à oportunidade de vencer ou perder, dentro do maior conforto, qualquer coisa até 20.000 libras por ano.

Cogitando de tudo isso, Bond chegou à conclusão de que ia apreciar bastante a noitada que o aguardava. Jogara no Blades apenas umas dez ou doze vezes, em toda a sua vida e, na última delas, ficara limpo, depois de um pôquer. Mas a perspectiva de uma partida cara de bridge e o ingresso em seu bolso de algumas centenas de libras, deixavam seus músculos antecipadamente tensos de excitação. Depois, claro, havia ainda o caso de Sir Hugo Drax, que poderia contribuir com um toque dramático para completar aquela noite.

Bond nem sequer se perturbou com um curioso prenuncio de mau agouro que se lhe deparou, enquanto rodava pela King's Road, a caminho de Sloane Square, com metade de seu espírito atento ao trânsito e a outra conjecturando sobre o que lhe estaria reservado naquela noite.

Faltavam poucos minutos para as seis, e a atmosfera estava carregada, ameaçando trovoada. O céu prometia chuva e tornara-se repentinamente escuro. Do lado oposto da praça, sobre os telhados, um grande anúncio luminoso apagava e acendia. O mecanismo catódico pusera em funcionamento os enormes tubos de néon vermelho, mantendo-os acesos até às seis horas da manhã, quando voltariam a ser automaticamente desligados pelo corte de circuito, graças à célula fotelétrica. Bond chegou até à esquina e olhou para o alto, um tanto surpreendido pelo fulgor vermelho que se desdobrava sobre os edifícios. E não pôde deixar de sorrir para si mesmo.

Então era isso. Algumas linhas do anúncio tinham ficado semi-ocultas pelos edifícios fronteiros. Tratava-se de um dos habituais reclames luminosos dos amortecedores Rodney.

“RODNEY O AMORTECEDOR QUE VOCÊ ESPERAVA.”

Mas, quando Bond lera o anúncio pela primeira vez, meio oculto, as grandes letras rubras lhe enviavam uma mensagem bem diversa:

A MORTE. . .O. . .ESPERA. . . A MORTE. . .O. . .ESPERA. . . A MORTE...O...ESPERA

CAPÍTULO 4

O REFLETOR

Bond deixou o Bentley diante de Brooks e caminhou até à esquina da Park Street. A fachada de Blades, em estilo Adams, um pouco retraída em relação ao alinhamento dos prédios vizinhos, era elegante e harmônica, vista assim à luz daquele crepúsculo agonizante. As cortinas vermelho-escuro haviam sido corridas nas janelas em arco do andar térreo, situadas de cada lado do portão de entrada. Um empregado uniformizado apareceu por instantes, na altura em que puxava também os reposteiros das três janelas do andar de cima. No centro da terceira, Bond pôde enxergar as cabeças e ombros de dois homens curvados sobre um tabuleiro de jogo, possivelmente gamão, conjecturou êle. Depois, teve uma rápida visão do brilho fulgurante de um dos três enormes lustres que iluminavam a sala de jogo.

Bond transpôs a porta giratória e dirigiu-se ao balcão da portaria, onde reinava Brevett, guardião do Blades e conselheiro e amigo familiar da metade dos sócios.

— Boa-noite, Brevett. O Almirante está por aí?

— Boa-noite, sir — respondeu Brevett, que conhecia Bond como um freqüentador ocasional, convidado por membros do clube.

— O Almirante está esperando o senhor na sala de jogo de cartas. Moço, acompanhe o Comandante Bond até onde está o Almirante. Vá!

Enquanto Bond seguia o boy uniformizado, cruzando o vasto hall de mármore, preto e branco, subindo depois pela larga escadaria com belo corrimão de mogno, ia recordando a história que acontecera em certa eleição, quando tinham sido encontradas nove bolas pretas na urna, havendo apenas oito membros do Comitê presentes. Brevett, que fora

passando a urna de um para outro, teria acabado por confessar ao presidente que seu receio fora tanto de que o candidato ganhasse a eleição que colocara êle própria também uma bola preta. Ninguém pusera objeções. O Comitê teria preferido perder seu presidente do que o porteiro, cuja família ocupava aquele posto no Blades há cem anos.

O boy abriu uma das altas portas no topo da escada, segurando-a para que Bond passasse. A comprida sala não estava cheia, e Bond viu M. sentado, sozinho, jogando paciência no recanto formado pela ala esquerda das três janelas. Despediu o boy e caminhou pelo pesado e espesso tapete, observando o rico aroma do ambiente, produzido pelos charutos caros, o sussurro das vozes que provinham das três mesas de bridge e ainda o ruído característico de dados, provenientes de um tabuleiro que êle não divisava.

— Olá, sempre veio, então? — foi dizendo M., quando Bond se aproximou dele. Indicou com um gesto uma cadeira à sua frente, do outro lado de uma mesa de jogo. — Deixe-me acabar isto primeiro. Quer um drinque?

— Não, obrigado — respondeu Bond.

Sentou-se, acendeu um cigarro e observou, divertido, como M. se concentrava em sua paciência.

“Almirante Sir M.. . M. . . : qualquer coisa no Ministério da Defesa.” M. assemelhava-se a qualquer sócio de qualquer dos muitos clubes de St. James Street. Terno cinzento-escuro, colarinho branco e duro, a gravata borboleta predileta, azul-marinho com bolinhas brancas, atada de maneira bastante displicente, o cordãozinho fino e preto dos óculos sem aro, que M. só parecia usar para ler cardápios, o rosto vigilante de marinheiro, olhos claros e observadores. Era difícil acreditar que esse mesmo homem estivera, há menos de uma hora, jogando com peças vivas de xadrez contra os inimigos da Inglaterra; em cujas mãos poderia haver, nessa mesma noite, um drama sangrento, ou um roubo bem sucedido, ou o conhecimento de um repugnante caso de chantagem.

E que poderia pensar dele próprio um observador eventual? “Comandante James Bond, G.M.G., R.N.S.R.”, também fazendo “qualquer coisa no Ministério da Defesa”. Rapaz bastante sério, de trinta e poucos anos, sim, aquele, sentado ali, defronte do Almirante. Havia qualquer coisa de frio e perigoso naquele rosto. Parece em ótima forma. Talvez tivesse estado em missão na Malásia, adido ao QG de Templer. Ou em Nairobi.

Negócio de Mau-Mau. Freguês de aspecto durão. Não tem o tipo de camarada que se costume ver pelo Blades.

Bond sabia ter um que de estrangeiro e pouco de inglês em toda sua pessoa. Reconhecia ser um homem difícil de esconder ou passar despercebido. Principalmente na Inglaterra. Deu de ombros. No estrangeiro é que tinha importância. Ele jamais teria de trabalhar em qualquer caso na Inglaterra. Estava fora da jurisdição do Serviço. De qualquer modo, não tinha por que se ocultar aquela noite. Aquilo não passava de um divertimento.

M. fungou e jogou as cartas sobre a mesa. Bond, automaticamente, recolheu-as e baralhou à maneira de Scarne. Juntou tudo em duas partes iguais e misturou com um movimento rápido, de cima para baixo, sem retirar as cartas da mesa. Depois, endireitou o baralho e empurrou-o para um lado.

M. fez sinal a um garçom que passava.

— Cartas para piquet, por favor, Tanner.

O garçom se afastou, regressando pouco depois com dois baralhos novinhos em folha. Retirou-os do envólucro e colocou-os, com dois blocos de marcação, sobre o pano verde da mesa. Depois ficou esperando.

— Traga-me um uísque com soda — pediu M. — Você não quer nada mesmo?

Bond olhou o relógio. Eram seis e meia.

— Pode trazer-me um Martini seco? Com vodca e uma boa casca de limão.

— Que bela droga — comentou M., lacônico, quando o garçom se afastou. — E agora prepare-se para perder uma ou duas libras. Depois iremos dar uma olhada no bridge. Nosso amigo ainda não chegou.

Durante meia hora, estiveram absorvidos no jogo, em que um pe-r-rito pode ganhar quase sempre, mesmo que as cartas sejam ligeiramente adversas. No final da partida, Bond riu e contou três notas de uma libra.

— Um dia destes vou levar o negócio a sério e aprender a jogar piquet direitinho mesmo — declarou Bond, entregando as notas a M. — Não consegui vencê-lo nem uma vez, até agora. ..

— É tudo uma questão de memória e de saber que vantagens se podem tirar — respondeu M., satisfeito. Terminou de tomar seu uísque com soda.

— Vamos ver agora o que está acontecendo na roda do bridge.

Nosso homem joga na mesa de Basildon. Chegou há cerca de dez minutos. Se você notar alguma coisa, basta me fazer um aceno, e nós iremos lá para baixo comentar o caso.

Levantou-se, e Bond seguiu-o.

A sala começava a encher-se, e meia dúzia de mesas de bridge já funcionavam. Na mesa redonda do pôquer, sob o lustre central, três jogadores contavam fichas, formando cinco pilhas, enquanto esperavam mais dois parceiros que deviam chegar ainda. A mesa do bacará ainda estava coberta e, provavelmente, assim permaneceria até depois do jantar, quando seria utilizada para o *chém-in-de-fer*.

Bond acompanhava M., deleitando-se com o espetáculo que se desenrolava por todo o salão: os oásis verdes, o tilintar de copos, quando os garçons se moviam entre as mesas, o zunzum das conversas pontilhadas de súbitas exclamações e calorosas risadas, a névoa de fumaça azulada, subindo por dentro dos abajures vermelho-escuro, que pendiam sobre o centro de cada mesa. Suas pulsações aceleraram com aquele odor, e as narinas se dilataram ligeiramente, quando os dois homens foram até ao fundo da sala, reunindo-se aos demais.

M., com Bond a seu lado, derivou ao acaso de mesa em mesa, trocando cumprimentos com os jogadores, até chegarem à última, colocada sob um esplêndido quadro de Lawrence, “Belo Brummel”, acima da vasta lareira estilo Adams.

— Dobro, que diabo! — exclamou uma voz alta e alegre, a do jogador situado de costas para Bond. Este observou a cabeça, de cabelos curtos e avermelhados, única coisa que via da pessoa que falara, desviando depois os olhos para a esquerda, onde se recortava o perfil escolástico de Lorde Basildon. O presidente do Blades reclinara-se para trás, olhos pousados nas cartas que segurava, conservando-as afastadas do corpo, como se fossem um objeto raro.

— Minha mão está tão boa que sou forçado a dobrar, meu caro Drax — anunciou êle. Olhou para o lado oposto da mesa, dirigindo-se a seu parceiro. — Tommy, ponha em minha conta, se isto não der certo. Serei o culpado. . .

— Bobagem — retorquiu o parceiro de Basildon. — Meyer? O melhor é fazer sair Drax.

— Hummm. . . êle está amedrontado demais — disse o homem de meia-idade que jogava de parceiro com Drax. — Não ofereço. — Apanhou

o charuto do cinzeiro e colocou-o cuidadosamente na boca.

— Aqui também não — disse o parceiro de Basildon.

— E nada aqui — completou a voz de Drax.

— Então abro. Cinco paus. Redobrado — disse Basildon. — Você começa, Meyer.

Bond olhou por cima do ombro de Drax. Este tinha o ás de espadas e o de copas. Fêz os dois imediatamente e jogou outra carta de copas, que deu vaza para Basildon, pegando com o rei de copas.

— Bom, são quatro trunfos contra mim, incluindo a dama — disse Basildon. — Aposto que Drax a tem. — Queria experimentar a esperteza de Drax. Mas foi Meyer quem apanhou a vaza com a rainha.

— Com mil demônios! O que é que a dama está fazendo nas mãos de Meyer? Então estou mesmo frito, não? De qualquer modo, o resto é meu.

Expôs as cartas em leque sobre a mesa. Olhou depois para o parceiro, como que desculpando-se:

— Você já viu coisa assim, Tommy? Drax dobra a aposta, e Meyer tem a dama.

Na voz de Basildon nada mais se notava que uma natural exasperação.

Drax deu uma risadinha.

— Você não esperava que meu parceiro tivesse um Yarborough, esperava? — perguntou alegremente, dirigindo-se a Basildon. — Bom, é uma daquelas chances imprevisíveis, não é? Você dá.

Drax cortou para Basildon, e o jogo prosseguiu.

Então fora a mão de Drax, na jogada anterior. Isso podia ser importante. Bond acendeu um cigarro e examinou, refletidamente, a nuca da Drax.

A voz de M., de súbito, cortou os pensamentos de Bond.

— Boa-noite — disse êle. Fêz uma saudação geral à mesa, com um largo aceno de mão. — Basil, você se recorda de meu amigo, o Comandante Bond? Convidei-o para jogarmos bridge esta noite.

Basildon sorriu para Bond.

— Como está? — disse êle. Depois, com a mão, foi indicando da esquerda para a direita. — Meyer, Dangerfield e Drax.

Os três homens ergueram a cabeça, por momentos, e Bond enviou uma saudação geral.

— Vocês todos já conhecem o Almirante, não é verdade? — continuou Basildon, começando a dar cartas.

Drax voltou-se na cadeira.

— Ah, o Almirante! — disse espalhafatosamente. — Prazer em tê-lo a bordo, Almirante. Um drinque?

— Não, obrigado — respondeu M., sorrindo. — Acabo de tomar um.

Drax levantou depois os olhos para Bond, que vislumbrou um tufo de bigode arruivado e uns olhos azuis e glaciais.

— E o senhor, quer alguma coisa? — perguntou Drax, indiferente.

— Não, obrigado. Por enquanto nada, respondeu Bond.

Drax voltou-se novamente para o pano verde e apanhou as cartas. Bond observou as mãos grandes e rudes do homem. Depois, passeou em torno da mesa, com uma segunda pista para meditar.

Drax não separava as cartas por naipes, como faz a maioria dos jogadores. Dividia-as em vermelhas e pretas, sem fazer a escala dos valores, tornando assim muito difícil dominar sua mão e quase impossível, para um dos vizinhos, se porventura a isso estivesse inclinado, decifrá-la.

Bond, pela maneira como as pessoas seguravam as cartas, identificava as que se enquadravam na categoria de jogadores extremamente cautelosos. Afastou-se um pouco da mesa e ficou de pé, encostado à lareira. Acendeu um cigarro na pequena chama de gás, incrustada numa grelha de prata, que saía da parede ao lado dele — relíquia dos dias anteriores ao uso de fósforos.

Do ponto onde se colocara, podia ver a mão de Meyer e, dando um passo para a direita, a de Basildon. Sir Hugo Drax permanecia dentro de seu campo visual, e Bond examinava-o cuidadosamente, embora dando a impressão de se interessar apenas pelo jogo.

Drax era um homem que parecia ter sido feito em medidas maiores do que o padrão normal de vida. Fisicamente grande — devia ter mais de um metro e oitenta, calculava Bond — com uns ombros excepcionalmente largos. Cabeça também grande e quadrada, cabelos ruivos e cortados rentes, partidos ao meio. De cada lado, o cabelo baixava em curva na direção das têmporas, com o objetivo notório de ocultar, quanto possível, o tecido lustroso e enrugado que cobria grande parte de sua face direita. Outros espécimes de cirurgia plástica podiam-se observar na orelha direita, que não fazia um par muito correto com a esquerda, e, no olho direito,

que fora um fracasso cirúrgico. Era consideravelmente maior do que o outro, devido a uma contração de pele tomada de empréstimo, a fim de reconstruir as pálpebras superior e inferior, além de parecer dolorosamente injetado de sangue. Bond punha em dúvida que êle fechasse completamente e pressentia que, de noite, Drax cobriria o olho com uma pala.

Para esconder tanto quanto possível a pele repuxada e desagradável à vista, Drax deixara crescer um bigode espesso, com amplas guias, que quase atingiam os lóbulos das orelhas. O bigode tinha ainda outra finalidade. Ajudava a esconder uma arcada superior naturalmente prognata e a pronunciada saliência da dentadura superior. Bond refletia que isso talvez fosse o resultado de chupar o polegar quando criança, causando a feia disposição diastêmica dos dentes, que Bond ouvira seu dentista chamar de “centrais”. O bigode ajudava a esconder aquela dentuça de “bicho-papão”. Só quando Drax soltava suas risadinhas, o que fazia constantemente, é que o defeito aparecia.

O efeito geral do conjunto — a cabeleira desordenada, quase ruiva, o nariz e o queixo fortes, a pele avermelhada — era exuberante. Dava a Bond a impressão de um diretor de circo. A frieza e a astúcia contrastantes do olho esquerdo corroboravam a semelhança.

Tipo vulgar, cacete, falastrão e mandão. Seria este o veredicto de Bond, se não conhecesse algumas das habilidades de Drax. Ao chegar a essa conclusão, passou-lhe pela cabeça a idéia de que muita coisa daquela encenação devia ter sido criada pelo próprio Drax, cuja concepção de um bonitão dos últimos dias da Regência corresponderia, por certo, àquele tipo — o disfarce inocente de um homem de rosto amassado, mas que, ao mesmo tempo, também era um esnobe.

Procurando outros indícios, Bond observou que Drax transpirava copiosamente. Apesar de um ou outro trovão lá fora, a noite estava fresca e, no entanto, Drax enxugava constantemente o rosto e o pescoço, com um vasto lenço colorido. Fumava sem cessar, amassando as pontas dos cigarros Virgínia, de ponta de cortiça, depois de aspirar umas doze fumaças, mas acendendo logo outro em seguida, que retirava de uma caixa de cinquenta, guardada no bolso do casaco. Suas grandes mãos não paravam de agitar-se, brincando com as cartas, segurando o isqueiro, colocado ao lado de uma cigarreira de prata chatinha, diante dele, enrolando mechas de cabelos, enxugando o rosto e o pescoço no lenço. De vez em quando, levava um dedo à boca e roía uma unha. Mesmo à distância a que se

encontrava, Bond percebia que as unhas de Drax estavam roídas até o sabugo. As mãos eram fortes, mas os polegares tinham um que de rústico ou estranho, que Bond levou alguns instantes a definir. Por fim descobriu que eram anormalmente longos, atingindo a altura da falange superior do dedo indicador.

Bond finalizou o exame com as roupas de Drax, caras e de gosto impecável: terno azul, de listas muito finas, em flanela leve, jaquetão. Camisa branca de seda pura, colarinho duro, gravata discreta, em xadrez miúdo, cinza e branco. Abotoaduras que pareciam ser de Cartier e um relógio de ouro, Patek Philhpe, com pulseira em couro preto.

Bond acendeu outro cigarro e concentrou-se no jogo, deixando o subconsciente diferir os detalhes da aparência e maneiras de Drax, que lhe pareciam significativos e poderiam ajudar a esclarecer o enigma de suas trapaças, cuja natureza faltava ainda descobrir.

Meia hora depois, as cartas haviam completado o círculo.

— É minha vez de dar — disse Drax, com autoridade.

— Joguem tudo, parceiros, e teremos um excedente nada mau. Vamos, Max, veja se pega alguns ases. Estou cansado de fazer a força toda.

Distribuiu as cartas, lenta e dextramente, em volta da mesa, conservando o grupo sob um fogo cerrado de gracejos um tanto pesados.

— Rubber comprido — continuou, dirigindo-se a M., que ficara sentado, fumando cachimbo, entre Basildon e Drax. — Lamento tê-lo feito esperar tanto tempo. Que me diz de uma partida, depois do jantar? Max e eu contra você e o Comandante. . . como foi que disse ser o nome dele? É bom jogador?

— Bond. James Bond — respondeu M. — Sim, creio que nos agradaria essa idéia. Que diz você, James?

Os olhos de Bond estavam grudados na cabeça inclinada e nas mãos do homem que dava cartas. Sim, era aquilo mesmo! Apanhei-o com a boca na botija, seu filho da mãe. Um refletor. Um vulgaríssimo refletor, que não teria agüentado cinco minutos num jogo de autênticos profissionais. M. viu o lampejo de certeza no olhar de Bond, quando seus olhos se cruzaram por cima da mesa.

— Ótimo. Não poderia ser melhor — respondeu Bond, alegremente. Fêz um imperceptível sinal de cabeça. — E que tal se me mostrasse o livro de betting, antes de jantarmos? o senhor sempre me disse que me divertiria.

M. acenou afirmativamente.

— Está certo. Vamos até lá, então. O livro está na secretaria. Depois Basildon pode descer e nos dar um coquetel, além do resultado desta luta de vida ou de morte.

M. levantou-se.

— Peça o que quiser — disse Basildon, com um penetrante olhar para M. — Descerei assim que limparmos estes dois.

— Por volta das nove, então? — disse Drax, olhando de M. para Bond. — Mostre-lhe no livro aquela aposta da pequena no balão. — Apanhou suas cartas. — Puxa! Parece que vou precisar de todo o dinheiro do cassino para jogar. Agora ninguém me agüenta — comentou, com ar triunfante, depois de um rápido relance às cartas que tinha na mão. — Três sem trunfo. — Olhou para Basildon, como que seguro da vitória. — Meta esta no cachimbo e fume.

Bond, seguindo M. para fora do salão, já não ouviu a resposta que Basildon teria dado.

Desceram as escadas e seguiram para a secretaria, os dois em silêncio. A sala estava às escuras. M. acendeu a luz e foi sentar-se na cadeira giratória, diante da escrivaninha. Virou-se na cadeira para encarar Bond, que se encaminhara para a lareira apagada e estava retirando um cigarro da cigarreira.

— Teve alguma sorte, James? — perguntou M.

— Sim, apanhei o homem. Ele faz trapaça mesmo.

— Então sempre é verdade? — comentou M., imperturbável. — Como faz êle a coisa?

— Só quando é êle a dar as cartas. Reparou na cigarreira de prata que coloca diante de si, junto com o isqueiro? Nunca tira cigarros dela. Não deseja que fique com marcas de dedos em sua superfície polida. É de prata lisa como um espelho. Quando êle dá cartas, a cigarreira fica quase completamente oculta pelo baralho e pelas manápulas. E nunca tira as mãos do mesmo lugar. Distribui o baralho em quatro montes, que vai pondo bem junto dele. Quando acaba de repartir o primeiro pelos parceiros, pega no segundo, e assim por diante. Cada uma das cartas se reflete no tampo da cigarreira. É tão eficiente quanto um espelho, apesar de parecer completamente inocente, ali em cima da mesa. Além disso, êle é um homem de negócios tão eficiente, que o normal será que tenha boa memória. Lembra-se do que eu lhe contei a respeito dos “refletores”?

Pois bem, esta é precisamente uma das versões. Não admira que, de vez em quando, tenha esses golpes que tanto surpreendem os demais. Daquela vez que êle dobrou, foi a coisa mais fácil. Êle sabia que seu parceiro tinha a dama defendida. Como Drax estava com dois ases, podia dobrar a aposta que a coisa era certa. O resto do tempo êle faz jogo comum. Mas conhecer as cartas todas, de quatro em quatro rodadas, é uma tremenda vantagem. Não admira que tenha sempre lucros enormes.

— Mas não se nota quando êle põe o truque em ação — interrompeu M.

— É muito natural baixar os olhos quando se está dando cartas, disse Bond. — Todo o mundo faz isso. E êle disfarça com uma série de gracejos, coisa que não costuma fazer quando outra pessoa dá cartas. Tenho a impressão de que êle possui ótima visão periférica — isso que é considerado tão importante, quando passamos pela inspeção médica, para entrar para o Serviço. Um ângulo de visão muito amplo.

Abriu-se a porta, e Basildon entrou. Vinha “tinindo”. Fechou a porta atrás de si.

— Aquele maldito Drax! Como pode fazer tais apostas? — explodiu êle. — Tommy e eu poderíamos ter feito quatro copas, se ao menos tivéssemos conseguido contratar. Eles dois tinham o ás de copas, seis vazas de paus, o ás e o rei de ouros, e apenas cumpriam em espadas, sem possibilidade de ganhar vazas. Fizeram nove vazas de entrada, assim, de cara. Como teve êle coragem de abrir com três, sem trunfos, é algo que não consigo entender. — Basildon se acalmou um pouco. — Bom, Miles, seu amigo descobriu a resposta?

M. acenou para Bond, que repetiu o que já contara a seu chefe. A expressão de Lorde Basildon ia ficando cada vez mais furiosa, à medida que Bond se aproximava do fim do relato.

— Maldito homem! — explodiu. — Que desgraçado! Para que faz ele uma coisa dessas? Milionário, nadando em dinheiro. . . Belo escândalo temos nós em perspectiva, sim senhores. Não tivemos aqui um só caso de batota, desde a guerra de 1914-18.

Pôs-se a medir o aposento a grandes passadas. O clube foi rapidamente esquecido, quando se lembrou da importância do próprio Drax:

— Dizem que o tal foguete dele ficará pronto em breve. Só vem aqui uma ou duas vezes por semana, para relaxar um pouco os nervos. Imaginem só! Um herói popular! Isto é o fim!

A cólera de Basildon esfriou, com a noção de sua responsabilidade. Voltou-se para M., à cata de um auxílio.

— E agora, Miles? Que posso eu fazer? Êle já ganhou aqui milhares de libras, e outros sócios perderam-nas. Veja a noite de hoje, por exemplo. Minhas perdas não têm importância, naturalmente. Mas que me dizem de Dangerfield? Sei que êle está atravessando um período ruim na Bolsa, ultimamente. Não vejo como evitar expor o caso ao Comitê. Não posso esconder isto... mesmo sendo Drax quem é. E vocês sabem o que vai acontecer. No Comitê somos dez. Tudo leva a crer que o caso seja divulgado. Pense no escândalo! Ao que parece, o “Explorador da Lua” não poderá existir sem Drax, e a imprensa diz que todo o futuro do País depende dessa máquina. Aqui estou eu como uma dessas histórias, hem?

Fêz uma pausa e lançou um olhar esperançoso, primeiro a M, e depois a Bond:

— Existirá alguma alternativa?

Bond esmagou o cigarro no cinzeiro.

— Pode-se fazê-lo parar — declarou calmamente. Depois, acrescentou com um leve sorriso: — Isto é, se não se incomoda que o façamos pagar na mesma moeda...

— Faça como lhe aprouver — respondeu Basildon, enfático. — Em que está o senhor pensando?

Nos olhos de Basildon havia o brilho de uma esperança, diante da segurança com que Bond falara.

— Pois bem, eu poderia mostrar-lhe que descobri seu truque e, ao mesmo tempo, virar o feitiço contra o feiticeiro. Naturalmente, Meyer sofreria as conseqüências. Poderia perder muito dinheiro, como parceiro de Drax. Isso teria importância?

— É bem feito para êle! — disse Basildon, muito aliviado e pronto a agarrar-se a qualquer solução que o libertasse do impasse. — Tem ganho um dinheirão jogando como parceiro de Drax. Você acha que também êle...

— Não, tenho a certeza de que não sabe o que se passa. Apesar de que algumas apostas de Drax devem-lhe ter causado um certo choque. Bom... — foi dizendo Bond, voltado para M. — está bem assim, sir?

M. refletia. Olhou em seguida para Basildon. Não havia dúvida quanto a seu ponto de vista. Encarou novamente Bond.

— Está bem, James. O que tem de ser será. Não me agrada a idéia,

mas compreendo o ponto de vista e o apuro da situação de Basildon. Na condição de que você possa desmascarar sozinho o negócio e não queira que eu empalme cartas ou faça coisas desse gênero. Nunca tive talento para isso.

— Não é preciso — retorquiu Bond. Pôs as mãos nos bolsos do casaco e tocou nos dois lenços de seda. — Só preciso de um baralho de cartas usado, ou melhor, dois — um de cada côr — além de dez minutos sozinho aqui.

CAPITULO 5

JANTAR NO BLADES

Eram oito horas, quando Bond seguiu M. através das portas altas que do salão de jogo dão para a bela varanda da escadaria e, do outro lado, abrem para o maravilhoso restaurante estilo Regência, branco e dourado, do Clube Blades.

M. fingiu não ouvir o chamado de Basildon, que presidia a grande mesa central, onde havia ainda dois lugares vagos. Em vez de se deter, seguiu sem hesitar para o meio da sala, dirigindo-se para a última mesa de uma fila um pouco desviada. Fêz sinal a Bond que se acomodasse numa confortável cadeira de braços, colocada de frente para o refeitório, enquanto se sentava êle próprio numa outra à esquerda de Bond, de modo a ficar de costas para os demais circunstantes. O chefe dos garçons já se postara atrás da cadeira de Bond, colocando um enorme cardápio ao lado de seu prato e passou outro para M. A palavra “Blades” encabeçava a extensa lista, em rebuscadas letras douradas, ao que se seguia uma floresta de coisas impressas .

— Não se dê o trabalho de ler tudo isso — advertiu M. — a não ser que esteja sem qualquer idéia. Uma das primeiras e melhores regras do clube foi que qualquer sócio pode ordenar qualquer prato, barato ou caro, porém terá de o pagar. A mesma regra persiste até hoje, mas é bem possível que já não tenha de se pagar assim. Peça o que quiser. M. encanou o garçom. — Ainda sobrou algum daquele caviar Beluga, Porterfield?

— Sim, senhor. Tivemos nova remessa a semana passada.

— Ótimo. Então caviar para mim — começou M. — Depois, rins grelhados à Blades, e uma fatia de seu excelente bacon. Ervilhas e batatinhas. Morangos *au kirsch*. E você, James?

— Tenho verdadeira mania por salmão defumado, quando é bom de verdade. — Depois apontou para o cardápio. — Costeletas de cordeiro, com o mesmo acompanhamento que vem para o senhor, pois estamos em maio, que é o bom mês. Aspargos com molho Bearnês, me parece delicioso. E talvez uma fatia de abacaxi.

Bond afastou o cardápio.

— Dou graças aos céus, quando encontro um homem que sabe o que quer — comentou M. Depois ergueu a vista para o garçom. — Tem tudo isso, Porterfield?

— Claro, sir. — O garçom sorriu. — Não lhe apeteceria, sir, uma geléia de mocotó à moda da casa, depois dos morangos? Recebemos hoje meia-dúzia diretamente do campo, e guardei uma, para o caso que o senhor aparecesse.

— Esplêndido. Você sabe que eu não resisto a isso. Mau para meu fígado, mas não há remédio. Só Deus sabe o que estarei comemorando hoje. Contudo, não é coisa que aconteça muitas vezes. Peça ao Grimley que venha até cá, está bem?

— Aqui o tem, sir — respondeu o garçom, dando passagem ao garçom dos vinhos.

— Ah, Grimley! Um pouco de vodca, por favor. — Voltou-se para Bond. — não é a mesma droga que você tomou no seu coquetel. Este é autêntico, de antes da guerra. *Volfshmidt* de Riga. Quer tomar um pouco com seu salmão defumado?

— Gostaria muito — confirmou Bond.

— E depois? Champanha? Para mim, tomarei meia garrafa de clarete. O *Mouton Rothschild* de 34, por favor, Grimley. Mas não se preocupe comigo, James. Já estou velho para certas coisas, e o champanha não me cai bem. Temos alguns champanhas excepcionais, não é verdade, Grimley? Nenhuma dessas drogas de que você me está sempre falando, lamento muito, James. Não se encontra muito disso na Inglaterra. *Taitinger*, não era?

Bond sorriu, admirando a memória de M.

— É isso, mas reconheço que não passa de uma de minhas manias. A verdade é que, por várias razões, gostaria de tomar champanha esta noite. Mas vou deixar a decisão a critério de Grimley.

O garçom dos vinhos ficou satisfeito.

— Se me permite uma sugestão, sir, recomendar-lhe-ei o *Dom Pe-*

rignon de 46. Informaram-me que a França só vende esse champanha na base de dólares, de modo que não é encontrado freqüentemente em Londres. Creio que se trata de um presente do Regency Club de New York, sir. Tenho algumas garrafas no gelo. É a predileta do nosso presidente, e êle me recomenda que tenha sempre prontas umas quantas, todas as noites, para o caso de êle precisar.

Bond sorriu, satisfeito, concordando.

— Pois seja, Grimley. *Dom Perignon*. Pode trazê-lo já, sim?

Apareceu uma garçonete e colocou diversas fatias de pão torrado, ainda quente, sobre a mesa, além de uma pequena bandeja de prata com rolinhos de manteiga de Jersey. Ao curvar-se, sua saia preta roçou o braço de Bond, que não se desviou. Seus olhos encontraram os da moça, maliciosos e brilhantes, sob uma franjinha de cabelos sedosos. Fitaram-se por segundos, mas logo ela se afastou rápida. O olhar de Bond acompanhou o laço branco na cintura coleante, a golinha e os punhos engomados do uniforme, que se afastavam para o outro lado da sala. Apertou os olhos. Recordava-se de um restaurante de antes da guerra, em Paris, onde as pequenas se vestiam com a mesma excitante severidade. Até o momento em que se viravam e mostravam as costas.

Sorriu consigo mesmo. A lei “Marthe Richard” mudara tudo aquilo. Depois de ter estudado os vizinhos colocados nas mesas em redor, Bond voltou-se para sua própria mesa.

— Por que motivo se mostrou você tão misterioso, nessa história de beber champanha?

— Bom, se o senhor não se opõe, pretendo ficar um pouco “alto” esta noite. Terei de mostrar-me bastante embriagado, quando chegar a hora. Não é coisa fácil de fingir, a menos que se represente com uma boa dose de convicção. Espero que não fique preocupado se lhe parecer, mais tarde, que eu passei da conta — explicou Bond.

M. sacudiu os ombros.

— Você tem uma cabeça firme como rocha, James. Beba quanto lhe aprouver, se isso servir para arrumar o caso. Olhe... aí vem o vodca.

Quando M. lhe serviu três dedos da garrafa opaca e gelada, Bond tomou uma pitada de pimenta negra e jogou-a em cima do líquido cristalino. A pimenta acamou-se lentamente no fundo do pequeno copo, ficando alguns grãos sobrenadando à superfície, os quais Bond retirou com a ponta do dedo. Em seguida, virou a bebida gelada bem para o fundo da

garganta e recolocou o copo com os restos de pimenta sobre a mesa.

M. endereçou ao agente um olhar entre interrogativo e irônico.

— É um truque que os russos me ensinaram, daquela vez que o senhor me enviou como adido à embaixada em Moscou — disse Bond, em jeito de desculpa. — Existe quase sempre uma boa porção de resíduos oleosos de fermentação à superfície desta droga... pelo menos, costuma haver, quando a destilação é imperfeita. É uma mistura altamente venenosa. Na Rússia, onde há uma quantidade de vodca de fabricação clandestina, tornou-se um hábito espalhar um pouco de pimenta no copo. Absorve o óleo e o carrega para o fundo. Acontece que eu gostei do sabor, e agora tornou-se também um hábito para mim. Mas não tive a intenção de insultar o *Volfshmidt* — acrescentou com um sorriso.

— Contanto que você não ponha pimenta-do-reino no champanha predileto de Basildon — comentou M. com um grunhido.

Uma risada áspera e zurrada, já deles conhecida, partiu de uma mesa bem na extremidade do salão. M. olhou por cima do ombro e voltou ao seu caviar.

— Que acha você de Drax? — perguntou, com um pedaço de torrada barrada de manteiga dentro da boca.

Bond serviu-se de outra fatia de salmão defumado, que retirou da travessa posta a seu lado. Tinha aquela textura delicada e compacta que só os preparadores dos Highlands sabem obter, muito diferente do salmão dissecado na Escandinávia. Depois, enrolou uma fatia finíssima de pão preto com manteiga, formando um cilindro, e ficou contemplando-o pensativo.

— Não se pode gostar muito das maneiras dele. A princípio, fiquei muito surpreso pelo fato de o senhor tolerá-lo aqui. — Bond olhou de relance para M. que sacudiu os ombros. — Mas isso, claro, não é de minha conta, e os clubes seriam muito monótonos, realmente, sem uns toques de excentricidade. Além do mais, é um herói nacional, milionário e, evidentemente, exímio jogador.. Mesmo quando não está aproveitando-se das circunstâncias. Porém vejo que, afinal, é o tipo de homem que eu sempre imaginei que fosse.

Bond fez uma pausa, como que procurando sintetizar a biografia de Drax, e continuou:

— Sangüíneo, astuto e implacável. Audacioso. Não me surpreende que tenha chegado onde chegou. Mas já não compreendo é por que mo-

tivo se sentiria êle feliz jogando tudo isso pela borda fora. Essa história das trapaças, por exemplo. É lealmente incrível. Que estará êle querendo provar com isso? Que pode bater a todos em tudo? Põe tamanha paixão em suas cartas... como se não fosse um simples jogo, mas uma espécie de prova de força. Basta olhar para suas unhas, roídas até ao sabugo. E como sua! Seu espírito está sob forte tensão, seja qual fôr o motivo. Isso revela-se naqueles horrorosos gracejos que são sua especialidade. São pesados, sem o mais tênue sinal de leveza de espírito. Parecia querer esmagar Baskin como se este fosse uma mosca importuna. Tem uns modos exasperantes. Só faço votos para que eu possa me controlar. Chega a tratar o parceiro como se este não passasse de um monte de estrume. É isto. Ele não me entrou de jeito nenhum, e só espero poder-lhe dar hoje uma boa alfinetada. Se tudo correr bem... — acrescentou sorrindo para M.

— Compreendo o que quer dizer. Mas talvez esteja sendo um pouco duro com o homem. Afinal de contas, foi um passo gigantesco vir lá das docas de Liverpool, ou de onde tenha sido, até alcançar a posição invejável de que hoje desfruta. É uma dessas pessoas naturalmente grossas. Nada quer com refinamentos e esnobismos. Tenho a impressão de que os camaradas dele nas docas consideravam-no tão desbocado quanto os sócios do Blades. Quanto às trapaças, possui, naturalmente, um traço congênito de desonestidade em seu caráter. Aposto como andou por muitos caminhos e atalhos equívocos, em sua carreira ascensional. Uma pessoa, para tornar-se rica em pouco tempo, tem de ser ajudada por uma conjugação de circunstâncias invulgares e uma inesgotável veia de sorte. Não é, certamente, por suas qualidades que o indivíduo enriquece. Pelo menos, é o que a experiência nos ensina. De início, para arranjar as primeiras dez ou cem mil libras, as coisas tem de sair muito direitinhas. E nesses negócios do pós-guerra, com todas as regulamentações e restrições, creio que o nosso homem deve ter usado com vantagens a possibilidade de deixar cair uns milhares de libras nos bolsos apropriados. Funcionalismo. Os que nada entendem senão adição, divisão. . . e silêncio. Os que são úteis..

M. fez uma pausa, enquanto chegava o segundo prato. Com êle veio o champanha, num balde de prata para gelo, e o clarete de M., recostado numa cestinha de vime.

O garçom dos vinhos aguardou, até que eles formulassem seus juízos favoráveis sobre as bebidas, afastando-se depois. Naquele instante, aproximou-se um boy.

— Comandante Bond? — perguntou.

Bond pegou o envelope que lhe era entregue e rasgou-o. Retirou dele um pequeno pacote de papel muito fino e abriu-o cuidadosamente, à altura do nível da mesa. Continha um pó branco. Bond pegou numa faca de fruta, de cima da mesa, e mergulhou a ponta no pacotinho, de modo que metade de seu conteúdo foi transferido para a lâmina da faca. Depois, estendeu a mão para a taça de champanha e passou o pó para dentro dela.

— Que vem a ser isto agora? — perguntou M., com uma ponta de impaciência.

Não se registrou o menor indício de desculpa, na fisionomia de Bond. Não era M. quem ia fazer o serviço aquela noite, era êle. E Bond sabia perfeitamente o que tinha a fazer. Todas as vezes que lhe tocava executar um trabalho, tomava primeiro inúmeras precauções, deixando o menor número possível de coisas por conta da improvisação e do acaso. Assim, se alguma coisa não desse certo, depois, seria sempre o imprevisível. Bond já não aceitava qualquer responsabilidade nisso.

— É benzedrina. Telefonei para minha secretária, antes do jantar, e pedi-lhe que retirasse um pouco da sala de operações no QG. É só do que eu preciso para manter a cabeça bem clara toda a noite. É possível que me torne um pouco confiante em excesso, mas isso também será útil.

Remexeu o champanha com um pedaço de torrada, de modo que o pó rodopiasse entre as bolhas gasosas. Depois, bebeu tudo num longo traço.

— Não tem gosto algum. O champanha é excelente — rematou êle. M. sorriu com indulgência.

— O funeral será seu. O melhor é terminarmos agora o jantar. Que tal estavam as costeletas?

— Soberbas! Poderia até cortá-las com o garfo. A melhor cozinha inglesa é a melhor do mundo, principalmente nesta época. É verdade, qual é a base de apostas com que jogaremos hoje? Não que isso me preocupe pessoalmente. Devemos acabar vencedores. Mas tenho curiosidade em saber quanto Drax poderá perder hoje.

— Ele prefere sempre jogar na base de “Um e Um”, como costuma dizer — informou M., servindo-se dos morangos que acabavam de ser postos na mesa. — Assim dito, dá a impressão de aposta modesta, quando não se sabe o sentido que tem. Na verdade, quer dizer uma libra por

cem pontos e cem libras por rubber.

— Puxa! — disse Bond, respeitosamente. — Já compreendi .

— Mas êle se sentirá perfeitamente feliz em jogar dois e dois, ou mesmo três e três. Sobe até essas importâncias. A média, no bridge do Blades, é de, aproximadamente, dez pontos por rubber. No Um e Um isso corresponde a duzentas libras. E o bridge, aqui, dá sempre para grandes rubbers. Não existem convenções, de modo que se especula muito e faz-se muito blefe. Por vezes, mais parece pôquer. Temos jogadores de várias categorias. Alguns são dos melhores da Inglaterra, mas outros são terrivelmente aloucados. Não parecem ligar a quanto perdem. O General Bealey, que está aqui por trás de nós — M. fez um gesto de cabeça — não distingue as vermelhas das pretas. Vão sempre embora algumas centenas de libras, no fim de cada semana. Contudo, não parece ligar. É doente do coração. Não tem família. Montes de dinheiro provenientes da importação de juta. Mas Duff Sutherland, o camarada todo pelancudo sentado ao lado de Basildon, é um colosso. Faz regularmente umas dez mil libras anuais com os lucros do jogo aqui no clube. Camarada simpático. Maneiras refinadas ao jogo. Já representou diversas vezes a Inglaterra em torneios internacionais de xadrez.

M. foi interrompido pela chegada de seu mocotó. Vinha colocado dentro de um osso, disposto verticalmente sobre um imaculado guardanapo de renda, em bandeja de prata. Os talheres de prata lavrada, apropriados para extrair a geléia, vinham ao lado.

Depois dos aspargos, Bond quase já não tinha apetite para comer as fatias de abacaxi. Serviu o resto do champanha gelado em sua taça. Sentia-se maravilhosamente bem. Os efeitos da benzedrina e do champanha, haviam mais que compensado o torpor da lauta refeição. Desviou o pensamento do jantar e da conversa com M., percorrendo o olhar pelo salão.

A cena era esplendorosa. Havia talvez umas cinqüenta pessoas presentes, a grande maioria em dinner jackets, num à vontade de gente acostumada aos ambientes e excitada, tanto pelo impecável serviço do restaurante como pelo interesse comum: a perspectiva de jogo alto, o grande slam, o ace pot e as paradas espetaculares do backgammon. Poderia haver trapaceiros ou eventuais trapaceiros, entre os circunstantes, homens que batiam em suas mulheres, homens com instintos perversos, excessivamente ambiciosos e cúpidos, covardes, mentirosos; mas a ele-

gância do ambiente refletia em todos um ar de aristocracia.

A um dos lados do salão, acima da vasta mesa dos frios, carregada de lagostas, carnes, galantinas e especialidades de aspic, imperava o retrato inacabado, de corpo inteiro, da Srta. Fitzherbert, pintado por Romney, olhando provocantemente para o lado oposto, onde se admirava o Jeu de Caries, de Fragonard, ampla tela que cobria quase toda a parede, por cima de uma requintada lareira Adams. Ao longo das paredes laterais, raras gravuras do Hell-Fire Club, em molduras douradas com *passepoutout*, e em que cada figura parecia estar executando um sutil gesto de significado mágico ou escatológico. Mais acima, casando as paredes ao teto, corria um friso de gesso em relevo, minuciosamente trabalhando, com volutas interrompidas pelo remate das pilastras que emolduravam as janelas e altas portas duplas, estas delicadamente esculpidas com o desenho da Rosa Tudor, entrelaçada com efeitos que lembravam fitas pendentes.

O candelabro central, cascata de cristal que terminava numa grande corbelha de quartzo lapidado, cintilava acima das toalhas de mesa em damasco branco e punha revérberos na prataria George IV. Por toda a parte, castiçais de três braços espargiam luz dourada de outras tantas; velas, cada qual protegida por pequenos abajures de seda vermelha, de modo que os rostos dos comensais refletiam um calor de cordialidade que ofuscava o frio que porventura se refletisse num olhar de antipatia ou numa cruel contorção dle lábios.

Bond deleitava-se ainda no calor e elegância da cena, quando os primeiros grupos começaram a levantar-se, dispersando-se. Dentro em pouco, era a debandada, rumo ao salão de jogo, acompanhada de trocas de apostas, desafios e gracejos, para que todos se apressassem e comesçasse o negócio. Sir Hugo Drax, o rosto congestionado e peludo, brilhando de alegre antecipação, aproximou-se deles, com Meyer em sua esteira.

— Muito bem, cavalheiros — disse êle jovialmente, ao chegar à mesa. — Os cordeirinhos estão prontos para o matadouro, e os gansos para serem depenados? — Gargalhou e, numa pantomima feroz, levou os dedos ao pescoço. — Bom, nós já vamos andando. Fizeram seus testamentos?

— Estaremos com vocês dentro em pouco. Vão andando e preparem as cartas — disse M.

Drax riu.

— Não precisaremos de nenhum auxílio artificial, parceiros. Não demorem — respondeu Drax, dirigindo-se para a porta.

Meyer envolveu-os num sorriso incerto e seguiu o outro. M. deu um suspiro, resmungando.

— Tomaremos café e conhaque na sala de jogo — disse êle, dirigindo-se a Bond. — Aqui não se pode fumar. Então? Algum plano final?

— Terei de o engordar para depois lhe dar o golpe mortal. Não se preocupe, por favor, se eu der a impressão de estar ficando alto — avisou Bond. — Teremos de fazer nosso jogo normal até chegar a hora. Quando fôr a vez de êle dar, será preciso muito cuidado. Naturalmente, êle não pode alterar as cartas, e não há razão para não recebermos também algumas boas, mas é possível que Drax saia então com algum de seus famosos truques. Importa-se que eu me sente à sua esquerda?

— Claro que não. Mais alguma coisa? — indagou M.

Bond refletiu por instantes.

— Apenas uma coisa, sir. Quando chegar a hora, eu tirarei um lenço branco do bolso de meu casaco. Isso significará que o senhor estará prestes a receber um Yarborough, ou seja, a mão sem cartas acima de nove. Quer fazer o favor de deixar a aposta dessa mão a meu cargo?

CAPITULO 6

JOGANDO COM UM ESTRANHO

Drax e Meyer esperavam por eles. Recostavam-se nas respectivas cadeiras, fumando charutos Havana.

Nas mesas pequenas, ao lado dos dois, havia café e grandes frascos de conhaque. No momento em que M. e Bond se aproximaram, Drax rasgava o envólucro de um baralho novo. O outro já se encontrava espalhado diante dele, sobre o pano verde.

— Ah, já chegaram — saudou Drax. — Inclinou-se para a frente e cortou uma carta. Todos fizeram o mesmo. Drax ganhou no corte e escolheu ficar onde estava, pegando as cartas vermelhas.

Bond sentou-se à esquerda de Drax. M. fez um sinal para o garçom que passava.

— Café e conhaque da casa — pediu. Tirou depois uma cigarrilha fina e preta do estôjo, oferecendo também a Bond, que aceitou. Depois, pegou nas cartas vermelhas e começou a embaralhar.

— E as apostas? — perguntou Drax, olhando para M. — Um e Um? Ou mais? Terei muito prazer em contratarmos até Cinco e Cinco, se todos estiverem de acordo.

— Para mim, Um e Um é suficiente — respondeu M. — E você, James?

Drax interrompeu.

— Suponho que seu convidado saberá no que se mete, não é? — perguntou, incisivo.

Bond respondeu por M. — Como não? — Dirigiu um sorriso a Drax. — E esta noite, até que me sinto muito generoso. Quanto gostaria o senhor de me sacar?

— Até o seu último pêni, comandante — respondeu Drax, alegremente. — De quanto pode dispor?

— Isso eu lhe direi quando já não sobrar mais nada — foi a resposta de Bond. De repente, resolveu ser implacável.

— Ouvi dizer que Cinco e Cinco é o seu limite, não é verdade? Pois joguemos assim.

Quase que antes de as palavras lhe saírem da boca, Bond já lamentava tê-las pronunciado. Cinquenta libras por cem pontos! Quinhentas em apostas por fora! Quatro rubbers ruins representariam o dobro de sua renda anual. Se qualquer coisa saísse errada, êle ficaria com cara de bobo, o que seria bastante estúpido. Teria de pedir dinheiro emprestado a M. E o patrão não era homem assim tão rico. Percebeu, subitamente, que aquele jogo ridículo poderia terminar numa confusão bem feia. Sentiu o suor brotar-lhe na fronte. Aquela maldita benzedrina. Logo êle, entre tantas outras pessoas, iria deixar-se embrulhar por um pilantra falastrão e gabarola, como esse tal Drax! E nem sequer estava ali em missão.

A noite toda constituía uma espécie de pantomima social, que não significava coisa alguma para êle. O próprio M. fora arrastado àquilo por acaso. E eis que, de repente, êle se deixara envolver num duelo com esse multimilionário, num jogo em que arriscava, praticamente, tudo o que possuía, pela simples razão de ter aquele homem maneiras abomináveis, e êle ter querido dar-lhe uma boa lição. Mas, suponhamos que a lição não desse resultado? Bond amaldiçoava o impulso que, anteriormente, lhe teria parecido um absurdo. Champanha e benzedrina! Nunca mais.

Drax o fitava numa incredulidade sarcástica. Voltou-se para M., que continuava impassível, embaralhando as cartas.

— Suponho que seu convidado seja correto em seus compromissos — disse, num tom inexorável.

Bond viu o sangue fluir ao pescoço de M., até se espalhar pelo rosto. Por um instante, parou de embaralhar. Ao continuar, observou que as mãos de M. estavam perfeitamente calmas. Ergueu os olhos e tirou a cigarrilha, num gesto resoluto, de entre os dentes. A voz saiu totalmente controlada, quando respondeu:

— Se quer saber se eu respondo pelos compromissos de meus convidados pessoais, a resposta é sim.

Cortou as cartas para Drax, com a mão esquerda e, com a direita, bateu a cinza da cigarrilha, dentro de um cinzeiro de cobre, a um canto da

mesa. Bond percebeu o leve chiar da cinza ainda quente caindo na água.

Drax lançou um olhar de esguelha para M. e apanhou as cartas.

— Claro, claro — disse êle, precipitadamente. — Eu não quis dizer que... — Deixou a frase inacabada e voltou-se para Bond. — Então, está bem. Será Cinco e Cinco — disse ele olhando de maneira bastante curiosa para Bond. — E você, Meyer — continuou, dirigindo-se agora ao parceiro — quanto gostaria de marcar? Pode subir para Seis e Seis.

— Um e Um é bastante para mim, Hugger — disse Meyer, desculpando-se. — A não ser que você prefira que eu aumente a parada...

Olhou ansiosamente para o parceiro.

— Claro que não. Gosto de um jogo alto, mas, geralmente, não consigo um. Pois então, aí vamos nós — disse Drax, enquanto começava a dar cartas.

De súbito, Bond não se incomodou mais com as apostas elevadas. A única coisa que desejava agora era dar àquele macaco peludo a maior lição de sua vida, causar-lhe um choque que o fizesse recordar para sempre aquela noite, lembrar-se de Bond, lembrar-se de M., recordar da última vez em que pôde fazer trapaça no Blades, lembrar-se da hora em que tudo acontecera, do tempo que fazia lá fora, dos pratos que tivera para o jantar.

Apesar de toda a sua importância, Bond se esquecera do “Explorador da Lua”. Aquilo, agora, era um caso particular entre dois homens.

Observou o olhar lançado, como por acaso, à cigarreira colocada entre as mãos de Drax e sentiu a fria memória do homem registrando os valores das cartas, à medida que estas passavam sobre a lisa superfície do refletor. Bond afastou do espírito todos os remorsos. Absolveu-se de toda a culpa pelo que estava prestes a acontecer e focalizou sua atenção no jogo. Instalou-se melhor na cadeira e descansou as mãos nos braços estofados. Em seguida, retirou a cigarrilha da boca, colocou-a no cinzeiro de cobre que estava a seu lado, e estendeu a mão para a xícara de café. Era muito negro e forte. Esvaziou-a e pegou na taça com o conhaque. Provou e voltou a beber com maior entusiasmo. Olhava por cima do rebordo para M. Este encontrou seu olhar e sorriu de leve.

— Espero que o aprecie. Provém de uma das propriedades dos Rothschild, em Cognac. Cerca de cem anos atrás, um membro da família nos deixou como legado um barril, a ser entregue perpétuamente, de cada colheita. Durante a guerra, esconderam um para nós, cada ano, depois,

nos enviaram todos juntos em 1945. De então para cá, temos bebido o dobro do conhaque. Bom, e agora precisamos nos concentrar — concluiu, apanhando as cartas.

Bond pegou as suas. Eram razoáveis. Duas vazas de caras e os naipes distribuídos muito por igual. Estendeu a mão para sua cigarrilha, puxou uma baforada final e, depois, apagou-a de encontro ao fundo do cinzeiro.

— Três paus — disse Drax.

Bond não ofereceu.

Quatro paus de Meyer.

Nenhuma oferta de M.

— Hummm... — pensou Bond. Ele não tem as cartas necessárias para abrir desta vez. Fecha-se, porque sabe que seu parceiro tem apenas uma vaza a mais. M. poderia fazer um belo contrato. É possível que tenhamos todas as copas nas mãos, por exemplo. Mas M. jamais faz contrato. Presumo que eles farão quatro paus.

Foi o que fizeram, com o auxílio de uma *finesse*, por intermédio de Bond. Verificou-se que M. não tinha copas, mas uma longa seqüência de ouros, faltando apenas o rei, que estava nas mãos de Meyer e teria sido apanhado. Drax não tinha quase com que cobrir a oferta de três vazas. Meyer tinha o resto dos paus.

Em todo caso, pensou Bond ao dar as cartas para a mão seguinte, tivemos sorte em escapar desta vez.

A sorte continuava a sorrir-lhes. Bond abriu sem trunfos, foi coberto com três vazas por M., e fizeram ambos um excedente de vazas. Na vez de Meyer distribuir cartas, eles caíram com cinco ouros, mas na seguinte mão, M. abriu quatro espadas, e os três pequenos trunfos de Bond, além de um rei e uma dama de outros naipes, foi tudo o que M. precisou para cumprir o contrato.

O primeiro rubber foi de M. e Bond. Drax pareceu contrariado. Perdera 900 libras nesse rubber, e as cartas pareciam estar virando-se contra eles.

— Vamos continuar? Não vejo necessidade de cortar — propôs Drax.

M. endereçou um sorriso a Bond. O mesmo pensamento cruzara a mente de ambos. Então Drax desejava continuar, dando ele as cartas. Bond deu de ombros.

Não faço qualquer objeção — disse M. — Nossos lugares parecem

estar fazendo o mais que podem por nós.

Até o momento — comentou Drax, parecendo mais alegre.

E com razão. Na mão seguinte, êle e Meyer, apostaram e conseguiram um pequeno slam em espadas, que puxaram duas *finesses* de arrear os cabelos. Com todas duas, Drax, depois de muita pantomima e rodeios, negociou jeitosamente, comentando de cada vez, em voz alta, sua boa sorte.

— Huger, você é formidável — observou Meyer, num excesso de entusiasmo pelo jogo de seu parceiro. — Como consegue você isso?

Bond achou que era o momento de lançar uma pequena semente.

— Memória — disse êle.

Drax fitou-o intensamente.

— Que quer dizer com memória? Que tem ela que ver com receber uma *finesse*?

— Eu ainda ia acrescentar... “e senso das cartas” — disse Bond, com suavidade. — São as duas qualidades que fazem o grande jogador de cartas.

Drax aplacou-se.

— Ah, sim, compreendo...

Cortou as cartas para Bond distribuir. Enquanto as dava, Bond sentia os olhos do outro examinando-o atentamente.

O jogo prosseguia em ritmo igual. As cartas se recusavam a esquentar, e ninguém parecia inclinado a aventuras. M. dobrou Meyer numa imprudente aposta de quatro espadas e ficou em duas vazas. Mas, na mão seguinte, Drax saiu com um sem trunfos descoberto. O ganho de Bond no primeiro rubber foi anulado, e ainda perdeu um pouco mais.

— Alguém quer beber? — perguntou M., enquanto cortava as cartas para Drax e para o terceiro rubber.

— James. Tome um pouco mais de champanha. A segunda garrafa sempre sabe melhor.

— Gostaria imenso — respondeu Bond.

O garçom se aproximou. Os outros pediram uísque com soda.

Drax voltou-se para Bond.

— Este jogo precisa ser animado — comentou. — Aposto cem como ganhamos esta mão.

Terminara a distribuição, e as cartas estavam empilhadas em montes bem feitos no centro da mesa.

Bond fitou-o. O olho danificado brilhava, vermelho, em sua direção. O outro era frio, duro e desdenhoso. Bagas de suor escorriam de ambos os lados do nariz grande e adunco.

Bond meditou se Drax não o estaria provocando, para ver se êle desconfiava da distribuição de cartas. Resolveu deixá-lo em dúvida. Eram cem libras que enfiavam pelo cano, mas isso lhe daria uma desculpa para aumentar mais tarde as paradas .

— É a sua vez de dar? — perguntou com um sorriso. — Bom — pesou os riscos imaginários. — Está bem. Combinado. — Parecia ter-lhe ocorrido uma idéia. — E o mesmo para a próxima, se o senhor quiser — acrescentou.

— Está bem, está bem — disse Drax, impaciente. — Já que você deseja jogar fora o dinheiro bom, depois de jogar o mau...

— O senhor parece muito seguro quanto ao resultado desta mão — disse Bond, indiferente, enquanto pegava as cartas. Eram bem ruins, e êle não teve resposta para a abertura sem trunfos de Drax, a não ser dobrando-a. O blefe não produziu o menor efeito no parceiro de Drax. Meyer disse: “Dois, sem trunfo”, e Bond sentiu-se aliviado quando M., sem nenhum naipe em seqüência, disse: “Não faço contrato.” Drax saiu em dois sem trunfo e fechou o contrato.

— Obrigado — disse com deleite, escrevendo cuidadosamente o escore. — Agora vamos ver se o senhor pode reaver sua aposta.

Para seu grande pesar, Bond não podia. As cartas ainda estavam favoráveis a Meyer e Drax, e eles fizeram três copas e o jogo.

Drax estava satisfeito consigo mesmo. Ingeriu um vasto gole de uísque e soda, limpando depois o rosto num grande lenço colorido.

— Deus fica do lado dos grandes batalhões — comentou jovialmente. — Não é só ter as cartas na mão, mas saber jogá-las. Quer continuar, ou já chega?

O champanha de Bond tinha chegado e fora colocado a seu lado, num balde de prata. Havia também uma taça com três quartos cheios, numa mesinha próxima. Bond pegou nela e esvaziou-a, para obter um pouco mais de coragem. Depois, voltou a enchê-la .

— Está bem — respondeu com voz pastosa. — Cem para as duas próximas mãos.

E perdeu-as prontamente, assim como o rubber.

Bond compreendeu, de súbito, que já estava perdendo quase 1.500

libras. Tomou outra taça de champanha.

— Pouparíamos tempo se dobrássemos as apostas para este rubber — falou, de modo bastante destemperado. — Para o senhor está bem?

Drax tinha dado cartas e examinava as próprias. Seus lábios se umedeceram, prevendo o que estava para vir. Olhou para Bond, que parecia ter certa dificuldade em acender o cigarro.

— Feito — respondeu rapidamente. — Cem libras por cem e mil no rubber. — Em seguida, achou que poderia arriscar um toque de esportividade. Bond dificilmente poderia cancelar agora a aposta. — Mas devo dizer que me parece ter aqui algumas coisas bastante boas — acrescentou. — Continua tudo de pé?

— Claro, claro — disse Bond, apanhando desajeitadamente as cartas. — Eu fiz a aposta, não fiz?

— Pois então está bem — finalizou Drax, com satisfação. — Três sem trunfo.

Fêz quatro.

Mas depois, para alívio de Bond, as cartas se modificaram. Bond marcou e fêz um pequeno slam de copas e, na mão seguinte, M. acabou com três sem trunfos.

Bond sorriu alegremente para o rosto suado do outro. Drax roía as unhas, irritado.

— Os grandes batalhões... — disse Bond, irônico. Drax resmungou qualquer coisa e aplicou-se em anotar o escore.

Bond olhou para M., que chegava um fósforo, com evidente satisfação pelo caminho por onde o jogo enveredava, à segunda cigarrilha que fumava nessa noite, uma concessão que fazia a si próprio, quase única nos anais da História.

— Receio que este seja meu último rubber — disse Bond. — Preciso me levantar cedo. Espero que me perdoem...

M. olhou o relógio.

— Já passa da meia-noite. Que diz você, Meyer?

Meyer, que se conservara em silêncio quase durante a noite toda e tinha o aspecto de um homem preso numa jaula cheia de tigres, pareceu aliviado ao ser-lhe oferecida uma oportunidade de escapulir. Pulou à idéia de voltar a seu apartamento sossegado em Albany e à reconfortante coleção de suas caixas de rapés de Battersea.

— Para mim está ótimo, Almirante. E para você, Hugger? — per-

guntou Meyer, dirigindo-se a Drax. — Já está disposto a ir para a cama?

Drax ignorou-o. Levantou os olhos das folhas de anotação de escores, e fixou-os em Bond. Observou os sinais de intoxicação alcoólica, a testa úmida, a vírgula preta de cabelos que tombavam, desalinhados, sobre sua sobrelancelha direita, o brilho do álcool nos olhos azuis-acinzentados.

— Até o momento, o equilíbrio de jogo foi um desastre. Calculo que ganharam mais ou menos umas duzentas libras. Naturalmente, poderão sair do jogo, se quiserem. Mas que tal se arranjassemos um fogo de artifício para finalizar? Triplicar, por exemplo, as apostas deste último rubber? Quinze e quinze. Partida histórica. Aceitam?

Bond fitou Drax. Fêz uma pausa, antes de responder. Queria que Drax se recordasse de todos os detalhes desse último rubber. Cada palavra que fosse pronunciada, cada um dos gestos feitos.

Drax repetiu, impaciente:

— Então, que me dizem?

Bond olhou para o olho esquerdo, frio e calculista, e para o rosto vermelho. E falou apenas para êle:

— Cento e cinquenta libras por cem pontos e mil e quinhentas libras o rubber, — articulou, distintamente. — Está combinado.

CAPÍTULO 7

MÃO LIGEIRA

Houve um momento de silêncio em torno da mesa. Foi quebrado pela voz agitada de Meyer.

— Tomem todos nota, não me incluam nisto. Ouviu, Hugger?

Sabia que se tratava de uma aposta particular com Bond, mas queria mostrar a Drax que se sentia bastante nervoso a respeito de toda aquela história. Viu-se cometendo algum erro tremendo que iria custar um mundo de dinheiro a seu próprio parceiro.

— Não seja ridículo, Max — advertiu Drax, com aspereza. — Você joga sua mão. Isto nada tem que ver com você. Trata-se apenas de uma pequena e agradável aposta com nosso temerário amigo. Vamos, vamos. Sou eu a dar cartas, Almirante.

M. cortou as cartas, e o jogo começou.

Bond acendeu um cigarro com as mãos que se haviam tornado subitamente firmes. Sua mente estava límpida e lúcida. Sabia exatamente o que tinha a fazer e quando, sentindo-se satisfeito porque o momento da decisão chegara.

Recostou-se na cadeira e, por um momento, teve a impressão de que havia uma multidão postada detrás dele. De cada lado de seus ombros, faces estavam procurando espreitar as cartas. Tinha uma vaga impressão de que eram fantasmas amigos, que aprovavam a rude justiça prestes; a ser sentenciada .

Sorriu ao surpreender-se enviando uma mensagem a essa turba de jogadores mortos, para que eles vissem que tudo corria bem.

Os ruídos familiares da célebre sala de jogo penetraram-lhe o cérebro. Lançou a vista em redor. No meio do comprido salão, sob o cande-

labro central, havia diversos espectadores, assistindo a uma partida de pôquer. “Aposto cem.” “Seus cem e mais cem.” “Que vá para o diabo! Vejo.” E um grito de triunfo, seguido do murmúrio de comentários. Ouvia ao longe o raspar da pá de um crupiê contra as fichas de um jogo de Shemmy. Mais próximo, do lado do salão onde êle se encontrava, havia três outras mesas de bridge, da qual se evolava a fumaça dos charutos e cigarros, subindo em direção ao teto de grossas vigas.

Quase todas as noites, durante mais de cento e cinqüenta anos, tinha se repetido exatamente a mesma cena, refletiu Bond, naquele famoso salão. Os mesmos gritos de vitória e derrota, os mesmos rostos atentos, o mesmo cheiro de fumo e drama. Para Bond, que adorava jogar, era o espetáculo mais excitante do mundo. Lançou em redor um último olhar, a fim de gravar tudo aquilo no espírito e, depois, voltou-se para a mesa.

Pegou as cartas, e seus olhos faiscaram. Pela primeira vez, as cartas dadas por Drax eram simplesmente maravilhosas; sete espadas, com quatro máximas, o ás de copas, ás e rei de ouros. Olhou para Drax. Teriam êle e Meyer os paus? Mesmo assim, êle podia tentar um overbid. Será que Drax procuraria forçá-lo demasiado alto e arriscar uma dupla? Bond aguardou.

— Não ofereço nada — disse Drax, incapaz de não trair pela voz a amargura de seu conhecimento a respeito da bela mão de Bond.

— Quatro espadas — disse Bond.

Meyer não reagiu, nem M. Drax só com relutância. M. trouxe alguma ajuda, e fizeram cinco vazas.

Cento e cinqüenta pontos abaixo da linha. Cem acima para as figuras.

— Hummm. . . — fêz uma voz ao lado de Bond. Este ergueu os olhos. Era Basildon. Sua partida de bridge já terminara, e êle aproximava-se para ver o que estava acontecendo naquele outro campo de batalha.

Pegou a folha dos escores de Bond e examinou-a.

— Foi um jogo para matar, hem? — disse, alegremente. — Parece que você está liquidando os campeões. Quais são as apostas?

Bond deixou a resposta para Drax. Ficou satisfeito pela interrupção. Não poderia ter chegado em melhor altura. Drax cortara as cartas azuis para êle. Então, Bond juntou as duas metades e colocou o baralho na sua frente, próximo à borda da mesa.

— Quinze e quinze, à minha esquerda — informou Drax.

Bond ouviu Basildon perder a respiração.

— O camarada, continuou Drax — parecia ter vontade de jogar. De modo que concordei com êle. Pois começou por ficar com as melhores cartas. . .

Drax continuava resmungando.

Do outro lado da mesa, M. viu um lenço branco materializar-se na mão direita de Bond. Os olhos de M. se apertaram. Bond parecia limpar o rosto com êle. M. viu-o olhar intensamente para Drax e Meyer, voltando a colocar depois o lenço no bolso.

Bond tinha nas mãos um baralho azul e começara a dar as cartas.

— Isto é uma aposta de mil demônios — comentou Basildon. — Certa vez, tivemos uma aposta de mil libras, num jogo de bridge, mas isso passou-se durante o período da inflação dos rubbers, antes da guerra de 1914. Faço votos para que ninguém sofra muito com isso.

Basildon era sincero. Apostas muito altas, num jogo particular, geralmente redundam em complicações. Deu alguns passos e foi colocar-se entre M. e Drax.

Bond acabou de dar cartas. Com um quê de ansiedade, recolheu as suas próprias. Nada mais tinha do que cinco paus, até o ás, dama e dez, e oito pequenos ouros, até a dama.

Estava tudo certo. A armadilha fora preparada.

Quase sentiu Drax retesar os músculos, quando examinou suas cartas e depois, incrédulo, voltou a examiná-las. Bond sabia que Drax tinha umas cartas incrivelmente boas. Dez vazas certas, o ás e o rei de ouros, as quatro figuras máximas de espadas e copas, o rei, valete e nove de paus.

Bond havia preparado essas cartas para êle na secretaria, antes do jantar. Aguardou, portanto, conjeturando como seria que Drax reagiria àquela mão fabulosa. Tomou um interesse quase cruel em observar como o peixe guloso vinha morder a isca. Drax foi muito além das expectativas.

Como quem nada quer, juntou as cartas e deixou-as sobre a mesa. Com toda a calma, tirou o maço de cigarros do bolso, escolheu um e acendeu-o. Não olhou para Bond. Ergueu os olhos para Basildon.

— Pois é. . . — foi dizendo, em continuação à conversa de ambos sobre apostas. — É um jogo alto, claro, mas não o mais alto que já joguei, sabe? Certa vez joguei a duas mil libras o rubber, no Cairo. No Moham-med Ali, com efeito, e digo que eles têm peito para valer. Muitas vezes apostam em todas as vazas, assim como na mão e no rubber. — Depois de

pegar novamente as cartas, olhou astutamente para Bond e continuou: — Bom, tenho aqui algumas cartas nada más. Confesso que são boas. Mas o negócio é que você também pode ter. Quem sabe?

— “Coisa muito pouco provável, seu velho pirata”, pensou Bond, “se você tem três pares de ases na mão.”

— Quer fazer mais uma pequena aposta extra, só nesta mão? — sugeriu Drax.

Bond fingiu estudar as cartas com a minúcia de alguém que já está quase completamente bêbedo.

— Eu também tenho aqui muita coisa boa — avisou com uma voz arrastada. — Se o mesmo se der com meu parceiro, e as cartas caírem bem, eu também posso fazer uma porção de vazes. . . Que é que o senhor propõe?

— Pelo que vejo, estamos em pé de igualdade — mentiu Drax. — Que me diz de cem por cada vaza a mais? Pelo que me diz, creio que não seria muito puxado. . .

Bond parecia pensativo e bastante confuso. Olhou novamente para suas cartas, com atenção, passando-as uma a uma.

— Está bem. Aceito. Francamente, o senhor me fez jogar e apostar demais. É evidente que deve estar com uma senhora mão. De modo que eu preciso eliminá-lo e arriscar-me.

Bond olhou para M. com uns olhos apertados e quase lacrimosos.

— Pague suas perdas nesta mão, parceiro. Aí vamos nós... Sete paus.

No silêncio mortal que se seguiu, Basildon, que vira as cartas de Drax, assustou-se tanto que derrubou o uísque com soda no chão. Depois lançou um olhar meio tonto para os cacos de vidro e deixou-os ficar.

— Que foi que disse?! — perguntou Drax, numa voz assustada e, apressadamente, examinou todas as cartas que tinha na mão, a fim de se certificar.

— O senhor disse grande slam em paus? — tornou Drax a perguntar, fitando curiosamente seu adversário, evidentemente bêbedo. — Pois bem, é o seu funeral. Que diz você a isto, Max?

— Não prometo coisa alguma — respondeu Meyer, sentindo no ar a eletricidade. Justamente a crise que ele tinha procurado evitar. Por que diabo não fora para casa, antes desse último rubber? resmungava ele, intimamente.

— Não ofereço — disse M., aparentemente imperturbável.

— Dobro.

A palavra saiu, acintosamente, da boca de Drax. Pousou as cartas na mesa e olhou, cruel e desdenhosamente, para aquele idiota bêbedo, que havia por fim caído em suas mãos, sem apelação.

— Quer dizer que dobra também as apostas por fora? — perguntou Bond.

— Sim, é isso mesmo! — afirmou Drax, ganancioso. — Foi isso que eu quis dizer.

— Está bem — concordou Bond. Fêz uma pausa. Olhou para Drax, e não para sua própria mão.

— Redobro. O contrato e as apostas por fora. Quatrocentas libras cada vaza.

Foi naquele instante que o primeiro sintoma de uma dúvida tremenda e incrível penetrou o espírito de Drax. Porém, uma vez mais, olhou as cartas e, mais uma vez, sentiu-se seguro. Na pior das hipóteses, não poderia deixar de fazer duas vazas.

Ouviu-se um sussurro:

— Não ofereço — era a voz sumida de Meyer.

Frase idêntica, e bastante abafada, partiu de M. Por último, uma impaciente sacudida de cabeça por parte de Drax.

Basildon permanecia ali, o rosto imensamente pálido, fitando com intensidade a fisionomia de Bond, do outro lado da mesa.

Depois caminhou lentamente, em redor da mesa inspecionando todas as mãos. O que viu foi o seguinte:

BOND

◇ Dama, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2
♣ Ás, Dama, 10, 8, 4

DRAX

♠ Ás, Rei, Dama, Valete
♥ Ás, Rei, Dama, Valete
◇ Ás, Rei
♣ Rei, Valete, 9

MEYER

♠ 6, 5, 4, 3, 2
♥ 10, 9, 8, 7, 2
◇ Valete, 10, 9

M.

♠ 10, 9, 8, 7
♥ 6, 5, 4, 3
♣ 7, 6, 5, 3, 2

E, subitamente, Basildon compreendeu tudo. Bond dispunha de um Grande Slam à prova de qualquer defesa, exposto sobre a mesa. Com o que fosse que Meyer abrisse, Bond teria um trunfo em sua própria mão ou na mesa. Entretanto, para limpar trunfos, castigando Drax, claro, jogaria duas rodadas de ouros, trunfando sempre e apanhando o às e rei de Drax no processo. Após cinco jogadas, êle ficaria com os restantes trunfos e seis ouros à maior. Os ases e reis de Drax ficariam totalmente destituídos de valor.

Aquilo era puro assassinato, era um massacre.

Basildon, quase em transe, continuava rodeando a mesa, e parou entre M. e Meyer, de maneira a poder observar as fisionomias de Drax e Bond. A sua estava impassível, mas as mãos, que êle metera nos bolsos das calças, para que o não traíssem, transpiravam. Esperou, quase temeroso, o terrível castigo que Drax estava prestes a receber — treze chicotadas separadas, cujas cicatrizes ficam indeléveis em qualquer jogador.

— Vamos, vamos! Saia com alguma coisa, Max. Eu não posso ficar aqui a noite inteira — exclamou Drax, impaciente.

— “Pobre imbecil”, pensou Basildon. “Dentro de dez minutos vai desejar que Meyer tivesse morrido sentado na cadeira, antes de puxar essa primeira carta.”

De fato, Meyer dava a impressão de que ia ter um enfarte, a qualquer momento. Estava mortalmente pálido, e o suor pingava-lhe do queixo, caindo no peitilho da camisa. Tinha a certeza de que sua primeira carta poderia ser um desastre.

Finalmente, raciocinando que Bond podia estar sem nada de bom em seus próprios naipes de espadas e copas, puxou o valete de ouros para abrir.

Não fazia diferença se a abertura fosse esta ou aquela, mas quando M. mostrou que estava em branco no naipe de ouros, Drax rosnou para o parceiro:

— Não tinha outra coisa, seu refinado idiota? Quer entregar o rubber a eles numa bandeja? Afinal de que lado está você?

Meyer encolheu-se dentro da roupa.

— Foi o melhor que eu pude fazer, Hugger — explicou, desolado, limpando o rosto com o lenço.

Mas nessa altura Drax já tinha também seus aborrecimentos .

Bond jogou um trunfo na mesa, pegando o rei de ouros de Drax e

jogando prontamente, a seguir, uma carta de paus. Drax jogou o nove. Bond pegou-o com o dez e jogou um ouro, trunfando com uma carta da mesa. O ás de Drax caiu. Outro paus da mesa, para levar o valete de Drax.

Depois, coube a vez do ás de paus entrar em cena.

Quando Drax deixou o rei ser levado, entreviu, pela primeira vez, o que poderia estar acontecendo. Seus olhos se fixaram medrosamente em Bond, à espera da próxima carta. Teria Bond os ouros? Não teria Meyer guardado alguns? Afinal de contas, fora o naipe com que abrira. Drax esperou, as cartas escorregadias de suor.

Morphy, o grande jogador de xadrez, tinha um hábito terrível. Jamais levantava os olhos do jogo, enquanto não soubesse que seu adversário já não podia escapar à derrota. Então, costumava levantar lentamente a cabeçorra, fitando com curiosidade seu antagonista, do outro lado do tabuleiro. Este sentia o olhar e, humilde e vagarosamente, erguia os seus para encontrar os de Morphy. Naquele instante compreendia que não adiantava prosseguir com o jogo. Os olhos de Morphy assim diziam. Nada mais restava senão render-se.

Agora, tal como Morphy, Bond ergueu a cabeça e olhou dentro dos olhos de Drax. Em seguida, puxou lentamente a dama de ouros e colocou-a sobre a mesa. Sem esperar que Meyer jogasse, continuou, deliberadamente, soltando na mesa o oito, o sete, o seis, o cinco, o quatro e dois paus de trunfo que lhe sobravam.

Depois falou.

— É só, Drax — articulou com enorme calma, recostando-se na cadeira.

A primeira reação de Drax foi avançar para as cartas de Meyer, arrebatando-as da mão do parceiro. Espalhou-as sobre a mesa, procurando febrilmente entre elas uma possível vencedora.

Depois, atirou-as novamente sobre o pano verde.

Seu rosto tinha a palidez cadavérica, mas os olhos faiscavam brisas na direção de Bond. Repentinamente, ergueu um punho fechado e largou-o com força sobre a mesa, entre os impotentes ases, reis e damas espalhados diante dele.

Muito baixo, cuspiu as palavras para Bond:

— Você é um trapac...

— Basta, Drax! — A voz de Basildon atravessou a mesa como uma chicotada. — Aqui não se usa essa linguagem. Estive observando o jogo

todo. Acalme-se. Se tem alguma queixa a fazer, formule-a por escrito ao Comitê.

Drax levantou-se lentamente. Ficou um pouco afastado da cadeira e correu os dedos pelos cabelos ruivos e empapados de suor. A côr foi retornando devagar a seu rosto e, com ela, uma expressão de astúcia. Baixou os olhos para Bond e no seu olho bom bailava uma expressão de desdenhoso triunfo, que o agente achou curiosamente perturbador.

Drax voltou-se para a mesa.

— Boa-noite, cavalheiros — cumprimentou êle, olhando para cada um deles com a mesma expressão estranhamente desdenhosa. — Devo cerca de 15.000 libras. Assumo a responsabilidade pela soma de Meyer.

Inclinou-se para a frente, pegando a cigarreira e o isqueiro. Depois, tornou a olhar para Bond e disse-lhe, em voz muito baixa, arreganhando o bigode ruivo:

— Se eu estivesse no seu lugar, Comandante Bond, trataria de gastar o dinheiro bem depressa.

Então, afastou-se, dando meia-volta e caminhando rapidamente para fora do salão.

SEGUNDA PARTE

TERÇA-FEIRA

CAPITULO 8

O TELEFONE VERMELHO

Embora só se tivesse deitado às duas da manhã, Bond entrou pontualmente no Quartel-General do Serviço Secreto às dez horas desse dia. Sentia-se horrivelmente indisposto. Além de acidez e dor no fígado, em resultado de ter bebido duas garrafas de champanha, sofria daquele toque de melancolia e depressão espiritual causados, em parte, pelos efeitos posteriores da benzedrina e, também em parte, pela reação ao drama da noite anterior.

Quando subia no elevador, ao encontro de mais um dia de rotina, o gosto amargo das noites ainda o acompanhava. Depois que Meyer escapara agradecido para a cama, Bond tirara dois baralhos de cartas dos bolsos do casaco e colocara-os sobre a mesa, diante de M. e Basildon. Um era o azul que Drax cortara para êle e que embolsara, substituindo-o pelo outro antecipadamente preparado, que trazia no bolso direito. Havia ainda um outro, vermelho, que êle escondera no bolso esquerdo e não chegara a ser necessário.

Bond abriu o baralho vermelho sobre a mesa e mostrou a M. e Basildon que êle teria produzido o mesmo e tão invulgar Grande Slam que derrotara Drax.

— É o famoso golpe Culberston — explicou. — Empregou-o para embromar suas próprias convenções de traques rápidos. Tive de preparar um baralho vermelho e outro azul. Não podia adivinhar qual a côr com que teria de lidar, quando Drax cortasse para mim.

— Pois olhe, amigo, o resultado do negócio foi fulminante — respondeu Basildon, cheio de gratidão. — Agora, espero que êle tire suas conclusões e se afaste do clube, ou, então, que passe a jogar corretamen-

te, no futuro. Foi uma noite bastante cara para êle. Você nos prestou, sem dúvida, um bom serviço e, ao mesmo tempo, deu uma lição de mão cheia a Drax. Não discutamos, portanto, quanto você ganhou. As coisas poderiam ter falhado, por qualquer motivo, e então seria você quem sairia de orelhas murchas, sofrendo as conseqüências. Acho muito justo que você embolse. O cheque lhe será entregue no sábado.

Haviam-se despedido, e Bond, num estado de espírito de anticlímax, fora se deitar. Tomara um comprimido suave, um soporífero, para limpar a mente dos estranhos acontecimentos daquela noite e preparar-se para o dia de trabalho no escritório. Antes de dormir ainda refletiu, como-sempre acontecera em outros momentos de triunfo nas mesas de jogo, que o ganho do vencedor é, de certa e bizarra maneira, sempre menor que a perda para o vencido.

Quando êle fechou a porta atrás de si, Loelia Ponsonby olhou curiosamente para as sombras escuras sob os olhos de Bond. Este notou o olhar da moça, tal como ela desejava.

O agente fêz uma careta, disfarçada em sorriso.

— Parte disto foi trabalho, parte brincadeira — explicou Bond — em companhia estritamente masculina. E muito obrigado pela benzedrina. Precisava dela, e muito! Espero que não tenha alterado seu programa de ontem?

— Claro que não — respondeu a moça, pensando no jantar e no livro da biblioteca, que ela abandonara quando Bond telefonou. Baixou os olhos para a agenda estenografada. — O Chefe de Gabinete telefonou faz meia hora. Disse que M. queria falar-lhe hoje, mas não sabia dizer quando. Informei-o de que você tinha Combate Sem Armas às três da tarde, e êle mandou que cancelasse o exercício. É só. A não ser os relatórios que sobraram de ontem.

— Graças a Deus — disse Bond. — Eu hoje não suportaria andar sendo jogado de encontro àquele malfadado camarada dos Comandos. Chegaram algumas notícias do 008?

— Sim, chegaram. Comunicam que êle está bem. Foi mandado para o hospital militar de Wahnerheide. Aparentemente, trata-se apenas de choque traumático.

Bond sabia o que “choque traumático” poderia significar em sua profissão.

— Excelente — comentou êle, sem qualquer convicção. Sorriu para

a moça, dirigiu-se ao seu próprio escritório e fechou a porta.

Passou, decidido, em torno da escrivaninha e foi sentar-se na cadeira, puxando para ele o dossiê que estava colocado em primeiro lugar, no alto da pilha. Segunda-feira já se fôra. Hoje era terça. Um novo dia.

Decidiu, nesse momento, subtrair seu espírito à dor de cabeça o às lembranças da noite, acendeu um cigarro e abriu uma pasla marrom, com a estrela vermelha de Top Secret na capa. Tratava-se de um memorando expedido pelo gabinete do Inspetor-Chefe da Alfândega dos Estados Unidos, e vinha epigralado com a palavra “Inspectoscópio”.

Bond concentrou a atenção no documento e leu o seguinte:

“O Inspectoscópio é um instrumento que utiliza os princípios fluoroscópicos para a detecção de contrabando. É fabricado pela Sicular Inspectoscope Company, de São Francisco, e está sendo largamente empregado nas prisões norte-americanas para a detecção secreta de objetos de metal ocultos nas roupas ou corpos dos detentos, assim como nos visitantes. É também empregado na detecção do tráfico ilícito de diamantes e no contrabando dos campos diamantíferos da África do Sul e do Brasil. O instrumento custa sete mil dólares, mede aproximadamente dois metros e meio de comprimento por um metro de altura, pesando quase três toneladas. Requer dois operadores adextrados em seu funcionamento. Foram realizadas experiências com este instrumento na seção alfandegária do Aeroporto Internacional de Idlewild, em New York, com os seguintes resultados...”

Bond saltou duas páginas, contendo detalhes exaustivos sobre diversas formas de contrabando, e estudou o “sumário e conclusões”, de cuja leitura deduziu, com certa irritação, que teria de pensar em outro lugar, que não fosse o sovaco para carregar sua Beretta .25, da próxima vez que viajasse para o estrangeiro. Tomou uma nota mental para discutir esse problema com a Seção de Dispositivos Técnicos.

Grampeou e rubricou com as iniciais os documentos a serem distribuídos e, automaticamente, estendeu a mão para o dossiê seguinte, intitulado: “Philophon, Uma Droga Mortífera Japonesa.”

“Philophon”... Seu espírito tentava divagar, e ele o arrastava energeticamente de volta para as folhas datilografadas.

“Philophon é o principal fator no incremento de criminalidade no Japão. De acordo com os dados do Ministério da Saúde, existem atualmente 1.500.000 viciados em todo o País, dos quais um milhão conta me-

nos de vinte anos de idade, e a Polícia Metropolitana de Tóquio atribuiu 70% da delinqüência juvenil à influência da droga.”

“O vício, como no caso da maconha nos Estados Unidos, começa por uma simples “dose”. O efeito é “estimulante”, e a droga vicia com rapidez. Além do mais, é barata — cerca de dez yen por cada dose — e o viciado aumenta, vertiginosamente, seu uso, chegando a cem doses por dia. Nessas quantidades, o vício já se torna caro, e a vítima, automaticamente, volta-se para o crime, a fim de poder continuar pagando a droga. O fato de o crime incluir, com freqüência, o homicídio e o assalto físico, deve-se a uma propriedade peculiar da droga. Provoca um tremendo complexo de perseguição no viciado, o qual se torna vítima da ilusão de que as pessoas desejam matá-lo, e que está sempre seguido por alguém, com intenções maléficas. Voltar-se-á para atacar quem quer que seja, usando os pés, os punhos ou navalha, para agredir o estranho que, na rua, êle imaginou o estivesse fitando perigosamente. Os viciados menos adiantados tendem a evitar um velho amigo que já alcançou a média de cem doses diárias, e isto, naturalmente, aumenta apenas sua idéia de perseguição.”

“Desta forma, o assassinio se transforma em um ato de autodefesa, virtuoso e justificado, e será prontamente compreendido como é possível que se converta em arma perigosa, desde que seja manejada e conduzida para o crime organizado por um “cérebro diretor”.

“Descobriu-se que o Philophon foi o motivo oculto no caso de morte no famigerado Bar Mecca e, como resultado desse triste acontecimento, a polícia recolheu mais de cinco mil traficantes da droga em poucas semanas.”

“Como sempre, os coreanos estão sendo acusados...”

Subitamente, Bond teve um impulso de rebeldia. Que diabo fazia êle, lendo toda essa lengalenga? Seria concebível que lhe fosse alguma vez preciso saber tudo a respeito de uma droga mortífera japonesa chamada Philophon?

Sem prestar atenção, percorreu as páginas restantes, colocou o grampo de distribuição e jogou o documento na bandeja de saída.

Sua nevrálgia continuava pertinazmente instalada sobre o olho direito, como se ali tivesse sido pregada. Abriu uma das gavetas da escrivaninha e tirou um vidro de “phensic”. Refletiu se devia pedir um copo de água à secretária, mas não gostava de ser mimado. A contragosto, esmagou dois tabletes entre os dentes e engoliu o pó ácido.

Depois, acendeu um cigarro, levantou-se e ficou de pé junto à janela. Olhou o panorama verde que se desenrolava embaixo, deixando os olhos divagarem, sem prestar atenção a coisa alguma de particular, pelo horizonte fechado e irregular da imensa mole londrina. Entretanto, seu espírito era atraído para os estranhos acontecimentos da noite anterior.

Quanto mais pensava neles, mais estranho lhe parecia tudo aquilo.

Por que razão Drax, um milionário, um herói popular, um homem com uma posição ímpar no País, por que razão esse mesmo homem teria de fazer trapaça no jogo? Que conseguiria êle com isso? Que coisa pretendia provar a si mesmo? Pensaria, talvez, que êle próprio criaria suas leis, muito acima da corja vulgar e seus ridículos cânones de comportamento, de maneira a poder cuspir no rosto da opinião pública?

As cogitações de Bond detiveram-se naquele ponto. Cuspir-lhes nos rostos. Isso descrevia exatamente as maneiras de Drax no Blades. Mescla de superioridade e desdém. Como se estivesse lidando com o lixo da humanidade, situada em escala tão baixa, para seu desprezo, que nem sequer havia necessidade de simular uma conduta decente em tal companhia.

Provavelmente, Drax gostava de jogar. Talvez o jogo diminuísse as tensões que o dominavam e eram transparentes em sua voz áspera, no roer de unhas e na transpiração constante. Mas não poderia perder nunca. Seria desprezível perder para essa gente inferior. De modo que, qualquer que fosse o risco, êle tinha de trapacear para obter a vitória. Quanto à possibilidade de ser descoberto, talvez pensasse que era capaz de sair de qualquer complicação. Se é que pensava nisso. As vítimas do obsessões, refletiu Bond, são normalmente cegas ao perigo. Chegam mesmo a desafiá-lo, de modo perverso. Os cleptomaníacos roubam objetos cada vez mais difíceis. Os maníacos sexuais exibem suas taras como se desajassem, intensamente, ser detidos. Os pirômanos, na maioria das vezes, não fazem a menor tentativa para evitar que se descubra sua ligação com os incêndios por eles provocados.

Mas, qual seria a obsessão que devorava Drax? Qual seria a origem do impulso incontrolável que o arrastava, montanha abaixo, em direção ao mar?

Todos os sintomas indicavam paranóia. Ilusões de grandeza e, por detrás delas, de perseguição. O desdém em sua fisionomia. A voz autoritária. A expressão de triunfo secreto com que encarou a derrota, após

um momento de amarga derrocada. O triunfo do louco ciente de que, seja qual fôr a evidência dos fatos, êle estará sempre com a razão. Poderá vencer quem quer que procure frustrá-lo. Para êle não existe derrota nem fracasso, por causa de seu poder secreto. Sabe como fabricar ouro. Pode voar como um pássaro. É onipotente... o homem que se julga Deus na Terra.

Sim, meditou Bond, os olhos perdidos pelo arvoredor de Regent's. Park. Essa é a explicação. Sir Hugo Drax é um paranóico delirante. Foi isso que o impeliu para o rumo de sua vida, percorrendo sendas tortuosas, até juntar seus milhões. Essa a razão primordial de sua dádiva à Inglaterra — aquele gigantesco foguete que aniquilaria nossos inimigos. Graças ao todo-poderoso Drax.

Mas quem poderá dizer quão próximo estará esse homem da crise final? Quem penetrou alguma vez por trás daquela violência, daqueles pêlos vermelhos, quem decifrou os sintomas como sendo algo mais do que o resultado de sua origem humilde ou da susceptibilidade, a respeito de seus ferimentos de guerra?

Aparentemente, ninguém. Nesse caso, estaria êle, Bond, certo em sua análise? Em que se baseava? Seria prova suficiente, esse vislumbrar, através de uma janela quase totalmente oculta por persianas, da alma de um homem? Talvez muitos outros já tivessem vislumbrado também momentos semelhantes. Talvez em Singapura, Hong Kong, Nigéria, Tânger, quando determinado comerciante, sentado diante de Drax, tivesse observado o suor, as unhas roídas e o fulgor avermelhado de seus olhos, num rosto de onde parecia ter fugido todo o sangue, tivesse havido outros momentos de suprema tensão.

Se dispusesse de tempo, pensou Bond, iria procurar toda essa gente, se é que existia, e desvendar tudo o que realmente se relacionasse com aquele homem. Quem sabe? Colocá-lo até na força, antes que fosse demasiado tarde.

Demasiado tarde? Bond sorriu. Por que diabo estaria êle assim tão dramático? Afinal, que lhe fizera aquele homem? Dera-lhe um presente de quinze mil libras, só isso. Deu de ombros. De qualquer modo, não era coisa que lhe dissesse respeito. Mas aquela última observação de Hugo Drax, antes de sair: "Se eu estivesse no seu lugar, Comandante Bond, trataria de gastar esse dinheiro bem depressa..."

Que poderia ter querido êle dizer com isto? Deviam ter sido essas

palavras, refletiu Bond, que haviam ficado gravadas no fundo de sua mente e que o faziam, mesmo sem querer, cogitar minuciosamente acerca do problema de Drax.

Bond afastou-se bruscamente da janela. Para o inferno tudo isso, pensou. Também já estou ficando obcecado. Ora vejamos. Quinze mil libras. Uma inesperada dádiva do céu. Muito bem, então êle *as gastaria* rapidamente, não valia a pena contrariar ninguém. Sentou-se e pegou num lápis. Pensou por instantes e, em seguida, escreveu numa folha de memorando, encimada pelas palavras Top Secret.

(1) Rolls-Bentley Conversível, digamos, 5.000 libras

(2) Três clips de diamantes a 250 libras cada: 750 libras

Fêz uma pausa. Ainda sobravam quase dez mil libras. Algumas roupas. Ah, uma nova decoração do apartamento. Um jogo completo de tacos de golfe, tinham aparecido agora os novos *irons* de Henry Cotton. Bem, mais umas dúzias de garrafas de champanha *Taittinger*. Mas estas podiam esperar. Essa tarde, iria comprar os clips a um joalheiro seu amigo e ter uma conversa com os vendedores da Bentley. O resto aplicaria em ações de confiança. Faria uma fortuna. Aposentar-se-ia.

Num protesto irado, o telefone vermelho quebrou o silêncio.

— Pode subir? M. deseja falar-lhe.

Era o Chefe de Gabinete, com o ar de quem se refere a um assunto muito urgente.

— Vou já — respondeu Bond, subitamente alerta. — Alguma idéia do que se trata?

— Nem por sombras — disse o Chefe de Gabinete. — Não apanhei sintoma algum. Esteve toda a manhã na Scotland Yard e no Ministério de Abastecimento. Chegou há poucos instantes.

O Chefe de Gabinete desligou.

CAPITULO 9

COMECE POR AQUI

Poucos minutos depois, Bond entrava pela porta familiar, e a luz verde acendeu-se na entrada. M. fitou-o atentamente.

— Você está com uma aparência horrível, 007. Sente-se.

Trata-se de coisa séria, pensou Bond, as pulsações acelerando. Hoje nada temos de nomes próprios. Sentou-se. M. estudava algumas notas a lápis, num caderninho de apontamentos. Ergueu os olhos. Mas estes não estavam mais interessados no aspecto de Bond.

— Houve uma trapalhada na fábrica de Drax, a noite passada — informou M. — Duplo homicídio. A polícia tentou entrar em contato com Drax. Ao que parece, não pensou no Blades. Só o localizou quando êle regressou ao Ritz, por volta de uma e meia da madrugada de hoje. Dois homens do projeto “Explorador da Lua” foram atacados a tiro, num café próximo da fábrica. Morreram ambos. Drax respondeu à polícia que o assunto não lhe interessava em absoluto, e desligou. Típico do nosso homem. Êle está lá agora. Levando as coisas um pouco mais a sério, ao que parece.

Bond observou, pensativo:

— Interessante coincidência. Mas onde é que nós aparecemos? Não se trata de um caso de polícia?

— Só em parte. Acontece que somos responsáveis por uma boa parte dos funcionários-chave na base onde constróem o foguete — explicou M. — São alemães. O melhor é explicar. . . — Olhou para os apontamentos e continuou: — é um estabelecimento da RAF, e o plano global está integrado no grande sistema de radar ao longo da costa oriental. A RAF é responsável pela guarda do perímetro, e o Ministério de Abasteci-

mento só tem autoridade no centro onde se procedem aos trabalhos de montagem. Fica na costa, entre Dover e Deal. A área total abrange cerca de mil acres, mas os estaleiros cobrem apenas uns duzentos. Nesse local, há apenas Drax e mais cinqüenta e dois outros que permaneceram. Toda a turma de construção já se retirou.

— “Um baralho de cartas e um coringa”, pensou Bond.

— Cinqüenta desses homens são alemães — continuou M. — Quase todos os peritos em mísseis teleguiados que os russos não conseguiram aqambarcar. Drax pagou para que viessem para a Inglaterra, a fim de trabalharem no “Explorador da Lua”. Ninguém ficou muito feliz com esse arranjo, mas parece que não havia outra alternativa. O Ministério não podia dispor de nenhum de seus técnicos da Woomera. Drax contratou seus homens onde pôde. No intuito de reforçar a segurança do pessoal da RAF, o Ministério designou um seu oficial de segurança para estacionar no local. É um homem chamado Major Tallon.

M. fez uma breve pausa, olhando para o teto.

— Foi êle um dos homens mortos na noite passada. Alvejado por um dos alemães, que em seguida suicidou-se.

M. baixou os olhos, fitando Bond. Este nada disse, esperando o resto da história.

— O negócio aconteceu numa taverna perto do local da base. Houve muitas testemunhas. Aparentemente, trata-se de um bar situado nos limites da zona interdita e muito freqüentado pelos homens da base. Eles precisam de ter um lugar para ir, é o que suponho. — M. fez nova pausa. Conservava os olhos fixos em Bond. — Você me pergunta o que fazemos nós metidos em tudo isso. Entramos no caso porque investigamos o passado desse alemão e de todos os outros, antes de permitir que viessem trabalhar aqui. Possuímos as fichas de todos eles. De modo que, quando isto aconteceu, a primeira coisa que o serviço de segurança da RAF e a Scotland Yard requisitaram foi o cadastro do homem morto. Vieram procurar o oficial de plantão, a noite passada, e este desencantou os papéis e enviou-os à Yard. É a rotina, em tais casos. Nosso homem anotou no livro de registro a saída. Quando aqui cheguei esta manhã e vi a informação, senti-me repentinamente interessado. — M. falava calmamente. — Depois de ter passado a noite em companhia de Drax era, como você mesmo observou, uma coincidência curiosa.

— Muito curiosa, de fato — disse Bond, ainda na expectativa .

— Ainda há mais uma coisa — continuou M. — E essa é a verdadeira razão por que me deixei envolver, em vez de me conservar alheio a toda essa história. Isto deve ter prioridade absoluta sobre todos os outros assuntos. — A voz de M. estava perfeitamente controlada. — Vão experimentar o “Explorador da Lua” na sexta-feira. Faltam menos de quatro dias. Será um lançamento experimental do foguete.

M. fez nova pausa, estendeu a mão para o cachimbo e ocupou-se em acendê-lo.

Bond não disse uma palavra. Ainda não conseguia compreender o que tudo isso teria que ver com o Serviço Secreto, cuja jurisdição só vigora fora do Reino-Unido. Parecia-lhe um caso para a seção especial da Scotland Yard ou, possivelmente, para o serviço M.15. Esperou. Olhou o relógio. Era meio-dia.

M. acendeu o cachimbo, por fim, e continuou:

— Todavia, à parte tudo isso, eu me interessei pelo caso, porque Drax me atraiu imenso a noite passada.

— A mim também — disse Bond.

— De modo que, quando li o registro do caso — prosseguiu M., ignorando o comentário de Bond — telefonei a Valance, na Yard, e perguntei-lhe de que se tratava, no fim de contas. Valance estava muito preocupado e pediu-me que fosse até lá. Respondi-lhe que não queria entrar no terreno deles, mas asseverou que já falara com os chefes. Havia confirmado que se tratava de um caso entre meu departamento e a polícia, pois tínhamos sido nós quem havíamos dado a informação sobre o alemão que cometera o homicídio. De modo que fui até à Scotland Yard.

M. fez uma pausa e consultou suas notas.

— A base do “Explorador” está situada na costa, a cerca de três milhas ao norte de Dover. Há também a tal estalagem, muito próxima, junto à estrada principal que corre ao longo da costa: chama-se “Mundo Sem Desejo”, e os homens da base freqüentam-na de noite. A tarde passada, mais ou menos às sete e meia, o funcionário da Seção de Segurança do Ministério, o tal Major Tallon, foi até ao bar da estalagem. Tomava um uísque com soda e conversava com alguns dos alemães, quando o assassino entrou, encaminhando-se diretamente para Tallon. Puxou uma Luger — sem número de série, aliás — de dentro da camisa, e disse: “Amo Gala Brand. Ela não será sua.” Depois atirou em Tallon, atingindo-o no coração. Em seguida, virou a arma para a própria boca e voltou a puxar o gatilho.

— Negócio sujo... — comentou Bond. Imaginava todos os detalhes da cena, no bar apinhado de gente de uma típica taberna inglesa. — Quem é a garota?

— Temos aí outra complicação. É uma agente da Seção Especial Bilingüe. Fala alemão. Uma das melhores auxiliares de Vallance. Ela e Tallon eram as duas únicas pessoas, entre as que Drax tinha em serviço na fábrica, que não eram alemãs. Vallance é um camarada desconfiado. Tem de ser. O projeto do “Explorador” é naturalmente a coisa mais importante que se executa na Inglaterra, atualmente. Sem contar a ninguém e agindo, mais ou menos, por instinto, enviou essa agente Brand ao Drax, e conseguiu que ela fosse admitida como secretária particular. Gala Brand estava no local de construção desde o início. Nada teve, absolutamente nada, para declarar. Diz que Drax é um excelente chefe, fazendo restrições, apenas, a suas maneira. Diz que êle trata seus homens com excessiva severidade. Parece que tentou conquistá-la, mesmo depois de ter ela usado o truque habitual de dizer que estava noiva, mas quando Gala Brand demonstrou que poderia defender-se, coisa que realmente pode, Drax desistiu e, segundo ela afirma, são agora bons amigos. A moça, naturalmente, conhecia Tallon, mas este tinha idade suficiente para ser pai dela. Era feliz no casamento e tinha quatro filhos. A própria Gala contou ao auxiliar de Vallance, que conversou ligeiramente com ela esta manhã, que Tallon a levava ao cinema duas vezes, apenas, no período de dezoito meses, sempre em atitude paternal. Quanto ao assassino, um homem chamado Egon Bartsch, era um técnico de eletrônica, que ela mal conhecia de vista.

— E que dizem os amigos do alemão, a respeito disso tudo? — perguntou Bond.

— O camarada que compartilhava o quarto com êle, toma seu partido. Afirma que Egon estava loucamente apaixonado por essa pequena Gala Brand e atribui toda a sua falta de êxito ao “inglês”. Diz que Bartsch tinha-se tornado muito melancólico e reservado nos últimos tempos. O camarada, de forma alguma, ficara surpreso quando lhe contaram o ocorrido.

— A opinião dele parece corroborar os fatos — comentou Bond. — Pode-se imaginar, de algum modo, a cena. Um desses caras de nervos extremamente tensos, com o habitual mau humor dos alemães. E que pensa Vallance de tudo isso?

— Êle não formou ainda um juízo seguro — respondeu M. — Está sobretudo preocupado em proteger sua auxiliar do assédio da imprensa e providenciar para que a cobertura estabelecida em torno dela não salte pelos ares. Todos os jornais se ocupam do caso, naturalmente. Sairá nas edições do meio-dia. Estão todos gritando por uma foto da moça. Vallance está preparando uma que se pareça mais ou menos com qualquer pequena, mas que seja razoavelmente parecida com Gala Brand, também. A moça vai enviá-la hoje à noite. Felizmente, os repórteres não podem aproximar-se da base. Ela se recusa falar, e Vallance está rezando para que algum amigo ou parente não estrague tudo. O inquérito já deve estar oficializado, e Vallance torce para que o caso fique encerrado hoje mesmo, de modo que os jornais tenham de deixar morrer o assunto, por falta de elementos informativos.

— Que me diz desse lançamento experimental, chefe? — perguntou Bond.

— Permanecem fiéis ao horário estabelecido — informou M. — Meio-dia de sexta-feira. Empregarão uma falsa cápsula. O lançamento será na vertical, com os depósitos a três quartos de combustível. Já estão avisando toda a navegação para que se afaste de uma área de cem milhas quadradas, no Mar do Norte, desde a latitude de 52 graus para o norte, a partir de uma linha que vai da cidade de Haia ao Wash. Detalhes completos serão fornecidos pelo Primeiro-Ministro, na noite de sexta-feira.

M. parou de falar. Girou a cadeira, de modo a ficar olhando pela janela. Bond ouviu um relógio, ao longe, dar uma hora. Iria ficar outra vez sem almoço? Se M. deixasse de se meter nos assuntos de outros departamentos, êle poderia fazer uma refeição ligeira e ir até a Bentley. Bond mexeu-se na cadeira.

M. tornou a girar e encarou seu agente por cima da escrivaninha.

— O pessoal mais preocupado com tudo isso é o do Ministério de Abastecimento. Tallon era um de seus melhores auxiliares. Seus relatórios sempre tinham sido completamente negativos. Então, repentinamente, telefonou para o assistente pessoal do Subsecretário de Estado, ontem à tarde, e afirmou desconfiar de que qualquer coisa muito estranha estava acontecendo na base. Pediu para falar pessoalmente com o Ministro às dez horas da manhã. Não quis dizer mais nada pelo telefone e, poucas horas depois, atiraram nele. Outra coincidência curiosa, não foi?

— Muito engraçada — concordou Bond. Mas por que não fecham

a base e fazem um inquérito meticoloso? Afinal de contas, esse negócio é sério demais para que se possa correr qualquer risco.

M. continuou falando:

— O Ministério reuniu-se esta manhã, e o Primeiro-Ministro formulou a pergunta óbvia. Que provas existiam de qualquer espécie de tentativa, ou mesmo intenção, de sabotar o “Explorador”? A resposta foi: nenhuma. Havia apenas temores, que tinham sido trazidos à superfície nas últimas vinte e quatro horas, pela vaga comunicação de Tallon e o duplo assassinio. Todos concordaram em afirmar que, a não ser que surgisse uma prova mais evidente, a qual não aparecera até o momento, os dois incidentes seriam considerados como consequência da tremenda tensão nervosa reinante na base. Pelo rumo que as coisas estão tomando no mundo, ficou decidido que, quanto mais cedo o “Explorador” nos possa garantir uma posição independente em política internacional, tanto melhor para a Inglaterra e... — M. sacudiu os ombros — muito possivelmente, para todo o mundo. Concordaram também em que, comparadas com as mil razões pelas quais o lançamento do “Explorador” deveria ser feito, as razões contrárias não contavam. O Ministro de Abastecimento teve de concordar, mas ele sabe tão bem quanto você ou eu que, sejam quais forem os fatos, teria sido uma vitória colossal para os russos sabotarem o foguete na véspera de seu lançamento experimental. Se a coisa fôsse bem feita, poderiam facilmente causar o fracasso da experiência e enviar todo o projeto para as prateleiras. Existem cinquenta alemães trabalhando na base. Qualquer deles pode ter parentes ainda presos na Rússia, parentes cujas vidas poderiam ser usadas como alavanca.

M. parou de falar. Levantou os olhos para o teto. Depois, baixou-os, pousando-os em Bond, pensativo:

— O Ministro me pediu que fôsse vê-lo no seu gabinete. Disse que o mínimo que poderia fazer era substituir Tallon imediatamente por novo agente. Deverá falar inglês e alemão. Ser técnico em sabotagem e possuir muita experiência a respeito de nossos amigos russos. M. 15 apresentou três candidatos. Estão todos tratando de casos diferentes, no momento, mas poderiam ser liberados em poucas horas. Mas o Ministro solicitou então minha opinião. Dei-a. Ele falou depois com o Primeiro-Ministro e foi eliminada, rapidamente, uma boa porção de burocracia.

Bond fitou M., incisivo, desconfiado, seus olhos perscrutando os do chefe, indecifráveis e desapaixonados.

— De modo que — concluiu M., em voz despida de qualquer emoção — sir Hugo Drax foi notificado sobre sua designação para o cargo, e espera-o em seu escritório, a tempo de jantarem esta noite...

CAPITULO 10

AGENTE ESPECIAL

Às seis horas daquela tarde de terça-feira, já nos últimos dias de maio, James Bond conduzia o grande Bentley pela estrada de Dover, no trecho que passa por Maidstone.

Apesar de guiar com velocidade e atenção ao caminho, parte de seu espírito continuava recordando os passos que dera essa tarde, desde o instante em que deixara o escritório de M., há quatro horas e meia.

Após fazer um breve resumo do caso à sua secretária e de comer, sozinho, um almoço ligeiro, na cantina, pedira à garagem que, pelo amor de Deus, andasse depressa com seu carro e o enviassem, com o tanque cheio, a seu apartamento, mas que não passassem das quatro horas em ponto. Em seguida, tomara um táxi e dirigira-se à Scotland Yard, onde tinha encontro marcado com o Comissário-Adjunto, Vallance, às três menos um quarto.

Os pátios e saguões da Yard lhe fizeram pensar, como sempre, num presídio sem telhados. A iluminação vinha do alto, no corredor frio, roubava a côr do rosto do sargento que lhe perguntou que queria e ficara observando Bond, enquanto este assinava o talão verde-maçã dos visitantes. O efeito era o mesmo no rosto do policial que o escoltou pela pequena escada acima e ao longo de uma sombria passagem, por entre filas de portas anônimas, até à sala de espera.

Uma mulher plácida, de meia-idade, com os olhos resignados de alguém que já vira tudo na vida, entrou e disse a Bond que o Comissário-Adjunto estaria livre dentro de cinco minutos. Bond aproximara-se da janela e olhara o pátio cinzento, lá embaixo. Um policial que, sem seu quepe mais parecia estar nu, saíra de um edifício e cruzara o pátio, mas-

tigando um pãozinho partido ao meio, com qualquer coisa côm-de-rosa entre as duas metades.

Tudo ali era silencioso. O rumor do tráfego em Whitehall e no Embankment parecia muito longínquo. Bond se sentia deprimido. Via-se envolvido com departamentos estranhos. Estaria fora de contato com sua própria gente e sua maneira de trabalhar. Já naquela sala de espera sentia-se alheio ao ambiente, como peixe fora d'água. Apenas criminosos ou informantes vinham e esperavam ali, além de pessoas de destaque social, tentando escapar a multas por infração de trânsito, ou esperando, com desespero, persuadir Vallance, de que os filhos deles não eram, absolutamente, homossexuais. Com efeito, não se podia estacionar na sala de espera da Seção Especial, para qualquer finalidade inocente. Ali, estava-se acusando ou defendendo alguém.

Por fim, a mulher veio buscá-lo. Bond esmagou o cigarro num tampo de lata de Players, que servia de cinzeiro nas salas de espera de quase todos os departamentos governamentais. Seguiu pelo corredor. Depois do ambiente sombrio de onde vinha, o fogo extemporâneo na lareira da grande e alegre sala pareceu-lhe um truque, como os cigarros que ofereciam na Gestapo aos detidos. Bond levou cinco minutos bem contados para dissipar sua depressão e perceber que Ronnie Vallance estava aliviado por vê-lo, que não estava interessado em ciumadas interdepartamentais, e que considerava Bond o homem capaz de proteger o “Explorador da Lua”, subtraindo, assim, uma de suas melhores agentes ao que poderia muito bem resultar numa embrulhada dos diabos.

Vallance era um homem de muito tato. Nos primeiros minutos, falara só de M., exprimindo-se com sinceridade e íntimo conhecimento, sem mencionar sequer o caso. Ganhara a amizade e cooperação de Bond. Enquanto levava o Bentley através das ruas apinhadas de Maidstone, refletia que esse dom de Vallance provinha de evitar, durante vinte anos, pisar os calos de M. 15, de trabalhar com os setores uniformizados da polícia e de manejar políticos ignorantes ou diplomatas estrangeiros ofendidos.

Ao deixá-lo, depois de um quarto de hora de conversações muito sérias, cada um dos dois sabia ter adquirido um aliado. Vallance compreendera Bond e sabia que Gala Brand obteria dele todo o auxílio e proteção de que necessitasse. Respeitara, igualmente, o critério profissional de abordar o problema que Bond demonstrara, em relação à missão que lhe

fora confiada, bem como a ausência nele de qualquer rivalidade departamental, em face da Seção Especial da Yard. Quanto a Bond, ficou cheio de admiração pelo que soube a respeito da agente especial de Vallance. Convenceu-se de que não estava descoberto e que poderia contar com Vallance e todo o peso de seu departamento para lhe darem cobertura total.

Bond saíra da Scotland Yard com a sensação de que realizara o primeiro princípio de Clausewitz: consolidar a retaguarda .

Sua visita ao Ministério de Abastecimento nada acrescentara ao que êle já sabia sobre o caso. Estudou o dossiê de Tallon e seus relatórios. O primeiro era impecável — uma vida inteira a serviço da Inteligência do Exército e da Seção de Segurança em Campanha — e os relatórios descreviam o quadro de um estabelecimento técnico muito movimentado e bem dirigido: apenas um ou dois casos de embriaguez, um de pequeno furto, diversas vinditas pessoais, terminando em lutas e conflitos de menor vulto mas, fora essas ocorrências, uma turma leal e dura de trabalhadores.

Em seguida, passara meia hora inútil na sala de operações do Ministério, com o Professor Train, homem de aspecto pouco distinto, obeso e pelancudo, que fora candidato ao Prêmio Nobel no setor de Física, no ano anterior, e que era reputado como um dos maiores técnicos do mundo em teleguiados.

O Professor Train caminhara até uma fila de enormes mapas de parede e puxara a corda de um deles, deixando-o a descoberto. Bond deu de frente com um diagrama horizontal, na escala de três metros, semelhante a um V-2, provido de grandes barbatanas.

— Muito bem, o senhor nada sabe a respeito de foguetes, de modo que lhe darei uma breve explicação, em termos simples, sem enchê-lo com uma porção de coisas sobre a proporção de dilatação dos cones, perdas de velocidade e elipse kepleriana. O “Explorador”, como a Drax aprouxe batizar, é um foguete de um só andar. Consome todo o combustível na ascensão e depois ruma para o objetivo. A trajetória dos V-2 era mais como a de uma granada disparada por um canhão. No ponto culminante de sua trajetória de 200 milhas, subia o máximo de 70. Era abastecido por uma mistura altamente combustível, de álcool e oxigênio líquido, diluído de modo a não queimar o aço brando de que era construído, e era, então, o único metal empregado nesses engenhos. Existem hoje combustíveis

muito mais poderosos, contudo, até agora, não conseguimos muita coisa com eles, pela mesma razão: seu ponto de combustão é de tal forma elevado, que incendiaria o engenho mais resistente.

O Professor fez uma pausa e espetou um dedo no peito de Bond.

— A única coisa que, meu caro senhor, precisa lembrar-se, com referência a este foguete — continuou o técnico — é que, graças à columbite de Drax, que possui um ponto de fusão de cerca de 3.500 graus centígrados; comparados com os 1.300 graus dos engenhos V-2, podemos agora usar um dos super-combustíveis, sem perigo de incêndio.

Olhou para Bond, como se este devesse ficar impressionado, e prosseguiu:

— De fato, estamos usando fluorine e hidrogênio.

— Ah, sim? — comentou Bond, reverente, mas um pouco forçado.

O Professor fitou-o com atenção.

— De modo que esperamos conseguir uma velocidade de 1.500 milhas horárias, aproximadamente, e um raio de ação vertical de quatro mil milhas, colocando todas as capitais da Europa ao alcance da Inglaterra. Muito útil — acrescentou secamente — em determinadas circunstâncias. Mas, para os cientistas, sobretudo, desejável como um decisivo passo avante na luta para fugir à tração da Terra. Tem alguma pergunta a fazer?

— Como funciona? — indagou Bond, com ar de menino de escola.

O Professor fez um gesto brusco, na direção do diagrama, e começou explicando:

— Vamos tomar o cone, como ponto de partida. Primeiro, vemos a cápsula, que pode, em caso de guerra, receber uma carga nuclear. Para o lançamento experimental, levará apenas instrumentos próprios para exploração da estratosfera, radar e coisas desse gênero. Depois, os giroscópios de manutenção de vôo em linha reta... Giroscópios de retificação e de ondulação. A seguir, vários instrumentos de menor importância, como sejam, os servo-motores, para alimentação de energia, etc. Finalmente, os grandes tanques de combustível: 15 toneladas de produto. Na cauda, temos dois pequenos tanques para alimentação da turbina, duzentos quilos de peróxido de hidrogênio, que se misturam a 20 quilos de permagnato de potássio, produzindo o vapor de impulsão da turbina, situada por debaixo deles. A turbina, por sua vez, movimenta uma série de bombas centrífugas, que forçam a admissão do combustível principal no motor do foguete, sob tremenda pressão. Está me seguindo? — Endereçou um

olhar de revés a Bond.

— O princípio é muito semelhante ao dos aviões a jato — disse Bond.

O Professor pareceu satisfeito e prosseguiu:

— Mais ou menos. Só que o foguete carrega com êle todo o combustível, em vez de sugar o oxigênio de fora para dentro, como é o caso dos aviões, do Comet, por exemplo. Pois bem, o combustível atinge o ponto de ignição no motor e é expelido pela extremidade do foguete, num jato contínuo. Como se fôsse o coice permanente de um revólver. Esse jato força o foguete a subir, como qualquer outro fogo de artifício. Naturalmente, é na seção de popa que entra a liga de columbite. Esta nos permitiu a construção de um motor que não fundirá por causa desse fantástico calor. Além disso, aqui estão estas espécies de barbatanas de tubarão para manter o engenho firme no arranque para vôo. São igualmente fabricadas com uma liga de columbite, ao contrário se desintegrariam sob a colossal pressão do ar. Mais alguma coisa?

— Como pode haver certeza de que descerá no ponto que se deseja? O que o impedirá de cair, por exemplo, em Haia, na próxima sexta-feira?

— Os giroscópios se encarregarão disso. Mas, de fato, não queremos correr qualquer risco, na experiência de sexta-feira, de modo que instalaremos um sistema de radar emissor, que ficará colocado numa jangada, em pleno Mar do Norte. Haverá um radar emissor-receptor no cone do foguete, que captará um eco do radar da jangada e entrará automaticamente em comunicação com a base. Naturalmente — disse o Professor, rindo — se algum dia tivéssemos de usar esse negócio em tempo de guerra, seria um grande auxílio dispor de um aparelho desses transmitindo sinais do meio de Moscou, Varsóvia, Praga ou Monte-Carlo, ou para, onde fôsse que estivéssemos atirando. Provavelmente, caberá a vocês, rapazes, colocarem-no para que funcione a nosso gosto. Boa sorte, é o que lhes desejo.

Bond sorriu, um sorriso neutro.

— Mais uma pergunta, Professor. Se alguém desejasse sabotar o foguete, qual seria a maneira mais fácil?

— Há muitas maneiras — respondeu o técnico, alegremente. — Areia no combustível, qualquer substância arenosa nas bombas, um orifício em qualquer ponto da fuselagem ou das barbatanas. Com aquela

fôrça e velocidade, a menor falha liquidaria tudo.

— Muito obrigado. Parece que o senhor está com menos preocupações a respeito do “Explorador da Lua” do que eu —. disse Bond.

— É um maravilhoso engenho — retorquiu o Professor. Voará impecavelmente, se ninguém interferir. Drax realizou uma coisa sólida. É um organizador de incontestável mérito. E a equipe de que dispõe é simplesmente brilhante. Tudo fará por ele. Temos muito que lhe agradecer.

Bond calçou o pé no acelerador, fêz uma mudança à corredor profissional e virou à esquerda, na bifurcação de Charing, preferindo a estrada desafogada de Chilham e Canterbury, à estrada estreita de Ashford e Folkestone. O carro voava a cento e trinta quilômetros, em terceira, e êle o conservava nessa velocidade para chegar depressa ao topo do longo aclive que terminava na estrada de Molash.

Depois, meteu a direta e escutou com satisfação a trovada provocada pelo tubo de escape, enquanto meditava sobre Drax. Que espécie de recepção lhe faria, quando se encontrassem? Segundo M., quando seu nome fora sugerido pelo telefone, Drax fizera uma pausa, por instantes, e depois dissera: “Ah, sim. Conheço esse camarada. Ignorava que êle estivesse metido nessa rede de vocês. Estou interessado em tornar a vê-lo. Mande-o até cá. Espero que chegue a tempo para jantarmos.” — E desligara em seguida.

O pessoal do Ministério tinha seu próprio ponto de vista a respeito de Drax. Nas negociações com êle, achavam-no um homem dedicado, inteiramente obcecado por tudo o que dissesse respeito ao “Explorador da Lua”, vivendo apenas para ver seu êxito, puxando por seus homens e fazendo-os renderem o máximo, lutando pela obtenção de prioridades no fornecimento de materiais estratégicos, dependentes de outros departamentos, induzindo o Ministério de Abastecimento a fornecer suas encomendas, em nível ministerial. Eles não apreciavam seus modos autoritários, mas respeitavam-no por sua capacidade e maneira de agir, sua energia e dedicação. E, tal como o resto do povo inglês, consideravam-no um possível salvador do País.

Pois bem, pensava Bond, acelerando, ao descer o trecho reto de estrada, depois de passar o castelo de Chilham, êle também podia tomar as coisas por esse prisma e, se tinha de trabalhar com o homem, o melhor era adaptar-se a essa versão heróica. Se Drax quisesse, êle se prontificaria a despejar da cabeça toda aquela história do Blades e se concentraria em

proteger Sir Hugo e seu maravilhoso projeto, contra todos os inimigos do País. Só tinha três dias pela frente. As precauções de segurança já eram rigorosas, e Drax poderia ficar ressentido por quaisquer sugestões para aumentá-las. Não ia ser nada fácil, e teria de fazer uso de uma grande dose de tato. Tato... Não era esse o forte de Bond e, refletiu, também não combinava com o que êle já conhecia do caráter de Drax.

Bond enfiou pelo atalho mais curto, ao sair de Canterbury, pela velha estrada de Dover, e olhou o relógio. Eram seis e meia. Mais quinze minutos para atingir Dover e mais dez pela estrada de Deal. Haveria outros planos a fazer? O duplo homicídio estava fora de sua alçada, graças a Deus. “Homicídio e Suicídio, Causados por Perturbação Mental”, fora o veredicto do funcionário da perícia legal. A moça nem sequer fora chamada a depor. Bond pretendia parar, a fim de tomar um drinque no “Mundo Sem Desejo” e ter uma conversa rápida com o proprietário. No dia seguinte, tentaria farejar aquele “algo de estranho” que Tallon procurara transmitir pessoalmente ao Ministro. Nesse aspecto, não havia qualquer indício. Nada fora encontrado no quarto de Tallon, que êle, provavelmente, também revistaria. Bem, de qualquer forma, haveria muito tempo para examinar todos os papéis do Major.

Bond concentrou-se na direção, enquanto descia pela costa de Dover. Conservou-se bem na esquerda e, dentro em breve, saía novamente da cidade, deixando para trás o maravilhoso castelo que, à distância, mais parecia de papelão.

Havia um trecho coberto de nuvens baixas, no topo da colina. Chuviscou no pára-brisas do carro. Um vento frio soprava no mar. A visibilidade era fraca, e Bond guiava lentamente pela estrada costeira, com os pilares da estação de radar de Swingate, suas lâmpadas de posição brilhando como rubis, petrificadas como círios romanos à sua direita.

E a pequena? Teria de ser muito prudente na maneira de abordá-la e esforçar-se por não perturbá-la. Bond cogitava se ela poderia ser-lhe útil em alguma coisa. Depois de um ano na base, ela deveria ter tido todas as oportunidades de uma secretária particular do “Chefe” para penetrar no âmago do projeto — e no de Drax. E ela possuía uma mentalidade adestrada para seus especiais talentos. Porém, Bond estava preparado para encontrá-la desconfiada a respeito daquela nova personalidade, e talvez se ressentisse até por isso. Imaginava como seria ela na realidade. A fotografia no registro da Scotland Yard mostrara uma moça atraente, mas de

aspecto severo, e qualquer parcela de sedução fora eliminada pelo dólmã hostil de seu uniforme de mulher-polícia.

Cabelos: Acaju escuro. Olhos: azuis. Altura: Um metro e sessenta e quatro. Peso: cinqüenta e oito quilos. Quadris: noventa centímetros. Cintura: cinqüenta e cinco centímetros. Busto: noventa centímetros. Sinais particulares: Verruga na curvatura superior do seio direito.

Hummm. . . pensou Bond.

Afastou do espírito as estatísticas antropométricas e chegou à curva da estrada para a direita. Havia uma tabuleta que indicava Kingsdown, e viu as luzes de uma pequena estalagem.

Avançou e desligou o motor. Acima de sua cabeça, lia-se “Mundo Sem Desejo”, em letras douradas já desvanecidas, em parte, pela maresia e o vento salgado que soprava dos penhascos, a meia milha de distância. Saiu, espreguiçou-se e caminhou até à porta da taberna. Estava fechada. Seria para limpeza? Experimentou a outra porta, que se abriu, dando acesso a um pequeno bar reservado. Atrás do balcão, um homem de aspecto impassível, em mangas de camisa, lia um jornal da tarde. Levantou os olhos à entrada de Bond e pousou o jornal sobre o balcão.

— Boa-noite, sir — saudou o homem, evidentemente aliviado por ver entrar um freguês.

— Boa-noite. Uma dose dupla de uísque com soda, por favor.

Bond sentou-se e esperou, enquanto o homem lhe servia duas doses de Black & White, colocando o copo diante dele, com um sifão de soda. Depois, encheu o resto do copo com soda.

— Negócio desagradável o que você teve aqui a noite passada — comentou Bond, tomando um trago.

— Terrível! E ruim para a casa. O senhor não será da imprensa? O dia inteiro só tive jornalistas e policiais entrando e saindo.

— Não — esclareceu Bond, pousando o copo — Vim para ocupar o lugar do camarada que foi morto. Major Tallon. Ele era um de seus fregueses habituais?

— Nunca veio aqui senão uma vez... e essa foi o fim dele. Agora terei de parar meu negócio durante uma semana, e o estabelecimento terá de ser todo pintado de novo, de cima a baixo. Mas deixe que eu lhe diga que Sir Hugo se mostrou muito decente nesta história. Mandou-me cinqüenta libras esta tarde, para pagar os prejuízos. Deve ser um cavalheiro muito fino. Conquistou a amizade de todos por estas paragens. Sempre

generoso e com uma palavra de ânimo para cada um.

— É isso mesmo. Um cavalheiro muito distinto — concordou Bond.

— Viu como as coisas se passaram?

— Não vi o primeiro tiro. Estava servindo uma cerveja no momento. Depois, naturalmente, olhei. Derrubei o raio da cerveja no chão.

— E que sucedeu então?

— Bom, todo o mundo se afastou, claro. Só havia alemães. Mais ou menos uma dúzia deles. O corpo ali, no chão, e o camarada com o revólver, olhando para êle. De repente, sem que nem para que, perfilou-se, estendeu o braço para cima e gritou “Heil!” como aqueles imbecis costumavam fazer durante a guerra. Logo depois, virou o revólver para a boca. Daí a um instante, fazia uma careta, e o sangue espirrou até o teto.

— Então foi só isso que êle, disse, depois de dar o primeiro tiro? — perguntou Bond. — Só “heil” e mais nada?

— Só isso, chefe. Parece que não conseguem esquecer essa maldita palavra, não é mesmo?

— É verdade. Eles não esquecem — respondeu Bond, pensativo.

CAPÍTULO 11

GALA BRAND, A MULHER-POLÍCIA

Cinco minutos depois, Bond mostrava seu passe ministerial ao guarda uniformizado que estava de plantão à entrada da base, junto de uma alta cerca de arame farpado.

O sargento da RAF devolveu o documento e fez a continência .

— Sir Hugo Drax está esperando, sir. É aquele edifício grande, ali em cima, junto do bosque. — O guarda apontou para umas luzes mais adiante, na direção dos penhascos.

Bond ouviu o sargento telefonar para o posto de guarda seguinte. Levou o carro lentamente pela estrada asfaltada de novo, que fora aberta através dos campos, além de Kingsdown. Podia ouvir dali o ruído distante do mar, batendo na base dos altos penhascos e, de um ponto qualquer e próximo de onde se encontrava, escutava também os gemidos e pancadas de máquinas, que foram crescendo de intensidade à medida que êle se aproximava das árvores.

Foi novamente interceptado por um guarda, este à paisana, numa segunda cerca de arame, na qual uma barreira dava acesso ao interior do bosque. Quando o deixaram atravessar, escutou ainda o ladrar longínquo de cães-policiais, que lhe sugeriam uma forma eficiente de patrulha noturna. Todas essas precauções pareciam eficientes. Bond chegou à conclusão de que não deveria preocupar-se com os problemas de segurança externa.

Uma vez ultrapassadas as árvores, o carro seguiu por uma plataforma de concreto, cujos limites, à luz deficiente, se perdiam de vista, mesmo para os faróis possantes de seu carro. A umas cem jardas para a sua esquerda, à margem do terreno coberto de arvoredo, viam-se as luzes de

uma casa de grande porte, semi-oculta por trás de um sólido muro quase tão alto como o próprio edifício que protegia. Bond diminuiu a marcha do carro, ultrapassou lentamente o muro, na direção do mar e de uma forma escura que, subitamente, rebrilhou, alvacent, quando foi banhada pelo fecho de luz crua do farol giratório de South Goodwin, ao largo do Canal da Mancha. O fecho abriu um sulco iluminado no concreto, descobrindo, quase no limite das escarpas da costa, uma cúpula esferóide, semelhante ao teto dos observatórios e planetários. Bond podia distinguir o rebordo de uma articulação que se movia para um e outro lado, na superfície da cúpula.

Fêz nova curva e, lentamente, passou entre o que êle presumia agora ser um muro de proteção contra as violentas deslocções de ar e a frontaria da casa. Quando estacou diante da casa, a porta abriu-se e um empregado, de jaqueta branca, saiu em sua direção. Abriu a porta do automóvel, num gesto eficiente.

— Boa-noite, sir. Por aqui, faz favor. — Falava em tom áspero e com um leve sotaque.

Bond seguiu-o até à casa e, através de um confortável hall, chegou a uma porta onde o criado bateu.

— Entre!

Bond sorriu para si mesmo, ao ouvir aquela voz, de que se recordava tão bem, e do tom de comando imprimido à palavra.

Bem na extremidade da longa e atraente sala de estar, decorada com chita clara recortava-se a figura de Drax, de pé, dando as costas para uma lareira acesa — enorme, as barbas ruivas contrastando com um smoking de veludo cõr de ameixa. Três outras pessoas estavam a seu lado, dois homens e uma mulher.

— Ah, meu caro amigo — ribombou a voz de Drax, esfuziante, saindo ao encontro de Bond e sacudindo-lhe cordialmente a mão. — Assim nos encontramos de novo, hem? E mais depressa do que poderíamos imaginar. Não fazia idéia de que fosse um daqueles duros que fazem espionagem para o meu Ministério, caso contrário, teria sido mais cuidadoso ao jogar cartas contra você. Já gastou aquele dinheiro todo? — perguntou, tomando Bond pelo braço e levando-o para perto do fogo.

— Ainda não — sorriu Bond. — Nem sequer lhe vi ainda a cõr.

— Claro, o pagamento é no sábado. Provavelmente recebe o cheque mesmo a tempo de festejar nossa pequena exibição de fogos de arti-

fício, heim? Bom, façamos as apresentações...

Foi levando Bond até onde se encontrava a moça.

— Minha secretária, Miss Brand — prosseguiu Drax.

Bond fitou um par de olhos muito frios e muito azuis.

— Boa-noite — e endereçou-lhe um sorriso amistoso. Não houve retribuição de sorriso nem nos olhos, nem nos lábios da moça que apenas o olhou calma e imperturbavelmente. Também não houve qualquer pressão no aperto de mão que trocaram.

— Prazer... — disse ela. E Bond quase pressentiu hostilidade.

Passou pela cabeça do agente 007 que ela fora bem escolhida. Outra Loelia Ponsonby. Eficientemente reservada, leal e virgem. Graças aos céus, pensou. Uma profissional no duro.

— Este é meu braço direito, o Dr. Walter.

O velhote, magro e com um par de olhos irados, sob o tufo de cabelos negros, deu a impressão de não ter notado a mão estendida de Bond. Empertigou-se em posição de sentido e saudou rapidamente, com um breve inclinar de cabeça.

— Valter — retificou a boca, de lábios finos, do cientista, por cima de uma barbicha pontiaguda e negra, emendando a pronúncia de Drax.

— E agora... como direi?... meu cão-de-fila — continuou Drax, apresentando o outro homem. — Meu ajudante-de-campo, Willy Krebs.

Bond sentiu o contato da mão úmida.

— Muito *prracerrr* em *conhecerrr* — disse uma voz que tentava ser amável. Bond observou um rosto pálido, redondo e enfermiço, naquele momento franzido por um sorriso que morreu quase no mesmo instante em que Bond o notou. Bond olhou-o nos olhos. Pareciam dois botões negros e inquietos, que se desviaram dos dele.

Os dois homens trajavam macacões brancos, imaculados, com fecho-éclair, nas mangas, nos tornozelos e ao longo das costas. Tinham os cabelos cortados rentes, de modo que o couro cabeludo brilhava por entre eles. Ambos teriam parecido gente de outro planeta, não fosse a barbicha e o bigode mal cuidado do Dr. Walter, bem como o tufinho desbotado do bigode de Krebs. Eram ambos caricaturas: um cientista louco e uma versão juvenil de Peter Lorre.

A figura rubicunda e calorosa de Drax formava um contraste agradável com aquela gente frígida, e Bond lhe foi grato pela rudeza alegre da recepção, bem como pelo aparente desejo de esquecer o que se passara

e de tirar o melhor partido possível de seu novo agente de segurança.

Drax foi um anfitrião cem por cento. Começou por esfregar as mãos e dizer:

— E agora, Willy, que tal se você nos preparasse alguns de seus excelentes Martinis secos? Menos para o doutor, claro. Não bebe nem fuma, — explicou Drax a Bond, voltando para o lugar onde se encontrava antes, junto à lareira. — O doutor mal respira, creio eu. — E latiu uma de suas risadinhas. — Não pensa em outra coisa que não seja o foguete. Não é verdade, meu amigo?

O doutor tinha o olhar focalizado com firmeza num ponto indeterminado, algures à sua frente.

— Agrada-lhe muito fazer gracejos — respondeu êle.

— Vamos, vamos — disse Drax, como quem se dirige a uma criança. — Já voltaremos a tratar daquelas arestas condutoras mais tarde. Todo o mundo está satisfeito com elas, menos você, doutor. — Voltou-se para Bond. — Nosso bom doutor está sempre nos assustando — explicou, indulgente. — Vem sempre com um pesadelo a respeito de qualquer detalhe. Agora são as arestas condutoras das barbatanas da cauda do “Explorador”. Já estão mais afiadas que lâminas de barbear. Mal acusam qualquer resistência ao vento, e, de repente, o doutor mete na cabeça a idéia de que vão derreter. Resistência ao ar e excessiva fricção. Naturalmente, tudo é possível. Mas foram testadas a mais de 3.000 graus, como eu lhe digo, e se vão desintegrar-se, então aconteceria o mesmo ao foguete todo, não acha? E isso é coisa que não vai acontecer — acrescentou, com um sorriso sardônico.

Krebs entrou carregando uma bandeja de prata, com quatro cálices e uma coqueteleira, transpirando de gelo. O Martini estava ótimo, e Bond assim o declarou.

— O *senhorrr* é muito amável — disse Krebs, com uma careta e satisfação. Sir Hugo gosta que tudo se faça *semprrrrre* muito correto.

— Encha o cálice dele outra vez — disse Drax — e depois talvez nosso amigo queira se lavar. Jantamos às oito em ponto.

No momento em que pronunciava estas palavras, ouviu-se o gemido abafado de uma sirena e, quase imediatamente depois, o rumor de um grupo de homens correndo pela faixa de concreto, lá fora, em perfeito movimento sincrônico.

— É a primeira turma da noite — explicou Drax. — Os alojamentos

do pessoal são nos fundos da casa. Devem ser oito horas. Fazemos tudo em duplicata — acrescentou com um brilho de satisfação no olhar. — Precisão. Uma porção de cientistas e técnicos em volta de nós, mas procuramos dirigir as coisas como se estivéssemos num quartel do Exército. Willy, você se encarrega do Comandante. Nós vamos andando. Venha, meu caro...

Enquanto Bond seguia Krebs até à porta por onde havia entrado, viu os outros dois homens, indo Drax mais à frente, dirigirem-se para as portas duplas na extremidade da sala, que se abriram logo que Drax acabou de falar. O empregado da jaqueta branca postava-se à entrada. Quando Bond saiu para o hall, atravessou-lhe o espírito a idéia de que Drax entraria com certeza na sala sem se lembrar de dar prioridade a Miss Brand. Personalidade dominadora e enérgica. Tratava seus auxiliares como se fossem crianças. Incontestavelmente, um líder nato. Onde adquirira essa força? No Exército? Ou teria se desenvolvido paralelamente aos milhões?

Bond seguia atrás do pescoço de minhoca de Krebs e conjecturava.

O jantar foi excelente. Drax era um anfitrião impecável e na sua própria mesa, suas maneiras eram perfeitas. A maior parte da conversa tinha por finalidade fazer falar o Dr. Walter em benefício de Bond e incluiu uma série de assuntos técnicos, que Drax se esforçava depois por explicar com poucas frases mais acessíveis, depois de cada tópico ter sido esgotado. Bond estava impressionado pela confiança com que Drax tratava cada um dos complexos problemas tecnológicos, à medida que eles surgiam, bem como por sua profunda compreensão de qualquer detalhe. Uma autêntica admiração pelo homem começava a desenvolver-se gradualmente nele, obscurecendo grande parte da primitiva antipatia. Sentia-se cada vez mais inclinado a esquecer o caso do Blades, agora que se defrontava com o outro Drax, o criador e o líder inspirado de uma notável empresa.

Bond estava sentado entre o anfitrião e Miss Brand. Fêz diversas tentativas para entabular conversação com ela. Falhou por completo. A moça respondia com monossílabos polidos e quase nunca o encarava. Bond ficou levemente irritado. Achava-a fisicamente muito atraente e aborrecia-se por não conseguir obter dela a mínima atenção. Achava que sua frígida indiferença era exageradamente afetada e que sua missão devia ter sido recebida muito mais amistosamente, em vez dessa exagerada reticência. Sentia um forte impulso de dar-lhe, por debaixo da mesa, um vigoroso pontapé no tornozelo. A idéia brincou em seu espírito, e êle en-

controu-se observando a moça com olhos diferentes — uma moça e não uma colega do mesmo ofício. Como ponto de partida e prevalecendo-se de uma longa discussão entre Drax e Walter, para a qual ela fora solicitada a opinar, a respeito dos relatórios meteorológicos, provenientes do Ministério da Aeronáutica e da Europa, começou a coligir suas impressões sobre Gala Brand.

Era muito mais atraente do que sua fotografia deixava entrever, e era difícil notar vestígios da severa competência de uma mulher-policia! naquela sedutora garota sentada a seu lado. Lia-se autoridade nas linhas definidas do perfil. Mas as longas pertanas negras, velando os olhos azuis-escuros, assim como a boca bastante rasgada, poderiam muito bem ter sido pintadas por Mario Laurencin. No entanto, os lábios eram carnudos demais para um Laurecin, e os cabelos castanhos, com reflexos de cobre, voltados para dentro da base da nuca, eram de um tipo diferente. Havia um toque de sangue oriental nos málares salientes e na linha suavemente oblíqua dos olhos, mas o calor da carnação era inteiramente inglês. Havia um excesso de pose e de autoridade em seus gestos e na maneira como mantinha a cabeça erecta, para ser um retrato muito convincente de secretária. Com efeito, parecia quase um membro da equipe de Drax, e Bond observou que os homens escutavam com atenção, quando ela respondia às perguntas formuladas por Drax.

Seu vestido de noite, bastante severo, era em gros-grain, preto carvão, de mangas três quartos. A blusa drapeada, delineava apenas a curva do seio, que eram tão esplêndidos quanto Bond adivinhara, fazendo os cálculos pelas medidas que lera em seu registro policial. Na ponta do decote em v, ela colocara um broche de camafeu azul brilhante, trabalho de Tassie, calculou Bond, barato mas decorativo. Não usava nenhuma outra jóia, exceto uma aliança de pequenos brilhantes no anular da mão direita. Salvo o cáldo batom dos lábios, não usava qualquer outra pintura. As unhas eram cortadas rentes e polidas em tom natural.

Tudo somado, decidiu Bond, Gala era realmente uma linda moça, e, sob aquela camada de reserva, adivinhava-se um temperamento apaixonado e vibrante. Podia ser uma mulher-polícia e perita em judô, mas também possuía uma verruguinha no seio direito.

Com este pensamento reconfortante, Bond voltou toda a sua atenção para a conversa entre Drax e Walter, não fazendo qualquer nova tentativa para captar a simpatia da moça.

O jantar terminou às nove horas.

— Agora iremos apresentá-lo à nossa vedete, o “Explorador da Lua” — disse Drax, erguendo-se abruptamente da mesa. — Walter nos acompanhará. Ele tem muito que fazer. Vamos andando, meu caro Bond.

Sem dirigir uma só palavra a Krebs ou à pequena, saiu da sala. Bond e Walter seguiram-no.

Deixaram a casa e caminharam pelo concreto, em direção à forma distante que se divisava à beira do penhasco. A lua subira nos céus e, ao longe, a cúpula acaçapada, resplandecia pàlidamente.

A um quilômetro da base, aproximadamente, Drax estacou.

— Eu explicarei a geografia — disse êle. — Walter, siga na frente. Já devem estar esperando por você, para dar outra olhada naquelas barbatanas... Mas não se preocupe demasiado com elas, meu caro amigo. O pessoal das ligas de alto teor sabe muito bem o que está fazendo. E agora — continuou Drax, olhando para Bond, enquanto fazia um gesto na direção da cúpula branca como leite — ali dentro está o “Explorador”. O que você vê é o topo de uma plataforma que foi escavada a mais de quarenta pés de profundidade, no terreno calcário. As duas metades da cúpula são abertas hidráulicamente e recolhidas para trás, ao nível do muro de vinte pés. Se agora estivessem abertas, você veria o cone final do “Explorador”, ao nível do muro. Ali — apontou para uma sombra retangular que estava já quase fora do campo visual de ambos, na direção de Deal — fica a casamata de controle, de onde se comanda o disparo. É um blocausse em concreto. Está cheio de dispositivos de radar de rastreio — tanto o radar de velocidade Doppler como o radar de rastreio de direção de vôo, por exemplo. As informações são fornecidas por meio de vinte canais telemétricos, alojados no cone do foguete. Também existe ali dentro uma enorme tela de televisão, de modo que se pode acompanhar o comportamento do foguete no interior da cápsula, depois de iniciado o vôo. Um outro conjunto de televisores serve para acompanhar o início da ascensão. Ao lado da casamata, há um elevador que desce ao longo do penhasco. Uma boa parte das peças e maquinismos foi trazida para a base por via marítima e transportada até cá em cima por meio desse monta-cargas. Aquele gemido que você escuta, vem da central elétrica, ali mais adiante — e Drax fêz um gesto vago, em direção a Dover. — Os alojamentos dos homens e a casa são protegidos pelo muro à prova de deslocação de ar. Mas quando fizermos o lançamento, não deverá haver ninguém dentro de um

raio de ação de um quilômetro e meio, a partir da base, exceto os técnicos do Ministério e a equipe da B.B.C., que estará colocada na casamata de comando. Espero que o muro agüente bem a deslocação de ar. Walter diz que a base e uma boa parte da faixa de concreto derreterão com o calor. E é tudo. Nada mais precisa saber, até entrarmos. Vamos.

Bond tornou a observar o tom rude de comando. Seguiu em silêncio, atravessando uma zona banhada de luar, até chegarem à parede de suporte da cúpula. Uma lâmpada vermelha brilhava na parede, por cima de uma porta de aço chapeado. Iluminava um grande letreiro que dizia em inglês e alemão: PERIGO DE MORTE. ENTRADA PROIBIDA QUANDO A LÂMPADA VERMELHA ESTIVER ACESA. TOQUE A CAMPAINHA E ESPERE.

Drax apertou o botão por debaixo do letreiro, e ouviu-se o som abafado de uma campainha de alarma.

— Pode estar alguém trabalhando com o oxiacetileno, ou fazendo qualquer outro trabalho delicado — explicou Drax. — Basta que desvie sua atenção do serviço, pela fração de um segundo, caso alguém entre sem aviso, e isso poderia resultar num erro bastante caro. Todos largam os utensílios quando a campainha soa, e só recomeçam quando vêem de que se trata.

— Drax afastou-se um pouco da porta e apontou para uma série de gradeados dispostos logo abaixo do remate da parede. — São os exaustores de ventilação — continuou êle explicando.

— O ar condicionado no interior da cúpula mantém-se constantemente a setenta graus Fahrenheit.

A porta foi aberta por um homem que empunhava um cassete de policial e trazia um revólver no cinturão. Bond seguiu Drax até uma pequena ante-câmara. Esta nada tinha senão um banco e uma fileira bem arrumada de chinelos de feltro.

— Terá de calçá-los — disse Drax, sentando-se e tirando os sapatos. — Poderia escorregar e esbarrar contra alguém. O melhor é deixar aqui também seu casaco. Setenta graus Fahrenheit é uma temperatura bastante elevada.

— Obrigado — disse Bond, lembrando-se da Beretta encaixada sob a axila. — A verdade é que não sinto calor algum.

Sentindo-se como um visitante num teatro em dia de ensaios, Bond seguiu Drax através de uma porta de comunicação, passando depois por um estreito corredor e desembocando numa série de projetores que, ins-

tintivamente, o fizeram levar a mão aos olhos, enquanto com a outra se agarrava ao gradeado do corrimão protetor, à sua frente.

Quando retirou a mão, foi brindado com uma cena de tal esplendor que, durante vários minutos, ficou sem fala, os olhos fascinados pela terrível beleza da mais poderosa arma existente sobre a Terra.

CAPITULO 12

O “EXPLORADOR DA LUA”

Era como se o tivessem metido no tambor polido de um gigantesco revólver. Partindo do chão, a mais de doze metros abaixo da varanda onde se encontravam, erguia-se uma parede circular, de metal polido, no topo da qual, êle e Drax se colavam como duas moscas. No centro desse imenso cilindro, que mediria pelo menos uns nove metros de diâmetro, estava colocado um gigantesco lápis de cromo, refulgente, cuja ponta, aguçando-se numa antena fina como agulha, parecia roçar o telhado, seis ou sete metros acima de suas cabeças.

O cintilante projétil descansava numa base cônica de aço, que se erguia do chão por entre as extremidades de três barbatanas em forma de delta, pronunciadamente puxadas para trás, e que parecia tão afiadas quanto bisturis de cirurgião. Mas, fora isso, nada mais empanava o brilho sedoso dos quinze metros de aço cromado e polido, exceto as duas garras que saíam das paredes e colhiam a cintura do foguete, por entre espessos acolchoados de espuma de borracha.

No ponto em que as garras tocavam o projétil, viam-se pequenas portas de acesso, abertas na superfície de aço e, quando Bond olhou para baixo, divisou um homem que saía agachado por uma delas, até alcançar a estreita plataforma do monta-cargas instalado paralelamente ao bojo do “Explorador”. Depois, fechou a porta com a mão enluvada. Encaminhou-se a passos miúdos, equilibrando-se pela estreita ponte, até alcançar a parede, e fêz girar uma manivela. Ouviu-se um profundo gemido de maquinismo, e a garra retirou seu suporte acolchoado do bojo do foguete, ficando suspensa no ar, como as patas dianteiras de um louva-a-Deus. Os gemidos do mecanismo alteraram-se para um tom mais cavo, e a pla-

taforma do monta-cargas, lentamente, foi-se retraindo, em movimento de telescópio. Depois, tornou a esticar-se e foi pegar o foguete, com a garra, três metros mais abaixo. Seu operador esgueirou-se de novo pelo braço e abriu outra pequena porta de acesso ao interior, desaparecendo dentro do foguete.

— Provavelmente está verificando o sistema de alimentação de combustível dos tanques posteriores — disse Drax. — A alimentação é feita por gravidade. Um sistema bastante complexo. Que acha você disto? — Observou com prazer a expressão de êxtase, estampada no rosto de Bond.

— Uma das coisas mais lindas que eu já vi em toda a minha vida — respondeu Bond. Era fácil falar. Não se ouvia o menor som dentro do grande cilindro de aço, e as vozes dos homens apinhados lá embaixo, junto da cauda do foguete, não chegavam a eles senão como distante murmúrio. Drax apontou para cima e explicou:

— Veja o cone. O que está montado é apenas experimental, mas pode substituir-se, claro, por uma cápsula estratégica, com carga nuclear. Para este vôo, irá cheia de instrumentos. Telêmetros e todas essas coisas. Depois, estão os giroscópios, bem defronte de nós. E, em seguida, quase exclusivamente, tanques de combustível até abaixo, quando temos então as turbinas, já próximas da cauda. Impulsionadas por vapor superaquecido, obtido na decomposição do peróxido de hidrogênio. O combustível, fluorina e hidrogênio... — olhou rapidamente para Bond. A propósito, isto é top secret, sabe?... pois o combustível, como dizia, baixa pelos tubos de alimentação e recebe a ignição logo que é introduzido no motor. Trata-se de uma espécie de explosão controlada, que impulsiona o foguete para o ar. Esse assoalho de aço onde o “Explorador” assenta agora, desliza então para fora, claro. Por baixo, há um enorme poço de exaustão. Tem saída para a base dos rochedos, do lado do mar. Amanhã você irá dar uma vista d’olhos. Parece uma gigantesca caverna, nada mais. Quando procedemos, há dias, a um teste estático, a substância calcária do terreno derreteu e correu para o mar como se fosse água. Espero que não acabemos por calcinar e destruir os famosos penhascos brancos de Dover, quando chegar a hora zero. Você gostaria de dar uma olhada nos trabalhos?

Bond seguiu em silêncio, quando Drax indicou o caminho, descendo por uma íngreme escada de ferro, que acompanhava a parede de aço em sua curvatura. Sentia agora invadir-se por uma onda de admiração e

quase de reverência por esse homem e sua formidável realização. Como teria podido êle, Bond, deixar-se impressionar desfavoravelmente pela conduta infantil de Drax, à mesa de jogo? Mesmo os grandes homens têm suas fraquezas. E Drax necessitava dessa válvula de escape para a tensão a que o submetia a tremenda responsabilidade que pesava sobre seus ombros. Tornava-se óbvio que Drax não podia confiar excessivamente em seus auxiliares diretos, de nervos à flor da pele. Dele sozinho devia partir a vitalidade e a confiança necessárias para manter elevado a moral de todos. Mesmo tratando-se de uma coisa tão insignificante quanto ganhar uma partida de bridge, devia ser importante para Drax estar-se assegurando constantemente da própria capacidade, procurando em tudo vaticínios de boa sorte e de êxito, chegando ao ponto de criar esses augúrios favoráveis por suas próprias mãos. Quem não suaria ou roeria as unhas, estando tanta coisa em jogo?

Enquanto contornavam a larga curva da escada, com suas figuras grotescamente refletidas na superfície cromada do foguete, como em um espelho mágico de feira, Bond sentia quase afeto pelo homem que, apenas há poucas horas, êle dissecara sem piedade e quase com ódio.

Quando chegaram à plataforma da base de aço do cilindro, Drax fez uma pausa e olhou para cima. Bond seguiu o olhar do outro. Visto naquela perspectiva, o “Explorador” dava-lhes a impressão de estar olhando para um fino cone vertical de luz, perdendo-se na abóbada cintilante, um feixe de luz que não era totalmente branco, mas de uma tonalidade acetinada de madre-pérola. Havia nele alguns pontos vermelhos e brilhantes, refletidos por um gigantesco extintor de incêndios, de neve carbônica, colocado a pouca distância. Um homem em traje de amianto estava postado ao lado do extintor, que apontava seu bico de leque para a base do foguete. Havia também uma estria de côr violeta, cuja origem provinha de uma lâmpada fixada ao painel de instrumentos, na parede. Servia para controlar os movimentos da corbatura de aço em que se encontravam e que os separava do poço de exaustão. Finalmente, um tom verde-esmeralda vinha da luz difusa de uma lâmpada com abajur, colocada sobre uma mesa de pinho, à qual se sentava um homem que ia anotando números que lhe eram transmitidos, de viva voz, pelo grupo reunido logo abaixo da cauda do foguete.

Levantando os olhos para aquela coluna em tons pastel, tão incrivelmente esguia e graciosa, parecia impossível que uma coisa tão delicada-

da pudesse agüentar as pressões a que teria de submeter-se na próxima sexta-feira: o jato tronitruante da mais poderosa explosão controlada que alguma vez fora tentada; o impacto da barreira do som; as pressões desconhecidas da estratosfera, a quinze mil milhas por hora; o choque terrível quando retornasse, num mergulho de milhares de milhas de altura, para ferir de novo o envelope atmosférico da Terra.

Drax pareceu ler seus pensamentos. Voltou-se para Bond:

— É como perpetrar um assassinato — disse êle. Em seguida, de maneira surpreendente, explodiu numa risada asinina. — Walter! — chamou, dirigindo-se ao grupo de homens. — Venha cá!

Walter destacou-se dos outros e aproximou-se.

— Walter — prosseguiu Drax — eu estava dizendo ao nosso amigo, o Comandante, que quando lançarmos o “Explorador da Lua” será como se cometêssemos um crime de assassinato .

Bond não ficou surpreso, ao ver uma expressão de incredulidade intrigada estampar-se no rosto do doutor. Irritado, Drax exclamou:

— Assassinato de uma criança. Assassinato de nosso filho — repetiu com um gesto na direção do foguete. — Acorde, homem! Acorde! Que se passa com você?

A fisionomia de Walter clareou. De um modo velado, sorriu, mostrando seu apreço pela comparação.

— Assassinato, Ah, sim! Essa é muito boa. Ha! Ha! E agora, Sir Hugo, as folhas de grafita no exaustor. O Ministério está satisfeito com o ponto de fusão? Eles não acham que. ..

Ainda falando, Walter levou Drax para debaixo da cauda do foguete. Bond seguiu ambos.

Os rostos dos dez homens estavam voltados para eles, quando chegaram. Drax apresentou-o com um gesto da mão.

— Comandante Bond, o nosso novo agente de segurança, — disse, conciso.

O grupo olhou Bond em silêncio. Não houve o menor movimento para ir cumprimentá-lo, e os dez pares de olhos não refletiam curiosidade.

— Então, que negócio é esse de tanta história com a grafita? . .

O grupo se fechou em torno de Drax e Walter. Bond foi deixado só, para trás.

Não estava surpreso com a frieza da recepção. Teria olhado a intromissão de um amador nos segredos de seu próprio departamento com

a mesma indiferença mesclada de ressentimento. Além do mais, simpatizava com esses técnicos apanhados a dedo, que tinham vivido durante meses a fio nas mais altas regiões da astronáutica e se encontravam agora no limiar do julgamento final. Entretanto, lembrava-se, os inocentes entre si deviam saber que Bond tinha seu próprio dever a cumprir, sua própria participação vital nesse projeto. Suponhamos, por exemplo, que um desses pares de olhos, nada comunicativos, escondesse um homem dentro de outro homem, um inimigo que, talvez, naquele instante mesmo exultasse com a certeza de que a grafita que Walter parecia não confiar era realmente sub-resistente. É verdade que tinham o aspecto de uma equipe bem unida, quase de uma fraternidade, ao se colocarem assim em torno de Drax e Walter, pendendo de suas palavras, os olhos atentos aos movimentos das bocas dos dois homens. Mas seriam parte de um cérebro, movimentando-se dentro da intimidade de uma órbita secreta, registrando seus cálculos ocultos como o mecanismo clandestino de uma máquina infernal?

Bond caminhava a esmo, para cima e para baixo do triângulo formado pelas três pontas das barbatanas que repousavam em suas cavidades forradas de borracha no chão de aço, interessando-se em tudo em que seus olhos pousavam, mas, de quando em quando, focalizando-os no grupo de homens, em ângulo diferente.

Com exceção de Drax, todos usavam o mesmo macacão justo de nylon, preso por fecho-éclair de plástico. Não se via o menor vestígio de metal, e nenhum deles usava óculos. Como no caso de Walter e Krebs, suas cabeças estavam raspadas bem rente. Provavelmente, pensou Bond, para evitar que um fio solto de cabelo pudesse cair dentro do engenho. Entretanto, e isso chamou-lhe a atenção como característica muito estranha da equipe, todos exibiam exuberantes bigodes, cuja manutenção exigia, sem dúvida, grande dose de cuidados. Eram de todos os formatos e tonalidades: louros, côr de rato ou escuros, em guidões de bicicleta, de foca, à Kaiser ou à Hitler — cada rosto exibia seu distintivo capilar, entre os quais a pelagem ruiva de Drax brilhava como insígnia oficial do chefe supremo.

Por que motivo, conjecturava Bond, todos os homens da base usavam bigode? Nunca os apreciara, mas combinados com as cabeças raspadas, lembravam algo de positivamente obsceno. Teria sido apenas tolerável, se todos fossem cortados no mesmo modelo, mas a variedade de

gêneros individuais, essa anarquia de formatos, tinha um que de particularmente horrível, destacando-se do fundo composto pelas cabeças nuas e redondas.

Nada mais havia para chamar a atenção. Os homens eram de estatura mediana, e todos de tipo mais sobre o esguio — talhados, supunha Bond, mais ou menos de acordo com as necessidades do trabalho. A agilidade seria imprescindível nas plataformas, nas passagens ao longo das garras laterais e dos monta-cargas, e solidez para executar as manobras através das portas de acesso e dentro dos minúsculos espaços disponíveis nos compartimentos do foguete. As mãos deles pareciam ter os músculos e nervos relaxados. Eram imaculadamente limpas, e seus pés, metidos em chinelos de feltro, estavam imóveis pela concentração no trabalho. Bond não surpreendeu nenhum deles, em ocasião alguma, olhando em sua direção, movido pela curiosidade, e quanto a penetrar em seus espíritos ou calcular suas doses de lealdade, confessava a si próprio que a tarefa de desmascarar os pensamentos de cinqüenta desses homens-robôs alemães, em três dias, era absolutamente impraticável. E lembrou-se, então, de que já não eram cinqüenta. Apenas quarenta e nove. Um desses robôs estourara o tampo dos miolos. E o que transparecera dos pensamentos secretos de Bartseh, afinal? Desejo por uma mulher e um “Heil Hitler”. Estaria muito enganado, cogitava Bond, se julgasse que, esquecendo o “Explorador da Lua”, fossem esses também os pensamentos dominantes dentro de mais quarenta e nove cabeças?

— Dr. Walter! Estou dando uma ordem!

A voz de Drax, cheia de uma ira controlada, interrompeu os pensamentos de Bond, enquanto permanecia tocando com os dedos a aresta condutora de uma das barbatanas de columbite da cauda do foguete.

— Voltem ao trabalho! Já perdemos tempo demais!

Os homens se espalharam, pressurosos, cada um absorvido em sua tarefa, e Drax aproximou-se de Bond, deixando Walter vagando, indeciso, sob a enorme bocarra do exaustor de jato do foguete.

Drax mostrava uma fisionomia tempestuosa.

— Maluco do inferno — praguejou êle. — Está sempre descobrindo complicações.

Depois, como se quisesse esquecer seu adjunto, acrescentou bruscamente para Bond:

— Venha até meu escritório. Vou-lhe mostrar o plano de vôo. De-

pois iremos dormir.

Bond seguiu-o. Drax girou uma pequena maçaneta embutida na parede de aço, e uma porta estreita se abriu, com um silvo abafado. A um metro mais para dentro, havia outra porta também de aço, e Bond notou que ambas eram cercadas de borracha, tornando o cilindro estanque à entrada de ar. Antes de fechar a porta externa, Drax parou na soleira e apontou, na parede circular, um bom número de maçanetas, quase invisíveis e semelhantes à que êle utilizara.

— São as portas das oficinas: geradores elétricos, controle de combustível, lavatórios, armazéns de materiais... — Apontou a porta seguinte. — Aqui é a sala de minha secretária. — Fechou a porta externa, antes de abrir a segunda e, entrando em seu escritório, fechou a porta interna atrás de Bond.

Era um recinto severo, pintado de cinza-claro, onde se via uma ampla escrivaninha e diversas cadeiras de metal tubular, forradas de lona azul-marinho. O chão era atapetado em cinza. Havia ainda dois fichários verdes e um grande aparelho de rádio, metálico. Uma porta semi-aberta deixava entrever parte de um banheiro ladrilhado. A escrivaninha estava disposta de frente para uma larga parede lisa, que parecia ser construída de vidro opaco. Drax encaminhou-se para a parede e baixou dois interruptores, na extremidade direita. A parede inteira ficou iluminada como tela de cinema, e Bond se defrontou com dois mapas, cada um de seis pés quadrados, ambos desenhados no próprio vidro.

O mapa da esquerda mostrava toda a região oriental da Inglaterra, desde Portsmouth até Hull, bem como as águas adjacentes, nas latitudes entre 50 e 55 graus. Do ponto vermelho, próximo a Dover, que representava a base de lançamento do “Explorador da Lua”, partia uma série de círculos concêntricos, representando, com intervalos de dez milhas, o raio de ação do projétil. Num ponto distante 80 milhas da base, entre as ilhas Fríseas e Hull, via-se um losango vermelho, desenhado em pleno oceano.

Drax fez um gesto para as intrincadas tábuas matemáticas e as colunas de leitura de bússolas, que enchiam o lado direito do mapa.

— Velocidades de vento, pressão atmosférica, cálculos de computador para os giroscópios — foi explicando êle. — Tudo calculado na base da velocidade e raio de ação do foguete, como constantes matemáticas. Recebemos diariamente as previsões meteorológicas fornecidas pelo Ministério da Aeronáutica, bem como as leituras efetuadas na atmosfera

superior, cada vez que um jato da RAF alcança essa altitude. Todos os relatórios nos são transmitidos. Quando um avião atinge a altitude máxima, solta balões de hélio que podem subir ainda mais e nos fornecem novas leituras. A camada atmosférica chega até cinqüenta milhas de altitude, aproximadamente. Depois das primeiras vinte, não existe já qualquer densidade que possa afetar o progresso do foguete. Voará quase em vácuo. Atravessar as primeiras vinte milhas é que constitui o principal problema. A atração da gravidade, claro, é outra preocupação. Walter poderá explicar-lhe todas essas coisas, se você estiver interessado. Haverá informações contínuas sobre o tempo, durante as últimas horas até sexta-feira. E então ajustaremos os giroscópios, pouco antes do lançamento. Por enquanto, Miss Brand colige as informações recebidas todas as manhãs e organiza um mapa de movimentos giroscópicos, para o caso de ser necessário.

Drax apontou para o segundo dos dois mapas. Era um diagrama do vôo elíptico do foguete, desde o ponto de lançamento até seu alvo. Havia ainda mais colunas de números e cifras.

— Aí temos o registro de velocidade da Terra e seus efeitos na trajetória do foguete — explicou Drax. — A Terra estará girando para Leste, em relação ao vôo do foguete. Esses fatores têm de ser conjugados com o outro mapa, e é da leitura final que sairão as instruções de vôo. É um negócio bem complicado. Felizmente você não precisa compreender. Deixe isso para Miss Brand. E agora — disse, apagando as luzes da parede que ficou novamente lisa — deseja fazer alguma pergunta a respeito de seu trabalho? Não creio que haja muita coisa para você fazer. Já viu que tudo foi feito com a máxima segurança. O Ministério insistiu para que assim fosse, desde o início.

— Tudo me parece em ordem — disse Bond.

Examinou a fisionomia de Drax, em seguida. O olho bom fitava-o intensamente. Bond fez uma pausa.

— Acha que havia alguma coisa entre sua secretária e o Major Tallon?

Era uma pergunta clara, e o melhor seria fazê-la agora.

— É possível, — respondeu Drax sem constrangimento. — Ela é moça atraente. Eram forçados a conviver, constantemente, na companhia um do outro. De qualquer maneira, parece que Bartsch ficou alucinado por ela.

— Ouvi dizer que Bartsch fêz continência e gritou: “Heil Hitler” antes de virar a arma contra a boca — disse Bond.

— Foi o que me contaram — confirmou Drax, sem o mínimo interesse. — E daí?

— Por que motivo todos os homens usam bigode? — indagou Bond, ignorando a pergunta de Drax.

Novamente teve a impressão de que sua pergunta exasperara o outro homem.

Drax soltou uma de suas risadinhas curtas e ladradas.

— Foi uma idéia que eu tive. Eles são difíceis de reconhecer nesses macacões brancos e com as cabeças raspadas. Por isto mandei que todos deixassem crescer os bigodes. A coisa se tornou quase um fetiche. Como na RAF, durante a guerra. Vê alguma coisa de inconveniente nisso?

— Claro que não. A princípio é um tanto.. . surpreendente. Eu teria pensado que números grandes colocados nas roupas, com uma côr diferente para cada turma, teria sido mais eficiente.

— Pois bem — replicou Drax, voltando-se em direção à porta como para finalizar a conversação. — Decidi-me pelos bigodes.

CAPITULO 13

DECISÃO FINAL

Na quarta-feira de manhã, Bond despertou cedo, na cama do homem morto.

Dormira pouco. Drax não dissera nada a caminho de volta para casa e lhe desejara um rápido boa-noite no fim da escada. Bond seguira pelo corredor atapetado até o ponto onde brilhava uma luz, vinda de uma porta aberta, e encontrara suas coisas ordenadamente arranjadas num confortável quarto.

O aposento era mobiliado com o mesmo gosto de tipo dispendioso que encontrara no andar térreo. Havia biscoitos e uma garrafa de Vichy (não era uma garrafa de Vichy com água da bica, verificou Bond) ao lado da cama.

Não se notavam sinais do ocupante precedente, a não ser uma pasta de couro contendo binóculos, na mesinha de cabeceira, e um arquivo de metal, trancado. Bond conhecia tudo sobre arquivos. Virou-o contra a parede, colocou a mão embaixo e encontrou a ponta do fecho que se projeta para baixo, quando a série de escaninhos de cima foi trancada. Uma pressão feita para cima soltou as gavetas uma por uma, e êle baixou suavemente a borda do arquivo para o chão, refletindo maldosamente que o Major Tallon não teria sobrevivido durante muito tempo no Serviço Secreto.

A gaveta de cima continha mapas de escala da base e seus edifícios, além de um mapa do Almirantado n° 1895, representando o Estreito de Dover. Bond colocou cada uma das folhas sobre o leito e examinou-as minuciosamente. Havia restos de cinza de um cigarro nas dobras do mapa do Almirantado.

Bond foi buscar sua caixa de ferramentas — uma caixa quadrada de couro que estava ao lado da cômoda. Examinou os números nas rodas da fechadura de segredo e, satisfeito por não terem sido mexidas, virou-as para o número de código. A caixa estava repleta de instrumentos. Bond escolheu um vaporizador de pó para impressões digitais e uma lente grande. Espalhou o pó fino e acinzentado, centímetro por centímetro, sobre toda a extensão da carta geográfica. Apareceu uma floresta de impressões digitais.

Examinando-as com a lente, chegou à conclusão de que pertenciam a duas pessoas. Isolou os dois melhores grupos, tirou uma Leica com um flash de dentro da pasta de couro e fotografou-os. Em seguida, examinou cuidadosamente com a lente os dois minúsculos sulcos no papel que o pó fizera aparecer .

Estes davam a impressão de serem duas linhas traçadas da costa para formar uma rota cruzando o mar. Sua direção era muito estreita, e as duas linhas pareciam originar-se da casa onde se encontrava Bond. De fato, poderiam indicar observações de algum objeto no mar, feitas de cada ala da casa.

As duas linhas não haviam sido traçadas com lápis, mas, presumivelmente, para evitar serem descobertas, com um estilete que mal sulcava o papel.

No ponto onde se encontravam, havia a sombra de uma interrogação, na linha correspondente à décima-segunda braça, cerca de cinqüenta jardas distante do penhasco, numa direção reta da casa para o navio-farol South Goodwin.

Não havia mais nada para ser descoberto no mapa. Bond olhou o relógio. Vinte para a uma. Ouviu passos distantes no hall e o estalido de uma lâmpada sendo apagada. Num impulso, ergueu-se e, de mansinho, apagou as luzes do quarto, deixando apenas a de leitura, velada por um abajur e colocada à mesinha de cabeceira.

Ouviu os pesados passos de Drax aproximando-se da escada. Houve o estalido de outro interruptor e depois silêncio. Bond imaginava aquela cara grande, cabeluda, voltada para o corredor, olhando, escutando. Depois percebeu o rangido de uma porta, sendo aberta devagar e fechada da mesma forma. Esperou, visualizando os movimentos do homem que se preparava para dormir. Ouviu ainda o som abafado de uma janela que se abria, o ruído de trombeta, distante, de um nariz sendo assoado.

Depois silêncio.

Bond concedeu mais cinco minutos a Drax e depois foi até o arquivo, abrindo suavemente as outras gavetas. Não havia nada na segunda e na terceira, mas a última estava repleta de arquivos arrumados em ordem alfabética. Eram os dossiês dos homens que trabalhavam na base. Bond puxou a série “A”, voltou para a cama e começou a ler.

Em cada um a fórmula era a mesma: nome por inteiro, endereço, data do nascimento, descrição, sinais particulares, profissão ou ofício depois da guerra, registro de tempo de guerra, sobre atitudes políticas e simpatias atuais, registro criminal, de saúde e sobre os parentes próximos. Alguns desses homens tinham mulher e filhos, cujas particularidades eram anotadas e, acompanhando cada dossiê, havia fotografias: de frente e de perfil, além das impressões digitais de ambas as mãos.

Duas horas e dez cigarros depois, Bond examinara todos eles e descobrira dois pontos de interesse geral. Primeiro, que todos os cinquenta homens pareciam ter levado uma vida sem mácula, sem o menor vestígio de ódio político ou criminoso. Aquilo lhe pareceu tão pouco verossímil, que resolveu encaminhar todos eles novamente à Estação D. para serem submetidos a um reexame completo na primeira oportunidade.

O segundo ponto era que nenhuma das caras das fotografias tinha bigode. Apesar da explicação de Drax, esse fato suscitou um segundo pequeno ponto de interrogação no espírito de Bond.

Ergueu-se da cama e trancou novamente tudo, colocando o mapa do Almirantado em um dos arquivos de sua pasta de couro. Girou a fechadura de segredo e enfiou a pasta bem para debaixo da cama, de modo que a mesma ficasse diretamente sob seu travesseiro no ângulo interno da parede. Depois, sem fazer barulho, lavou-se, escovou os dentes no banheiro anexo e escancarou a janela.

A lua ainda brilhava: como devia ter brilhado, pensou Bond, quando, despertado por algum ruído fora do comum, Tallon subira ao telhado, talvez somente há poucas noites, e vira, no meio do mar, o que tinha visto. Devia trazer os binóculos consigo, e Bond, lembrando-se, saiu da janela e apanhou-os. Eram binóculos muito possantes, de fabricação alemã, pilhagem da guerra, talvez, e o 7 X 50 nas chapas superiores revelaram que se tratava de binóculos para a noite. Depois então, o cauteloso Tallon devia ter caminhado de leve (mas não o suficiente) para a outra extremidade do telhado e novamente erguido os binóculos, calculando

a distância da borda do penhasco até o objeto no mar, e do objeto até o Goodwin, navio-farol. Em seguida, devia ter voltado pelo mesmo caminho e, sem fazer ruído, tornado a entrar no quarto.

Bond viu Tallon, talvez pela primeira vez desde que estava na casa, trancar a porta cautelosamente, dirigir-se até o arquivo, retirar dali o mapa, ao qual mal lançara um olhar até então, e marcar sobre o mesmo, de leve, as linhas de sua direção, às pressas. Talvez tivesse olhado para êle durante longo tempo, antes de apor a pequenina interrogação ao seu lado.

E que teria sido então o objeto desconhecido? Impossível dizer. Um navio? Uma luz? Um ruído?

Fosse o que fosse, Tallon não devia ter visto. E alguém o tinha ouvido. Alguém havia adivinhado que êle vira, e esperara que Tallon saísse do quarto na manhã seguinte. Aí então aquele alguém viera ao seu quarto e dera uma busca. A carta marítima, provavelmente, nada revelara, mas vira os binóculos para noite em cima da janela.

Fora o bastante. E naquela noite, Tallon morrerá.

Bond se controlou. Ia depressa demais, compondo um caso, baseado no mais tênue dos indícios. Bartsch matara Tallon, e Bartsch não fora o homem que ouvira o barulho, o homem que deixara as impressões digitais no mapa, o homem cujo dossiê Bond separara e guardara em sua pasta de couro.

O homem tinha sido o untuoso Krebs, a criatura do pescoço de minhoca. As impressões digitais eram suas. Durante um quarto de hora, Bond comparara as impressões do mapa com as impressas no dossiê de Krebs. Mas quem disse que Krebs ouvira um barulho, ou fizera qualquer coisa por causa disso? Bem, para começar, êle parecia mesmo um tipo intrometido. Tinha os olhos de um ladrão sem importância. Aquelas impressões no mapa haviam sido, positivamente, feitas depois que Tallon o estudara. Os dedos de Krebs cobriram os de Tallon em diversos pontos.

Entretanto, como poderia Krebs estar envolvido nessa história, com os olhos de Drax constantemente em cima dele? O assistente confidencial. Mas que dizer de Cícero, o empregado particular de toda confiança do Embaixador Britânico em Ankara, durante a guerra? A mão no bolso das calças pendendo por cima das costas da cadeira. As chaves do Embaixador. O cofre. Os segredos. O quadro era muito semelhante.

Bond sentiu um arrepio. Compreendeu então, de repente, que esti-

vera de pé durante muito tempo em frente às janelas abertas e que já era tempo de dormir um pouco.

Antes de se deitar, pegou o coldre de ombro da cadeira, onde estava no meio das roupas despidas, e retirou a Beretta, colocando-a debaixo do travesseiro. Como defesa contra quem? Bond não sabia, mas sua intuição lhe dizia muito claramente que pairava o perigo no ar. O cheiro era insistente, apesar de ainda impreciso, e restringia-se apenas ao limiar de seu subconsciente. Na realidade, ele sabia que suas impressões se baseavam num determinado número de interrogações que se haviam materializado durante as últimas vinte e quatro horas: o enigma de Drax; o “Heil Hitler” de Bartsch; os estranhos bigodes; os cinquenta alemães de conduta impecável; a carta marítima; os binóculos de noite; Krebs.

Primeiro precisava comunicar suas suspeitas a Vallance. Depois explorar as possibilidades de Krebs. Em seguida, olhar as defesas do “Explorador da Lua” — o lado do mar, por exemplo. Finalmente, entrar em contato com essa pequena Brand e concordarem na elaboração de um plano para os próximos dois dias. Não havia muito tempo a perder.

Enquanto forçava o sono no cérebro transbordante de pensamentos, Bond imaginou o número sete no mostrador de um relógio e deixou a tarefa de acordar entregue às células ocultas de sua memória. Desejava estar fora de casa e no telefone com Vallance, o mais cedo possível. Se suas ações levantassem suspeitas, não ficaria desanimado. Um de seus objetivos era atrair para sua órbita as mesmas forças que envolveram Tallon, porque de uma coisa ele tinha quase certeza, o Major não morreria por amar Gala Brand.

O despertador extra-sensorial não falhou. Pontualmente, às sete horas, com a boca seca por causa dos muitos cigarros da noite anterior, esforçou-se por sair da cama e entrar num banho frio. Barbeara-se, gargarejara com um dentífrício forte e, agora, vestido num terno batido branco e preto, uma camisa azul-marinho de algodão, tipo Mares do Sul, gravata de tricô preto, caminhava levemente, mas não de modo furtivo, pelo corredor até as escadas, com a pasta de couro quadrada na mão esquerda.

Encontrou a garagem no fundo da casa, e o motor do Bentley correspondeu à primeira pressão do arranque. Bond seguiu lentamente pela faixa de concreto sob o olhar indiferente das janelas encortinadas da casa e seguiu em frente, em prise, pelo caminho margeado de árvores. Seus olhos voltaram-se para a casa e confirmaram seu cálculo de que um ho-

mem de pé no telhado seria capaz de enxergar por cima do muro e ter uma visão da beira do penhasco e do mar mais adiante.

Não havia sinal de vida em torno do local onde se encontrava o “Explorador da Lua”. O concreto, já começando a brilhar ao primeiro sol da manhã, estirava-se vazio na direção de Deal. Tinha-se a impressão de um aeródromo recém-construído ou talvez, pensou, com suas três “coisas” diferentes de concreto, a cúpula de uma colmeia, a parede lisa de ferro e o cubo distante do ponto de disparo, cada qual lançando poços negros de sombra em sua direção, ali no sol matutino, como uma paisagem deserta de Dali, na qual três *objets trouvés* repousavam num acaso cuidadosamente calculado.

Lá fora, no mar, dentro do nevoeiro da manhã que prometia um dia quente, o navio-farol South Goodwin mal se delineava, difusa embarcação vermelha, casada para sempre com o mesmo ponto, e condenada, como um navio de cenário no palco de Drury Lane, a assistir ao diorama das ondas e nuvens navegarem atarefadamente para os bastidores, enquanto que êle, sem papéis, passageiros ou carga, continuava ancorado para sempre no ponto de partida que era também seu porto de destino.

Com intervalos de trinta segundos, buzinaava sua triste queixa dentro do nevoeiro, uma prolongada nota dupla de trompete, em cadência descendente. Um canto de sereia, pensou Bond, para repelir em vez de seduzir. Perguntava a si mesmo como os sete homens da tripulação suportariam agora o ruído, enquanto mastigavam carne de porco com feijão. Encolher-se-iam, quando marcava contracanto com a Housewife’s Choice, vindo a todo volume do rádio na hora do rancho? Mas era uma vida segura, foi a conclusão a que chegou Bond, apesar de ancorado nos portões de um cemitério.

Anotou mentalmente, para descobrir se esses sete homens tinham visto ou ouvido a coisa que Tallon marcara no mapa, em seguida saiu rápido por entre os postos de guarda.

Em Dover, parou diante do Café Royal, modesto restaurantezinho, com uma cozinha modesta porém capaz, como êle sabia há muito tempo, de preparar excelentes pratos de peixe e de ovos.

A dona, suíça-italiana, com o filho que a ajudava a dirigir a casa, recebeu-o como velho amigo, e êle pediu um prato de ovos mexidos com presunto e bastante café, recomendando que estivessem prontos em meia hora. Depois seguiu até o posto policial e fez uma chamada para

Vallance, por meio da mesa de ligações da Scotland Yard. Vallance estava em casa, tomando o café da manhã. Ouviu sem comentários a conversa reservada de Bond, mas não expressou surpresa, quando este disse que não tinha tido oportunidade de falar mais intimamente com Gala Brand.

— Essa aí é uma garota inteligente. Se o Sr. K. anda tramando alguma coisa, com certeza ela tem uma idéia do que seja. E se T. ouviu um barulho no sábado à noite, ela pode ter ouvido também. Se bem que eu deva confessar que não se referiu a esse assunto.

Bond não disse nada sobre a recepção que tinha tido por parte do agente de Vallance.

— Vou falar com ela esta manhã e mandar-lhe-ei o mapa com o filme da Leica para que o senhor os examine. Vou dá-los ao Inspetor. Talvez um dos patrulheiros da estrada possa levar. É verdade, de onde T. telefonou quando chamou seu chefe na segunda-feira?

— Vou mandar verificar e depois lhe direi — disse Vallance. Mandarei também a Trinity House perguntar se a South Goodwin e os guardas-costeiros podem ajudar. Mais alguma coisa?

Bond respondeu:

— Não.

A linha passava por muitas mesas de ligação. Talvez, se tivesse sido M., êle tivesse insinuado mais alguma coisa. Pareceu-lhe ridículo falar com Vallance a respeito de bigodes e a atmosfera de perigo que êle sentira na noite anterior, e que a luz do dia dissipara. Aqueles policiais só queriam os fatos nus e crus. Eram melhores, refletiu, na solução de um crime, do que antecipá-los.

— Não, é só.

Desligou.

Sentiu-se mais alegre depois de uma excelente primeira refeição. Leu o *Express* e *The Times* e encontrou uma notícia sucinta sobre o inquérito do caso Tallon. O *Express* fizera muito escarcéu e muita exibição da fotografia da moça. Bond divertiu-se, ao verificar a neutra semelhança que Vallance conseguira apresentar. Decidiu que precisava tentar trabalhar com ela. Demonstraria toda confiança e lhe contaria tudo, fosse ela receptiva ou não. Talvez ela também tivesse suas suspeitas e intuições, porém tão vagas que as estava guardando consigo mesma.

Bond voltou rapidamente para a casa. Eram nove horas em ponto, e quando passou por entre as árvores na faixa de concreto, ouviu-se o

lamento de uma sereia e, dos bosques por trás da casa, uma dupla fila de doze homens apareceu correndo num ritmo propositadamente igual, em direção à cúpula do foguete. Marcavam o tempo enquanto um deles tocava a campainha. A porta então se abriu, e eles entraram em fila, desaparecendo .

Raspe-se a superfície de um tedesco e encontrar-se-á a precisão — pensou Bond.

CAPITULO 14

DEDOS FORMIGANTES

Meia hora antes, Gala Brand esmagara a ponta do seu cigarro matutino, engolira o resto do café, saíra do quarto e se encaminhara para a base, com o aspecto perfeito de uma secretária particular. Trajava uma blusa branca imaculada e uma saia azul-marinho pregueada.

Pontualmente, às oito e meia, estava em seu escritório. Havia um monte de telimpressos do Ministério da Aeronáutica em cima da mesa, e sua primeira ação foi transferir um resumo de seus conteúdos para um mapa meteorológico, entrar pela porta de comunicação no escritório de Drax, e pregar o mapa num quadro pendente no ângulo da parede ao lado do vidro liso. Em seguida, apertou o interruptor que iluminava o mapa de parede, fêz alguns cálculos, baseada nas colunas de números reveladas pela luz, e anotou o resultado no diagrama que prendera ao quadro.

Fizera isto com os dados do Ministério da Aeronáutica, que se tornavam cada vez mais exatos, à medida que a data do lançamento experimental se aproximava, todos os dias, desde que a base terminara, e a construção do foguete se iniciara dentro dela. Tornara-se tão perita, que agora sabia de cor as direções do giroscópio para quase todas as variações de temperatura em diferentes altitudes.

De modo que ainda ficava mais irritada quando Drax não demonstrava aceitar seus cálculos. Todos os dias quando, às nove horas, pontualmente, as campainhas de aviso soavam, e ele descia a íngreme escadaria de ferro para entrar em seu escritório, seu primeiro gesto era chamar o insuportável Dr. Walter, para que, juntos, estudassem novamente todas as suas anotações, transcrevendo os resultados no fino caderninho de notas que Drax trazia no bolso traseiro das calças. Sabia que aquilo era uma ro-

tina invariável e se cansara de observá-la através de um orifício disfarçado que fizera, de forma a poder enviar a Vallance um relatório semanal dos visitantes de Drax. O orifício ficava na parede fina que separava os dois escritórios. O método era amadorista, porém eficiente, e ela lentamente formara um quadro completo da rotina diária, que acabara por achar demasiadamente irritante. Era irritante por duas razões. Significava que Drax não confiava em seus algarismos e solapava sua oportunidade de tomar parte, da maneira mais modesta que fosse, no lançamento final do foguete.

Era natural que, no decorrer dos meses, tivesse ficado tão integrada em seu disfarce quanto em sua verdadeira profissão. Era uma coisa fundamental para a exatidão absoluta dêsse disfarce que sua personalidade ficasse tão verdadeiramente oculta quanto possível. E agora, enquanto espionava, apalpava e farejava o vento em torno de Drax, para relatar ao seu Chefe em Londres, sentia-se profundamente interessada pelo sucesso do “Explorador da Lua” e tornara-se tão dedicada ao seu serviço quanto qualquer outro membro da base.

O resto de seus deveres como secretária particular de Drax era intoleravelmente monótono. Todos os dias chegava um enorme volume de correspondência dirigida a Drax em Londres e enviada para lá pelo Ministério. Naquela manhã, encontrara o monte habitual de mais ou menos cinquenta cartas aguardando em cima da escrivaninha. Eram sempre de três tipos. Cartas de pedidos, de pessoas maníacas pelo foguete, cartas comerciais do corretor de Drax e de outros agentes comerciais. Para estas Drax ditava respostas breves, e o resto do dia ela se ocupava em datilografar e arquivar.

De sorte que era natural o fato de sua única obrigação relacionada com a operação do foguete destacar-se extraordinariamente entre os monótonos deveres. Naquela manhã, ao conferir e reconferir seu plano de vôo, estava mais que decidida a fazer aceitarem seus cálculos para *O Dia*. Entretanto, como muitas vezes lembrava a si mesma, talvez não houvesse razão para que não os aceitassem. Talvez os cálculos diários de Drax e Walter para anotação no caderninho preto não passassem de nova verificação de seus próprios números. Era bem verdade que Drax nunca tinha pedido seu boletim meteorológico ou as direções do giroscópio por onde os calculava. E quando um dia ela perguntara diretamente se seus cálculos sobre o tempo estavam corretos, êle respondera com evidente sinceridade:

— Excelentes, minha cara. Muito valiosos. Não poderíamos arranjar-nos sem eles.

Gala Brand voltou para sua sala e começou a abrir as cartas. Só mais dois planos de vô para quinta-feira e sexta, e então, baseados em seus cálculos ou noutros, nos guardados dentro do bolso de Drax, o giroscópio seria finalmente ajustado, e seria apertado no ponto de disparo.

Distraidamente, Gala olhou para as unhas e depois estendeu as duas mãos, com as costas voltadas em sua direção. Quantas vezes, durante seu adestramento na Escola da Polícia, fora mandada para fora com outras alunas e recomendada a não voltar sem um caderno de notas, um estôjo de maquilagem, uma caneta-tinteiro ou mesmo um relógio de pulso? Quantas vezes, durante os cursos, o instrutor não se voltara, segurando-a pelo pulso e dizendo: “Vamos, vamos, senhorita. Isto assim não vai de jeito nenhum. Dá até a impressão de um elefante procurando açúcar no bolso do tratador. Tente novamente.”

Friamente, flexionou os dedos e depois, tomando uma resolução, voltou à pilha de cartas.

Quando faltavam poucos minutos para as nove, as campainhas de alarma soaram, e ela ouviu Drax chegar ao escritório. Pouco depois ouviu-o abrir as portas duplas novamente e chamar Walter. Em seguida, veio o habitual murmúrio de vozes cujas palavras eram abafadas pelo leve chiar do ventilador.

Gala arrumou as cartas em três pilhas e sentou-se inclinada para a frente, os nervos relaxados, os cotovelos descansando na escrivaninha e o queixo repousando na mão esquerda.

Comandante Bond. James Bond. Evidentemente, um jovem convencido, como tantos outros do Serviço Secreto. E porque tinha sido enviado em vez de alguém com quem pudesse trabalhar, um de seus amigos da Seção Especial ou mesmo uma pessoa do M15? A mensagem do Comissário-Assistente dizia que não havia mais ninguém disponível assim de repente, que êle era um dos astros do Serviço Secreto, que desfrutava da mais absoluta confiança da Seção Especial e tinha as bênçãos do M15. Até mesmo o Primeiro-Ministro lhe dera permissão para agir somente nesta missão dentro da Inglaterra. Mas de que poderia adiantar, em face do pouco tempo que restava? Êle, provavelmente, atirava bem e falava idiomas estrangeiros, além de executar uma série de truques que poderiam ser úteis no exterior. Entretanto, que poderia fazer de bom aqui, sem

lindas espíãs para namorar. Porque bonito ãle era, incontestavelmente. (Gala Brand procurou automaticamente o estôjo de maquilagem e bateu a esponjinha de pó de arroz no nariz.) Bem no gênero de Hoagy Carmichael, sob certo aspecto. Aquele cabelo preto caindo em cima da sobrançelha direita. Mais ou menos o mesmo tipo ósseo. Mas havia um quê de crueldade na boca, e os olhos eram frios. Cinzentos ou azuis? Tinha sido difícil verificar a noite passada. Bem, de qualquer maneira, ela o pusera em seu lugar e lhe mostrara que não estava impressionada por rapazes atraentes do Serviço Secreto, por mais românticos que parecessem. Havia homens igualmente belos na Seção Especial, e estes eram detetives de verdade, não apenas pessoas que Phillips Oppenheim idealizara, donos de carros velozes com bandas douradas e coldres de ombro. Ah, isto ela descobrira com certeza, e até esbarrara nele para ter certeza.

Pois bem, supunha que devia demonstrar, de uma forma ou de outra, que trabalhava com ãle, apesar de só Deus saber em quê. Se ela estivera ali desde quando o local fora construído sem descobrir coisa alguma, o que poderia esse homem, Bond, esperar descobrir em dois dias? E o que havia para ser descoberto? Naturalmente, existiam uma ou duas coisas que ela não conseguia compreender. Deveria falar-lhe em Krebs, por exemplo? A primeira coisa a fazer era providenciar para que ãle não lhe estragasse o trabalho, fazendo qualquer tolice. Teria de ser fria, firme e extremamente cautelosa. Mas isto não queria dizer, chegou à conclusão no momento em que a cigarra tocava e ela apanhava as cartas e o caderno de taquigrafia, que não pudesse ser amistosa em suas relações. Estritamente dentro de suas próprias condições, é claro.

Havendo tomado esta segunda decisão, abriu a porta de comunicação e entrou no escritório de Sir Hugo Drax.

Ao voltar para sua sala, meia hora depois, encontrou Bond sentado em sua cadeira com o Almanaque Whitaker aberto na escrivaninha diante dele. Apertou os lábios, quando Bond se levantou e desejou-lhe um feliz bom dia. Gala baixou a cabeça rapidamente, rodeou a escrivaninha e sentou-se. Afastou cuidadosamente o Whitaker e colocou as cartas e o caderno em seu lugar.

— Devia ter mais uma cadeira para as visitas — disse Bond com um sorriso que ela definiu como impertinente. — E alguma coisa melhor para se ler do que livros de referências.

A moça ignorou as observações.

— Sir Hugo deseja vê-lo. Eu ia agora mesmo ver se já havia se levantado.

— Mentirosa. Você me ouviu passar às sete e meia. Eu a vi espionando entre as cortinas.

— Não fiz semelhante coisa — retrucou Miss Brand indignada. — Por que haveria de estar interessada num carro que passava?

— Eu disse que você ouviu o carro — disse Bond. Insistiu em sua vantagem. — E, por falar nisso, acho que não deve coçar a cabeça com o lápis quando está tomando ditado. Nenhuma das melhores secretárias particulares faz tal coisa.

Bond olhou de modo significativo para um ponto da porta de comunicação. Depois sacudiu os ombros.

As defesas de Gala caíram. Diabo de homem, pensou. Endereçou-lhe um sorriso relutante.

— Ora. Vamos parar com isto. Eu não posso passar a manhã inteira brincando de adivinhação. Ele quer nos ver e não gosta de esperar.

Levantou-se e dirigiu-se para a porta de comunicação, abrindo-a. Bond seguiu-a, fechando depois a porta.

Drax estava de pé, olhando o mapa de parede iluminado. Voltou-se, quando os dois entraram.

— Ah, você está aqui — disse com um olhar firme para Bond. — Pensei que talvez nos tivesse deixado. Os guardas anotaram sua saída às sete e meia da manhã de hoje.

— Precisei dar um telefonema — explicou Bond. — Espero não ter incomodado ninguém.

— Existe um telefone em meu estúdio — ajuntou Drax, conciso. — Tallon achava que servia muito bem.

— Ah, pobre Tallon — disse Bond sem nenhuma inflexão particular.

Notara um quê de autoritário na voz de Drax que o desagradara bastante, e isto fizera com que desejasse instintivamente desarmá-lo. Nessa vez foi bem sucedido.

Drax lançou-lhe um olhar duro, que disfarçou com um risinho curto, latido e um sacudir de ombros.

— Faça como melhor lhe agradar. Você tem seu trabalho para fazer. Contanto que não perturbe as rotinas daqui. Deve-se lembrar — acrescentou mais amável — de que todos os meus homens estão nervosos ao extremo agora, e eu não posso inquietá-los com misteriosas movimenta-

ções. Espero que não deseje fazer-lhes muitas perguntas hoje. Eu preferia que não tivessem mais nada com que se preocupar. Ainda não se recuperaram do que aconteceu segunda-feira. Miss Brand poderá informá-lo a respeito de tudo que diz respeito a eles, e creio que todos os dados arquivados acham-se no quarto de Tallon. Já os examinou?

O arquivo não tem chave — respondeu Bond, dizendo a verdade.

— Desculpe, a culpa é minha — disse Drax. Foi até a escrivaninha, abriu uma gaveta da qual tirou um pequeno molho de chaves, e entregou-o a Bond.

— Devia ter-lhe entregado isto a noite passada. O Inspetor que tratou do caso pediu-me lhe entregasse. Desculpe.

— Muito obrigado — disse Bond por sua vez. Depois fez uma pausa.

— Diga-me uma coisa, há quanto tempo Krebs trabalha com o senhor?

Fêz a pergunta obedecendo a um impulso. Houve um momento de silêncio na sala.

— Krebs? — repetiu Drax, pensativo.

Encaminhou-se para a escrivaninha e sentou-se. Estendeu a mão para o bolso da calça e puxou um maço de cigarros de ponta de cortiça. Seus dedos grosseiros lutaram com o envólucro de celofane. Tirou um cigarro e meteu-o na boca, sob a franja do bigode avermelhado, acendendo-o depois.

Bond mostrou-se surpreso.

— Eu não sabia que se podia fumar aqui — observou, tirando sua própria carteira do bolso.

O cigarro de Drax, minúsculo tubo branco no meio da caraça vermelha, subia e descia enquanto êle respondia sem tirá-lo da boca.

— Aqui não há perigo. Estas salas são à prova de ar. As portas são forradas com borracha. A ventilação é separada. Precisei colocar as oficinas e geradores apartados da cúpula e, de qualquer maneira — seu lábios sorriram em torno do cigarro — preciso dar um jeito para fumar.

Drax tirou o cigarro da boca e olhou-o. Parecia estar tomando uma resolução.

— Você estava me interrogando a respeito de Krebs. Pois bem, cá entre nós, não confio inteiramente nesse camarada — declarou fitando Bond com uma expressão significativa.

Levantou a mão num gesto de quem se desculpa.

— Nada de definido, naturalmente, ou eu já o teria mandado embora, mas encontrei-o espionando pela casa, e uma vez apanhei-o em meu estúdio, remexendo meus papéis particulares. Ele apresentou uma explicação perfeita e deixei-o sair, prevenindo-o. Contudo, para ser franco, tenho minhas suspeitas a respeito do homem. Evidentemente, ele não pode fazer mal algum. Faz parte do pessoal da casa, e nenhum deles tem licença de entrar aqui, mas — Drax fitou Bond francamente, dentro dos olhos — eu devia ter-lhe dito que se concentrasse nele. Foi muita vivacidade sua, haver observado qualquer coisa no homem, tão depressa — acrescentou com respeito. — Que foi que o levou a isto?

— Nada de extraordinário. Ele tem um aspecto inquieto. Mas o que o senhor diz é interessante, e eu não deixarei de estar de olho nele.

Voltou-se para Gala Brand, que permanecera em silêncio desde o momento em que entraram na sala.

— Qual sua opinião a respeito de Krebs, Miss Brand? — perguntou, polidamente.

A moça respondeu, dirigindo-se a Drax.

— Não entendo muito dessas coisas, Sir Hugo, — disse com modéstia e um quê de impulsivo que Bond admirou.

— Porém não confio nele de jeito nenhum. Não tinha intenção de lhe contar, mas ele andou rondando meu quarto, entrou lá, abriu cartas etc. Tenho certeza disso.

Drax mostrou-se chocado.

— Foi mesmo?

Pôs o cigarro no cinzeiro e extinguiu os fragmentos acesos, um por um.

— Deixe-o comigo — falou sem levantar os olhos.

CAPÍTULO 15

JUSTIÇA RUDE

Houve um momento de silêncio na sala durante o qual Bond refletiu como era estranho que as suspeitas recaíssem tão de repente e unanimemente sobre o mesmo homem. Isto, por acaso, libertaria automaticamente os outros? Krebs não poderia ser membro de uma quadrilha? Ou trabalharia por conta própria e, nesse caso, com que objetivo? E que relação haveria entre suas espionagens e as mortes de Tallon e Bartsch?

Drax quebrou o silêncio.

— Bem, parece que chegamos a um ponto de acordo — disse, olhando Bond, à procura de confirmação. Este baixou a cabeça, num gesto cauteloso.

— Tenho mesmo de deixá-lo por sua conta. De qualquer forma, providenciaremos para que se conserve bem afastado da base. Aliás, vou levá-lo comigo amanhã para Londres. Pormenores de última hora deverão ser combinado com o Ministério, e Walter não pode sair daqui. Krebs é o único homem capaz de executar o serviço de um ajudante-de-ordens. Isto o conservará fora de qualquer complicação. Até lá temos todos de mantê-lo sob vigilância. A não ser, naturalmente, que você queira prendê-lo já, trancando-o à chave e cadeado. Eu preferia que não. Não desejo perturbar mais a equipe.

— Não será necessário — disse Bond. — Ele conta com alguns amigos particulares entre os outros homens?

— Nunca o vi falando com nenhum, exceto Walter e o pessoal de casa — disse Drax. — Calculo que se considera superior aos outros. Pessoalmente, não acredito que exista muita maldade nesse camarada, do contrário não o teria conservado. Ele fica sozinho em casa o dia inteiro,

e com certeza é um desses sujeitos que gostam de bancar o detetive e meter o nariz nos negócios dos outros. Que diz você? Talvez pudéssemos deixar as coisas neste pé?

Bond fez que sim, guardando seus pensamentos para si mesmo.

— Pois então — continuou Drax, feliz por deixar de lado um assunto desagradável e voltar para os negócios. — Temos outras coisas para conversar. Ainda nos restam dois dias, e é melhor falar-lhe sobre o programa.

Ergueu-se da cadeira e mediu pesadamente a sala em largas passadas, por trás da escrivaninha:

— Hoje é quarta-feira. À uma hora a base será fechada para receber combustível. Isto será supervisionado pelo Dr. Walter, por mim e mais dois homens do Ministério. Para a eventualidade de qualquer coisa sair errada, uma câmara de televisão registrará tudo que fizermos. E então, se houver uma explosão, nossos sucessores saberão como agir melhor na próxima vez — finalizou com um curto riso ladrado. — Se o tempo permitir, o telhado será aberto hoje à noite para deixar a fumaça sair. Meus homens montarão guarda em vigias de dez jardas de intervalo, até a distância de cem jardas a partir da base. Haverá três homens armados na praia, do lado oposto ao túnel exaustor no penhasco. Amanhã de manhã a base será novamente aberta até o meio-dia para uma verificação final e, a partir desse instante, exceto a disposição do giroscópio, o “Explorador da Lua” estará pronto para partir. Os guardas ficarão permanentemente vigiando toda a base. Na sexta-feira pela manhã eu examinarei pessoalmente o ajustamento do giroscópio. Os homens do Ministério tomarão conta do ponto de disparo, e a RAF do radar. A BBC enviará seus caminhões, que ficarão atrás do ponto de disparo, e as irradiações começarão às onze e quarenta e cinco.

Ao meio-dia em ponto apertarei o pistão, um sinal de rádio passará por um circuito elétrico e — Drax sorriu abertamente — nós veremos o que vamos ver.

Fêz uma pausa, mexendo no queixo:

— Vejamos agora o que mais? Ah, sim. A navegação será banida da área orbital desde a meia-noite de quinta-feira. A Marinha providenciará uma patrulha nos limites da área durante toda a manhã. Haverá um comentarista da BBC num dos navios. O Ministério do Abastecimento mandará técnicos que ficarão num navio de salvamento com um aparelho de televisão para a profundidade do mar, e depois que o foguete aterrissar,

tentarão recuperar os restos. Talvez você se interesse em saber — continuou, esfregando as mãos numa alegria quase infantil, — que um mensageiro do Primeiro-Ministro trouxe a notícia muito alvissareira de que não só estará reunido o Gabinete para ouvir a irradiação, mas o Palácio também escutará o lançamento.

— Ótimo — disse Bond, satisfeito pelo outro.

— Obrigado. Agora quero ter absoluta certeza de que você está satisfeito com as medidas de segurança que tomei na própria base. Não creio que seja necessário nos preocuparmos com o que se passar do lado de fora. A RAF e a polícia parecem estar executando um serviço muito completo.

— Tudo parece ter sido providenciado — disse Bond.

— Não creio que me reste muita coisa para fazer no tempo que ainda falta.

— Nada que eu me lembre — concordou Drax. — Exceto nosso amigo Krebs. Esta tarde êle permanecerá na camioneta da televisão tomando notas, de modo que estará fora de qualquer trapalhada. Por que você não vai dar uma olhada na praia, na base do penhasco, enquanto êle está fora de ação? este é o único ponto fraco que eu posso lembrar. Muitas vezes pensei que se alguém quisesse penetrar na base, tentaria passar pela cavidade exaustora. Leve Miss Brand. Quatro olhos, etc, e ela não poderá mesmo usar seu escritório até amanhã de manhã.

— Está bem — concordou Bond.

— Eu gostaria de dar uma olhada no lado do mar, depois do almoço, e se Miss Brand não tiver nada de melhor para fazer...

Voltou-se para ela com as sobranceiras erguidas. Gala Brand baixou os olhos.

— Claro, se Sir Hugo desejar — disse sem entusiasmo.

Drax esfregou as mãos.

— Então está combinado. E agora preciso voltar a trabalhar. Miss Brand, quer fazer o favor de pedir ao Dr. Walter que venha aqui, se estiver livre? Nós nos veremos na hora do almoço — disse a Bond, despedindo-o.

Este fez com a cabeça que sim.

— Acho que vou caminhar até a cúpula e dar uma olhadela no ponto de disparo — falou sem saber direito porque mentia. Virou-se e seguiu Gala Brand através das portas duplas e depois até a base do cilindro.

Enorme serpente negra de fios de borracha se retorcia sobre o

brilhante chão de aço, e Bond observou a moça escolher o caminho por entre suas voltas até onde se encontrava Walter, sozinho. Olhava a boca do tubo do combustível ser levantada para onde um guindaste, esticado até a soleira de uma porta de acesso, na metade do foguete, indicava os principais tanques de combustível.

A moça disse qualquer coisa a Walter e depois ficou olhando para cima, enquanto o tubo ia sendo delicadamente manipulado para o interior do foguete.

Bond achou que ela parecia muito inocente, ali de pé, com os cabelos castanhos soltos e a curva da garganta cômica de marfim imergindo na blusa branca e simples. Com as mãos cruzadas nas costas, contemplando embevecida os faiscantes cinqüenta pés do “Explorador da Lua”, poderia ser tomada por uma colegial mirando uma árvore de Natal — exceto pelo impudente orgulho dos seios atrevidos, levantados pela cabeça e os ombros jogados para trás.

Bond sorriu consigo mesmo ao chegar ao pé da escada de ferro e começar a subir. Aquela moça inocente, desejável, lembrou a si próprio, é uma policial extremamente competente. Sabe como desferir pontapés e onde; pode quebrar meu braço, provavelmente mais depressa e com mais facilidade do que eu poderia quebrar o dela, e pelo menos metade de seu ser pertence à Seção Especial da Scotland Yard. Naturalmente, refletiu, baixando os olhos a tempo de vê-la seguir o Dr. Walter até o escritório de Drax, existe sempre a outra metade.

Lá fora, o brilhante sol de maio parecia particularmente dourado depois do branco azulado dos arcos, e Bond sentia-o quente nas costas ao caminhar deliberadamente pelo concreto em direção à casa. O apito de nevoeiro do Goodwin estava silencioso, e a manhã tão calma que ele podia ouvir as batidas rítmicas dos motores de um navio, quando este passava por Inner Leads, entre o Goodwin e a praia, a caminho do Norte.

Aproximou-se da casa, protegido pelo largo muro contra o vento, e então, rapidamente, atravessou as poucas jardas até a porta da frente, sem produzir o menor ruído com os sapatos de crepe-sola. Abriu a porta, deixou-a escancarada e caminhou de leve para o hall onde se pôs à escuta. Ouviu o rumor das manhãs de verão; uma abelha batendo de encontro à vidraça de uma das janelas e um bulício confuso e distante nas barracas atrás da casa. Fora isto, o silêncio era profundo, cálido e tranqüilizante.

Bond caminhou cautelosamente através do hall e pelas escadas

acima, assentando os pés inteiros no chão e usando as extremidades dos degraus onde havia menos probabilidade de a madeira estalar. Não se ouvia barulho no corredor, mas Bond viu que sua porta, lá no fim do mesmo, estava aberta. Retirou o revólver da axila e foi seguindo depressa pela passagem atapetada.

Krebs estava de costas para êle. Achava-se ajoelhado no meio do quarto com os cotovelos no chão. Suas mãos se encontravam nas rodas do fecho de segredo da pasta de couro de Bond. Toda sua atenção focalizava-se no estalido das linguetas do fecho.

O alvo era tentador, e Bond não hesitou. Seus dentes apareceram num sorriso cruel, deu dois passos rápidos para dentro do quarto e mandou o pé com violência.

Toda sua força se concentrava na ponta do sapato, e seu equilíbrio e tempo foram perfeitos.

Um grito de gralha partiu de Krebs quando, como a caricatura de um sapo pulando, saltou por cima da pasta de Bond mais ou menos um metro adiante, batendo na frente da cômoda de mogno. Sua cabeça foi de encontro ao centro com tanta fôrça, que a pesada peça dançou na base. O grito foi abruptamente interrompido, e êle tombou esticado e inerte sobre o tapete, ali permanecendo.

Bond ficou olhando e esperando ouvir o som de passos apressados, mas o silêncio continuou a reinar dentro da casa. Passou por cima do corpo, curvou-se sobre êle e ajeitou-o de costas. O rosto em torno do borrão do bigode amarelo estava pálido e um pouco de sangue escorria de um corte no alto da fronte. Os olhos continuavam fechados, e a respiração normal.

Bond ajoelhou-se num lado só e começou a dar uma busca minuciosa em todos os bolsos do terno alinhado, cinzento, de listas fininhas, que o homem trajava, colocando desapontado o magro conteúdo no tapete ao lado do corpo. Não havia caderninhos de nota nem papéis. Os únicos objetos de interesse eram um molho de chaves-mestras, uma faca de mola com uma lâmina de estilete bem amolada e uma espécie de cas-setete de couro preto em forma de trouxa. Bond guardou essas coisas no bolso, foi até a mesinha de cabeceira e pegou a garrafa intacta de água de Vichy.

Foram necessários cinco minutos para fazer Krebs voltar a si e fazê-lo sentar-se com as costas apoiadas na cômoda. Mais cinco para que re-

cuperasse a voz. Pouco a pouco a côr foi voltando-lhe ao rosto e a astúcia aos olhos.

— Não respondo perguntas a não ser a Sir Hugo — declarou quando Bond começou o interrogatório. — Você não tem o direito de me fazer perguntas. Eu cumpria meu dever.

Sua voz era mal-humorada e segura de si.

Bond segurou a garrafa vazia de Vichy pelo gargalo.

— Refuta novamente. Do contrário, eu lhe bato com isto até quebrar, e depois usarei o gargalo para alguma cirurgia plástica. Quem lhe mandou revistar meu quarto?

— *Leck mich am Arsch* — Krebs cuspiu o insulto obsceno na cara de Bond.

Este curvou-se e vibrou-lhe violenta pancada nas canelas.

O corpo de Krebs dobrou-se mas, quando Bond tornou a levantar o braço, ergueu-se subitamente do chão e mergulhou por baixo da garrafa que descia. O golpe pegou-o rijo no ombro, porém não lhe cortou o ímpeto, e êle se encontrou do outro lado da porta, já no meio do corredor, antes de Bond partir em sua perseguição.

Bond parou então do lado de fora da porta e observou a figura ligeira desaparecer pelas escadas, fora de suas vistas. Em seguida, o rinchar das solas de borracha descendo às pressas as escadas se fêz ouvir até atravessar o hall. Bond riu abruptamente para si mesmo, voltou para o quarto e fechou a porta. Além de quase arrebentar a cabeça do sujeito, tudo indicava que não arrancaria nada dele. Animal astucioso. Seus ferimentos não poderiam ter sido assim tão maus, no fim das contas. Bem, caberia a Drax castigá-lo. A não ser, naturalmente, que Krebs estivesse executando suas ordens.

Pondo em ordem a confusão do seu quarto, Bond sentou-se na cama e olhou a parede do lado oposto com olhos que nada viam. Não tinha sido apenas o instinto que o levara a dizer a Drax que iria até o ponto do tiro, em vez de voltar para a casa. Passara-lhe seriamente pela idéia o fato de que a espionagem de Krebs era feita por ordem de Drax e que este organizava seu próprio sistema de segurança. Entretanto, de que maneira isto se entrosava com as mortes de Tallon e Bartsch? Ou o duplo assassinio teria sido uma coincidência sem nenhuma relação com as marcas do mapa e as impressões digitais de Krebs?

Como que chamado pelos seus pensamentos, bateram à porta,

e o mordomo entrou. Vinha seguido por um sargento da polícia, com o uniforme de patrulheiro de estrada, que fez continência e entregou um telegrama a Bond. Bond levou-o até a janela. Vinha assinado: Baxter, que queria dizer Vallance, e dizia:

PRIMEIRA CHAMADA VEIO DA CASA SEGUNDO LUGAR NEVOEIRO EXIGIU FUNCIONAMENTO BUZINA DE NEVOEIRO DE MODO QUE NAVIO OUVIDO VÍRGULA NÃO OBSERVOU NADA TERCEIRO LUGAR SUA ÁREA SUSPEITA FICA MUITO PERTO PRAIA ASSIM FORA DAS VISTAS DOS ÚLTIMOS PONTOS DOS GUARDA-COSTAS DE SAINT MARGARET OU DEAL.

— Obrigado — disse Bond. — Não tem resposta.

Depois de fechar a porta, chegou o isqueiro aceso ao telegrama e depois deixou-o cair na lareira, reduzindo os restos queimados a pó com a sola do sapato.

Dali nada mais se aproveitava, exceto que a chamada de Tallon para o Ministério poderia realmente, ter sido ouvida por alguém da casa, o que teria resultado na busca em seu quarto, que, por sua vez, teve como consequência a morte do major. Mas que dizer de Bartsch? Se tudo aquilo fazia parte de uma coisa muito maior, como poderia ser ligada a um atentado de sabotagem ao foguete? Não seria muito mais simples supor que Krebs era um espião nato, ou ainda mais provável, que estivesse trabalhando para Drax, que parecia ser meticulosamente cômico da necessidade de segurança e que podia também querer certificar-se da lealdade de seu secretário, de Tallon, e, sem dúvida, depois do encontro no Blades, de Bond? Não seria agir justamente como o chefe (e Bond conhecera alguns que se adaptariam perfeitamente ao tipo) de um projeto super-secreto durante a guerra, que reforçava a segurança oficial com seu próprio sistema de espionagem particular?

Se essa teoria fosse correta, restava apenas o duplo assassinio. Agora que Bond fora contagiado pela magia e tensão do “Explorador da Lua”, os fatos referentes aos tiros histéricos pareciam mais razoáveis. Quanto às marcas no mapa, poderiam ter sido feitas num dia qualquer do ano anterior; os binóculos para noite eram isto apenas: binóculos para noite, e os bigodes dos homens apenas uma quantidade de bigodes.

Bond sentou-se no quarto silencioso, remexendo as peças do quebra-cabeças, de modo que dois quadros inteiramente diversos se alter-

navam em sua mente. Num deles o sol brilhava, tudo estava límpido e inocente como o dia. O outro era uma confusão culposa de motivos, suspeitas obscuras e interrogações de pesadelo.

Quando o gongo soou para o almoço, êle ainda não sabia que quadro escolher. Para adiar a decisão, afastou do espírito tudo, menos as perspectivas da tarde que passaria sozinho com Gala Brand.

CAPITULO 16

UM DIA GLORIOSO

Era uma tarde maravilhosa, azul, verde e dourada. Quando deixaram a faixa de concreto passando pelo portão da guarda, perto do ponto de tiro, agora ligado à base de lançamento por um grosso cabo, pararam um momento à beira do grande penhasco calcário e ficaram olhando todo o trecho da Inglaterra onde César ancorara pela primeira vez dois mil anos atrás.

À esquerda, o tapete de grama verde, salpicado de pequeninas flores silvestres descia gradativamente para as longas praias de pedregulho de Walmer e Deal, que se curvavam para Sandwich e a baía. Mais além, os penhascos de Margate, surgindo brancos dentre a névoa distante que ocultava o North Foreland, guardavam a mancha cinzenta do aeródromo de Manston, acima do qual aviões a jato norte-americanos descreviam suas parábolas no céu. Em seguida, vinha a Ilha de Thanet e, fora do raio visual de ambos, a embocadura do Tâmis.

A maré era baixa, e os Goodwins pareciam dourados e suaves dentro do azul cintilante do Canal mostrando apenas o conjunto de mastros e cordames que se esticavam para contar a verdadeira história. As letras brancas do navio-farol South Goodwin estavam fáceis de ler, e até o nome do navio irmão, mais para o norte, surgia branco contra o vermelho do casco.

Entre as areias da costa, ao longo do canal de doze braços do Inner Leads, havia meia dúzia de navios navegando pelo Downs. O som ritmado de seus motores destacava-se claramente dentro do mar calmo e, entre as areias cruéis e o contorno nítido da costa francesa, viam-se navios de todas as procedências rumando para seus destinos — navios de passa-

geiros de linha regular, navios mercantes, rústicas chalupas holandesas e até uma esguia corveta correndo para o sul, talvez para Portsmouth. Até onde a vista alcançava, o lado oriental mais próximo da Inglaterra estava coalhado de embarcações, dirigindo-se para os horizontes distantes, para um porto nacional ou para o outro lado do mundo. Era um panorama cheio de colorido, excitação e romance, e as duas criaturas, ali na borda do penhasco, mantinham-se em silêncio enquanto permaneciam por algum tempo observando tudo.

A paz foi turbada por dois uivos de sirena, provenientes da casa, e eles se viraram, para olhar o mundo negro e feio de concreto, que haviam banido de seus espíritos. Enquanto olhavam, uma bandeira vermelha foi hasteada por cima da cúpula de lançamento, e duas ambulâncias da RAF, com as cruzeiras vermelhas nos lados, irromperam do renque de arvoredo, na direção do muro, e aí estacaram.

— Vai começar a operação combustível — disse Bond. — Vamos principiar nosso passeio. Nada haverá para ver e, se por acaso acontecesse alguma coisa, nós não sobreviveríamos, quase com certeza, no ponto em que nos encontramos.

A moça sorriu.

— É verdade. E eu já estou cheia de olhar para todo esse concreto.

Seguiram ambos pelo declive suave e, dentro em pouco, encontravam-se já longe do alcance de tiro e da alta cerca de arame.

O gelo da reserva de Gala derretia-se rapidamente ao sol.

A alegria exótica de sua toalete, uma blusa de algodão listrada de branco e preto, metida num cinto largo, pespontado à mão, também preto, encimava uma saia meio curta, rosa shocking, e o conjunto parecia contagiá-la. Era impossível, para Bond, reconhecer a mulher frígida e distante da noite anterior naquela que caminhava agora a seu lado, rindo e feliz de sua ignorância a respeito dos nomes de flores selvagens: a erva de S. Pedro, a fumaria e outras, em tons azuis, que rodeavam seus pés.

Triunfalmente, encontrou uma orquídea selvagem e colheu-a.

— Você não faria isso, se soubesse que as flores gritam quando são colhidas — disse Bond.

Gala olhou para êle.

— Que quer você dizer com isso? — perguntou, suspeitando um gracejo.

— Ah, você não sabia? — Bond sorriu, ao observar a reação de

Gala. — Existe um professor hindu, chamado Bhowe, que escreveu um tratado sobre o sistema nervoso das flores. Mediu a reação delas à dor. Chegou mesmo a registrar o grito de uma rosa, quando é colhida. Deve ser um dos sons mais lancinantes do mundo, não lhe parece? Pois eu ouvi algo de semelhante quando você colheu essa flor.

— Não acredito — disse Gala, olhando desconfiada para a raiz arrancada. — Mas, de qualquer maneira — acrescentou, maliciosa — eu jamais pensaria que você fosse capaz de sentimentalismos. As pessoas, no seu Serviço, não fazem de matar um ofício? E não são apenas flores. São pessoas.

— As flores não podem atirar em nós, também — disse Bond.

Gala olhou a flor.

— Agora você me fez sentir como se fosse uma criminosa. É muita maldade sua. Mas — confessou relutante — terei de descobrir essa história do hindu, e se você tiver dito a verdade, nunca mais apanharei uma flor enquanto viver. Que faço com esta? Você me fez sentir com as mãos sangrando completamente.

— Dê para mim. De acordo com você, minhas mãos já estão gotejando sangue. Um pouco mais não fará diferença.

A moça ofereceu-lhe a flor, e suas mãos se tocaram.

— Você poderá colocá-la no cano do revólver — falou, para disfarçar o instante do contato.

Bond riu:

— Quer dizer que os orifícios não servem só para decoração. Mas a minha é uma pistola automática, e eu deixei-a no quarto.

Enfiou o talo da flor numa das casas de sua camisa de algodão:

— Achei que um coldre de ombro chamaria um pouco a atenção sem o paletó para cobri-lo. Depois não acredito que ninguém vá mexer em meu quarto esta tarde.

Numa concordância tácita, eles se afastaram do momento de intimidade. Bond contou sua descoberta a respeito de Krebs e a cena do quarto.

— Foi bem feito para ele. Nunca confiei nesse homem. Mas o que é que diz Sir Hugo?

— Falei com ele antes do almoço — respondeu Bond.

— Entreguei-lhe a faca e as chaves de Krebs como prova. Ficou furioso e saiu imediatamente à procura do sujeito, resmungando de cólera.

Quando voltou, me disse que Krebs parecia já se encontrar num estado deplorável e perguntou se eu não me dava por satisfeito ao saber que fora bem castigado. Repetiu toda aquela história de não querer perturbar sua equipe na última hora, etc. e tal. De modo que concordei em que fosse mandado de volta à Alemanha na próxima semana e que, enquanto isto, se considerasse preso sob palavra — sendo-lhe permitido apenas deixar o quarto vigiado.

Bond e sua companheira desceram um caminho íngreme do penhasco até a praia, virando à direita, para Royal Marine, em Deal. Caminharam em silêncio até chegarem a uma extensão de duas milhas de uma praia coberta de cascalho que, durante o tempo de maré baixa, corre entre os elevados penhascos brancos até a baía de Sta. Margarida.

Enquanto esmagavam lentamente as pedrinhas macias, Bond contou tudo que lhe passara pela cabeça desde o dia anterior. Não guardou nada. Relatou todos os passos tomados, as pistas falsas que seguira em cada um dos pontos de partida, não deixou nada por comentar, exceto uma tênue suspeita mal fundada e um amontoado de indícios que terminavam todos na mesma interrogação. . . onde estava o X da história? Onde achar um plano no qual os indícios se encaixassem? E sempre a mesma resposta: nada do que Bond sabia ou suspeitava parecia ter qualquer relação concebível com a segurança contra a sabotagem do “Explorador da Lua”. Isto, no entanto, quando tudo fora dito e feito, era a única coisa com que êle e a moça tinham que ver. Não com a morte de Tallon e Bartsch, ou com o ordinário Krebs, mas somente com a proteção de todo o projeto relacionado com o “Explorador da Lua” contra seus possíveis inimigos.

— Não é verdade? — finalizou Bond.

Gala parou e ficou um momento olhando por entre as rochas e algas a calma cintilação das ondas do mar. Estava suada e ofegante depois da caminhada difícil pelo caminho de cascalhos. Pensava como seria maravilhoso tomar um banho de mar — voltar por um momento aos dias da infância à beira-mar, antes de sua vida ter sido presa nesta estranha profissão, cheia de emoções decepcionantes e tensões nervosas. Olhou o rosto moreno e cruel do homem ao seu lado. Será que teria momentos de anseio pelas coisas simples e calmas da vida? Com certeza não. Gostava de Paris, Berlim e New York, trens, aviões, comida cara e, sim, certamente, de mulheres caras.

— Então? — perguntou Bond, conjecturando se ela ia apresentar algum indício que ele não percebera. — Que é que acha?

— Desculpe. Eu estava sonhando acordada. Não, eu acho que você tem razão. Estou aqui desde o princípio e, apesar de ter notado coisinhas estranhas de vez em quando, fora os tiros resultando em duas mortes, claro, não vi absolutamente nada de incorreto. Todos os componentes da equipe, de Sir Hugo para baixo, estão de corpo e alma dedicados ao foguete. Vivem unicamente para isso, e tem sido maravilhoso ver tudo se desenvolver. Os alemães são trabalhadores ao extremo — posso bem acreditar que Bartsch tenha perecido pela tensão exagerada dos nervos — gostam de ser dirigidos por Sir Hugo, e ele gosta de dirigi-los. Eles adoram-no. Quanto à segurança, o local está sólido e bem guarnecido. Tenho certeza de que se alguém quisesse se aproximar do “Explorador da Lua” seria feito em pedaços. Concordo com você a respeito de Krebs e que ele, provavelmente, estivesse agindo sob as ordens de Drax. Foi por isto que não me dei o trabalho de ir contar-lhe quando ele andou mexendo nas minhas coisas. Não havia nada para ele encontrar, naturalmente. Só cartas particulares e coisas assim. Seria típico de Sir Hugo procurar certificar-se com absoluta minúcia. Aliás, devo dizer que o admiro por isto — acrescentou com franqueza. — Ele é um homem cruel, com maneiras deploráveis, e não muito simpático debaixo de toda aquela cabelada vermelha, mas eu gosto de trabalhar para ele e estou ansiosa para que o “Explorador da Lua” seja um sucesso. Viver ao lado dele durante tanto tempo fez com que eu me sentisse exatamente como seus homens.

Gala levantou os olhos para ver a reação do companheiro. Este baixou a cabeça, assentindo.

— Depois de um dia apenas, eu posso compreender isto — disse. — Creio que concordo com você. Não há nada em que nos basearmos, exceto minha intuição, e isto é uma coisa que não conta. O principal é que o “Explorador da Lua” parece seguro, tão seguro quanto as jóias da Coroa e, provavelmente, ainda mais.

Bond sacudiu os ombros impaciente, aborrecido consigo mesmo, por renegar as intuições que contavam tanto em seu trabalho.

— Vamos embora — convidou quase rude. — Estamos perdendo tempo.

Compreendendo, a moça sorriu e seguiu o companheiro.

Contornando a próxima inclinação do penhasco, chegaram à base

do elevador, coberto de algas marinhas e crustáceos . . . Cinquenta jardas mais adiante alcançaram o dique, construção forte, tubular, de ferro, calçado de tiras de aço entrelaçadas, que avançava sobre as rochas e mais além.

Entre os dois, e talvez uns vinte pés acima da face do penhasco, escancarava-se a boca negra e larga do túnel de exaustão, que subia inclinada dentro do penhasco para o chão de aço sob a popa do foguete. Da borda inferior da cavidade, giz derretido caía como lava, e viam-se respigos da matéria por cima de todos os pedregulhos e rochas lá embaixo. Com os olhos da imaginação, Bond via um rastro ofuscante de flama branca surgir uivando da parede do penhasco e ouvia o sibilo e borbulhar, quando o giz líquido se derramava na água.

Levantou os olhos para a estreita faixa da cúpula de lançamento que aparecia acima da borda do penhasco, duzentos pés acima, imaginando os quatro homens com suas máscaras contra gases, vestidos com roupas de asbetos, observando os instrumentos medidores enquanto o terrível líquido explosivo pulsava pelo tubo negro de borracha até o estômago do foguete. De repente, percebeu que se encontravam dentro do raio de ação, se alguma coisa não desse certo no enchimento de combustível.

— Vamos sair daqui — disse à pequena.

Quando umas cem jardas se interuseram entre eles e a cavidade, Bond parou e olhou para trás. Imaginou-se acompanhado de mais seis homens fortes e durões, com todos os instrumentos necessários — e conjecturou como daria início a um ataque à base, vindo do mar — embarcações presas ao cais, quando a maré estivesse baixa; uma escada na borda da cavidade? e depois o quê? Seria impossível galgar as paredes de aço polido do túnel exaustor. Seria uma questão de disparar uma arma anti-tanque através do chão de aço por baixo do foguete, seguida de algumas granadas de fósforo, e esperar que alguma coisa pegasse fogo. Negócio meio confuso, mas que talvez desse resultado. Sair depois seria complicado. Seriam alvos fáceis para quem estivesse no topo do penhasco. Mas isto não perturbaria um esquadrão suicida russo. Era tudo muito possível de realizar.

Gala estivera ao seu lado, observando os olhos que mediam e especulavam.

— Não é tão fácil como você pensa — disse, vendo-lhe a testa fran-

zida. — Mesmo quando a maré é alta e o mar muito forte, colocam guardas ao longo do cimo do penhasco de noite. Eles têm holofotes, Brens e granadas. As ordens que recebem são de atirar, e fazerem as perguntas depois. Naturalmente seria melhor iluminar completamente o penhasco à noite. Mas isto só serviria para tomar a base um alvo certo. Estou convencida de que pensaram em tudo.

Bond continuava franzindo a testa.

— Se eles tivessem cobertura do ataque por um submarino ou uma embarcação, um grupo eficiente ainda conseguiria realizar o negócio. Vai ser o diabo, mas eu vou nadar. O mapa do Almirantado diz que existe um canal de doze braças ali adiante, mas eu gostaria de dar uma olhada. Deve ter muita água no final do dique, contudo eu me sentirei mais feliz quando verificar com meus próprios olhos.

Sorriu para a moça:

— Por que você não vem nadar também? A água deve estar bastante fria, mas lhe faria bem, depois de ter estado a cozinhar-se dentro daquela cúpula de concreto a manhã inteira .

Os olhos de Gala se iluminaram.

— Acha que eu posso? — perguntou, hesitante. — Estou com um calor tremendo. Mas que é que nós vamos vestir?

Corou ao lembrar-se de suas calcinhas e porta-seios minúsculos e de nylon quase transparentes.

— Deixe isto pra lá — disse Bond àereamente.

— Você deve ter alguns trapinhos vestidos aí por baixo, e eu estou de short. Estaremos perfeitamente respeitáveis, e não há ninguém por aqui para ver. Depois, eu prometo não olhar — mentiu alegremente, seguindo na frente até a próxima inclinação do penhasco.

— Você se despe atrás dessa rocha, e eu desta outra.

— Vamos. Não seja tola. Tudo faz parte de nossas obrigações .

Sem esperar a resposta dela, encaminhou-se para trás de uma rocha elevada, tirando a camisa enquanto andava.

— Ora, muito bem — disse Gala, aliviada por ter a resolução sido tirada de suas mãos. Foi para trás de outra rocha e lentamente desabotoou a saia.

Quando espiou nervosamente para fora, Bond já ia na metade do trecho de áspera areia marrom que seguia por entre os pequenos lagos para onde a maré enchente rodopiava entre os verdes e negros detritos

das rochas... O rapaz tinha uma aparência elástica e a pele bronzeada. O short azul era tranqüilizador.

Pisando de leve, ela seguiu-o e, de repente, estava dentro d'água. Imediatamente nada mais teve importância, fora do gelo aveludado do mar, a beleza das manchas de areia por entre os cabelos ondulados das algas marinhas que via nas profundezas verdes e claras abaixo dela quando mergulhou a cabeça e nadou paralelamente à praia num rápido crawl.

Ao se encontrar ao nível do dique, parou um momento para tomar fôlego. Não se via sinal de Bond, que ela vira nadando vários metros à frente. Bateu com os pés fortemente dentro da água para manter viva a circulação e então recomeçou novamente, pensando nele sem querer, pensando no corpo rijo e moreno que devia estar ali por perto, entre as rochas, talvez, ou mergulhando para a areia, a fim de calcular a profundidade da água com que um inimigo podia contar.

Virou-se para procurá-lo de novo, e foi então que êle surgiu inesperadamente do mar, por baixo dela. Sentiu o abraço rápido e apertado e o contato breve mas forte dos lábios dele nos seus.

— Vá para o diabo — exclamou furiosa, mas o rapaz já bavia mergulhado novamente, e quando ela golfou uma porção de água do mar, conseguindo orientar-se, êle nadava alegremente a vários metros de distância.

Gala voltou-se e nadou displicente, sentindo-se bastante ridícula, porém resolvida a pô-lo no seu lugar. Era exatamente como tinha pensado. Esse pessoal do Serviço Secreto sempre encontrava tempo para o sexo, por mais importante que fosse a missão de que se encarregavam.

Mas seu corpo vibrava obstinadamente com o imprevisto do beijo, e o dia luminoso parecia ter adquirido nova beleza. Enquanto nadava mais para fora, virou-se e olhou os dentes brancos como leite, dentes da Inglaterra que rosnavam, olhou o braço distante de Dover, o confete branco e preto dos corvos e gaivotas, jogados contra o vivido pano de fundo dos campos verdes, e chegou à conclusão de que tudo seria permitido num dia assim e que, só por aquela vez, ela o perdoaria.

Meia hora depois estavam deitados, esperando que o sol viesse secá-los, separados pela respeitável distância de um metro de areia, ao pé do penhasco.

O beijo não fora mencionado, mas os esforços de Gala para manter uma atitude de alheamento haviam tombado com a excitação de exami-

nar uma lagosta que Bond apanhara com as mãos, ao mergulhar. Relutantemente, tornaram a colocá-la numa das cavidades da rocha e ficaram observando seus movimentos de volta ao abrigo das algas marinhas. Agora, ali estavam, cansados e alegres com o banho gelado, rezando para que o sol não se escondesse atrás do penhasco acima de suas cabeças antes de estarem aquecidos e suficientemente secos para poder vestirem novamente as roupas.

No entanto, não eram só estes os pensamentos de Bond. O lindo corpo estirado da pequena ao seu lado, incrivelmente erótico na ênfase marcante das calcinhas e porta-seios agarrados à pele, interpunha-se entre êle e sua preocupação com o “Explorador da Lua”. Além do mais, não havia nada que êle pudesse fazer pelo foguete durante mais uma hora. Ainda não eram cinco, e a tomada de combustível não terminaria senão depois das seis.

Seria somente àquela hora que êle poderia aproximar-se de Drax para certificar-se de que nas duas próximas noites haveria um acréscimo de guardas no penhasco e que eles possuíam as armas adequadas. Pois verificara com os próprios olhos que havia muita água, mesmo com a maré vazante, possibilitando a chegada de um submarino.

De modo que contava pelo menos com um quarto de hora livre antes de poderem voltar.

No intervalo havia essa pequena. O corpo semidespido surgia acima dele na superfície, quando nadava em baixo dela; o beijo rápido, forte e suave ao mesmo tempo, com os braços em torno dele; as colinas pontudas de seus seios, tão próximas e o estômago macio e raso, descendo para o mistério das coxas fortemente cerradas.

Para o inferno, toda essa história.

Arrancou o espírito dessa febre e fitou diretamente o infindável azul do céu, forçando-se a observar a beleza das gaivotas esvoaçantes ao se alinharem sem nenhum esforço entre as correntes de ar que giravam sobre o alto topo dos penhascos acima deles. Mas a plumagem sedosa e branca do colo das aves desviou novamente seus pensamentos para ela, não lhe dando descanso.

— Por que você se chama Gala? — perguntou, para interromper a seqüência de pensamentos cálidos e persistentes.

A moça riu.

— Durante todo meu tempo de escola mexiam comigo por causa

disso — respondeu, e Bond se impacientou diante da voz clara, fácil. — Depois, quando pertenci às Wrens e ainda pela metade da força policial de Londres. Mas meu verdadeiro nome é ainda pior. É Galatéia. Era o cruzador onde meu pai servia quando eu nasci. Creio que Gala não é tão ruim assim. Quase me esqueci do meu nome de verdade. Estou sempre precisando trocá-lo, agora que estou na Seção Especial.

— Na Seção Especial. Na Seção Especial. Na. . .

Quando a bomba cai. Quando o piloto calcula mal, e o avião bate antes de tocar a pista de aterrissagem. Quando o sangue deixa o coração, e a consciência foge, há pensamentos no cérebro, ou palavras, ou talvez uma frase musical que se repete durante os poucos segundos antes da morte, como o som moribundo de um sino.

Bond não estava morto, mas as palavras ainda estavam dentro de sua mente, vários segundos depois de tudo haver acontecido.

Desde o momento em que tinham-se deitado na areia, recostados no penhasco, enquanto seus pensamentos se concentravam em Gala, seus olhos haviam observado distraidamente duas gaivotas brincando em redor de uma ponta de palha que estava na beira do ninho, numa pequena saliência, cerca de uns trezentos metros abaixo do cume distante do penhasco. Inclonavam os pescoços e pareciam cumprimentar, em seu jogo amoroso, só com as cabeças, que Bond divisava contra o branco ofuscante do céu. Então o macho voava para longe e, imediatamente voltava à saliência da rocha, para recomeçar seu jogo de amor.

Bond observava-os sonhadoramente enquanto ouvia o que a moça dizia, quando, subitamente, as duas gaivotas fugiram da saliência da rocha com um só grito de pavor. No mesmo instante viu-se um rolo de fumaça negra e ouviu-se um estrondo amortecido vindo do alto do penhasco. Em seguida, uma grande quantidade de giz branco, bem acima das cabeças de Bond e Gala, pareceu desligar-se para fora, ziguezagueando fragmentos pela encosta.

Quando Bond se deu conta do que fazia, achou-se deitado em cima de Gala, o rosto apertado contra o dela, e percebeu que o ar estava cheio de trovões, que sua respiração estava abafada, e que o sol desaparecera. Sentia as costas dormentes e doendo sob um grande peso, e sua orelha esquerda, além do eco do trovão, guardava o som de um grito sufocado.

Mal teve consciência do se passava, e precisou esperar até que seus sentidos voltassem à vida.

A Seção Especial. O que foi que ela disse a respeito da Seção Especial?

Fêz esforços inauditos para se mexer. Apenas no braço direito, o braço mais próximo do penhasco, ainda havia algum movimento, mas quando puxou o ombro, o braço ficou mais livre até que, finalmente, com um impulso grande para trás, a luz e o ar chegaram até eles. Lutando no nevoeiro de poeira de giz, alargou o buraco, até a cabeça poder retirar seu peso esmagador de cima de Gala. Sentiu o leve movimento, quando ela virou a cabeça para um lado, procurando a luz e o ar. Uma torrente de poeira e pedras no buraco que êle limpava fê-lo cavar ferozmente mais uma vez. Pouco a pouco, aumentou o espaço até conseguir firmar o cotovelo direito, e então, tossindo ao ponto de imaginar que os pulmões iam arrebentar, impulsionou o ombro direito para cima até que, de repente, livrou-o, bem como a cabeça.

Seu primeiro pensamento foi que tinha havido uma explosão no “Explorador da Lua”. Levantou os olhos para o penhasco e depois para a praia. Não. Estavam a cem metros da base. Foi apenas na linha do horizonte, diretamente acima deles, que um grande pedaço fora comido no penhasco.

Em seguida pensou no perigo imediato que corriam. Gala gemia, e êle sentia o frenético bater de seu coração contra o próprio peito, mas a máscara pavorosa e branca de seu rosto estava agora livre para respirar, e êle se pôs então a girar o corpo de um lado para o outro em cima dela, a fim de tentar aliviar a pressão de seus pulmões e do estômago. Lentamente, polegada por polegada, seus músculos partindo-se com o esforço, procurou caminho sob a pilha de poeira e detritos até o lado do penhasco, onde sabia que o peso seria menor.

Finalmente livrou o peito e pôde ajoelhar-se ao lado da companheira. O sangue pingava de suas costas e braços feridos, misturando-se com a poeira de giz que continuamente caía na parte lateral dos buracos que fizera mas verificou que não tinha ossos quebrados e, com a fúria do trabalho de salvamento, não sentiu dores.

Grunhindo e tossindo, sem uma pausa para respirar, ergueu-a e fê-la sentar-se e, com a mão sangrando, limpou um pouco do giz de seu rosto. Depois, livrando as pernas da tumba de giz, levantou-a e levou-a até uma elevação dos detritos, com as costas voltadas para o penhasco.

Ajoelhou-se e olhou aquele horrível espantalho branco que, minu-

tos antes, fora uma das mais lindas moças que já vira. Enquanto olhava os filêtes de sangue escorrendo-lhe pelo rosto, rezou para que seus olhos se abrissem.

Quando, segundos mais tarde, eles se abriram, o alívio foi tão grande, que Bond se afastou e sofreu tremenda crise de náuseas.

CAPITULO 17

LOUCAS SUPOSIÇÕES

Terminado o paroxismo, êle sentiu a mão de Gala nos cabelos. Vi-rou a cabeça e viu-a contrair a fisionomia ao fitá-lo. Puxou-lhe o cabelo e apontou os penhascos. No momento em que assim fazia, uma chuva de pequenos fragmentos de giz despencou ao lado deles.

Dèbilmente, conseguiu ajoelhar-se e depois levantar-se. Juntos deslizaram pela montanha de giz abaixo e longe da cratera formada no penhasco de onde tinham escapado.

A areia áspera sob seus pés dava-lhes a impressão de veludo. Ambos caíram com todo o comprimento do corpo, agarrando-a com suas mãos horríveis e brancas, como se o ouro grosseiro lavasse a brancura suja de uma vez. Foi então a vez de Gala ter sua crise de náuseas, e Bond se arrastou alguns passos para deixá-la só. Tornou a equilibrar-se nos pés, simples bloco de giz tão grande quanto um pequeno automóvel. Finalmente, seus olhos injetados de sangue contemplaram o inferno que quase os engolfara.

Até a base das rochas, agora lambidas pelas ondas da maré enchente, espalhavam-se os detritos do lado do penhasco, uma avalanche de blocos de cré e fragmentos. A poeira branca de sua queda estendia-se por quase um quilômetro de extensão. Acima dele um corte em v aparecera no penhasco e um triângulo de céu azul fora marcado no topo distante, onde antes a linha do horizonte era quase reta. Não havia mais nenhum pássaro marítimo perto deles, e Bond calculou que o cheiro de desastre os afastaria do lugar durante muitos dias.

A proximidade de seus corpos com o penhasco foi o que os salvou, isto e a ligeira proteção formada por uma saliência sob a qual o mar se

introduzira na base do penhasco. Eles haviam sido enterrados pelo dilúvio de fragmentos menores. Os pedaços maiores e mais pesados, cada um dos quais poderia tê-los esmagado, caíram para a frente, o mais próximo não os alcançando por uma diferença de poucos centímetros. A mesma proximidade do penhasco fora a razão de o braço direito de Bond ter ficado relativamente livre, de modo que puderam sair do monte antes de serem sufocados. Bond compreendeu que, se certo reflexo não o tivesse atirado para cima de Gala no momento da avalanche, agora estariam ambos mortos.

Sentiu a mão dela no ombro. Sem olhá-la, passou-lhe o braço pela cintura e juntos desceram para o mar abençoado, deixando os corpos caírem mansamente, misericordiosamente, nas águas tranquilas.

Dez minutos depois eram dois seres relativamente humanos que caminhavam de volta pela areia até as rochas onde estavam suas roupas, pouco adiante do ponto onde tombara parte do penhasco. Estavam ambos completamente nus. Os trapos de suas roupas internas tinham ficado num ponto qualquer debaixo da pilha de massa calcária, rasgados em sua luta para escapar. Mas, como os sobreviventes de um naufrágio, sua nudez nada significava. Lavados e limpos do giz pegajoso e áspero, com os cabelos e bocas também limpos pela água salgada, sentiam-se fracos e mal cuidados. Mas quando vestiram as roupas e usaram ambos o pente de Gala, pouco restava para demonstrar o que haviam sofrido.

Sentaram-se recostados na rocha, e Bond acendeu um primeiro cigarro delicioso, inalando a fumaça profundamente nos pulmões e expelindo-a lentamente pelas narinas. Quando Gala fêz o que pôde com o pó de arroz e o batom, êle acendeu um cigarro para ela. Pela primeira vez olharam-se nos olhos e sorriram. Em seguida, permaneceram sentados, fitando silenciosamente o mar, o panorama dourado que era o mesmo e, no entanto, completamente novo.

Bond quebrou o silêncio:

— Por Deus do céu! Escapamos por pouco. — Eu ainda não sei o que aconteceu — disse Gala. — A única coisa de que me dou conta é que você salvou minha vida. Colocou a mão na dele e depois retirou-a.

— Se você não estivesse ali, eu estaria morto — disse Bond. — Se eu tivesse ficado onde estava.

Sacudiu os ombros. Depois voltou-se para ela:

— Suponho que você compreende que alguém despenhou a rocha

para cima de nós.

A moça devolveu-lhe o olhar, com os olhos bem arregalados.

— Se nós procurássemos em tudo isso — Bond fez um gesto em direção à avalanche de cré, — encontraríamos as marcas de duas ou três perfurações e vestígios de dinamite. Eu vi a fumaça e ouvi o ruído da explosão numa fração de segundo antes de o penhasco tombar. As gaivotas também ouviram. — E o que é mais — continuou Bond, depois de uma pausa. — Não pode ter sido obra de Krebs sozinho. O negócio foi feito bem à vista da base. Foi feito por diversas pessoas, bem organizado, com espões tomando conta de nós, desde o instante em que descemos o caminho do penhasco até a praia.

Os olhos de Gala registraram compreensão e um lampejo de medo.

— Que devemos fazer? — perguntou ansiosa. — Que significa tudo isto?

— Querem-nos mortos — disse Bond calmamente. — De modo que precisamos manter-nos vivos. Quanto ao que significa tudo isto, teremos de descobrir sozinhos — Quer saber de uma coisa? Receio que nem Vallance nos será de grande auxílio. Quando se convenceram de que estávamos convenientemente enterrados, devem ter-se afastado do topo do penhasco tão depressa quanto lhes foi possível. Deviam saber que, mesmo se alguém visse o penhasco cair, ou ouvisse sua queda, não ficaria muito excitado. Existem vinte milhas desses penhascos, e muito pouca gente vem aqui antes do verão. Se os guarda-costas ouviram, devem ter tomado nota no caderno de ocorrências. Mas na primavera, tenho a impressão de que o fato se repete constantemente. Os pontos gelados no inverno se derretem, rachando-se em fragmentos que podem ter cem anos de idade. De modo que nossos amigos esperariam até que nós não aparecêssemos à noite e, então, mandariam a polícia da costa à nossa procura. Ficariam calados até que a maré alta fizesse um mingau de uma boa porção disso tudo.

Bond fez um gesto na direção dos pedaços de giz caído:

— O plano todo é admirável. E mesmo que Vallance acredite em nós, não há base suficiente para fazer o Primeiro-Ministro interferir com o “Explorador da Lua”. O diabo da coisa é tão tremendamente importante. O mundo inteiro espera para ver se dará certo ou não. E, afinal de contas, qual é a nossa história? Que diabo significa tudo isto? Alguns desses malditos alemães lá de cima parecem desejar ver-nos mortos antes de

sexta-feira. Mas por quê?

Bond fez uma pausa:

— Depende de nós, Gala. É um negócio sujo e complicado, mas nós não temos outro jeito senão resolvermos o problema sozinhos.

Fitou-a dentro dos olhos:

— Que me diz você?

Gala deu uma risada brusca.

— Não seja ridículo. É para isto que estamos sendo pagos. Naturalmente trataremos do assunto. Concordo que não chegaríamos a nenhuma conclusão com o pessoal de Londres. Pareceríamos completamente ridículos telefonando para contar a queda de penhascos em nossas cabeças. Que fazemos aqui embaixo, afinal, brincando, sem roupas, em vez de continuarmos a cuidar de nossos trabalhos?

Bond riu.

— Nós só nos deitamos aqui durante dez minutos para secarmos — protestou. — Como você acha que devíamos ter passado a tarde? Tormando novamente as impressões digitais da turma toda? É só nisto que vocês pensam na polícia, ou quase que só nisto.

Sentiu-se logo envergonhado ao vê-la enrijecer-se:

— Não foi isto que eu quis dizer. Mas você não vê o que fizemos esta tarde? Exatamente o que deveria ser feito. Fizemos o inimigo mostrar seus planos. Agora precisamos dar o passo seguinte e descobrir quem é o inimigo e porque desejava nos tirar de seu caminho. Depois então, se obtivermos provas suficientes de que alguém está tentando sabotar o “Explorador da Lua”, mandaremos revistar a base toda, de cima a baixo, adiaremos o lançamento experimental, e a política que leve o diabo.

Gala levantou-se num salto. Falou, impaciente:

— Você tem razão, naturalmente. É que eu quero fazer qualquer coisa logo, depressa.

Olhou um momento o mar, o pensamento longe de Bond:

— Você acaba de entrar no negócio. Eu venho convivendo com esse foguete por mais de um ano, e não posso tolerar a idéia de que algo venha a lhe acontecer. Tanta coisa parece depender de seu êxito. Para todos nós. Quero voltar para lá depressa e descobrir quem foi que quis nos matar. Pode não ter nada que ver com o “Explorador da Lua”, mas eu quero certificar-me.

Bond levantou-se, não demonstrando a dor que sentia nos cortes e

ferimentos nas costas e pernas:

— Vamos. São quase seis horas. A maré vem enchendo depressa, mas podemos chegar a St. Margaret antes que ela nos pegue. Nós nos arrumamos em Granville, tomaremos e comeremos qualquer coisa, voltando depois para a casa no meio do jantar deles. Tenho interesse em ver que espécie de recepção nos vão fazer. Depois disso, teremos de nos concentrar em mantermo-nos vivos e ver o que pudermos ver. Você agüenta ir até St. Margaret?

Gala respondeu:

— Não seja tolo. As mulheres policiais não são feitas de gaze. — Endereçou um sorriso relutante ao ironicamente respeitoso: “Claro que não” — de Bond, e viraram na direção da torre distante da casa do farol de South Foreland, seguindo pela trilha.

Às oito e meia, o táxi de St. Margaret deixou-os no segundo portão da guarda, eles mostraram seus passes e caminharam calmamente por entre as árvores, sobre a faixa de concreto. Ambos sentiam-se de ótimo humor. Um banho quente e uma hora de repouso no acomodadiço Granville foram seguidos por dois conhaques com soda para Gala e três para Bond. Comeram então deliciosos peixes fritos, coelho à moda galesa e tomaram café. Agora, ao aproximarem-se confiantes da casa, teria sido necessário o dom divinatório para saber que estavam ambos mortos de cansaço e que estavam nus e machucados sob os trajes de passeio.

Entraram calmamente pela porta da frente e pararam um momento no hall iluminado. Um alegre murmúrio de vozes vinha da sala de jantar. Houve uma pausa, seguida de um coro de risadas, dominadas pelo áspero latido de Sir Hugo Drax.

A boca de Bond se retorceu, quando êle se adiantou para entrar no hall e, depois, transpor a porta da sala de jantar. Aí, fixou um alegre sorriso no rosto, e abriu-a para deixar Gala passar.

Drax estava sentado à cabeceira da mesa, com um aspecto festivo em sua jaqueta côr de ameixa. Uma garfada de comida, a meio caminho de sua boca aberta, parou no ar, quando eles apareceram. Sem que se desse conta, deixou cair a comida, que escorregou do garfo e caiu com um macio, audível “plaf” na beira da mesa.

Krebs bebia um copo de vinho tinto, e este, enregelado contra sua boca, foi deixando cair um fio pelo queixo, e dali para a gravata de cetim marrom e a camisa amarela.

Dr. Walter achava-se de costas para a porta, e só depois de haver observado as atitudes incomuns dos outros, os olhos esbugalhados, as bocas abertas e os rostos pálidos, foi que virou a cabeça naquela direção. Suas reações, pensou Bond, eram mais lentas que as dos outros, ou então seus nervos mais firmes.

— Ach so, Die Engländer — disse baixinho.

Drax se levantou.

— Meu caro amigo. Nós estávamos verdadeiramente preocupados. Sem saber se devíamos mandar uma turma de salvamento. Poucos minutos atrás, um dos guardas entrou e contou que parecia ter havido uma queda de parte do penhasco.

Drax aproximou-se dos dois, o guardanapo em uma das mãos e o garfo ainda ereto na outra.

Com o movimento, o sangue voltou-lhe ao rosto, que se tornou, primeiro, manchado e, depois, da côr vermelha habitual.

— Francamente, devia ter-me avisado — disse, dirigindo-se à moça, a cólera vibrando em sua voz. — Seu procedimento foi realmente muito estranho.

— A culpa foi minha — interveio Bond, penetrando mais na sala, de modo a poder abranger a todos com a vista. — A caminhada foi mais longa do que eu previa. Pensei que pudéssemos ser apanhados pela maré enchente, de modo que fomos até St. Margaret, comemos lá qualquer coisa, e tomamos um táxi. Miss Brand queria telefonar, mas eu achei que chegaríamos antes das oito. Deve pôr a culpa em mim. Mas, por favor, não interrompam o jantar. Talvez eu lhes possa fazer companhia na sobremesa e no café. Creio que Miss Brand preferirá ir para o quarto. Deve estar cansada, depois de um longo dia.

Rodeou deliberadamente a mesa e sentou-se na cadeira ao lado de Krebs. Aqueles olhos desbotados, notou, depois do primeiro choque, tinham-se fixado no prato. Ao chegar atrás dele, ficou encantado por ver um “galo” enorme coberto com esparadrapo no alto da cabeça de Krebs.

— Sim, vá-se deitar, Miss Brand, eu lhe falo amanhã — disse Drax.

Gala, obedientemente, saiu da sala, e Sir Hugo voltou para sua cadeira, ali tombando pesadamente.

— São simplesmente notáveis estes penhascos — comentou Bond, alegremente. — É uma coisa que nos inspira um respeito cheio de temor, caminhar ao lado deles conjecturando se vão escolher justamente aquele

instante para desabar em cima da gente. Lembra-me a roleta russa. No entanto, nunca se lê nada a respeito de pessoas mortas por penhascos que lhes tombaram em cima.

Fêz uma pausa:

— A propósito, que é que você dizia a respeito do desmoronamento de um penhasco ainda há pouco?

Ouviu-se um débil grunhido à direita de Bond, seguido de um tinnido de vidro e louça, quando a cabeça de Krebs caiu para frente, em cima da mesa.

Bond olhou para êle com um ar de curiosidade polida.

— Walter — chamou Drax enérgico. — Não está vendo que Krebs está doente? Leve o homem para fora e ponha-o na cama. E não o trate com muita indulgência. Êle bebe demais. Vamos. Depressa.

Walter, com o rosto franzido e encolerizado, contornou a mesa e levantou a cabeça de Krebs de cima dos cacos. Segurou-o pela gola do casaco e puxou-o até a porta que dava para a copa, forçando-o a passar por ela.

— *Du Scheisskerl! Marsch!* — ordenou. — Ouviram-se sons abafados de pragas e tropeções. Em seguida uma porta bateu e reinou o silêncio.

— Ele deve ter tido um dia cheio de trabalho — disse Bond fitando Drax.

O homenzarrão suava abundantemente. Limpou o rosto com um gesto circular do guardanapo.

— Bobagem. Ele bebe — explicou, lacônico.

O garçom, ereto e imperturbável, apesar da aparição de Krebs e Walter na copa, trouxe o café. Bond tomou um pouco, aos goles. Esperou que a porta da copa tornasse a se fechar. Outro alemão, pensou. Com certeza já transmitiu a notícia ao pessoal dos alojamentos. Ou talvez a equipe toda não tomasse parte na história. Talvez houvesse um grupo dentro de outro. Se era assim, Drax estava a par? Sua atitude, quando Bond e Gala entraram pela porta, tinha sido difícil de definir. Teria uma parte de seu espanto sido dignidade ofendida, o choque de um homem vaidoso cujo programa fora perturbado por uma pequena secretária? Ele disfarçara tudo muito bem. E passara a tarde inteira lá no interior do cilindro supervisionando o recebimento de combustível. Bond resolveu provocá-lo um pouco.

— Como ocorreu a operação combustível? — perguntou com os olhos fixos no outro.

Drax acendia um longo charuto. Encarou Bond por dentro da fumaça e da chama do fósforo.

— Ótimamente. — Sugou o charuto para acendê-lo bem. — Está tudo pronto agora. Os guardas estão fora. Uma ou duas horas de limpeza lá embaixo, pela manhã, e então a base será fechada. É verdade, vou levar Miss Brand a Londres comigo, amanhã de tarde. Vou precisar de uma secretária e de Krebs. Tem algum projeto?

— Também preciso ir a Londres — disse Bond, num impulso. — Tenho meu relatório final para apresentar no Ministério.

— Ah, sim? — perguntou Drax — A respeito de quê? Pensei que estivesse satisfeito com o que organizamos.

— Estou sim — respondeu Bond, sem nenhuma expressão particular.

— Pois então está tudo certo — disse Drax, num tom de voz despreocupado. — E agora, se você não se opõe, tenho alguns papéis à minha espera no meu gabinete. De modo que vou desejar-lhe uma boa-noite — finalizou, levantando-se da mesa.

— Boa-noite — respondeu Bond para a figura que já ia afastando-se. Terminou o café e, passando pelo hall, dirigiu-se ao quarto. Via-se claramente que tinha sido novamente revistado. Deu de ombros. Havia apenas a pasta de couro. Seu conteúdo não revelaria nada, a não ser que estava equipado com os utensílios de seu ofício.

A Bereta com o coldre de ombro continuava no lugar onde a tinha escondido, no estôjo de couro vazio que pertencera aos binóculos de Tallon. Retirou a pistola e colocou-a debaixo do travesseiro.

Depois, tomou um banho quente e gastou meio vidro de iodo nos cortes e contusões que pôde alcançar. Finalmente, foi para a cama e apagou a luz. O corpo lhe doía e ele estava exausto.

Pensou em Gala por alguns instantes. Dissera-lhe que tomasse uma pílula para dormir e que trancasse a porta do quarto, mas que, fora disso, não se preocupasse com coisa alguma até de manhã.

Antes de esvaziar o cérebro de todos os pensamentos para adormecer, ficou matutando de maneira pouco tranqüilizante a respeito da viagem dela acompanhada de Drax no dia seguinte.

De modo pouco tranqüilo, porém não desesperado. No tempo de-

vido, muitas perguntas teriam de ser respondidas, e muitos mistérios viriam à tona, mas os fatos básicos pareciam sólidos e irrespondíveis. Esse extraordinário milionário construía aquela possante arma. O Ministério de Abastecimento parecia satisfeito com ela e considerava seguro o projeto. O Primeiro-Ministro e o Parlamento eram do mesmo parecer. O foguete devia ser lançado dentro de menos de trinta e seis horas, sob uma supervisão completa, e as providências quanto à segurança eram tão severas quanto possível. Alguém, provavelmente muitas pessoas mesmo, desejavam vê-lo, assim como a pequena, fora de combate. Os nervos estavam tensos ali. Sentia-se no ar uma grande dose de tensão nervosa. Talvez houvesse rivalidades e invejas. Talvez alguns dos membros da equipe suspeitassem que eles fossem sabotadores. Mas que diferença fazia, contanto que êle e Gala se mantivessem de olhos bem abertos? Não precisavam ter cuidado senão por pouco mais de um dia. Encontravam-se em espaço aberto, no mês de maio, na Inglaterra, em tempo de paz. Seria loucura preocupar-se com alguns lunáticos, desde que o “Explorador da Lua” ficasse fora de perigo.

Quanto ao dia seguinte, refletia Bond, quando o sono chegou até êle, daria um jeito para encontrar-se com Gala em Londres e trazê-la de volta consigo. Ou ela poderia ficar em Londres e passar a noite lá. De um ou de outro modo, êle olharia por ela até o “Explorador da Lua” ser lançado com toda a segurança. Depois então, antes que o trabalho começasse na arma Mark II, deveria haver uma completa e minuciosa operação limpeza.

Esses pensamentos, porém, eram traidoramente reconfortantes. Havia perigo no ar, e Bond sabia disso.

Finalmente adormeceu com uma pequenina cena firmemente gravada no espírito.

Observara uma coisa deveras inquietante na mesa do jantar lá embaixo. Fora posta para três pessoas somente.

TERCEIRA PARTE

QUINTA, SEXTA-FEIRA

CAPITULO 18

DEBAIXO DA LÁPIDE

O mercedes era uma coisa linda. Bond trouxe o Bentley cinzento usado para junto dele e examinou-o .

Era um tipo 300 s, modelo esporte, com um capô que ia desaparecendo do mercado — um da única meia dúzia existente na Inglaterra, pensou. A direção do lado esquerdo. Provavelmente comprado na Alemanha. Tinha visto alguns desses por lá. Um até havia passado zunindo por êle quando, no Munich Autobahn, corria a noventa no seu Bentley. A carroçaria, curta e pesada demais para ser graciosa, era pintada de branco, com o estofamento em couro vermelho. Um tanto vistoso para a Inglaterra, mas Bond calculou que Drax escolhera branco em homenagem às cores famosas nas corridas dos Mercedes-Benz que já haviam alcançado novamente o pináculo da glória depois da guerra, tanto em Le Mans como em Nurburgring.

Típico de Drax comprar um Mercedes. Havia um quê de majestoso e cruel nesses carros, convenceu-se, lembrando os anos entre 1934 e 1939, quando haviam dominado inteiramente a cena do Grand Prix, descendentes diretos dos famosos Blitzen Benz que haviam batido o recorde de velocidade no ano de 1911. Bond lembrava-se de alguns de seus célebres volantes: Caracciola, Lang, Seaman, Brauschitz e dos dias em que os vira “voando” pelas curvas sinuosas de Tripoli, a 190, ou gritando ao passar pela reta margeada de árvores de Berna, com os Auto Unions seguindo-lhes bem de perto.

No entanto, Bond lançou um olhar ao seu Bentley, quase vinte e cinco anos mais velho que o carro de Drax e ainda capaz de fazer 100 por hora, todavia, quando os Bentley tomavam parte em corridas, antes de

os Rolls terem-nos transformado em pacatos carros urbanos, eles haviam batido os SS-K tantas vezes quanto haviam desejado.

Outrora Bond andara lidando e quase partilhara das emoções do mundo das corridas, de modo que se perdia em recordações, ouvindo novamente o rugido áspero do enorme monstro branco de Caracciola, ao passar zunindo pelos postos de Le Mans, quando Drax saiu de casa seguindo por Gala Brand e Krebs.

— É um carro muito veloz — disse Drax, satisfeito com o olhar de admiração de Bond.

Fêz um gesto em direção ao Bentley.

— Costumavam ser bons, no passado — acrescentou com um quê de indulgência superior. — Atualmente estão sendo fabricados para ir ao teatro. Bem comportados demais. Mesmo o Continental. Bem, você aí, entre para o banco de trás.

Krebs subiu, obediente, para o estreito assento preto, por trás do chofer. Sentou-se de lado, a capa de chuva suspensa até as orelhas, os olhos fixos enigmáticamente em Bond.

Gala Brand, elegante num costume cinza-escuro, boina preta, trazendo nas mãos um impermeável preto, leve, e luvas, subiu para a metade direita do dividido assento da frente. A porta larga se fechou com o rico estalido duplo de uma caixa Fabergé.

Não houve nenhum sinal entre Bond e Gala. Havia traçado seus planos num encontro cochichado no quarto dele antes do almoço — jantar em Londres às sete e meia e então a volta para casa no carro de Bond. A moça sentara-se muito séria, as mãos no colo e os olhos postos em frente, quando Drax subiu, apertou o arranque e mexeu com a mudança até colocá-la em terceira. O carro foi seguindo quase sem produzir ruído no cano de descarga, e Bond observou-o desaparecer por entre as árvores antes de subir no Bentley e seguir calmamente atrás dele.

Dentro do veloz Mercedes, Gala entretinha-se com os próprios pensamentos. A noite passara sem nada acontecer, e a manhã fora dedicada à limpeza da base de lançamento, dela se retirando tudo que tivesse possibilidade de queimar quando o “Explorador da Lua” fosse lançado. Drax não se referira aos acontecimentos do dia anterior, e não houvera nenhuma modificação em suas maneiras habituais. Preparara o último plano de lançamento (o próprio Drax deveria executá-lo no dia seguinte) e, como de costume, Walter fora chamado e, através de seu orifício de

observação ela vira os números serem anotados no caderninho preto de Drax.

Era um dia quente, ensolarado, e Drax guiava em mangas de camisa. Gala baixou os olhos para a esquerda, onde a pontinha do caderno aparecia-lhe no bolso da calça. Essa viagem poderia ser a sua última chance. Desde a noite anterior, sentia-se uma pessoa diferente. Talvez Bond tivesse despertado seu espírito de competição, talvez fosse uma reviravolta de sentimentos por bancar a secretária durante tanto tempo, talvez o choque da queda do penhasco e o prazer de verificar, depois de tantos meses de pasmaceira, que tomava parte num jogo perigoso. Mas agora sentia que chegara a hora de arriscar-se. A descoberta do plano de vôo do “Explorador da Lua” era um caso de simples rotina e lhe causaria satisfação pessoal descobrir o segredo do caderninho de notas preto. Seria fácil.

Como por acaso, colocou o casaco dobrado no espaço compreendido entre ela e Drax. Ao mesmo tempo, fingiu arrumar-se de maneira mais confortável, aproveitando-se da movimentação para chegar-se alguns centímetros mais para perto dele. Descansou a mão nas dobras da capa entre os dois. Depois acomodou-se à espera.

A oportunidade chegou, conforme calculara, no tráfego congestionado de Maidstone. Drax, atento, tentava vencer a sinalização na esquina de King Street com Gabriel’s Hill, mas a fila dos carros era muito lenta, e êle teve de parar atrás de um automóvel velho e fechado. Gala percebeu que, quando as luzes mudassem, êle se disporia a passar em frente e dar-lhe uma lição. Era um chofer notável, mas vingativo e impaciente, desses que estão sempre dispostos a deixar uma lembrança em qualquer carro que os detenha. ...

Quando as luzes ficaram verdes, deu uma violenta buzina em três sons, encostou à direita, no cruzamento, acelerou brutalmente e avançou, sacudindo a cabeça, colérico, para o chofer do coupé, assim que este passou.

No meio dessa manobra violenta, era natural que Gala caísse por cima dele. Ao mesmo tempo, mergulhou a mão esquerda sob o casaco, e seus dedos tocaram, sentiram e retiraram o caderninho num só movimento suave. Logo depois, repunha a mão nas dobras do casaco, e Drax, toda a atenção concentrada nos pés e nas mãos, nada via além do trânsito à sua frente e as oportunidades de chegar à parte externa listrada do Royal Star, sem atingir duas mulheres e um menino que se encontravam

já a meio caminho para lá.

Agora era uma questão de enfrentar o grunhido de raiva de Drax, quando, com uma vozinha virginal mas ansiosa, lhe pedisse para parar um momento, a fim de que ela empoasse o nariz.

Uma garage seria perigoso. Ele poderia resolver mandar encher o tanque de gasolina. Talvez também levasse o dinheiro no bolso da calça. Mas haveria um hotel? Sim, ela se lembrava, o Thomas Wyatt, logo depois de Maidstone. Puxou o casaco para o colo. Limpou a garganta.

— Oh, desculpe-me, Sir Hugo — disse com a voz embargada.

— Então, que é que há?

— Sinto imensamente, Sir Hugo. Mas não seria possível o senhor parar um minutinho só. Eu quero, quer dizer, eu peço que me desculpe, mas eu gostaria de empoar o nariz. É uma coisa estúpida de minha parte. Lamento sinceramente.

— Oh, meu Deus! — exclamou Drax. — Por que diabo a senhorita não... Oh, está bem. Arrange um lugar então.

Resmungou dentro dos bigodes, mas diminuiu a marcha do carro.

— Há um hotel bem na virada dessa curva — disse Gala, nervosa. — Muito obrigada, Sir Hugo. Foi estupidez minha. Não me demorei nada. É esse mesmo, olhe ali.

O carro se dirigiu para a frente do hotelzinho e parou com um arranco.

— Vamos, vamos, depressa — disse Drax, no momento em que Gala, deixando a porta do carro aberta, apressava-se obediente pelos pedregulhos, o casaco e seu precioso segredo bem apertados contra o corpo.

Trancou a porta do toalete e abriu o caderninho de notas.

Ali estavam, tal como havia pensado. Em cada página, sob a data, a coluna ordenada dos números, a pressão atmosférica, a velocidade do vento, a temperatura, conforme ela havia registrado, de acordo com os dados do Ministério da Aeronáutica. No fim de cada página, as direções calculadas para as bússolas do giroscópio.

Gala franziu a testa. A um simples olhar, percebeu que estavam completamente diferentes dos dela. Os números de Drax não tinham a menor relação com os seus.

Virou a última página completa, contendo os cálculos daquele dia. Que era aquilo? Ela se enganara em quase noventa graus do curso cal-

culado. Se o foguete fosse lançado de acordo com seu plano de vôo, iria aterrissar num ponto qualquer da França. Olhou desesperada o próprio rosto no espelho acima do lavatório. Como poderia ter-se enganado de forma tão monstruosa? E por que Drax nunca havia lhe falado nisso? Percorreu rapidamente todo o caderninho de novo, verificando que diariamente se enganara em noventa graus, lançando o “Explorador da Lua” em ângulos corretos para sua verdadeira direção. No entanto, não era possível ter feito um erro assim tão grande. O Ministério conheceria esses cálculos secretos? E por que deveriam ser secretos?

Repentinamente seu espanto transformou-se em medo. Precisava chegar de qualquer maneira a Londres, sem despertar atenção e a salvo. Aí então contaria a alguém. Mesmo que fosse chamada de idiota ou infrometida.

Friamente, virou diversas páginas do livro, pegou a lima de unhas de dentro da bolsa e, tão certinho quanto pôde, cortou uma das páginas, enrolou-a numa bolinha apertada e enfiou-a na ponta do dedo de uma das luvas.

Olhou-se no espelho. Seu rosto estava pálido, e esfregou depressa as faces para fazer voltar a côr. Em seguida, afivelou à fisionomia a expressão de secretária que se desculpa, e saiu correndo pela passagem coberta de pedregulhos até o carro, com o caderninho agarrado na mão, entre as dobras da capa.

O motor do Mercedes já funcionava. Drax fitou-a impaciente, enquanto ela retornava ao seu lugar.

— Vamos. Vamos — disse, engrenando o carro em prise e tirando o pé do freio, de modo que ela quase ficou com o tornozelo preso na pesada porta. Os pneumáticos deslizaram pelo caminho pedregoso, quando êle acelerou, saindo do ponto de estacionamento, e retomou a estrada para Londres.

Gala foi atirada para trás, mas lembrou-se de deixar a capa, com a mão culposa em suas dobras, cair no assento entre ela e Drax.

Agora, precisava tratar de recolocar o caderninho no bolso de trás das calças dele.

Observou o velocímetro marcar mais ou menos cento e dez, quando Drax arremeteu o pesado carro pela estrada.

Procurou lembrar-se de suas lições. Uma pressão para desviar a atenção, em qualquer outra parte do corpo. Distrairia a atenção. Distra-

ção. A vítima não pode estar à vontade. Seus sentidos devem concentrar-se bem longe dali. Deve ficar alheio ao toque em seu corpo. Anestesiado por um estímulo mais forte.

Como agora, por exemplo. Drax, curvado sobre o volante, lutava por uma oportunidade de ultrapassar um reboque pesado da RAF, mas o tráfego que vinha em sentido oposto não deixava um espaço no meio da estrada. De repente, houve uma trégua, e Drax movimentou a mudança em segunda, passando pela brecha, enquanto a buzina berrava, imperiosamente.

A mão de Gala procurou a esquerda, debaixo do casaco.

Mas outra mão bateu-lhe como uma serpente.

— Apanhei-a.

Krebs se inclinava até a metade do corpo por cima do assento do chofer. Sua mão esmagava a sua na capa escorregadia do caderninho de notas, sob as dobras da capa.

Gala permanecia sentada e rígida. Com toda a força procurou arrancar a mão. Não adiantou. Krebs largava todo seu peso sobre ela agora.

Drax ultrapassara o reboque, e a estrada estava limpa, no momento. Krebs falou aflito em alemão:

— Por favor, pare o carro, *mein Kapitän*. Miss Brand é uma espiã.

Drax lançou um olhar assustado à direita. O que viu foi o bastante. Baixou a mão rapidamente para o bolso das calças e depois, lenta, deliberadamente, recolocou-a no volante.

— Segure-a — ordenou. Freou tão forte que os pneus cantaram, fêz a mudança e desviou o carro para o lado da estrada. Alguns quilômetros mais abaixo levou-o para um lado e parou.

Drax olhou para cima e para baixo da estrada. Estava deserta. Esticou uma das mãos enluvadas e torceu o rosto de Gala para seu lado.

— Que significa isto?

— Posso explicar-lhe, Sir Hugo. — Gala tentava blefar, apesar do horror e desespero que sabia estarem estampados em seu rosto.

— É um engano. Eu não tinha intenção... Acobertada por um colérico dar de ombros, sua mão direita moveu-se de leve por detrás e o indiciado par de luvas foi enfiado por trás da almofada de couro.

— *Sehen sie her, mein Kapitän*. Vi quando ela se chegava para perto do senhor. Isto me pareceu esquisito.

Com a mão livre, Krebs atirara a capa para longe, e lá estavam os

dedos curvos de sua mão esquerda firmemente dobrados sobre a capa do caderninho, distante ainda alguns centímetros do bolso da calça de Drax.

— Ah, então é assim!

A palavra saiu mortalmente fria e com a finalidade de arrepiar.

Drax largou-lhe o queixo, mas os olhos horrorizados de Gala permaneceram presos aos dele.

Uma espécie de gélida crueldade transparecia através da alegre fachada de sua pele e das suíças vermelhas. Era um homem diferente. O homem por trás da máscara. A criatura que jazia sob a lápide que Gala Brand levantara.

Drax tornou a olhar para cima e para baixo da estrada deserta.

Depois, fitando cauto os olhos azuis subitamente alertas, puxou a luva de couro para dirigir da mão esquerda e, com a direita, bateu tão fortemente quanto pôde, com a luva, no rosto da moça.

Apenas um gritinho escapou da garganta apertada de Gala, mas lágrimas de dor escorreram-lhe pelas faces. Repentinamente, começou a lutar como uma louca.

Com toda a força, insurgia-se e debatia-se contra os dois braços de ferro que a continham. Com a mão direita livre, tentou alcançar o rosto que se inclinava para sua mão e acertá-lo nos olhos. Mas Krebs desviou a cabeça facilmente, colocando-a fora de seu alcance e, calmamente, aumentou a pressão em sua garganta, sibilando furioso quando as unhas dela arrancavam tiras de pele das costas de suas mãos, porém observando, com olhos de cientista, que os esforços dela iam esmorecendo.

Atento, Drax assistia a tudo, com um olho na estrada, esperando, até que Krebs a subjugou. Então, pôs novamente o carro em movimento e dirigiu-o cuidadosamente ao longo da estrada do bosque. Grunhiu de satisfação quando chegou a uma picada, fez uma volta e só parou quando se encontrou bem fora do alcance da vista de quem passasse pela estrada.

Gala acabara de perceber que não havia mais ruído nos motores, quando ouviu Drax dizer: “Aqui.” Um dedo tocou-lhe o crânio, por trás da orelha esquerda. O braço de Krebs se afastou de sua garganta, e ela reclinou-se aliviada para a frente, procurando respirar. Foi então que qualquer coisa se chocou contra sua nuca, no ponto onde o dedo tocara, e seguiu-se um lampejo de dor maravilhosamente misericordioso, logo secundado por profundas trevas.

Uma hora depois, os transeuntes viram um Mercedes branco parar

diante de uma pequena casa na extremidade do Buckingham Palace, que fica na Ebury Street, e dois senhores bondosos ajudarem uma moça doente a descer pela porta da frente. Os que estavam perto observaram que o rosto da pequena estava muito pálido, que seus olhos estavam fechados e que os senhores bondosos quase tiveram de carregá-la pelos degraus acima. O senhor grandalhão, de cara e suíças vermelhas, disse bem distintamente ao outro, e várias pessoas ouviram-no, que a pobre Mildred tinha prometido que não sairia enquanto não estivesse perfeitamente bem. Tudo muito triste.

Gala voltou a si num aposento grande lá em cima, que lhe pareceu entulhado de máquinas. Estava fortemente amarrada a uma cadeira e, além da dor dilacerante que sentia na cabeça, sentia os lábios e as faces machucados e inchados.

Pesadas cortinas haviam sido puxadas nas janelas, e sentia-se um cheiro de mofo no quarto, como se fosse usado raramente. Havia poeira sobre as poucas peças de mobiliário convencional, e só os mostradores de cromo e ebonite das máquinas pareciam limpos e novos. Ela pensou que, provavelmente, se encontrava num hospital. Fechou os olhos e se pôs a conjecturar. Não tardou muito que se recordasse de tudo. Passou vários minutos se controlando e depois tornou a abrir os olhos.

Drax, de costas para ela, observava o mostrador de uma máquina que se assemelhava a um aparelho de rádio, em ponto maior. Três máquinas semelhantes ali estavam também, e de uma delas uma antena fina de aço elevava-se até um orifício grosseiro que fora feito no gesso do teto. A sala achava-se brilhantemente iluminada por diversos suportes bem altos, cada um deles contendo uma lâmpada de muitos wats.

À sua esquerda ouviu um barulho de latas batidas e, revirando os olhos semicerrados dentro das órbitas, coisa que lhe piorou muito a dor de cabeça, viu a figura de Krebs curvado sobre um gerador elétrico no chão, ao lado do qual estava um pequeno motor a gasolina, e era êle que produzia o ruído. De quando em quando Krebs agarrava a manícula de ligação e punha-a para funcionar com força. Um débil batimento vinha do motor, antes de voltar ao seu ruído metálico.

— Como é, seu cretino? — disse Drax em alemão. — Vamos com isto. Tenho de ir procurar aqueles malditos cabeças-de-pau do Ministério.

— Agora mesmo, *mein Kapitän* — disse Krebs humilde. Pegou novamente a manícula. Dessa vez, depois de duas ou três tossidas, o motor

começou a funcionar, roncando.

Não fará muito ruído? — perguntou Drax.

— Não, *mein Kapitän*. A sala está preparada à prova de som — respondeu Krebs. — O Dr. Walter me garantiu que nada se ouvirá do lado de fora.

Gala fechou os olhos e concluiu que sua única esperança era fingir inconsciência, por quanto tempo lhe fosse possível. Teriam intenção de liquidá-la? Ali mesmo, naquela sala? E para que seriam todas essas máquinas? Pareciam um rádio ou, talvez, um painel de radar. Aquela cobertura de vidro curvo, por exemplo, por cima da cabeça de Drax, que emitira um lampejo quando ele manevrava os botões embaixo dos mostradores.

Lentamente, seu cérebro recomeçou a trabalhar. Por que motivo Drax falava, de repente, num alemão perfeito? E por que Krebs se dirigia a ele como *Herr Kapitän*? E os números no caderninho negro, por que quase a mataram, só por ela os ter visto? Que intenções teriam?

Noventa graus, noventa graus.

Ansiosamente, seu espírito remoía o problema.

Noventa graus de diferença. Suponhamos que seus cálculos estivessem certos e equacionados constantemente em relação ao alvo, situado a 80 milhas para o Mar do Norte. Façamos uma simples suposição de que ela estivesse certa. Nesse caso, o foguete não estaria sendo apontado para o centro da França, no fim de contas. Mas, e os cálculos de Drax? Noventa graus para a esquerda de seu alvo, no Mar do Norte? Então, nalgum ponto da Inglaterra, presumivelmente. A oitenta milhas de Dover. Sim, era isso. Isso mesmo. Os números de Drax. O plano de lançamento no pequeno caderno negro. Eles atirariam o “Explorador da Lua”.. . bem no coração de Londres!

Em Londres! Em Londres!

Então é verdade isso de que o coração da gente parece que vai saltar pela boca. Que coisa estranha! Uma frase tão comum, e afinal era verdade. Ali estava ela de coração na boca, sem poder respirar, sufocada.

E agora, vejamos. . . Então aquele aparelho é um radar de retorno! Que coisa engenhosa. O mesmo que deveria estar colocado na jangada, em pleno Mar do Norte, orientando o vôo do foguete. Mas isso faria com que o foguete viesse cair, afinal, num raio de ação que não excederia as cem jardas do Palácio de Buckingham. Mas isto teria importância, com uma cápsula cheia de instrumentos?

Foi, provavelmente, a crueldade da pancada de Drax, em seu rosto, que elucidou tudo. De repente, ela soube que seria uma bomba de verdade que seria colocada na cápsula, uma bomba atômica, e que Drax era um inimigo da Inglaterra. Sabia mais: que no dia seguinte, ao meio-dia, êle ia destruir Londres.

Gala fez um último esforço para compreender.

Através deste teto, desta cadeira, caindo no chão. A fina agulha do foguete. Tombando ligeira como a luz de um céu claro. As multidões na rua. O Palácio. As aras no parque. Os passarinhos nas árvores. O grande estrondo de chamas, circular e imenso. Depois, a nuvem em forma de cogumelo. E nada mais restaria. Nada. Nada. Nada.

— Não. Oh, Não!

Mas o grito foi só dentro de seu cérebro, e Gala, o corpo semelhante a uma batata preta, retorcida e encolhida no meio de milhões de outras, já desmaiara.

CAPITULO 19

PESSOA DESAPARECIDA

Bond estava sentado à sua mesa predileta num restaurante de Londres, a mesa do canto à direita, para duas pessoas, no primeiro andar, observando os transeuntes e o tráfego em Piccadilly e Haymarket, mais abaixo.

Eram 7,45 e seu segundo Vodca-Martini seco, com uma larga fatia de limão, acabava de ser trazido por Baker, o chefe dos garçons. Bond tomou um gole, imaginando porque Gala estaria atrasada. Aquilo não era dela. Gala era o tipo da pequena que telefonaria, se tivesse sido detida na Yard. Vallance, que êle visitara às cinco horas, dissera ser Gala esperada ali, em seu gabinete, às seis.

Êle se mostrara muito aflito por vê-la. Era um homem preocupado; e quando Bond relatou sucintamente os fatos relativos à segurança do “Explorador da Lua”, Vallance parecia estar escutando só com a metade do espírito concentrado no que êle dizia.

Ao que parece, naquele dia todo, houvera pesadas vendas de esterlino. Tinham começado em Tânger e espalharam-se, rapidamente, até Zurich e New York. A libra flutuara loucamente nos grandes mercados monetários do mundo, e os corretores obtiveram somas avultadas. O resultado total foi ter a libra baixado três xelins nesse dia, e as taxas de câmbio, para outras moedas, foram igualmente fracas. O assunto apareceu na primeira página dos vespertinos e, na hora de encerramento dos negócios, o Tesouro se comunicara com Vallance, contando-lhe a extraordinária novidade de que a onda de vendas fora iniciada pela Drax Metals Limited, em Tânger. A operação começara naquela manhã, e, ao terminar, a firma conseguira vender a moeda esterlina abaixo do custo, até um montante

de vinte milhões de libras. Aquilo fora demais para o mercado, e o Banco de Inglaterra vira-se na obrigação de interferir, a fim de deter uma queda ainda mais violenta. Fora então que a Drax Metal entrara novamente em cena, como compradora.

Agora o Tesouro queria saber o que significava tudo aquilo — se era o próprio Drax quem vendia, ou uma das grandes empresas de serviços públicos que eram suas clientes. A primeira coisa que fizeram foi recorrerem a Vallance. Só êle podia pensar que, de um modo ou de outro, o “Explorador da Lua” ia ser um fracasso, e Drax, sabendo disso, desejava aproveitar-se desse conhecimento da melhor maneira. Telefonou imediatamente ao Ministério de Abastecimentos, mas aí, não tinham levado a sério tal idéia. Não havia motivos para pensar que o foguete pudesse resultar num fracasso, até porque, se seu vôo experimental não fosse bem sucedido, o fato seria remediável pelas explicações que êle transmitiria sobre deficiências técnicas, etc. De qualquer modo, fosse ou não o foguete um completo êxito, não poderia haver reação possível no crédito financeiro britânico. Não, eles não cogitariam, em absoluto, de mencionar o assunto ao Primeiro-Ministro. Drax Metals Limitada era uma grande organização comercial. O mais provável é que estivessem agindo por conta de algum governo estrangeiro. Talvez a Argentina. Mesmo a União Soviética, quem saberia? Alguém com grandes reservas monetárias de esterlino. Enfim, não era nada que dissesse diretamente respeito ao Ministério ou ao “Explorador”, que seria lançado pontualmente às doze horas do dia seguinte.

Aquilo parecera razoável a Vallance, porém êle ainda estava preocupado. Não gostava de mistérios e alegrava-se por poder partilhar suas preocupações com Bond. Acima de tudo, desejava perguntar a Gala se ela vira algum cabograma de Tânger e, no caso afirmativo, se Drax fizera algum comentário sobre êle.

Bond estava certo de que Gala teria comentado qualquer coisa sobre isto com êle, e disse o mesmo a Vallance. Havia conversado um pouco mais, e então Bond saíra para a sua repartição, onde M. o esperava.

M. se interessara por tudo, até pelas cabeças raspadas e pelos bigodes dos homens. Interrogou Bond minuciosamente, e quando este terminou sua história, com os pontos principais de sua conversação com Vallance, M. permaneceu muito tempo perdido em meditação.

Finalmente disse:

— 007, não me agrada nenhum pormenor dessa história. Há qualquer coisa que está acontecendo lá na base, mas eu não consigo de jeito nenhum chegar a uma conclusão. E nem vejo em que ponto possa interferir. Todos os fatos são conhecidos pela Seção Especial e pelo Ministério. Só Deus sabe que eu não posso acrescentar-lhes mais nada. Mesmo que eu trocasse idéias com o PM, coisa que seria muito injusta para com Vallance, que deveria dizer-lhe? Relatar-lhe que fatos? Que significa tudo isto? Não existe nada de concreto. Só o cheiro do negócio. E é um mau cheiro. Se não me engano, um cheiro que se estende até longe.

Olhou para Bond, e seus olhos refletiam um que de incomumente ansioso.

— Parece que tudo terá de depender de você. E dessa moça. Você está com sorte, se ela fôr boazinha. Deseja alguma coisa? Alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?

— Não, muito obrigado — dissera Bond e se encaminhara pelos corredores familiares, descendo pelo elevador até o seu próprio escritório, onde aterrorizara Loelia Ponsoby, dando-lhe um beijo ao lhe desejar boa-noite. As únicas ocasiões em que fazia tal coisa eram no Natal, no dia do aniversário dela e pouco antes de ter de fazer uma coisa perigosa.

Bond tomou o resto do Martini e olhou o relógio. Já eram oito horas, e êle sentiu um súbito arrepio.

Levantou-se da mesa e foi direto ao telefone.

A mesa telefônica da Yard disse que o Comissário-Assistente havia tentado entrar em contato com êle. Tivera de comparecer a um jantar na Mansion House. O Comandante Bond poderia fazer o favor de esperar na linha? Bond esperou impaciente. Todos os seus receios o dominaram, provindos do objeto de baquelita preta. Via em imaginação as filas de rostos bem educados. O garçom uniformizado procurando lentamente abrir caminho até Vallance. A cadeira puxada para trás rapidamente. A saída discreta. Aquelas passagens de pedra ressoantes. A cabina discreta. O telefone gritou-lhe:

— É você, Bond? Aqui é o Vallance. Soube alguma coisa de Miss Brand?

O coração de Bond esfriou.

— Não. Ela está com meia hora de atraso para o jantar. Não apareceu às seis?

— Não, de modo que eu mandei uma “pista” investigar, e não se

viu o menor sinal dela no endereço em que costuma ficar habitualmente, quando vem a Londres. Nenhum de seus amigos a viu. Se ela saiu do carro de Drax às duas e meia, deveria estar em Londres às quatro e meia. Não houve nenhum acidente na estrada de Dover esta tarde, e os AA e RCA são negativos. Houve uma pausa.

Agora, escute uma coisa.

Sentia-se um apelo ansioso na voz de Vallance:

— Ela é uma boa pequena, e eu não quero que nada lhe aconteça. Você quer cuidar disso para mim? Eu não posso espalhar um aviso geral a respeito. Aquelas mortes lá na base tornaram-na notícia, e nós teríamos toda a imprensa nos atormentando. Vai ser ainda pior depois das dez horas de hoje. Downing Street vai fazer um comunicado sobre o lançamento experimental, e os jornais de amanhã não vão tratar de outra coisa que não seja o “Explorador da Lua”. O PM vai irradiar. O desaparecimento da moça transformaria tudo numa história de crime. O dia de amanhã era muito importante para se cogitar disso e, além do mais, a moça podia ter tido um desmaio ou qualquer coisa assim. Mas eu desejo que seja encontrada. Então? Que me diz você? Pode tratar do caso? Pode contar com todo o auxílio que desejar. Avisarei o Oficial de Serviço que deve receber suas ordens.

— Não se preocupe. Está claro que vou tratar do assunto. — Fêz uma pausa enquanto a mente galopava. — Diga-me só uma coisa. Que é que sabe a respeito dos movimentos de Drax?

— Não era esperado no Ministério senão às sete — disse Vallance. — Deixei dito.... — Houve um rumor confuso na linha, e Bond ouviu Vallance dizer “Obrigado”. Depois voltou para a linha:

— Acabo de ter uma notícia que me foi dada pela polícia metropolitana. A Yard não conseguiu comunicar-se comigo pelo telefone. Eu estava falando com você. Deixe-me ver. — Foi lendo: “Sir Hugo Drax chegou ao Ministério às 19 horas e saiu às 20. Deixou o recado que estaria jantando no Blades, caso desejassem encontrá-lo. Estaria de volta à base às 23 horas”. Vallance comentou:

— Isto significa que deixará Londres mais ou menos às nove. Um momento. — Continuou a ler:

“Sir Hugo avisou que Miss Brand não se sentiu bem ao chegar a Londres, mas que, a seu pedido, êle deixou-a no ponto do ônibus, em Victoria Station, às 16.45. Miss Brand declarou que descansaria em casa de

alguns amigos, endereço ignorado, e entraria em contato com Sir Hugo, no Ministério, às 19 horas. Não o fez". E é só — concluiu Vallance. — Ah, é verdade, nós procuramos informar-nos a respeito de Miss Brand em relação a você. Disse que você havia combinado encontrá-la às seis e que ela não tinha aparecido.

— Está bem — disse Bond, com os pensamentos longe. — Isto não parece elucidar coisa alguma. Terei de me mexer. Só mais uma coisa. Drax tem um lugar onde costuma ficar em Londres, apartamento ou coisa semelhante?

— Atualmente fica sempre no Ritz — informou Vallance. — Vendeu a casa de Grosvenor Square, quando se mudou para Dover. Mas sabemos que possui uma espécie de estabelecimento em Ebury Street. Verificamos ali. Contudo, não atenderam a campainha, e o meu funcionário disse que a casa parecia desocupada. Fica bem atrás do Palácio de Buckingham. É assim uma espécie de esconderijo dele. Conserva-o muito oculto. Provavelmente leva suas mulheres para lá. Mais alguma coisa? Tenho de voltar, do contrário esses figurões vão pensar que as jóias da Coroa foram roubadas.

— Volte então. Eu farei o que estiver ao meu alcance, e, se ficar atrapalhado, chamarei seus homens para me socorrer. Não se preocupe se não tiver notícias minhas. Até logo.

— Até logo — disse Vallance com um tom de alívio na voz. — Muito obrigado. Desejo-lhe muita sorte.

Bond desligou. Depois pegou o telefone novamente e ligou para o Blades.

— Aqui é o Ministro do Abastecimento — falou. — Sir Hugo Drax se encontra no clube?

— Está aqui, sim senhor — respondeu a voz amistosa de Brevett. — Êle está na sala de jantar. Quer falar com êle?

— Não, não é preciso. Eu só queria certificar-me se êle ainda estava aí.

Sem reparar no que estava comendo, Bond engoliu qualquer coisa e saiu do restaurante às 8.45. Seu automóvel achava-se do lado de fora esperando e, depois de dar boa-noite ao chofer da repartição, dirigiu-se à St. James Street. Estacionou encoberto pela fuá central dos táxis do lado de fora do Boodle e acomodou-se atrás de um jornal da tarde, por cima do qual podia manter os olhos numa parte do Mercedes de Drax,

verificando, aliviado, que o carro estava estacionado em Park Street, sem ninguém para vigiá-lo.

Não precisou esperar muito tempo. De repente, uma larga faixa de luz amarela brilhou na soleira da porta do Blades, e a figura volumosa e alta apareceu. Trajava um sobretudo longo e frouxo, cujas lapelas haviam sido erguidas até as orelhas, e um boné puxado para cima dos olhos. Encaminhou-se depressa para o Mercedes branco, bateu a porta e dirigiu-se para o lado esquerdo da St. James Street. Diminuiu a marcha em seguida, para virar de frente ao St. James Palace, enquanto Bond ainda manejava uma terceira.

Puxa, o homem se movimentou depressa, pensou Bond, executando uma volta rápida em torno da ilha no Mall, com Drax já ultrapassando a estátua em frente ao Palácio. Conservou o Bentley em prise e entregou-se a uma violenta perseguição. Portão do Buckingham Palace. Quer dizer que devia ser a Ebury Street. Sem perder de vista o carro branco, Bond elaborou planos rápidos. Os sinais luminosos da esquina de Lower Grosvenor Place estavam verdes, quando Drax passou, e mudaram para vermelho no momento em que Bond precisou seguir. Bond furou o sinal e chegou a tempo de ver Drax virar para a esquerda, no princípio da Ebury Street. Apostando em como ele iria parar à porta de sua casa, Bond acelerou até a esquina e freou pouco antes de atingi-la. Quando saltou do Bentley deixando o motor ligado e deu os poucos passos que o levariam à Ebury Street, ouviu duas breves buzinas do Mercedes. Rodeando cautelosamente a esquina, ainda teve tempo de ver Krebs ajudando a transportar a figura de uma pequena embuçada para atravessarem a calçada. Em seguida, a porta do Mercedes foi batida, e Drax tornou a correr.

Bond correu para o seu carro, engrenou, passou a prise e seguiu no encaixe de Drax.

Graças a Deus o Mercedes era branco. Lá ia ele, as luzes traseiras acendendo-se rapidamente nos cruzamentos, os faróis bem vivos e a buzina funcionando a qualquer momento em que parecia haver um impedimento do trânsito, calmo àquela hora.

Bond cerrou os dentes e tocou o carro como se fosse um Lipizaner na Escola de Corridas Espanhola em Viena. Não podia usar faróis ou buzina, com medo de trair sua presença para o carro que ia na frente. Tinha de contentar-se em lidar com as mudanças e freios, fazendo votos para tudo dar certo.

O som profundo do seu cano de descarga de duas polegadas voltava-lhe aos ouvidos, depois de bater nas casas de ambos os lados, e os pneumáticos guinchavam no asfalto. Êle dava graças aos céus pelo novo jogo de Michelins de corrida que comprara há uma semana apenas. Se ao menos os sinais luminosos lhe fossem propícios. Parecia-lhe que só encontrava amarelo e vermelho, enquanto que Drax ia sendo sempre favorecido pelos verdes. Chelsea Bridge. Então parecia que o caminho era mesmo o de Dover, pela South Circular! Poderia esperar manter-se junto ao Mercedes na A20? Drax levava dois passageiros. Seu carro poderia não estar em condições. Mas com aquela suspensão independente podia escapar melhor que Bond. O velho Bentley ficava um pouco elevado demais, em relação ao terreno, para esse tipo de trabalho. Bond apertou os freios e arriscou uma buzina de seus tríplices klaxons, quando um táxi, de volta para o ponto, começou a atravessar para a direita. O táxi deu uma guinada para a esquerda, e Bond ouviu um palavrão, ao passar voando por êle.

Clapham Common e um carro branco vislumbrado por entre as árvores. Bond acelerou o Bentley para oitenta durante o pequeno trajeto seguro e viu as luzes mudarem para vermelho bem a tempo de fazer Drax parar.

Pôs então o Bentley em ponto morto e foi seguindo o outro silenciosamente. Cinquenta jardas mais distante. Quarenta, trinta, vinte. O sinal mudou, e Drax transpôs o cruzamento e tornou a se distanciar, mas não sem que Bond tivesse visto que Krebs estava ao seu lado e que não havia o menor sinal de Gala, exceto o monte envolto por um tapete em cima do estreito assento traseiro.

Quer dizer que não havia dúvida. Não se leva uma moça doente dentro de um carro como se ela fosse um saco de batatas. Nem tampouco nessa velocidade. Com que então ela era uma prisioneira. Por quê? Que tinha feito? Que havia descoberto? Que diabo, afinal, significava tudo aquilo?

Cada conjectura sombria chegava e, por um instante, pousava como um urubu no ombro de Bond e crocitava em seu ouvido que êle fora um rematado idiota e cego. Cego, cego, cego. Desde o momento em que se sentara em seu escritório depois daquela noite no Blades e chegara à conclusão de que Drax era um homem perigoso, deveria ter ficado de sobre-aviso. Ao primeiro sintoma de irregularidade, as marcas no mapa, por

exemplo, deveria ter entrada em ação. Mas que ação? Analisara cada um dos indícios, cada receio. Que poderia ter feito, exceto matar Drax? E ser enforcado como prêmio de todos os seus trabalhos? Muito bem, então. Que dizer do momento presente? Deveria parar e telefonar para a Yard? E deixar o carro escapar? Pelo que tinha visto, Gala ia sendo levada, e Drax planejava livrar-se dela no caminho de Dover. Isto Bond poderia evitar, se o seu carro desse conta do recado.

Como que fazendo eco aos seus pensamentos, os torturados pneus guincharam, quando êle deixou a estrada South Circular, entrando na A20, e fêz a curva a quarenta. Não. Êle dissera a M. que trataria do assunto. Dissera o mesmo a Vallance. O caso fora atirado firmemente em seu colo, e êle teria de fazer o que pudesse. Pelo menos se conseguisse manter uma distância relativa do Mercedes, poderia atirar nos pneumáticos e depois pedir desculpas. Deixá-lo escapar seria um crime.

Pois então, que assim fosse, disse Bond de si para consigo.

Teve de diminuir a marcha por causa de alguns sinais e aproveitou a pausa para retirar um par de óculos do porta-luvas e cobrir os olhos com eles. Depois, inclinou-se para a esquerda e torceu o parafuso grande no pára-brisa, afrouxando depois o outro à sua mão direita. Apertou o estreito pára-brisa para baixo e tornou a apertar os parafusos.

A seguir, acelerou, afastando-se de Swanley Junction e, dentro em breve, fazia noventa, descendo por Farningham, o vento uivando-lhe nos ouvidos e o grito de seu escape livre correndo com êle à guisa de companheiros.

Após uma milha, os grandes olhos do Mercedes se ocultaram, ao subir o aclave de Wrotham Hill, e desapareceram dentro do panorama enluarado de Weald of Kent.

CAPÍTULO 20

A JOGADA DE DRAX

Havia três diferentes fontes de dores no corpo de Gala. A dor latejante atrás da orelha esquerda, a carne mordida nos pulsos, e o queimar das correias em torno de seus tornozelos.

Cada saliência do terreno, cada desvio, cada pressão repentina do pé de Drax nos freios ou no acelerador, despertava uma dessas dores e lhe irritava os nervos. Se ao menos tivesse sido colocada mais presa ao assento de trás. Mas só havia lugar para seu corpo rolar alguns centímetros no assento, de modo que se via obrigada a contorcer constantemente o rosto machucado para evitar o contato com as paredes de brilhante couro de porco.

O ar que respirava era abafado, com um cheiro de forração nova de couro, fumaça do cano de descarga e, de quando em quando, o mais acentuado de borracha queimada, cada vez que Drax raspava os pneumáticos numa esquina de curva acentuada.

No entanto, o desconforto e a dor não eram nada. Krebs! Curioso como seu temor e repulsa por Krebs a atormentava mais que tudo. As outras coisas eram grandes demais. O mistério de Drax e seu ódio pela Inglaterra. O enigma do seu perfeito domínio da língua alemã. O “Explorador da Lua”. O segredo da cápsula atômica. Como salvar Londres. Eram assuntos que há muito tempo ela afastara para um recanto do cérebro como coisas insolúveis.

Mas a tarde passada a sós com Krebs estava presente e terrível em seu espírito, e este voltava sempre e sempre aos detalhes da mesma, como uma língua em cima de um dente dolorido.

Muito tempo depois de Drax ter partido, ela continuara a fingir in-

consciência. A princípio, Krebs se ocupara com as máquinas, conversando com elas em alemão, numa falinha de bebê, toda carinhosa.

— Pronto, minha *Liebchen*. Agora está melhor, não está? Uma gota de óleo para você, minha *Pupperl*? Como não? Vai já. Não, não sua preguiçosa. Eu disse mil voltas. Não novecentas. Vamos ver agora. Nós podemos fazer coisa melhor, não podemos? Sim, minha *Schatz*. É isto. Rodando, rodando, lá vamos nós. Para cima e para baixo. Rodando, rodando. Deixe eu limpar sua carinha bonita, para você, para nós podermos ver o que o pequenino mostrador está dizendo. *Jesus Maria, bist du ein braves Kind!*

E assim continuara, ora ficando em pé, diante de Gala, ora esgaratando o nariz e chupando os dentes, numa atitude horrível de ruminante. Até que foi permanecendo cada vez mais tempo diante dela, esquecendo as máquinas, conjecturando, tomando uma resolução.

E então sentira a mão dele desabotoar o botão de cima de seu vestido, e o recuo (automático de seu corpo teve de ser disfarçado por um grunhido realístico e uma pantomima de volta de consciência.

Pedira água, e ele fora buscar no banheiro, trazendo um pouco num copo de escova de dentes. Depois puxara uma cadeira de cozinha para a frente dela e sentara-se atravessado, de costas para o assento, o queixo descansando na última travessa do encosto. Ficara então a fitá-la especulativamente, por baixo das pálpebras caídas, com aqueles olhos desbotados.

Ela fora a primeira a romper o silêncio.

— Por que me trouxeram aqui? Para que são todas essas máquinas?

Krebs lambeira os lábios de sua boquinha vermelha e bicuda, aberta sob a mancha de bigode amarelo, e foi formando lentamente um sorriso em forma rombóide.

— Isto é um engodo para passarinhos. Dentro em breve atrairá um passarinho para seu ninho quente. Então o passarinho porá um ôvo. Oh, um ôvo tão grande, redondo! Um ôvo lindo!

A parte inferior de seu rosto ria encantada, enquanto seus olhos divagavam.

— A mocinha bonita está aqui porque, de outro modo, poderia assustar o passarinho, e este ir embora. E isto seria tão triste, não é mesmo? — o homem cuspiu as três palavras seguintes: — Cadela inglesa e suja!

Seus olhos tornaram-se atentos, cheios de resolução. Puxou a ca-

deira mais para perto, de modo que seu rosto ficou muito próximo ao dela, e ela se viu envolvida pelo miasma de sua respiração.

— E agora, cadela inglesa, diga para quem você está trabalhando?

— Esperou. — Você precisa me responder, sabe? — avisou suavemente.

— Nós estamos sozinhos aqui. Não há ninguém para lhe ouvir gritar.

— Não seja estúpido — disse Gala em desespero de causa. — Como eu poderia estar trabalhando para outra pessoa que não fosse Sir Hugo? (Krebs sorriu ao ouvir o nome).

— Eu só estava curiosa a respeito do plano de vôo...

Gala iniciou uma explicação arrastada, a respeito de seus números e os de Drax, e de como desejara partilhar do sucesso do “Explorador da Lua”.

— Tente novamente — sussurrou Krebs, quando ela terminou. — Você deve sair-se melhor que isso — e, subitamente, seus olhos haviam-se tornado chispantes de crueldade, e suas mãos se estenderam para ela, por trás do encosto da cadeira. . .

No assento de trás do veloz Mercedes, Gala rangeu os dentes e choramingou com a lembrança dos dedos leves se arrastando pelo seu corpo, Tateando, beliscando, puxando, enquanto seus olhos, durante o tempo todo, fitavam curiosamente os dela, até que, finalmente, ela juntou saliva na boca e deu uma cusparada bem no meio da cara do homem.

Este nem se dera o trabalho de parar para limpar o rosto, mas, de repente, aplicara-lhe um golpe violento, e ela gritara uma só vez, para em seguida desmaiar.

E então se vira sendo empurrada para a parte traseira do carro, com um tapete atirado em cima dela, e eles partiram velozmente pelas ruas de Londres. Gala ouvia outros carros perto deles, o campainhar frenético de uma bicicleta, um grito de vez em quando, o grunhido animalesco de uma velha klaxon, o ronronar de uma lambreta, um rangir de freios, e compreendeu que voltara ao mundo real, que pessoas inglesas, amigos, estavam em volta dela. Lutara para se pôr de joelhos e gritar, mas Krebs devia ter-lhe pressentido os movimentos, porque as mãos dele se encontraram repentinamente em seus tornozelos, prendendo-os à barra de descanso para os pés, no chão. Compreendeu que estava perdida, e as lágrimas lhe correram pelas faces, enquanto rezava para que alguém, de um jeito ou de outro, chegasse a tempo.

Isto acontecera há menos de uma hora, e agora ela podia garantir

que haviam chegado a uma cidade grande — Maidstone, se estava sendo levada de volta para a base.

No relativo silêncio do avanço do Mercedes por dentro da cidade, ela ouviu, subitamente, a voz de Krebs. Havia nela um quê de ansioso.

— *Mein Kapitän*, tenho estado a observar um carro já há algum tempo. Não resta dúvida de que está nos seguindo. Raramente usa os faróis. Está apenas a uns cem metros de distância, atrás de nós agora. Eu acho que é o carro do Comandante Bond.

Drax grunhiu de surpresa, e ela ouviu seu corpanzil virar-se todo para dar uma rápida olhada.

Praguejou violentamente, e depois veio o silêncio, dentro do qual ela pôde sentir o carro grande se movimentando em curvas e se esforçando por ganhar terreno dentro do trânsito.

— *Ja, sowas!* — disse finalmente Drax. Sua voz parecia preocupada. — Quer dizer que aquela velha peça de museu ainda pode movimentar-se. Tanto melhor, meu caro Krebs. Parece que êle está sozinho.

Deu uma risada desagradável:

— Deixe que êle fique por nossa conta, porque se sobreviver, nós o meteremos no mesmo saco com a mulher. Ligue o rádio. Estação local. Logo saberemos se existe algum obstáculo.

Ouviu-se um rápido estalido da estática e depois Gala escutou a voz do Primeiro-Ministro, a voz das grandes ocasiões de sua vida, vinda em fragmentos entrecortados, enquanto Drax punha o carro em terceira e acelerava para sair da cidade: “. . . arma criada pela engenhosidade do homem. . . mil milhas acima no firmamento. . . área patrulhada pelos navios de Sua Majestade. . . planejado exclusivamente para a defesa de nossa amada ilha. . . uma longa era de paz... desenvolvimento para a grande viagem do homem além dos limites deste planeta. . . Sir Hugo Drax, esse grande patriota e benfeitor do nosso País...”

Gala ouviu o estrondear da gargalhada acima do uivar dos ventos, um vasto latido de desprezo e triunfo e, em seguida, o rádio foi desligado.

— James — sussurrou Gala consigo mesmo. — Só resta você. Tenha cuidado. Mas ande depressa.

O rosto de Bond era uma máscara de poeira e imundície com o sangue das moscas e outros insetos que se haviam esmagado contra êle. Muitas vezes tivera de retirar uma das mãos com câimbra do volante, para limpar os óculos, mas o Bentley ia portando-se muito bem, e êle

tinha certeza de que pegaria o Mercedes.

Estava quase alcançando noventa e cinco na linha reta, pouco antes da entrada para Leed Castle, quando luzes possantes foram emitidas por trás dele, e uma buzina de quatro tons executou seu ousado “pam-pim-pim-pam” quase dentro de seu ouvido.

A aparição de um terceiro carro na corrida era quíase inacreditável. Bond mal se dera o trabalho de olhar no espelho retrovisor, desde que havia saído de Londres. Ninguém, a não ser um corredor de automóvel ou um homem desesperado, poderia ter emparelhado com eles, e seu espírito se encontrava numa confusão quando, automaticamente, afastou-se para a esquerda e viu, com o rabo dos olhos, um carro baixo, vermelho como os dos bombeiros, emparelhar com êle e afastar-se com uma diferença de umas dez milhas, uma hora extra em seu relógio.

Vislumbrou o famoso radiador Alfa e, na borda do capô, escrito em letras grandes, brancas, as palavras: Attaboy II. Em seguida, viu o rosto sorridente de um rapazinho em mangas de camisa, que espetou dois dedos vermelhos no ar antes de desaparecer na mistura de sons que um Alfa em disparada compõe com o gemido de seu escape, o espooar do cano de descarga e o uivo trovejante do transmissor.

Bond sorriu cheio de admiração ao levantar a mão para o chofer. Alfa Romeu, oito cilindradas, com surpercarburadores, pensou consigo mesmo. Deve ser quase tão velho quanto o meu. ‘32 ou ‘33, provavelmente. E só a metade de meus cc. Targa Florio, em 1931, e depois disso fêz bonito em toda a parte. Com certeza era um tipo desses de cabeça quente, ouvindo uma das estações da RAF dos arredores. Tentando voltar de alguma festa a tempo de assinar o ponto antes de ser citado num relatório. Observou benèvolmente quando o Alfa balançou a cauda na curva em S ao lado de Leeds Ctostle e, em seguida, passou uivando pelo longo caminho largo em direção à distante bifurcação de Charing.

Bond bem podia imaginar o sorriso de satisfação do rapaz, quando este alcançou Drax: “Ôba. É uma Merc!” E a raiva de Drax, ao ouvir a música impudente da buzina. Deve estar fazendo 105, pensou Bond. Espero que esse maluquinho não saia da estrada. Ficou a olhar os dois jogos de luzes traseiras se aproximando, o rapaz do Alfa se preparando para o truque de surgir por trás e, de repente, acelerar ao máximo, assim que tivesse uma oportunidade para passar.

Pronto. Quatrocentas jardas adiante o Mercedes apareceu, branco,

iluminado pelas luzes duplas do Alfa. Havia uma milha de estrada livre na frente, completamente reta. Bond quase sentia os pés do rapaz pisando o pedal mais fundo ainda. Ôba rapaz!

Lá na frente, no Mercedes, Krebs tinha a boca colada ao ouvido de Drax.

— Outro deles — gritou aflito. — Não consigo ver o rosto. Vem vindo para nos passar agora.

Drax deixou escapar uma obscenidade a meia voz. Seus dentes branquejaram no pálido reflexo do painel.

— Vou dar uma lição a esse canalha — falou, endireitando os ombros e agarrando o volante com firmeza com as grandes luvas de couro. Com o canto dos olhos viu o capô da Alfa surgir a estibordo. ‘Tam-pim-pim-pim’, cantava a buzina, suave, delicadamente. Drax virou rápido o volante do Mercedes para a direita e, depois do horrível chocalhar dos metais, trouxe-o novamente para o centro, a fim de corrigir a posição.

— Bravo! Bravo! — gritou Krebs, fora de si com a excitação, ao ajoelhar-se no assento do carro e olhar para trás.

— Dupla capotagem. Passou por cima da cerca de cabeça para baixo. Acho que já está se incendiando. Sim. Estou vendo as chamas.

— Isto dará ao nosso caro Sr. Bond qualquer coisa para refletir — rosnou Drax, respirando pesadamente.

Bond, porém, o rosto impassível, mal examinara o velocímetro, e nada havia a não ser vingança em seu espírito, quando partiu veloz atrás do Mercedes que voava.

Vira tudo. O vôo grotesco do carro vermelho, ao virar de rodas para o ar, e tornar a virar, a figura do rapaz projetada para o alto, os braços e as pernas abertos, ao ser cuspidos para fora do volante, e o estrondo final, quando o carro saltou a cerca de cabeça para baixo e foi desmorronar-se no campo.

Quando passou disparado, observando as marcas horríveis de grifada deixadas pela derrapagem, seu espírito anotou um toque macabro final. Saindo, não se sabe como, incólume do holocausto, a buzina ainda dava contato, e seu ulular subia para o céu, abrindo estridentemente estradas imaginárias para a passagem do Attaboy II: “Pam-pim-pim-pam. Pam-pim-pim-pam.”

Com que então um homicídio tivera lugar bem debaixo de seus olhos. Ou, pelo menos, uma tentativa de homicídio. Assim, fossem quais

fossem seus motivos, Sir Hugo Drax era um criminoso e, provavelmente, um maníaco. Isto, acima de tudo, significava perigo certo para o “Explorador da Lua”. Era o bastante para Bond. Meteu a mão debaixo do painel e, de seu coldre escondido, tirou o Colt Especial do Exército, calibre 45 de cano longo, e colocou-o no assento ao seu lado. A batalha agora era em campo aberto e, de um jeito ou de outro, o Mercedes teria de ser parado.

Usando a estrada como se fosse Donington, Bond pisou o acelerador e ali conservou o pé. Pouco a pouco, com o ponteiro oscilando de cada lado do número cem, começou a diminuir a diferença.

Drax entrou pelo lado esquerdo da bifurcação em Charing e subiu embalado a longa colina. Na frente, dentro do raio gigante de seus faróis, um grande caminhão de transporte, desses de oito rodas, um AEC Diesel, ia subindo a primeira curva do caminho, lutando sob o peso de quatorze toneladas de notícias impressas que levava numa viagem noturna para um dos jornais do East Kent.

Drax praguejou baixinho, ao ver o longo transporte de vinte rolos gigantescos, cada um deles contendo cinco milhas de papel impresso com notícias, amarradas lá em cima. Logo ali, no meio daquela curva traiçoeira em S, no alto da colina.

Olhou no espelho retrovisor e viu o Bentley chegando à bifurcação. Foi então que teve uma idéia.

— Krebs — o nome saiu como um tiro de pistola. — Tire sua faca.

Um estalido agudo, e o estilete já estava na mão de Krebs. Ninguém perdia tempo, quando havia aquela nota na voz do mestre.

— Vou diminuir a marcha e seguir atrás do caminhão. Tire os sapatos e as meias, suba no capo, e quando eu vier por detrás dele, pule em cima. Eu irei na maior vagareza. Não haverá perigo. Corte as cordas e segure os rolos de papel. Primeiro os da esquerda. Depois os da direita. Nessa altura eu já terei colocado o carro no mesmo nível do caminhão, e quando você tiver cortado o segundo lote, pule no carro. Tenha cuidado para não ser levado com o papel. *Verstanden? Also. Hals und Beinbruch!*

Drax apagou as luzes dos faróis e contornou a curva a oitenta quilômetros por hora. O caminhão ia vinte jardas adiante, e ele teve de frear com força, a fim de não abalroá-lo. O Mercedes executou uma derrapagem, até o radiador ficar quase debaixo do chassi do caminhão.

Drax fez a mudança para segunda:

— Agora!

Manteve o carro firme como uma rocha, quando Krebs, descalço, passou por cima do pára-brisa e foi-se arrastando ao longo do brilhante capô, com a faca na mão.

Num salto, atingiu o ponto visado e começou a cortar as cordas do lado esquerdo. Drax afastou-se para a direita e foi deslizando até ficar paralelo às rodas traseiras do Diesel, a fumaça do óleo vinda do cano de descarga subindo-lhe aos olhos e às narinas.

As luzes do carro de Bond começavam a aparecer no início da curva.

Houve uma série de baques fortes, quando os rolos do lado esquerdo caíram do caminhão para a estrada e foram rolando velozes pela escuridão. Depois, mais baques, ao partirem-se as cordas do lado direito. Um dos rolos arrebentou ao cair, e Drax ouviu um barulho de coisas dilaceradas, quando o papel, desenrolando-se tombou pesadamente num ponto da subida.

Aliviado de sua carga, o caminhão quase pulou para a frente, e Drax teve de acelerar um pouco para alcançar a figura esvoaçante de Krebs, que aterrisou, metade em cima das costas de Gala e metade no assento da frente. Drax pisou até embaixo o acelerador e subiu a colina como um raio, ignorando o grito do chofer do caminhão, que se sobrepôs ao clamor dos pistões, quando êle disparou em frente.

Ao contornar velozmente a curva seguinte, viu o cilindro de dois faróis desenharem-se em curva no céu, acima do topo das árvores, até se tornarem quase verticais. Tremularam ali por um instante, e depois os raios de luz giraram através do espaço e desapareceram.

Uma grande risada, semelhante a um latido de cão, escapou de Drax, e durante a fração de um segundo, tirou os olhos da estrada e levantou o rosto triunfalmente para as estrelas.

CAPITULO 21

“O PERSUASOR”

Krebs ecoou a risada maníaca com outra estridente.

— Um golpe de mestre, *mein Kapitän*. O senhor precisava ver como eles desciam pela colina. O tal que arrebentou. *Wunderschön*! Parecia o papel higiênico de um gigante. Este deve ter feito um belo pacote dele. Êle vinha chegando bem na curva. E o segundo foi tão bom quanto o primeiro. Viu a cara do motorista? *Zum Kotzen*! E a firma Bowater! Um belo negócio foi o que fizeram.

— Você trabalhou bem — observou Drax, conciso, o pensamento noutra coisa.

De repente, levou o carro para o lado da estrada, com um grito de protesto dos pneus.

— *Donnerwetter* — disse, zangado, quando começou a virar o carro. — Mas nós não podemos deixar o homem ali. Precisamos pegá-lo.

O carro já ia roncando pela estrada abaixo.

— A arma — ordenou Drax, secamente.

Passaram o caminhão no alto da colina. Estava parado, e não se via sinal de motorista. Provavelmente telefonando para a companhia, pensou Drax, diminuindo a marcha ao contornarem a primeira curva. Viam-se luzes em duas ou três casas, e um grupo de pessoas rodeava um dos rolos de papel que ali estava por entre as ruínas do portão da frente de suas casas. Havia mais rolos na borda do lado direito da estrada. À esquerda, um poste telegráfico se inclinava como bêbedo, partido ao meio. Na curva seguinte, via-se o princípio de uma grande confusão de papel estendendo-se para baixo, ao longo da colina, formando guirlandas nas cercas e na estrada, como se fossem os babados de um vestido de baile à

fantasia, elefântico.

O Bentley tinha quase se espatifado contra as grades que guarneciam o lado direito da curva, protegendo-o de um barranco profundo. Por entre a confusão de ferro retorcido dos mourões, pendia, de capo para baixo, com uma das rodas ainda presa ao eixo quebrado de trás e ali pou-sada de esguelha como um guarda-chuva surrealista.

Drax se aproximou e, acompanhado de Krebs, saiu do carro e ficou quieto, à escuta.

Não se ouvia o menor som, exceto o do motor de um carro distante, seguindo rápido pela estrada de Ashford, e o trilar de um grilo insone.

Com as armas na mão, eles caminharam cautelosamente por cima dos restos do Bentley, os pés esmagando o vidro partido na estrada. Sulcos profundos haviam sido marcados na margem de grama, e sentia-se o cheiro forte de gasolina, misturado ao de borracha queimada. O metal quente do carro estalava e partia baixinho. O vapor ainda jorrava do radiador espatifado.

Bond estava caído de bruços no fundo do barranco, a uns seis metros de distância do carro. Krebs virou-o. O rosto estava coberto de sangue, mas ele respirava. Revistaram-no completamente, e Drax meteu no bolso a fina Beretta. Depois, juntos, arrastaram-no até a estrada, jogando-o, em seguida, no assento traseiro do Mercedes, com a metade do corpo em cima do de Gala.

Quando ela percebeu quem era, deu um grito de horror.

— *Halt's Maul* — rosnou Drax. Foi para o assento da frente e, enquanto ligava o motor, Krebs inclinou-se e se ocupou com um longo pedaço de arame flexível.

— Faça o negócio direito — disse Drax. — Não quero que haja erros. — Refletiu melhor. — Volte depois para junto dos destroços e retire as placas. Depressa. Eu tomo conta da estrada.

Krebs puxou o tapete para cima dos dois corpos inertes e pulou fora do carro. Usando a faca como chave de parafuso, dentro em breve estava de volta com as placas, e o enorme carro começou a se movimentar no momento exato em que um grupo de habitantes do local apareceu caminhando nervosamente pela descida da montanha, focalizando as lanternas sobre a cena de devastação.

Krebs riu feliz consigo mesmo à idéia de que os estúpidos ingleses teriam de limpar e pôr tudo aquilo em ordem. Acomodou-se no assento,

a fim de apreciar o trecho do caminho que sempre fora seu predileto: os bosques primaveris, cheios de florzinhas azuis e rosa, que iam até Chillingham.

Eles tinham-no tornado particularmente feliz à noite. Iluminados por entre as tochas verdes das árvores novas pelos grandes faróis do Mercedes, tinham-no feito pensar nas lindas florestas de Ardennes, no grupo dedicado onde servira e na viagem que fizera num jipe capturado aos americanos, tal como naquela noite, ao lado de seu adorado líder, que ia ao volante. *Der Tag* custara a chegar, mas agora ali estava. Com o jovem Krebs no caminhão. Finalmente veria as multidões dando vivas, as medalhas, as mulheres, as flores. Lançou um olhar aos exércitos de flores azuis que passavam voando e sentiu-se feliz e confortado.

Gala sentia na boca o gosto do sangue de Bond. O rosto dele estava ao lado do dela, no assento de couro, e ela se mexeu para lhe dar mais lugar. A respiração do rapaz era pesada e irregular. Ela perguntava a si mesma quanto estaria ferido. Experimentou sussurrar-lhe ao ouvido. Depois falou mais alto. Ele deu um grunhido e acelerou a respiração.

— James — cochichou. — James.

Bond resmungou qualquer coisa, e ela encostou-se com força contra ele. Depois, soltou uma série de palavrões, e seu corpo se mexeu.

Tornou a ficar imóvel, e ela quase pôde senti-lo explorando as próprias sensações.

— Sou eu, Gala.

Ela sentiu o corpo dele enrijecer.

— Deus do céu. Que diabo de confusão — falou Bond.

— Você está bem? Tem algum osso quebrado?

Sentiu que ele experimentava os braços e as pernas.

— Parece que está tudo bem. Uma brecha na cabeça. Estou falando coisas que fazem sentido?

— Claro que sim — respondeu Gala. — Agora ouça.

Rapidamente, contou-lhe tudo que sabia, começando pelo caderninho de notas preto.

O corpo dele estava rígido como uma tábua contra o dela, e ele mal respirava, ouvindo a história inacreditável.

Logo depois corriam para Canterbury, e Bond colocou a boca em seu ouvido.

— Vou tentar jogar-me por trás — sussurrou. — Ver se arranjo um

telefone. É a única esperança.

Começou a se erguer sobre os joelhos, o peso de seu corpo quase sufocando a respiração da moça.

Ouviu-se uma forte pancada, e êle tornou a cair em cima dela.

— Outro movimento que você faça e estará morto — disse a voz de Krebs, vindo baixinho por entre os assentos da frente.

Faltavam só vinte minutos para chegar à base! Gala rangeu os dentes e tratou de reanimar Bond, que perdera os sentidos novamente.

Acabara de conseguir, quando o carro chegou à porta da cúpula de lançamento, e Krebs, com um revólver na mão, já ia desfazendo os nós em torno dos tornozelos de ambos.

Vislumbraram o cimento familiar, iluminado pela lua, e o semicírculo de guardas a uma certa distância, antes de serem empurrados pela porta. Depois, quando Krebs lhes arrancou os sapatos, seguiram pela passagem estreita, de ferro, dentro da cúpula de lançamento.

Ali estava o cintilante foguete, lindo, inocente, qual um novo brinquedo para ciclopes.

Mas havia um cheiro horrível de produtos químicos no ar, e para Bond, o “Explorador da Lua” parecia uma gigantesca agulha hipodérmica pronta para ser enterrada no coração da Inglaterra. Apesar de um resmungo de Krebs, êle parou na escada e levantou os olhos para seu nariz faiscante. Um milhão de mortes. Um milhão. Um milhão. Um milhão.

E tudo dependia dele? Pelo amor de Deus! Tudo dependia dele?

Com o revólver de Krebs cutucando-o, desceu lentamente os degraus, atrás de Gala.

Quando entrou pela porta do escritório de Drax, controlou-se. De repente, seu espírito tornou-se claro, e toda a letargia e a dor haviam-lhe deixado o corpo. Alguma coisa, qualquer coisa, precisava ser feita. De um jeito ou de outro, êle havia de descobrir um meio. O corpo inteiro e a mente tornaram-se-lhe concentrados e agudos como uma lâmina. Seus olhos ganharam vida, novamente, e a derrota abandonou-o, como a pele de uma serpente.

Drax seguira na frente e se sentara à escrivaninha. Trazia uma Luger na mão. Este apontava um lugar entre Gala e Bond e era firme como uma rocha.

Por trás dele, Bond escutou as portas duplas se fecharem, batendo.

— Eu era um dos melhores atiradores na Divisão Branderburg —

disse Drax, entabulando conversa.

— Amarre a moça nessa cadeira, Krebs. Depois o homem .

Gala olhou desesperadamente para Bond. Este disse:

— Você não vai atirar. Teria receio de atingir o combustível.

Encaminhou-se lentamente para a escrivaninha. Drax sorriu alegremente e, seguindo a trajetória do cano do revólver, mirou o estômago de Bond.

— Sua memória é ruim, inglês. Eu lhe disse que esta sala é inteiramente separada da cúpula por meio das portas duplas. Dê mais um passo e ficará sem estômago.

Bond olhou os olhos apertados e confiantes do outro e parou.

— Vamos, Krebs.

Quando os dois ficaram bem amarrados, e dolorosamente, às pernas e braços das duas cadeiras de aço tubular, pouco distante um do outro, por baixo do mapa de vidro, Krebs saiu da sala. Voltou um momento depois com uma espécie de maçarico mecânico.

Colocou a feia máquina sobre a escrivaninha, introduziu o ar com algumas breves bombadas e riscou um fósforo. Uma chama azul sibilou, elevando-se a alguns centímetros. Êle pegou o instrumento e acercou-se de Gala. Parou a pouca distância da moça.

Drax ordenou, severo:

— Vejamos agora. Vamos tratar desse caso, sem criar complicações. Nós costumávamos chamá-lo *Der Zwagsman* — O Persuasor. Nunca me esquecerei de como lidou com o último espião que pegamos juntos. Bem ao sul do Reno, não foi, Krebs?

Bond era todo ouvidos.

— Foi sim, *mein Kapitän*. — Krebs riu, recordando-se. — Era um porco de um belga.

— Pois bem. Vocês dois aí não se esqueçam. Aqui não temos esse negócio de *fair play*. Nada de atitudes esportivas e toda essa história. Isto aqui é negócio.

A voz estalava como um chicote, a cada palavra.

— Você — lançava um olhar a Gala Brand — para quem está trabalhando?

Gala se conservou em silêncio.

— Onde você quisera, Krebs.

A boca de Krebs estava entreaberta. Sua língua percorria o lábio,

para cima e para baixo. Parecia ter dificuldade em respirar, quando deu um passo em direção à moça.

A pequenina chama roncava gulosamente.

— Pare — disse Bond, frio. — Ela trabalha para a Scotland Yard. E eu também.

Essas coisas agora não tinham mais propósito. Não podia ser de nenhuma utilidade imaginável para Drax. De qualquer maneira, amanhã de tarde, talvez não existisse mais nenhuma Scotland Yard.

— Assim está melhor — disse Drax. — Agora responda: Alguém sabe que vocês estão prisioneiros? Vocês pararam para telefonar a alguém?

Se eu disser que sim, pensou Bond, êle atirárá em nós dois e se livrará dos corpos. Dessa forma, a última chance de impedir o lançamento do “Explorador da Lua” terá desaparecido. E se a Yard sabe, por que ainda não chegaram aqui? Não. Nossa oportunidade ainda pode vir. O Bentley será encontrado. Vallance ficará preocupado quando não tiver notícias minhas.

Não — respondeu. — Se eu tivesse telefonado, eles já estariam por aqui a esta hora.

— Isto é verdade — disse Drax, refletindo.

— Neste caso, não estou mais interessado em vocês e felicito-os por terem tornado a entrevista tão harmoniosa. Poderia ter sido mais difícil, se você estivesse sozinho. Uma moça é sempre útil nessas ocasiões. Krebs lague isso. Pode ir. Diga aos outros o que é necessário. Eles devem estar fazendo conjeturas. Eu vou entreter nossos hóspedes durante algum tempo e depois subirei até a casamata. Providencie para que o carro seja bem lavado. O assento de trás. E faça desaparecer as marcas no lado direito. Diga para tirarem o painel inteiro, se fôr necessário. Ou então podem tocar fogo na maldita coisa. Nós não vamos mais precisar dela. — Riu abruptamente. — *Verstanden?*

— Sim, *mein Kapitän...*

Krebs, colocou com relutância o maçarico, que roncava de leve, na escrivaninha ao lado de Drax.

— Para o caso de lhe ser necessário — disse, olhando esperançoso para Gala e Bond. Saiu depois pelas portas duplas.

Drax pôs a Luger também na escrivaninha em frente a êle. Abriu uma gaveta, tirou um charuto e acendeu-o com um isqueiro Ronson. De-

pois, acomodou-se confortavelmente. O silêncio reinou na sala durante vários minutos, enquanto Drax puxava fumaçadas do charuto, todo satisfeito. Em seguida, pareceu tomar uma resolução. Fitou Bond com benevolência.

— Você nem sabe quanto eu desejei um auditório inglês — declarou como se estivesse dando uma entrevista à imprensa. — Você nem sabe como estava ansioso por contar minha história. Aliás, um relatório completo de minhas atividades encontra-se em poder de um escritório muito respeitável de advogados de Edimburgo. — Tabeliães, aliás. Bem salvo de qualquer perigo.

Drax sorriu abertamente para um e para outro:

— Essa boa gente recebeu instruções para abrir o envelope no final do primeiro vôo bem sucedido do “Explorador da Lua”. Mas vocês, seus felizardos, terão uma, antecipação do que eu escrevi e então, quando amanhã às doze horas, virem através destas portas abertas — fêz um gesto para a direita — o primeiro vapor saindo das turbinas e souberem que devem ser queimados vivos dentro de meio segundo, terão a satisfação momentânea de saber com quantos paus se faz uma canoa.

— Você poderá nos dispensar as piadas — interrompeu Bond, com aspereza. — Continue com sua história, Kraut.

Os olhos de Drax fuzilaram momentaneamente.

— Um Kraut. Sim eu sou realmente um *Reichsdeutscher* — a boca, por baixo do bigode vermelho, saboreava a linda palavra — e até a própria Inglaterra terá de concordar, dentro em breve, que foram liquidados por um único alemão. E então talvez parem de nos chamar de Krauts — POR ORDEM! — As palavras foram gritadas, e todo militarismo prussiano entrou em desfile lá embaixo.

Drax exultou do outro lado da escrivaninha, olhando Bond, os dentes grandes, espalhados e salientes sob o bigode vermelho, roendo nervosamente uma unha, depois da outra. Em seguida, enfiou com esforço a mão direita no bolso da calça, como para colocá-la a salvo da tentação, e pegou o charuto com a esquerda. Puxou umas tragadas durante alguns instantes e, depois, com a voz ainda tensa, começou.

CAPITULO 22

A CAIXA DE PANDORA

Meu verdadeiro nome — disse Drax dirigindo-se a Bond — é Graf Hugo von der Drache. Minha mãe era inglesa, e por causa dela fui educado na Inglaterra até a idade de doze anos. Depois, não pude mais suportar este país imundo e completei minha educação em Berlim e Leipzig.

Bond calculava facilmente que aquele brutamontes com cara de bicho-papão e dentes de bruxo não havia sido muito bem recebido numa escola particular inglesa. O fato de ser um conde estrangeiro com um mundo de nomes não teria ajudado muito.

Os olhos de Drax brilharam, cheios de reminiscências: — Quando fiz vinte anos, comecei a trabalhar no ramo de negócio da família. Era uma filial do grande truste de aço Rheinmetal Bórsig. Nunca ouviu falar dele, suponho. Pois bem, se foi ferido por uma bomba de 88mm. durante a guerra, provavelmente foi uma das de lá. Nossas filiais eram peritas em aços especiais, e eu aprendi a respeito deles, e muita coisa sobre a indústria aviatória. Nossos melhores fregueses. Foi quando ouvi, pela primeira vez, falar em columbita. Valendo o que valem os brilhantes naqueles dias. Liguei-me à firma, e quase imediatamente depois disso arrebitou a guerra. Uma época maravilhosa. Eu tinha vinte e oito anos e era tenente da 140ª do Regimento Panzer. Nós investimos contra o Exército britânico, na França, e o atravessamos como uma faca por dentro da manteiga. Simplesmente embriagador.

Durante alguns instantes, Drax sugou o charuto, e Bond calculou que êle estava vendo as aldeias incendiadas da Bélgica através da fumaça.

— Aqueles dias eram formidáveis, meu caro Bond. — Drax esticou um braço comprido e bateu a cinza do charuto para o chão. — Mas aí fui

escolhido para a Divisão Brandenburg e tive de deixar as pequenas e o champanha para voltar à Alemanha e começar o adestramento, a fim de executar o vasto pulo na água para a Inglaterra. Precisavam de meu inglês na Divisão. Todos nós devíamos trajar uniformes ingleses. Teria sido engraçado, porém os malditos generais disseram que não podia ser, e eu fui transferido para o Serviço Secreto Estrangeiro do SS. O RSHA, era como se chamava. SS *Obergruppenführer* Kaltenbrunner acabava de assumir o comando depois que Heydrich foi assassinado em 42. Êle era um bom homem, e eu estava sob as ordens diretas de um ainda melhor, *Obers-turm-bannführer* — Drax enrolava na boca o título delicioso com prazer. — Otto Skorzeny. Sua tarefa na RSHA era o terrorismo e a sabotagem. Um agradável interlúdio, meu caro Bond, durante o qual eu pude registrar o nome de muitos ingleses, coisa que me deu muito prazer. Mas então — o punho de Drax esmagou a escrivainha — Hitler foi novamente traído por aqueles miseráveis generais, e os ingleses e norte-americanos tiveram oportunidade de desembarcar na França.

— Foi uma pena — disse Bond, friamente.

— Sim, meu caro Bond, foi de fato uma pena. — Drax preferiu ignorar a ironia. — Mas para mim foi o ponto alto da guerra. Skorzeny transformou todos os seus sabotadores e terroristas em SS *Jagdverbände*, para usá-los na retaguarda das linhas inimigas. Cada *Jagdverbände* era dividida em *Streifkorps*, e depois em *Kommandos*, cada um deles levando os nomes de seus oficiais-comandantes. Com o posto de *Oberleutnant* — Drax encheu-se visivelmente de empáfia — à testa do *Kommando* “Drache”, eu penetrei diretamente nas linhas americanas com a famosa Brigada Panzer 150ª na penetração de Ardenes, em dezembro de 44. Você se lembra, sem dúvida, do efeito causado por esta brigada em seus uniformes americanos e nos tanques e veículos americanos capturados. *Kolossal!* Quando a Brigada teve de se retirar, eu fiquei onde estive e fui estabelecer-me nas Florestas de Ardenes, cinqüenta milhas à retaguarda das linhas aliadas. Havia vinte rapazes, dez homens bons e dez *Hitlerjugend Lobishomens*. Todos com menos de vinte anos, mas todos bons rapazes. Por coincidência, o chefe deles era um jovem chamado Krebs, que demonstrou possuir determinados dons que o qualificaram para o posto de executor e “persuasor” de nosso alegre pequeno bando. Drax deu uma risadinha gostosa.

Bond lambeu os lábios, ao lembrar-se da brecha que Krebs fizera

na cabeça batendo de encontro à cômoda. Ter-lhe-ia dado o pontapé com tanta força quanto lhe era possível dar? Sim, sua memória o tranquilizava, com cada grama de força que êle podia pôr no sapato.

— Ficamos naqueles bosques durante seis meses — continuou Drax, orgulhoso — e durante todo esse tempo dávamos notícias nossas à nossa Pátria por meio do rádio. Os caminhões de busca nunca deram conosco. E então aconteceu um desastre. — Drax sacudiu a cabeça àquela lembrança. — Existia uma grande fazenda a uma milha de distância de nosso esconderijo na floresta. Uma porção de cabanas haviam sido construídas em torno dela, e eram usadas como quartel-general de retaguarda para um grupo de ligação. Ingleses e norte-americanos. Um lugar incrível. Sem disciplina, sem segurança, cheio de vadios e desertores vindos de todos os lugares da vizinhança. Nós vínhamos observando o grupo há muito tempo, e um dia eu resolvi fazer tudo aquilo voar pelos ares. O plano era simples. À noite, dois dos meus homens, um vestido num uniforme americano, e outro de uniforme britânico, deviam dirigir-se para lá num carro-patrolha capturado, contendo duas toneladas de explosivos. Havia um ponto de estacionamento para os carros — nenhuma sentinela, naturalmente — próximo à sala de refeitório, e eles deviam trazer o carro tão perto dela quanto possível, regular a explosão para a hora do jantar, às sete, e depois se afastarem. Tudo muito fácil, de modo que eu saí naquela manhã para tratar de negócios e deixei a missão para ser cumprida por meu segundo em comando. Eu estava vestido com o uniforme de Corpo de Sinaleiros britânicos, e parti numa motocicleta inglesa capturada por nós para enviar um despacho da mesma unidade que fazia o percurso diário num caminho ali perto. Está claro que êle veio pontualmente na hora, de modo que eu lhe segui atrás, saindo de um caminho lateral. Emparelhei com êle e dei-lhe um tiro nas costas, tomei-lhe os documentos e, depois de colocá-lo em cima de sua própria motocicleta, levei-o para os bosques e toquei-lhe fogo.

Drax viu a fúria nos olhos de Bond e levantou a mão.

— Não foi muito esportivo? Meu caro, o homem já estava morto. Entretanto, prossigamos. Fui seguindo meu caminho, e então o que haveria de acontecer? Um dos aviões de vocês, voltando de um vôo de reconhecimento, veio atrás de mim pela estrada com uma metralhadora. Um de seus próprios aviões! Jogou-me para longe da estrada. Só Deus sabe quanto tempo fiquei ali, caído no fosso. Em certo momento, durante a

tarde, voltei a mim a tive o bom senso de esconder o boné e o dólmã com os despachos. Na cerca. Provavelmente ainda estão lá. Preciso ir buscá-los um dia. Lembranças interessantes. Depois toquei fogo nos restos da motocicleta e devo ter desmaiado novamente, porque quando tornei a dar por mim, tinha sido recolhido por um veículo britânico e estávamos seguindo para o maldito quartel-general de ligação! Acredite-se ou não! Lá estava o carro-patrolha, bem ao lado da sala do rancho! Era demais para mim. Eu estava cheio de estilhaços de bomba e minha perna estava quebrada. Pois bem, desmaiei, e quando voltei a mim, vi que metade do hospital se debruçava sobre mim, e eu só tinha a metade da cara.

Drax levantou a mão e alisou a pele lustrosa da têmpora e da face esquerda:

— Depois disso, tudo se resumiu numa questão de representar um papel. Eles não tinham idéia de quem eu era. O carro que me apanhara havia sido reduzido a simples fragmentos. Eu era apenas um inglês, vestido numa camisa e calças inglesas que quase morrera.

Drax fez uma pausa, tirou outro charuto e acendeu-o. Na sala reinou o silêncio, quebrado apenas pelo roncar atenuado do maçarico. Sua voz ameaçadora tornara-se mais baixa. A pressão está cedendo, pensou Bond.

Virou a cabeça e olhou Gala. Pela primeira vez, viu a lesão feia atrás de sua orelha esquerda. Endereçou-lhe um sorriso de encorajamento, e ela retorceu os lábios num sorriso de resposta.

Drax falava por dentro da fumaça do charuto:

— Não há muito mais coisa para contar. Durante o ano em que eu passei sendo enviado de um para outro hospital, elaborei meus planos sem omitir os mínimos detalhes. Consistiam muito simplesmente em vingar-me da Inglaterra pelo que me tinha feito e ao meu país. Confesso que, pouco a pouco, foi-se tornando uma obsessão. Cada dia que se passava no ano em que a destruição e a rapina campearam em meu país, meu ódio e desprezo pelos ingleses iam-se tornando cada vez mais amargos.

As veias do rosto de Drax começaram a inchar e, de repente, êle se pôs a desferir socos na mesa e a gritar para seus prisioneiros, fitando com olhos esbugalhados ora um, ora outro:

— Abomino e desprezo vocês todos. Seus porcos! Idiotas inúteis, ociosos, decadentes, escondendo-se por trás de seus malditos penhascos brancos, enquanto os outros povos travam batalhas por vocês. Fracos

demais para defenderem suas colônias, bajulando a América com os chapéus nas mãos. Esnobes malcheirosos, que são capazes de fazer qualquer coisa por dinheiro. Ah! — Drax estava triunfante. — Eu sabia que precisava apenas de dinheiro e a aparência de um gentleman. Um gentleman! *Pfui Teufel!* Para mim um gentleman é apenas alguém de quem eu posso tirar vantagem. Aqueles malditos imbecis no Blades, por exemplo. Crentinos endinheirados. Durante meses a fio tirei milhares de libras deles, tapeei-os bem debaixo de seus narizes, até que você apareceu e estragou o brinquedo.

Os olhos de Drax se apertaram.

— Como foi que descobriu o truque da cigarreira — perguntou incisivo.

Bond deu de ombros.

— Com os olhos — respondeu indiferente.

— Ah, bem. Talvez eu estivesse um tanto descuidado naquela noite. Mas onde é mesmo que eu estava? Ah, sim, no hospital. Os bons médicos mostravam-se tão ansiosos por me ajudarem a descobrir quem eu era realmente. — Solto uma gargalhada. — Foi fácil. Muito fácil. Dentre as identidades que eles me ofereciam com tanta boa vontade, topei com o nome de Hugo Drax. Que coincidência! De Drache para Drax! Como quem hesita, pensei que podia ser eu. Eles sentiram-se muito orgulhosos. Sim, afirmaram, naturalmente que é você. Triunfalmente, fizeram-me entrar-lhe na pele. Saí do hospital dentro dela, começando a rodar por Londres à cata de alguém para matar e roubar. Até que um dia, num pequeno escritório acima de Piccadilly, encontrei um agiota judeu. (Drax agora falava muito depressa. As palavras jorravam-lhe excitadamente dos lábios. Bond reparou num aglomerado de espuma que se formava num canto de sua boca e crescia.) — Ah, foi fácil. Uma bordoadada em seu crânio nu. Quinze mil libras no cofre. Então tratei de me afastar do País. Fui para Tânger — onde se podia fazer qualquer coisa, comprar qualquer coisa, arranjar qualquer coisa que se desejasse. Columbita. Mais rara que a platina, e todos prontos a adquiri-la. A Era do Jato. Eu conhecia essas coisas. Não me havia esquecido de minha profissão. Então, por Deus, lhe digo que trabalhei. Durante cinco anos vivi para o dinheiro. Fui valente como um leão. Corri riscos tremendos. E eis que, de repente, o primeiro milhão me chega às mãos. Depois o segundo. Em seguida o quinto. Depois o vigésimo. Voltei para a Inglaterra. Gastei um milhão aqui, e Londres estava no

papo. Depois voltei à Alemanha. Encontrei Krebs. Encontrei cinquenta deles. Alemães leais. Técnicos brilhantes. Todos vivendo sob nomes falsos, como tantos outros de meus antigos camaradas. Dei-lhes minhas ordens, e eles esperaram, pacificamente, inocentemente. E onde estava eu?

Drax fitou Bond, com os olhos arregalados:

— Eu estava em Moscou! Moscou! Um homem que tem columbita para vender pode ir a qualquer lugar. Encontrei as pessoas indicadas para meu caso. Ouviram meus planos. Deram-me Walter, o novo gênio de seus mísseis teleguiados da estação de Peenemunde, e os bons dos russos começaram a construir a cápsula dos instrumentos e explosivos, a cápsula atômica — apontou para o teto — que está agora nos esperando ali. Então tornei a regressar para Londres. — Fêz uma pausa. — A Coroação. Minha carta para o Palácio. Triunfo. Hurras para Drax. — O homem estourou numa gargalhada. — A Inglaterra estava aos meus pés. Todos os malditos cretinos do país! Foi quando meus homens chegaram, e nós começamos. Bem juntos das saias da Grã-Bretanha. No alto de seus famosos penhascos. Trabalhamos como loucos. Construímos um cais no seu Canal inglês. Para receber fornecimentos! Suprimentos vindos de meus bons amigos os russos, que chegaram na hora exata, segunda-feira à noite. Mas foi aí que Tallon teve de ouvir alguma coisa. O velho imbecil. Falou com o Ministério. Mas Krebs estava ouvindo. Apareceram cinquenta voluntários para matar o homem. Tiramos a sorte, e Bartsch morreu como um herói. — Drax fêz nova pausa. Depois continuou. — A nova cápsula foi içada para o lugar. Deu certo. Uma perfeita peça de encomenda. O mesmo peso. Tudo perfeito, como a antiga, a caneca de folha, cheia dos queridos instrumentos do Ministério, está agora em Stettin — atrás da Cortina de Ferro. O fiel submarino está de viagem de volta para aqui, e dentro em breve — olhou o relógio — estará navegando sob as águas do Canal inglês para nos levar a todos para longe, quando passar um minuto de meio-dia amanhã.

Drax limpou a boca com as costas da mão e recostou-se de novo na cadeira fitando o teto, os olhos povoados de visões. De repente, riu e olhou interrogativamente para Bond, passando o olhar pelo próprio nariz:

— Quer saber qual será a primeira coisa que nós faremos quando estivermos a bordo? Rasparemos esses famosos bigodes nos quais você estava tão interessado. Você cheirou um camundongo, meu caro Bond, onde devia ter cheirado um rato. Aquelas cabeças raspadas e aqueles bigodes: que nós cultivávamos tão assiduamente. Apenas uma precaução,

meu caro. Experimente raspar a própria dabeça e deixar crescer um bigodão preto. Nem mesmo sua mãe o reconheceria. É a combinação das duas coisas que produz o efeito. Apenas um mínimo refinamento. Precisão, meu caro. Precisão, em cada detalhe. Foi esta a minha palavra de passe. — Drax deu uma risadinha sem graça e puxou uma boa fumarada do charuto. Súbito, olhou incisivamente, desconfiado, para Bond. — Então? Diga alguma coisa. Não fique aí sentado como uma múmia. Que pensa de minha história? Não acha que é extraordinária? Notável? Um homem ter feito tudo isto? Vamos, vamos, fale.

Uma das mãos foi levada até a boca, e Drax começou a roer as unhas furiosamente. Mas, em seguida, meteu-a no bolso, e seus olhos tornaram-se frios e cruéis.

— Ou quer que mande buscar Krebs — fez um gesto para o telefone em cima da escrivaninha. — O Persuasor. Pobre Krebs! É como uma criança a quem tivessem arrebatado os brinquedos. Ou talvez Walter. Eles lhes dariam uma lembrança para toda a vida. Esse aí não tem um pingão de moleza. Então?

Bond começou a falar, olhando a caraça vermelha, do outro lado da escrivaninha:

— Não resta dúvida, é um caso notável. Paranóia galopante. Ilusões de ciúme e perseguição. Ódio megalomaniaco e desejo de vingança. Fato bastante curioso — continuou dizendo, em tom de conversação — poderá ter alguma relação com seus dentes. Diastema, é como chamam isto. Acontece quando a criança chupa o dedo na infância. Sim. Tenho a impressão de que será isto o que dirão os psicólogos, assim que lhe puserem no hospício. “Dentes de bicho-papão.” Foi atormentado na escola etc. É extraordinário o efeito produzido numa criança. Então o nazismo ajudou a soprar as flamas, e ainda aconteceu você levar aquela pancada feia na sua feia cabeça. A pancada que você mesmo engendrou. Acho que foi o que estava faltando. Dali por diante, você passou a ser realmente louco. Do mesmo gênero desses que acreditam serem Deus. É extraordinário observar como são tenazes. Completamente fanáticos. Você é quase um gênio. Lombroso teria ficado encantado com você. No ponto em que estão as coisas, você não passa de um cão danado que precisa ser morto. Ou então você se suicida. Os paranóicos geralmente se matam. É uma pena. Coisa triste, mesmo.

Bond fez uma pausa e pôs todo o desprezo que pôde acumular na

voz:

— E agora, continuemos com esta farsa, vamos, seu lunático cabeludo.

Deu resultado. A cada palavra de Bond, a cara de Drax ia se contorcendo de raiva cada vez maior, os olhos estavam vermelhos de cólera, o suor da fúria pingava de suas mandíbulas para a camisa, os lábios se afastariam dos dentes irregulares, e um fio de saliva saía-lhe da boca e lhe escorria pelo queixo. Agora, com o último insulto sobre a escola particular, que devia ter-lhe despertado sabe Deus que espécie de lembranças dolorosas, êle pulou da cadeira, rodeou a escrivaninha, investiu contra Bond, os punhos cabeludos martelando. Bond rangeu os dentes e agüentou.

Quando Drax teve de pegar a cadeira do chão pela segunda vez, com Bond em cima dela, a tempestade de raiva passou subitamente. Tirou do bolso o lenço de seda e limpou o rosto e as mãos. Depois, enca-minhou-se calmamente para a porta e falou, olhando por cima da cabeça pendente de Bond e dirigindo-se à pequena.

— Não creio que vocês dois me dêem mais trabalho — declarou com a voz perfeitamente calma e segura. — Krebs nunca comete enganos com seus nós.

Gesticulou em direção à figura ensangüentada da outra cadeira:

— Quando êle acordar, pode dizer-lhe que estas portas ainda se abrirão mais uma vez, pouco antes do meio-dia de amanhã. Alguns minutos mais tarde, não sobrá nada de nenhum de vocês dois. Nem mesmo — acrescentou, ao escancarar a porta de dentro — as obturações de seus dentes.

A porta externa bateu.

Bond levantou lentamente a cabeça e sorriu dolorosamente para sua companheira com os lábios manchados de sangue. Explicou com dificuldade:

— Tive de deixá-lo louco. Não quis que êle tivesse tempo para pensar. Tive de provocar aquela tempestade cerebral.

Gala olhava-o sem compreender, os olhos arregalados para a máscara terrível de seu rosto.

— Está tudo bem. Não se preocupe. Londres está O.K. Tenho um plano.

Sobre a escrivaninha, o maçarico fêz um “pleft” baixinho e apagou.

CAPÍTULO 23

MENOS ZERO

Por entre os olhos entreabertos, Bond fitou demoradamente o maçarico, enquanto por alguns preciosos segundos permanecia sentado e deixava a vida voltar-lhe lentamente ao corpo. Tinha a impressão de que sua cabeça fora usada como bola de futebol, mas não tinha nada quebrado. Drax batera-lhe sem nenhuma ciência e com a confusão de golpes de um homem embriagado.

Gala observava-o ansiosamente. Os olhos, no rosto sangüinolento, estavam quase fechados, mas a linha do queixo aparecia tensa de concentração, e ela percebia o esforço de vontade que êle fazia.

Bond sacudiu a cabeça, e quando se voltou para ela, Gala viu que seus olhos estavam febris pelo triunfo.

Fêz um gesto na direção do isqueiro.

— O isqueiro. Eu tive de tentar fazê-lo esquecer-se dele. Siga-me. Vou-lhe mostrar como.

Começou a balançar a leve cadeira de aço, polegada por polegada, em direção à escrivaninha:

— Pelo amor de Deus, não vá virar de pernas para cima, do contrário estará tudo perdido. Mas procure apressar-se senão o maçarico esfria.

Sem compreender, sentindo-se quase como se tomasse parte em algum fantástico brinquedo infantil, Gala, cautelosamente, foi balançando a cadeira pelo chão atrás dele.

Segundos depois, Bond lhe disse que parasse ao lado da escrivaninha, enquanto êle continuava o balanço até a cadeira de Drax. Depois, manobrou de modo a tomar posição em frente ao seu alvo e, com uma súbita guinada, suspendeu-se com a cadeira, de forma que sua cabeça

ficou para baixo.

Ouviu-se um estalo, quando o isqueiro Ronson, de escrivaninha, prendeu-se-lhe nos dentes, mas seus lábios sustiveram-no, e a parte superior ficou-lhe na boca, assim que êle impulsionou a cadeira para a primeira posição, apenas com a força suficiente para impedir que saltasse fora. Em seguida, recomeçou sua paciente viagem de volta para o ponto onde Gala se encontrava sentada, no canto da escrivaninha onde Krebs deixara a lâmpada.

Bond descansou até sua respiração tornar-se novamente regular.

— Chegamos agora à parte difícil — avisou, severo. — Enquanto eu tento fazer este maçarico funcionar, você vai rodando sua cadeira, de modo que seu braço direito fique tanto quanto possível defronte de mim.

Obedientemente, a moça foi executando os movimentos, enquanto Bond balançava sua cadeira, de forma que esta se encostou a beira da escrivaninha e permitiu que sua boca alcançasse e agarrasse o cabo do maçarico entre os dentes.

Em seguida, foi trazendo o maçarico para perto e, depois de alguns minutos de trabalho paciente, conseguiu colocar o maçarico e o isqueiro como desejava, na borda da escrivaninha.

Após outro descanso, curvou-se, fechou a válvula da tocha com os dentes, e começou a fazer voltar a pressão, puxando lenta e repetidamente o pistão com os lábios e apertando-o de volta com o queixo. Sentia no rosto o calor do aquecedor e sentia o cheiro dos restos de gás no pequeno instrumento. Se ao menos não tivesse esfriado demais.

Endireitou o corpo.

— Última etapa, Gala — disse sorrindo quase com esforço para ela. — Talvez eu tenha de lhe machucar um pouco. Não faz mal?

— Claro que não — respondeu a moça.

— Então lá vai — disse Bond, e curvou-se para a frente, soltando a válvula de segurança à esquerda do depósito.

Depois debruçou-se rapidamente sobre o Ronson, que estava no ângulo direito e bem debaixo do tubo da tocha. Com os dois dentes incisivos apertou para baixo a trave de ignição.

Era uma manobra horrível e, apesar de êle sacudir a cabeça para trás com a rapidez de uma serpente, deixou escapar um leve gemido de dor, quando o jato de fogo azul do maçarico subiu-lhe pela face machucada e pela ponta do nariz.

Mas a parafina vaporizada sibilava sua língua vital de chama, e êle sacudiu as lágrimas dos olhos, curvando a cabeça quase até o ângulo direito e novamente prendeu a haste do maçarico nos dentes.

Teve a impressão de que seu queixo se partiria com o peso da coisa, e os nervos dos dentes da frente reclamaram, mas êle balançou a cadeira cautelosamente até colocá-la em posição vertical, afastada da escrivaninha, e então forçou o pescoço a curvar-se para a frente, até que a ponta da chama azul da tocha mordeu o ponto que ligava o pulso direito de Gala ao braço da cadeira.

Bond tentou desesperadamente conservar a chama firme, contudo a respiração da moça raspou-lhe entre os dentes, angustiada, quando o cabo se movia entre suas mandíbulas, e o maçarico queimou-lhe o antebraço.

Então tudo acabou. Derretido pelo forte calor, as tiras de cobre foram-se partindo uma por uma e, de repente, o braço direito de Gala ficou livre, e ela o estendeu para tomar o maçarico da boca de Bond.

A cabeça do rapaz caiu novamente para trás, entre os ombros, e êle torceu-a para todos os lados, a fim de conseguir fazer o sangue circular pelos músculos doloridos.

Antes mesmo que êle se desse conta, Gala já se inclinava sobre seus braços e pernas, e êle também estava livre.

Ao sentar-se imóvel por um momento, os olhos fechados, esperando que a vida lhe voltasse ao corpo, sentiu de repente, encantado, os lábios macios de Gala sobre os seus.

Abriu os olhos. Ela estava de pé, diante dele, os olhos brilhando.

— Isto é pelo que você fez — falou, muito séria.

— Você é uma garota maravilhosa — disse Bond. Depois, porém, sabendo o que ia fazer, sabendo que era bem concebível que ela sobrevivesse, mas que êle só tinha mais alguns minutos de vida, fechou os olhos para que ela não visse a desesperança neles.

Gala observou-lhe a expressão do rosto e virou de costas. Pensou que fosse apenas exaustão e o efeito do que seu corpo tinha sofrido. Lembrou-se aí, de repente, da água oxigenada no banheiro pegado ao seu escritório.

Passou pela porta de comunicação. Como era extraordinário ver suas coisas familiares novamente. Devia ser outra pessoa que se sentara naquela escrivaninha e batera na máquina a correspondência, outra

moça a que ali empoara o nariz. Sacudiu os ombros e foi para o toalete. Meu Deus, que cara, e só Deus sabe como se sentia cansada! Mas primeiro pegou uma toalha molhada, um pouco de água oxigenada, e voltou. Durante dez minutos tratou do campo de batalha que era a cara de Bond.

Este permanecia sentado em silêncio, uma das mãos descansando na cintura dela e observando-a agradecido. Depois, quando ela voltou para o escritório e fechou a porta do banheiro após entrar, êle se levantou, apagou o maçarico que ainda silvava, e encaminhou-se para o chuveiro de Drax, tirou a roupa e permaneceu durante cinco minutos debaixo da água gelada. “Preparando o corpo”, pensou melancolicamente, ao examinar o rosto maltratado no espelho.

Vestiu as roupas e voltou para a escrivaninha de Drax, que revistou metódicamente. Esta lhe proporcionou apenas um prêmio, a “garrafa do escritório”, cheia até a metade de Haig and Haig. Foi buscar dois copos, um pouco de água e chamou Gala.

Ouviu-a abrir a porta do banheiro.

— O que é? — Uísque.

— Vá tomando o seu. Estarei pronta daqui a um minuto.

Bond olhou a garrafa, serviu três quartos de um copo de escovas de dentes e tomou-o de uma vez, em dois goles. Em seguida, acendeu meio trêmulo um abençoado cigarro e sentou-se na borda da escrivaninha, sentindo o álcool queimá-lo no estômago, descendo-lhe até as pernas.

Pegou a garrafa novamente e olhou-a. Ainda havia muito para Gala e um copo inteiro para êle, antes de sair por aquela porta. Era melhor que nada. Não seria tão difícil com aquilo dentro de si, contanto que saísse em passos rápidos o fechasse a porta depois. Nada de olhar para trás.

Gala entrou, uma Gala transformada, parecendo tão bela quanto na noite em que a vira pela primeira vez, exceto as linhas de exaustão sob os olhos, que o pó não disfarçava totalmente, e os feios vincos nos pulsos e tornozelos.

Bond deu-lhe um drinque e tomou outro. Os olhos de ambos sorriam por cima da orla dos copos.

Depois Bond se ergueu.

— Escute, Gala — começou num tom de voz bem natural . — Nós temos de enfrentar o que está por vir e terminar com a história, de modo que serei breve e depois tomaremos outra dose.

Bond ouviu quando ela prendeu a respiração, mas continuou:

— Dentro de dez minutos, mais ou menos, eu vou fechá-la no banheiro de Drax, pôr você debaixo do chuveiro, e abri-lo completamente.

A moça gritou, aproximando-se dele:

— James. Não continue. Eu sei que você vai dizer qualquer coisa horrível. Pare, por favor, James.

— Deixe disso, Gala — disse Bond com aspereza. — Que diabo adianta tudo isto. É um milagre maldito, se é que posso dizer assim, e nós temos a oportunidade.

Afastou-se dela. Encaminhou-se então para as portas que conduziam ao foguete.

— Depois então — prosseguiu, segurando o precioso isqueiro na mão direita — eu sairei daqui, fecharei as portas e acenderei um último cigarro debaixo da cauda do “Explorador da Lua”.

Meu Deus! — sussurrou a moça. — Que é que você está dizendo? Você está louco.

Fitou-o com os olhos arregalados de horror.

— Não seja ridícula — disse Bond impaciente. — Que diabo nos resta fazer? A explosão será tão pavorosa, que ninguém sentirá nada. Deve dar resultado, com todo esse combustível em vapor circulando em redor. Trata-se de mim ou de um milhão de pessoas em Londres. A cápsula não se soltará. As bombas atômicas não explodem assim. Com certeza derreterá. Só há uma chance de você escapar. A maior parte da explosão se encaminhará para a linha de menor resistência através do telhado — e por baixo, pela cavidade exaustora, se eu conseguir fazer funcionar o maquinismo que abre o chão.

Bond sorriu.

— Ânimo — pediu, caminhando para ela e pegando-lhe uma das mãos. — O rapaz ficou de pé no tombadilho incendiado. Eu quis imitá-lo desde os cinco anos de idade.

Gala puxou a mão.

— Não me importa o que você está dizendo — declarou encolerizada. — Temos de pensar em outra coisa qualquer. Você não me acha capaz de ter nenhuma idéia. Vai só me dizendo o que pensa e o que temos de fazer.

Dirigiu-se para o mapa da parede e apertou o interruptor.

— Naturalmente, se tivermos de usar o isqueiro, usá-lo-emos. — Olhou o mapa do falso plano de vôo, mal vendo o que tinha diante dos

olhos. — Mas a idéia de você caminhar ali sozinho e ficar no meio daqueles horríveis vapores do combustível e calmamente acender essa coisa para depois ser reduzido a pó... Entretanto, se tivermos de agir assim, agiremos juntos. É preferível, melhor do que ser queimada até morrer aqui dentro. De qualquer maneira — fez uma pausa — eu gostaria de ir com você. Nós entramos juntos nesse negócio.

Os olhos de Bond estavam cheios de ternura, quando caminhou em direção à moça, passou-lhe um braço em volta da cintura e abraçou-a bem junto a si.

— Gala, você é um amor — disse com simplicidade. — Se houver outro meio, nós o tentaremos. Mas — olhou o relógio — já passa de meia-noite, e nós precisamos tomar uma resolução rápida. A qualquer momento pode ocorrer a Drax a idéia de mandar guardas para ver se nós estamos em ordem, e só Deus sabe a que horas ele virá aqui acertar o giroscópio.

Gala torceu o corpo como uma gata. Fitou-o com a boca aberta, o rosto tenso de excitação. Sussurrou:

— O giroscópio, para acertar o giroscópio. Encostou-se novamente de leve contra a parede, os olhos procurando o rosto de Bond.

— Você não compreende? — sua voz estava beirando a histeria. — Depois que ele sair, nós poderíamos alterar o giroscópio para onde estava, de acordo com o antigo plano de vôo, e então o foguete cairia simplesmente no Mar do Norte, onde se julga que irá cair.

Gala afastou-se da parede e agarrou a camisa de Bond com as duas mãos, fitando-o com um olhar que implorava:

— Não poderíamos? Não poderíamos?

— Você conhece as outras direções? — perguntou Bond, ansioso.

— Claro que sim. Convivo com eles há um ano. Nós não teremos uma previsão do tempo, mas teremos de nos arriscar. A previsão desta manhã dizia que nós teríamos as mesmas condições de hoje.

— Por Deus — disse Bond. — Nós poderíamos fazer isto. Se conseguirmos esconder-nos nalgum lugar e fazer Drax imaginar que escapamos. Que tal o túnel exaustor, se eu conseguir fazer funcionar a máquina que abre o assoalho?

— São trinta e tantos metros de queda em linha reta — disse Gala, sacudindo a cabeça. — E as paredes são de aço polido. Como vidro. Além do mais, não há corda ou coisa alguma aqui. Eles tiraram tudo da oficina ontem. Sem contar com os guardas na praia.

Bond refletiu. Depois seus olhos tornaram-se brilhantes:

— Tenho uma idéia. Mas em primeiro lugar, que me diz você do radar, o radar de retorno de Londres? Ele não empurrará o foguete para fora do seu curso e de volta para Londres?

Gala sacudiu a cabeça:

— Ele só trabalha dentro de um raio de cem milhas, mais ou menos. O foguete nem sequer pegará seu sinal. Se estiver apontando para o Mar do Norte, entrará na órbita do transmissor da jangada. Não há nada de errado nos meus planos. Mas onde nos poderemos esconder?

— Num dos tubos de ventilação — respondeu Bond. — Vamos.

Lançou um último olhar à sala. O isqueiro estava em seu bolso. Aquilo seria o último recurso. Não havia mais nada que eles fossem precisar. Seguiu Gala para o cintilante cilindro e dirigiu-se ao painel de instrumentos que controlava a capa de aço da cavidade exaustora.

Após um rápido exame, moveu uma pesada barra de *Zu* a *Auf*. Ouviu-se um leve sibilo da máquina hidráulica atrás da parede, e os dois semicírculos de aço se abriram sob a cauda do foguete, deslizando depois novamente para o lugar. Bond seguiu em frente e olhou para baixo.

Os arcos no telhado lá em cima cintilavam em resposta ao seu olhar, de lá das paredes polidas do largo funil de aço, até se curvarem desaparecendo de suas vistas, em direção ao distante clamor ôco do mar.

Bond voltou ao escritório de Drax e puxou para baixo a cortina do boxe do chuveiro. Depois, Gala e ele rasgaram em tiras a cortina e ligaram umas às outras. Deu um rasgão em feitiço de um V no fim da última tira para dar a impressão de que a corda da fuga tinha-se partido. Amarrou então a outra extremidade firmemente em torno da ponta aguda de uma das três barbatanas do “Explorador da Lua” e deixou cair o resto de modo que descesse pelo cilindro.

Não era lá grande coisa como falsa pista, mas podia servir para ganhar um pouco de tempo.

As bocarras redondas dos ventiladores tubulares tinham o espaço de umas dez jardas entre si e ficavam a cerca de 1.50m do chão. Bond contou. Havia cinquenta delas. Abriu cautelosamente a grade presa em gonzos que cobria uma delas e olhou para cima. A uma distância de doze metros via-se um leve brilho vindo do luar lá fora. — Chegou à conclusão de que estavam emparedados bem dentro do túnel formado pelo muro da base, até que viraram para os ângulos direitos, em direção aos grade-

ados das paredes exteriores.

Bond estendeu o braço e correu a mão pela superfície. Era de um concreto rústico, inacabado, e êle grunhiu de satisfação, quando sentiu primeiro uma forte protuberância, e depois outra. Eram as extremidades bifurcadas das varas de aço que reforçavam as paredes, cortadas onde os cilindros começavam.

la ser uma coisa dolorosa, mas não havia dúvida de que poderiam ir-se arrastando, centímetro por centímetro, por um desses cilindros, tal como alpinistas numa chaminé rocha acima e, na curva do topo, ficarem ocultos de tudo, menos da busca complicada que seria difícil de manhã com todos os oficiais de Londres em redor da base.

Bond se ajoelhou, e a moça montou-lhe às costas, depois do que começaram a subir.

Uma hora depois, com os pés e os ombros machucados e cortados, deitaram-se exaustos, apertados bem fortemente nos braços um do outro, as cabeças afastadas alguns centímetros do gradeado circular, situado diretamente acima da porta externa, e puseram-se a ouvir os guardas mexendo os pés incessantemente dentro da escuridão, cem jardas distante deles.

Cinco horas, seis, sete.

Lentamente o sol apareceu por trás da cúpula, e as gaivotas começaram a gritar nos penhascos. Então, surgiram de súbito as três figuras caminhando para eles na distância, passaram por um novo pelotão de guardas, os queixos levantados, os joelhos erguidos, vindos para render a ronda noturna.

As figuras foram-se aproximando, e os olhos apertados, exaustos, do casal oculto puderam ver todos os detalhes da cara vermelho-alaranjada de Drax, o pálido focinho de raposa do Dr. Walter, a nédia e balofa cara de sono de Krebs.

Os três homens caminhavam como se fossem executores de um fuzilamento, sem dizer nada. Drax tirou a chave, e eles, silenciosamente, entraram pela porta, alguns pés abaixo dos corpos tensos de Bond e Gala.

Depois, durante dez minutos, reinou o silêncio, quebrado apenas pelo som ocasional de vozes que subiam pelo cilindro do ventilador, quando os três homens se movimentavam pelo chão de aço em torno da cavidade exaustara. Bond sorriu consigo mesmo à idéia do ódio e da consternação que deveriam estampar-se no rosto de Drax; do infeliz Krebs,

encolhendo-se sob as chicotadas da língua de Drax; a amarga acusação nos olhos de Walter. Foi então que a porta se escancarou abaixo dele, e Krebs chamou, imperioso, o chefe dos guardas.

— *Die Engländer* — a voz de Krebs era quase histórica. — Escaparam. O *Herr Kapitän* pensa que possam estar num dos tubos de ventilação. Vamos arriscar. A cúpula será aberta novamente, e nós vamos eliminar os vapores do combustível. Depois então o *Herr Doktor* passará a mangueira de vapor quente em cada um dos tubos. Se eles estiverem num deles, isto os liquidará. Escolha quatro homens. As luvas de borracha e as vestimentas para incêndio estão lá embaixo. Nós vamos tirar a pressão do aquecimento. Diga aos outros que prestem atenção para ver se escutam os gritos. *Verstanden?*

— *Zu Befehl!*

O homem voltou diligentemente para junto de seu grupo, e Krebs, com o suor da ansiedade no rosto, voltou-se e desapareceu novamente pela porta.

Por um momento Bond permaneceu imóvel.

Ouviram rumores pesados acima de suas cabeças, quando a cúpula se dividiu em dois e se abriu. A mangueira de vapor quente!

Bond ouvira contar de motins em navios sendo combatidos com isto. Desordens em fábricas. Será que alcançará doze metros? A pressão durará? Quantas caldeiras alimentavam o aquecimento? Entre os cinquenta tubos de ventilação, qual seria o escolhido para começarem? Teria Bond ou Gala deixado qualquer indício, com relação àquele que haviam subido?

Bond sentia que Gala esperava que êle explicasse. Que fizesse alguma coisa. Que protegesse a ambos.

Cinco homens vieram aproximando-se do semicírculo de guardas. Passaram por baixo e desapareceram.

Bond pôs a boca no ouvido de Gala.

— Isto poderá machucar — avisou. — Não posso prever quanto. Não pode ser evitado. Teremos de agüentar. Sem fazer barulho.

Sentiu logo a pressão dos braços dela, à guisa de resposta:

— Levante os joelhos. Não fique acanhada. A hora não é para pudores virginais.

— Cale a boca — sussurrou Gala, zangada. Êle sentiu um joelho subir e ficar trancado entre suas coxas. Seu próprio joelho seguiu por ali até

não conseguir estender-se mais. A moça se remexia furiosamente.

— Não seja idiota — cochichou Bond, puxando-lhe a cabeça para junto do peito, até que ficou meio encoberta pela sua camisa aberta.

Bond encobriu-a tanto quanto possível. Não podiam fazer nada com relação aos tornozelos e as mãos. Levantou a gola da camisa, o mais que pôde por cima das cabeças. Apertavam-se um contra o outro.

Quentes, cheios de câimbras, sem respirar. Esperando — de repente a idéia ocorreu a Bond, como dois namorados debaixo de arbustos, ocultos. Esperando que as pisadas se afastassem, de modo a poderem principiar tudo novamente. Sorriu amargamente consigo mesmo e pôs-se à escuta.

O silêncio reinava lá embaixo, no foguete. Deviam estar na sala das máquinas. Walter devia estar assistindo à instalação da mangueira na válvula externa. Agora ouviam-se ruídos distantes. Por onde começariam?

Num ponto qualquer, não muito longe, havia um sussurro leve, bem arrancado do fundo, como o apito ineficiente de um trem distante.

Bond dobrou para trás o colarinho da camisa e arriscou um olhar por entre as grades, até os guardas. Os que conseguiu ver, olhavam em frente para a cúpula do lançamento, um pouco à sua esquerda.

Novamente o longo sussurro áspero. E mais uma vez se repetiu.

la ficando mais alto. Viu as cabeças dos guardas rodando para o lado das grades das paredes que ocultavam Gala e êle. Deviam estar observando, fascinados, enquanto os jatos brancos e espessos de vapor subiam pelas grades até lá em cima na parede de cimento, conjecturando: “— Será esta, ou aquela, ou aquela outra, qual será que virá acompanhada de um duplo grito.”

Sentia o coração de Gala batendo de encontro ao seu. Ela não sabia o que estava por acontecer. Confiava nele.

— Pode machucar — sussurrou-lhe novamente. — Pode queimar. Não nos matará. Tenha coragem. Não emita um som.

— Eu estou bem — cochichou a moça, encolerizada. Mas êle percebeu que seu corpo se colava mais ao dele. Chuá! Estava chegando mais perto.

Chuá! A diferença era de dois tubos.

CHUÁ! Pegado a eles. Sentiu um leve cheiro do vapor.

— “Fique bem firme”, ordenou Bond a si mesmo. Esmagou a companheira de encontro ao próprio corpo e prendeu a respiração.

— “Agora. Depressa. Acabem com isso, desgraçados.”

E eis que, subitamente, houve uma grande pressão; o calor e um barulho infernal chegou-lhes aos ouvidos, seguidos de um instante de dor intolerável.

Depois um silêncio mortal, uma mistura de frio intenso e fogo nos tornozelos e nas mãos, uma sensação de estarem ensopados, e um esforço desesperado, sufocante, de fazer o ar puro penetrar nos pulmões.

Seus corpos lutaram automaticamente para se separarem um do outro, para conseguir alguns centímetros de espaço e ar para as áreas da pele que já começavam a cobrir-se de bolhas. A respiração rasgava-lhes as gargantas, e a água porejava do cimento para dentro de suas bocas abertas, até que ambos se curvaram para um lado e atiraram-na fora, e ela foi juntar-se ao riachinho que corria por baixo de seus corpos ensopados, descendo pelos tornozelos escaldantes e dali para as paredes verticais do tubo pelo qual haviam subido.

O uivo da mangueira a vapor afastou-se deles até se tornar um sussurro e, finalmente, cessar. Reinou então o silêncio na estreita prisão de cimento de ambos, ouvindo-se apenas suas teimosas respirações e o tique-taque do relógio de Bond.

Os dois corpos continuavam deitados e à espera, agüentando a dor.

Meia hora — meio ano — mais tarde, Walter, Krebs e Drax seguiram em fila por baixo deles.

No entanto, como medida de precaução, os guardas tinham sido deixados para trás na cúpula do lançamento.

CAPITULO 24

ZERO

Então estamos combinados?

— Sim, Sir Hugo — era o Ministro do Abastecimento quem falava. Bond reconheceu a figura espigada, segura de si. — As direções são aquelas. Meu pessoal verificou-as, independentemente, com o Ministério da Aeronáutica esta manhã.

— Neste caso, se me permite o privilégio — Drax levantou o pedacinho de papel e ia virando em direção à cúpula.

— Segure-a, Sir Hugo. Assim mesmo, por favor. O braço esticado no ar.

As lâmpadas dos flashes se acenderam, e o conjunto de câmaras zumbiu e estalou pela última vez. Drax voltou-se e andou os poucos metros que o separavam da cúpula, quase, assim pareceu a Bond, fitando-o diretamente nos olhos através do gradeado acima da porta da casamata.

A pequena turba de repórteres e fotógrafos dissolveu-se e encaminhou-se para o caminho de concreto, deixando para trás apenas um grupinho de oficiais que conversavam nervosamente, à espera de que Drax surgisse em cena.

Bond olhou o relógio. Onze e quarenta e cinco. “Depressa, seu danado”, pensou.

Pela centésima vez repetiu para si mesmo os números que Gala lhe ensinara durante as horas de dor e câimbras que se seguiram à provação do vapor, e pela centésima vez movimentou os membros para preservar a circulação.

— Apronte-se — cochichou no ouvido de Gala. — Está se sentindo bem?

Sentiu que a moça sorria.

— Ótimo.

Ela fechou a mente à idéia de suas pernas todas cheias de bolhas e da rápida descida, raspando-as pelo tubo de ventilação .

A porta fechou-se com um baque abaixo deles, seguindo-se o estalido da fechadura, e então, precedida por cinco guardas, a figura de Drax apareceu lá embaixo, marchando solene para o grupo de oficiais, a tira de papel com os números na mão.

Bond olhou o relógio. Onze e quarenta e sete. — Agora — sussurrou.

— Boa sorte — respondeu Gala, também num sussurro. Escorregando, arranhando-se, rasgando-se. Seus ombros, cautelosamente, se expandiam e contraíam; os pés, cheios de bolhas, de sangue, procurando as saliências agudas do ferro; com o corpo dilacerado abrindo caminho através do tubo de um metro, rezava para que a pequena encontrasse forças para suportar tudo aquilo, quando o seguisse.

Finalmente, o pulo de três metros, que lhe repercutia na espinha, um pontapé nas grades, e êle galgava o chão de aço, corria para as escadas, deixando uma trilha de pegadas vermelhas e um borrifo de gotas de sangue caídas de seus ombros feridos.

Os arcos de luz haviam sido apagados, mas o clarão do dia penetrava pelo telhado aberto, e o azul do céu misturado ao fulgor da luz do sol davam a Bond a impressão de que estava correndo dentro de uma enorme safira.

A grande e mortal agulha no centro parecia ser feita de vidro. Olhando para cima, enquanto suava e arfava no percurso das infundáveis curvas da escada de ferro, era difícil para êle ver onde o nariz do foguete, afinando na ponta, terminava, e começava o céu.

Por trás do pesado silêncio que envolvia a bala esplendente, Bond ouvia um ruído apavorante e regular, o caminhar de minúsculos pés de metal num ponto qualquer do corpo do “Explorador da Lua”. Enchia o vasto compartimento de aço, como as batidas do coração na história de Poe, e Bond compreendeu que Drax, diretamente do ponto do tiro, apertara o interruptor que mandava a faixa radiofônica, disparando a mais de duzentas jardas até o foguete ali à espera. O tique-tique cessaria dentro em breve, ouvir-se-ia o suave gemido do catavento aceso, uma pequena porção de vapor das turbinas, e depois o rugido do jato de flama no qual

o foguete se ergueria lentamente e se curvaria majestoso no início de sua gigantesca curva de aceleração.

E então, diante dele, viu o braço retorcido do guindaste dobrado novamente contra a parede, e sua mão alcançou a barra. O braço foi-se esticando para baixo e para fora em direção à linha fina e quadrada, na pele brilhante do foguete, que era a porta do compartimento do giroscópio.

Caminhando apoiado nas mãos e nos joelhos, Bond alcançou-o bem antes de as almofadas de borracha virem descansar contra o cromo polido. Encontrou o disco de descarga, do tamanho de um xelim, exatamente como Gala havia descrito. Apertar, estalar, e a pequenina porta se abria, girando no parafuso duro. Dentro. Cuidado para não ferir a cabeça. Os cabos cintilantes embaixo dos ponteiros da bússola. Virar. Torcer. Firme. Isto é para o rolamento. Agora o topo e o pior. Virar. Lento. Bem delicadamente. Mas firme. Um último olhar. Uma olhada no relógio. Quatro minutos para ir. Não fique em pânico. Volte. Estalido da porta. Uma fuga rápida de gato. Não olhe para baixo. O guindaste se ergueu. Bateu contra a parede. E agora as escadas.

Tique-tique-tique-tique.

Ao descer, Bond vislumbrou o rosto de Gala, branco, tenso, enquanto ela permanecia segurando a porta exterior aberta, a porta do escritório de Drax. Oh, Deus! Como seu corpo doía! Um último salto e uma reviravolta desajeitada para a direita. Pam! Quando bateu com força a porta de fora. Nova pancada, e ei-los atravessando a sala em direção ao chuveiro. A água jorrando sobre seus corpos pegajosos e doloridos.

Por dentro de todo aquele barulho, acima das batidas do próprio coração, Bond ouviu o súbito estalar da estática e, em seguida, a voz do locutor da BBC vinda do enorme aparelho da sala de Drax, poucos centímetros distante da parede fina do banheiro. Fora novamente Gala quem se lembrara do aparelho de rádio de Drax e que encontrara tempo para pô-lo a funcionar enquanto Bond trabalhava no giroscópio.

“... cinco minutos de atraso” — dizia a voz excitada, leve, ao microfone. — Bond fechou o chuveiro, e a voz chegou até eles mais claramente. — “Sir Hugo foi persuadido a dizer algumas palavras. Parece muito confiante. Está dizendo qualquer coisa no ouvido do Ministro. Estão ambos rindo. Gostaria de saber o que estão dizendo. Ah, eis o meu colega que chega com as últimas notícias a respeito do tempo, vindas do Ministério

da Aeronáutica. Que dizem elas? Perfeito em todas as altitudes. Bom espetáculo. Não há dúvida de que temos um dia maravilhoso aqui, Ah! A multidão reunida à distância, perto da estação de guardas-costeiros, vai apanhar uma boa queimadura de sol. Deve haver milhares de pessoas ali. Que foi que você disse? Vinte mil? Bem, a impressão que dá é essa mesmo. Walmer Beach também está apinhada de gente. Toda a população de Kent parece estar na rua. Todo mundo vai ficar com mau jeito no pescoço. Vai ser pior que em Wimbledon. Alô, que é que está se passando ali no cais? Puxa, é um submarino que acaba de subir à superfície. Que espetáculo! É um dos maiores que existem, creio eu. E a equipe de Sir Hugo está lá embaixo também. Alinhados no cais, como se estivessem numa parada. Magnífica corporação. Agora entram a bordo em fila. Disciplina perfeita. Deve ser uma idéia do Almirantado. Oferecer-lhes uma recepção especial na entrada do Canal. Maravilhoso espetáculo. Gostaria que você estivesse aqui para ver. Agora Sir Hugo vem vindo em nossa direção. Dentro em pouco estará falando com vocês. Bela figura de homem! Todos os que se encontram no ponto de tiro o estão aclamando. Tenho certeza de que todos nós nos sentimos inclinados a aclamá-lo hoje. Ele vem vindo para o ponto de tiro. Daqui vejo o sol brilhando no nariz do “Explorador da Lua”, lá adiante, por trás dele. Começa a sair por trás do alto da cúpula de lançamento. Espero que alguém tenha uma máquina fotográfica. Ei-lo que chega aqui agora — uma pausa. — Sir Hugo Drax.

Bond olhou o rosto gotejante de Gala. Ensopados e sangrando, ficaram nos braços um do outro, sem falar e tremendo ligeiramente sob o impacto de suas emoções. Seus olhos nada exprimiam e eram insondáveis quando se fitaram.

A voz que se ergueu era aveludado rosnar:

— Vossa Majestade, homens e mulheres da Inglaterra. Estou prestes a modificar o curso da história da Inglaterra. — Uma pausa. — Dentro de poucos minutos todas as vossas vidas estarão alteradas, em alguns casos drasticamente, pelo — hum — impacto do “Explorador da Lua”. Sinto-me muito orgulhoso e feliz porque o destino me elegeu, dentre todos os meus compatriotas, para lançar esta grande flecha de vingança nos céus e assim proclamar para sempre e para que todo o mundo presencie, o poderio de minha Pátria. Espero que esta oportunidade seja para sempre um aviso de que o destino dos inimigos de meu País estará escrito em poeira, em cinzas, em lágrimas e — uma pausa — em sangue. E agora muito

obrigado por me terem ouvido, e eu, sinceramente, faço votos para que aqueles dentre vós que puderem, repitam as minhas palavras aos seus filhos, se os tiverem, hoje à noite.

Uma onda um tanto hesitante de aplausos ecoou através do microfone. Em seguida, ouviu-se a voz animada do locutor.

— Acabamos de ouvir Sir Hugo Drax, dirigindo-lhes algumas palavras antes de atravessar o ponto de tiro que leva ao interruptor na parede que lançará o “Explorador da Lua”. É a primeira vez que fala em público. Muito — hum — incisivo. Não faz rodeios para falar. Entretanto, muita gente achará que não há nenhum mal nisto. E agora chegou o momento de eu passar o microfone ao técnico, Capitão-Chefe de Grupo Tandy, do Ministério do Abastecimento, que descreverá para vocês o lançamento do “Explorador da Lua”. Em seguida, ouvirão a palavra de Peter Trimble, numa das embarcações da patrulha de segurança naval, o HMS Merganser, que descreverá a cena da área compreendida pelo alvo. O Capitão Tandy.

Bond lançou um olhar ao relógio.

— Só mais um minuto — disse a Gala. — Oh, meu Deus, como eu gostaria de pôr as mãos em Drax. Tome aqui — estendeu a mão para o sabonete e arrancou-lhe alguns pedaços. — Ponha isto nos ouvidos, quando chegar a hora. O barulho vai ser tremendo, não sei dizer como será o calor. Não durará muito, e as paredes de aço talvez agüentem bem. Gala olhou para êle. Sorriu.

— Se você me segurar, não vai ser assim tão ruim — falou.

— E agora Sir Hugo está com a mão no interruptor e olha o cronômetro.

— DEZ — disse outra voz, forte e sonora como o toque de um sino.

Bond abriu o chuveiro, e a água jorrou sobre seus corpos apertados um contra o outro.

— NOVE — reboou a voz do que controlava o tempo.

— Os operadores do radar estão olhando as telas. Nada, exceto uma massa de linhas onduladas. . .

— OITO.

— Todos estão usando tampões nos ouvidos. A casamata deve ser indestrutível. As paredes de concreto têm três metros e meio de espessura. O teto em pirâmide tem sete metros e pouco de espessura na ponta. . .

— SETE.

— Primeiro o rádio sustará o mecanismo do tempo nas turbinas. Porá em movimento o cata-vento. Uma coisa flamejante como uma rodinha de fogo de artifício. . .

— SEIS.

— As válvulas se abrirão. Combustível líquido, Fórmula secreta. Coisa formidável. Dinamite. Cai dos tanques de combustível ...

— CINCO.

— Aceso pelo pino giratório, quando o combustível chega ao motor do foguete. . .

— QUATRO.

— enquanto que a água oxigenada e o permanganato já se misturaram, tornaram-se vapor, e as bombas das turbinas começam a girar.. .

— TRÊS.

— bombeando o combustível inflamável, através do motor, na cauda do foguete, para a cavidade exaustora. Calor gigantesco. . . 3500 graus...

— DOIS.

— Sir Hugo está prestes a apertar o botão. Está olhando pela abertura. O suor lhe umedece a fronte. Completa tensão aqui. Tremenda tensão.

— UM.

Nada senão o ruído da água, caindo incessantemente nos dois corpos agarrados.

— FOGO!

O coração de Bond pulou para a garganta ao ouvir o grito. Sentiu Gala estremecer. Silêncio. Nada, senão o sibilar da água...

— Sir Hugo deixou a casamata. Vai caminhando calmamente para a borda dos penhascos. Tão confiante! Passou agora para o elevador. Vai descer. Naturalmente. Deve ir até o submarino. As telas de televisão mostram um pouco de vapor vindo da cauda do foguete. Mais alguns segundos. Sim, ele se encontra no cais. Olhou para trás e levantou o braço no ar. Bom velho Sir Hu...

Um troar longínquo chegou até Bond e Gala. Mais alto. Mais alto. O chão ladrilhado começou a tremer debaixo dos pés deles. Um clamor de furacão!! Seriam pulverizados. As paredes tremiam, queimavam. As pernas de ambos começaram a descontrolar-se sob seus corpos oscilantes. Segure-a bem. Segure-a bem. Pare com isso! Pare com isso!! PARE COM

ESSE BARULHO.

Cristo, êle ia desmaiar. A água estava fervendo. Era preciso fechá-la. Encontrei. Não. O cano arrebentou. Vapor, cheiro, ferro, tinta.

Tire-a daqui para fora! Tire-a daqui para fora!! Tire-a daqui para fora!!!

Depois o silêncio. Silêncio que se podia sentir, apalpar, apertar. E eles estavam no chão do escritório de Drax. Só a luz do banheiro ainda brilhava. A fumaça ia dissipando-se. Assim como o cheiro horrível de ferro queimado e tinta. Estavam sendo sugados pelo ar condicionado. A parede de aço inclina-se para eles qual bolha gigantesca. Os olhos de Gala estão abertos, e ela está sorrindo. Mas o foguete? Que foi que aconteceu? Londres? Mar do Norte? O rádio. Parece em ordem. Sacudiu a cabeça, e a surdez foi lentamente desaparecendo. Lembrou-se do sabão. Retirou-o das orelhas.

— Atravessando a barreira do som. Viajando perfeitamente bem no centro da tela do radar. Um lançamento perfeito. Receio que não tenham ouvido nada por causa do barulho. Tremendo. Primeiro todo aquele grande lençol de chamas vindo do penhasco, saindo da cavidade exaustora, e depois vocês deveriam ter visto o nariz lentamente surgir da cúpula. Ei-lo que sobe como um enorme lápis de prata. Mantendo-se em posição vertical nesta imensa coluna de chamas e vagorosamente subindo no ar. A flama se espalhando por centenas de quilômetros sobre o concreto. O uivo da coisa deve ter ameaçado seriamente arrebentar nossos microfones. Grandes fragmentos caíram do penhasco, e o concreto parece uma teia de aranha. Tremenda vibração. E a agulha subindo cada vez mais rápida. Cem milhas por hora. Mil. E — o locutor interrompeu o que ia dizendo — o que é que você disse? Ah, sim? Agora está percorrendo o espaço numa velocidade de dez mil milhas horárias! Encontra-se a uma altura de trezentas milhas. Não posso ouvir mais, naturalmente. Só vimos a flama durante alguns segundos. Como uma estrela. Sir Hugo deve estar muito orgulhoso. Encontra-se, no momento, no Canal. O submarino partiu como um foguete. Deve estar fazendo mais de trinta nós. Atirando para cima um colosso de espuma. Já alcançou o East Goodwins agora. Viaja para o norte. Dentro em breve chegará até os navios patrulheiros. Presenciarão o lançamento e a aterrissagem. Mas esse itinerário foi meio surpreendente. Ninguém aqui tinha a menor indicação. Até mesmo as autoridades navais parecem um tanto mistificadas. O Comandante-em-

Chefe Nore foi ao telefone. Mas agora é só o que eu lhes posso informar daqui e vou passar a palavra a Peter Trimble, a bordo do HMS Merganzer, num ponto qualquer da Costa Oriental.

Nada, exceto os pulmões funcionando, indicava que os dois corpos largados na lagoa sempre crescente do chão ainda estivessem vivos. Mas seus tímpanos avariados pendiam desesperadamente do ruído de estática que veio durante alguns instantes do gabinete de metal todo empipocado. Agora teriam o veredicto do seu trabalho.

— Aqui fala Peter Trimble. Temos uma linda manhã — retifico — tarde, aqui. Um pouco ao norte de Goodwin Sands. Calmo como um lago. Não há vento. O sol brilha alegremente. A área compreendida pelo alvo foi declarada limpa, sem nenhuma embarcação. Não é assim, Comandante Edwards? Sim, o Capitão diz que está tudo inteiramente limpo. Por enquanto nada se vê na tela do radar. Não me é permitido informar o raio em que o pegaremos. Por motivos de segurança, e essa coisa toda. Mas nós só pegaremos o foguete por uma fração de segundo. Não está certo o que digo, Capitão? Mas o alvo começa a aparecer na tela. Não se pode vê-lo da ponte, naturalmente. Deve estar a setenta milhas daqui, na direção do norte. Vimos o “Explorador da Lua” subindo. Espetáculo assombroso! O barulho semelhante a um trovão. Uma longa chama saía da cauda. Devia estar já a dez milhas de distância, mas não era possível deixar de ver a luz. Não é isto, Capitão? Ah, sim, compreendo. Bom, isto é muito interessante. O enorme submarino se aproxima rapidamente. Está apenas a uma milha de distância. Suponho que seja aquele onde se encontra Sir Hugo com seus homens. Nenhum de nós aqui foi informado de coisa alguma a seu respeito. O Capitão Edwards diz que não responde à lâmpada Aldis. Não traz distintivo de navegação. Muito misterioso. Peguei-o agora mesmo. Está bem nítido em meus binóculos. Mudamos de rumo para tentar a interceptação. O Comandante diz que não é um dos nossos. Acha que deve ser estrangeiro. Atenção! Mostrou agora suas cores. O que vem a ser isto? Santo Deus! O capitão diz que é um submarino russo. Puxa! Agora está arriando as bandeiras e submergindo. Bang! Ouviram? Atiramos visando a proa, mas já desapareceu. Que é isto? Ah, o operador do *asdic* informa que está acelerando cada vez mais, debaixo da água. Vinte e cinco nós. Puxa! De qualquer modo, o submarino não poderá ver muita coisa debaixo da água, porém encontra-se agora bem na área do alvo. Passam vinte minutos das doze horas. O “Explorador” deve ter mudado seu rumo e

prepara agora a descida. A umas mil milhas. Velocidade de descida, dez mil milhas horárias. Estará aqui dentro de segundos. Espero que não se verifique tragédia alguma. O submarino russo encontra-se bem dentro da zona perigosa. O operador do radar está acenando para nós. É o sinal para avisar que está na hora. Vem chegando. Vem chegando! . . . Não se ouve o mais leve ruído! deus do céu! Que é isto? Cuidado! Cuidado! Uma terrível explosão.. . Uma nuvem negra se eleva no ar. Uma gigantesca vaga, como a de um maremoto, aproxima-se rapidamente de nós. Uma vaga enorme! O submarino! Santo Deus... vimo-lo agora saltar fora da água e voltar a mergulhar, de quilha para o ar! Vem chegando. . .! Vem chegando! ...

CAPÍTULO 25

ZERO MAIS

Duzentos mortos confirmados, até agora, e aproximadamente o mesmo número de pessoas desaparecidas — informou M.

— Ainda estão chegando notícias da costa oriental, e as informações da Holanda não são das melhores. Foram inutilizadas muitas milhas de suas defesas navais. A maioria de nossas perdas ocorreu nas unidades patrulheiras. Duas delas viraram, incluindo o Merganzer. O Comandante desapareceu. O camarada da B. B. C. também. Os navios-faróis de Goodwin partiram as amarras. Ainda não recebemos notícias da Bélgica e da França. Haverá contas bem pesadas a pagar, quando tudo isto ficar em ordem...

Era na tarde seguinte, e Bond, com uma bengala de ponta de borracha ao lado da cadeira, voltava a sentar-se onde tudo havia começado: do outro lado da escrivaninha daquele homem calmo, de frios olhos cinzentos, que o convidara para jantar e jogar bridge, há cem anos atrás.

Por baixo da roupa, Bond era uma perfeita e entrelaçada teia de esparadrapo. A dor queimava-lhe as pernas, sempre que tentava mexer os pés. Um traço vermelho cortava-lhe a face esquerda e a parte superior do nariz. O linimento, feito à base de ácido pícrico, cintilava à luz que entrava pela janela. Segurava um cigarro, como podia, na mão enluvada. Inacreditavelmente, M. tinha-o convidado a fumar.

— Algumas notícias do submarino, chefe? — perguntou Bond.

— Já o localizaram — disse M. com satisfação. — Adernado a cerca de trinta braças de profundidade. O navio de salvamento que deveria localizar os restos do foguete encontra-se agora por cima dele. Os mergulhadores já estiveram no fundo, e não houve resposta aos sinais feitos

no casco. O embaixador soviético esteve no Foreign Office esta manhã. Parece ter declarado vir a caminho um navio salva-vidas, proveniente do Báltico, mas respondemos que não podíamos esperar, visto que, tratando-se de um navio naufragado, constitui um perigo para a navegação, no local onde está. — M.riu. — Com efeito, seria um perigo se alguém se dispusesse a navegar a trinta braças de profundidade, em pleno Canal. Contudo, estou satisfeito por não ser membro do Ministério — acrescentou friamente. — Tem estado em sessão permanente, desde o final da transmissão radiofônica. Vallance conseguiu entrar em contato com os tais advogados de Edinburg, antes de eles abrirem a mensagem de Drax para o mundo. Parece ser um documento terrível, como se tivesse sido escrito pelo próprio Jeová. Vallance levou-o ao Governo, na noite passada, e ficou no 10, Downing Street, para esclarecer pontos ainda não averiguados.

— Eu sei — disse Bond. — Ele esteve telefonando constantemente para o hospital, procurando saber detalhes, até depois da meia-noite. Eu mal podia raciocinar direito, devido aos entorpecentes que me aplicaram. E que vai acontecer agora?

— Vão tentar abafar a coisa, com a maior embromação de que se teve notícia até hoje em toda a História. Uma quantidade enorme de lero-lero científico, explicando que o combustível foi usado só pela metade. Deu-se uma inesperada e potente explosão. Serão pagas indenizações. Perda trágica de Sir Hugo Drax e sua valiosa equipe. Grande patriota. Perda trágica de um dos submarinos de Sua Majestade. Último modelo experimental, ordens mal compreendidas. Tudo muito triste. Felizmente, perdeu-se uma tripulação mínima. Os parentes mais próximos serão informados. Trágica perda de um radialista da B.B.C. Inacreditável erro ao confundir a insígnia branca com as cores navais soviéticas. O desenho é muito semelhante. A bandeira branca foi recuperada no naufrágio.

— Mas que me diz da explosão atômica? — indagou Bond. — Radiações, poeiras radioativas e tudo isso. . . A famosa nuvem em forma de cogumelo. Com certeza isso vai ser um problema para explicar.

— Aparentemente, não estão muito preocupados com a questão — disse M. — A nuvem vai passar como formação normal, após uma explosão daquela envergadura. O Ministério do Abastecimento conhece toda a história. Foi preciso contar-lhes. Seus homens andaram percorrendo ontem à noite toda a costa oriental, com contadores Geiger, e ainda não

houve qualquer notícia positiva. — M. sorriu friamente. — A nuvem terá de descer em algum lugar, claro, mas por uma feliz circunstância, o vento está empurrando-a para o norte. De volta a casa, como se poderia dizer. . .

Bond esboçou um sorriso, com dificuldade.

— Compreendo. Que coisa apropriada.

— Evidentemente — prosseguiu M., enchendo o cachimbo — haverá por aí uma série de boatos desagradáveis. Já começaram, aliás. Muita gente viu você e Miss Brand, serem retirados em padiolas. Depois, há o caso da Bowaters contra Drax, pela perda de todo aquele material de impressão. Haverá também inquérito sobre o rapaz que foi morto no Alfa Romeo. E alguém terá de explicar como se encontraram os restos de seu automóvel, entre os quais, — e nesta altura, M. olhou acusadoramente para Bond — foi encontrado um Colt de cano longo. E temos ainda o Ministério de Abastecimento. Vallance teve de chamar alguns de seus homens, ontem, para limpar aquela casa da Ebury Street. Mas essa gente está treinada em guardar segredo. Não será por aí que se descobrirá alguma coisa. Naturalmente, será um negócio arriscado. Mas a mentira de grandes proporções sempre o foi. E qual seria a alternativa? Encrencas com a Alemanha? Guerra com a Rússia? Muita gente, dos dois lados do Atlântico, ficaria mais do que satisfeita se lhe déssemos um motivo para agir.

M. fez uma pausa e chegou um fósforo ao cachimbo. Depois continuou:

— Se a história fôr engolida, não sairemos muito mal de tudo isto. Quisemos um de seus submarinos ultravelozes e ficaremos satisfeitos com as pistas que conseguimos descobrir a respeito de suas bombas atômicas. Os russos sabem que nós sabemos que o jogo deles fracassou. Malenkov não está muito firme no poder, e isto pode muito bem significar outra rebelião entre os senhores do Kremlin. Quanto aos alemães, bem... todos nós sabemos que ainda ficou muito nazismo espalhado por aí, e isto servirá para que o Ministério seja um pouco mais cauteloso, no tocante ao rearmamento da Alemanha. Entre as conseqüências de menor vulto — disse com um sorriso — destaca-se a de que o trabalho de segurança de Vallance, e o meu também, aliás, vão ficar um pouco mais fáceis para o futuro. Esses políticos não vêem que a era atômica criou o mais letal sabotador da história da humanidade: o homenzinho com a valise pesada.

— E a imprensa vai engolir essa história? — perguntou Bond, du-

vidoso.

M. sacudiu os ombros.

— O Primeiro-Ministro teve esta manhã um encontro com os jornalistas — respondeu M., chegando outro fósforo ao cachimbo — e creio que conseguiu tudo da melhor maneira. Se os boatos se intensificarem mais tarde, êle terá, provavelmente, de convocá-los novamente e dizer-lhes parte da verdade. Então, eles se portarão bem. Sempre se portaram, quando o negócio é importante de verdade. O principal é ganhar tempo e manter afastados os boateiros. No momento, todos estão de tal maneira orgulhosos do “Explorador da Lua”, que não indagarão muito minuciosamente que foi que não deu certo.

Ouviu-se um leve zumbido no intercomunicador da escrivanhinha de M., e uma luzinha vermelha piscou repetidas vezes. M. pegou no fone e curvou-se. — Alô. — Houve uma pausa. — Atenderei na linha do Ministério. — Apanhou o receptor branco, na mesa onde havia quatro telefones. — Sim. Está falando. — Nova pausa. — Pronto, sir? Escuto. — M. premiu o botão do misturador de sons. Segurou o fone junto ao ouvido, e nem um som chegou até aos ouvidos de Bond. Houve uma longa pausa, durante a qual M. ia puxando uma ou outra baforada do cachimbo, com a mão esquerda, enquanto escutava. Depois, tirou-o da boca. — De acordo, sir. É isso mesmo, sir. — Outra pausa. — Estou certo de que o meu homem teria ficado extremamente orgulhoso, sir. Mas, naturalmente, como Vossa Excelência sabe, é uma regra aqui no serviço. — M. franziu a testa. — Se me permite dar uma opinião, sir, creio que não seria nada aconselhável. — Uma pausa e a fisionomia de M. se desanuviou. — Obrigado, sir. Claro, Vallance não tem o mesmo problema. É o mínimo que ela merece, sir. — Outra pausa. — Compreendo. Assim será feito, sir. — Nova pausa. — É muita bondade sua, sir.

Depois de mais alguns cumprimentos, M. colocou o telefone branco no gancho, e o botão do misturador voltou à sua posição inicial de “livre”.

Por uns instantes, M. continuou fitando o telefone, como se em dúvida a respeito do que fora dito. Depois rodou a cadeira para longe da escrivanhinha e olhou pela janela, pensativo.

Reinou o silêncio na sala, e Bond remexeu-se na cadeira, para aliviar a dor que lhe invadia novamente o corpo.

O mesmo pombo de segunda-feira, ou talvez outro, veio descansar

no peitoril da janela, com o mesmo ruflar de asas. Caminhava para um e outro lado, baixando a cabeça e arruinando. Depois, voou para as árvores do parque. O tráfego murmurava, sonolento, na distância.

Como estivera perto, pensou Bond, de embarcar desta para melhor. Quão perto estivera de não haver nada mais do que a sirena distante da ambulância sob um sinistro céu negro e alaranjado, o cheiro de queimado, os gritos das pessoas ainda presas nos edifícios. O suave bater do coração de Londres, silenciado por uma geração. E toda uma geração de sua gente, morta nas ruas, entre as ruínas fumegantes de uma civilização que talvez não se erguesse de novo senão daí a muitos séculos.

Tudo isso teria acontecido por causa de um homem que fazia trapça nas cartas, desdenhosamente, para alimentar o fogo devorador de seu ego maníaco; teria acontecido, se não fosse o presidente do clube Blades que o descobriu; se não fosse M., que concordara em ajudar um velho amigo; se não fosse a lição meio recordada por Bond e aprendida com um perito em trapças; se não fossem as precauções de Vallance; se não fosse a boa cabeça de Gala para cálculos; se não fosse por uma série completa de circunstâncias fortuitas, de oportunidades .

E quem preparou a série?

OuvIU-se um ranger agudo, quando a cadeira de M. girou. Bond, cautelosamente, voltou a focalizar sua atenção nos olhos cinzentos do outro lado da escrivaninha.

— Era o Primeiro-Ministro — explicou M., em voz agridoce. — Diz que deseja que tanto você como Miss Brand saiam do País. — M. baixou os olhos e pousou-os, impassível, no forniiho do cachimbo. — Vocês dois têm de dar o fora até amanhã à tarde. Há muitas pessoas, neste caso, que lhes conhecem as caras. Poderão somar dois e dois e saberem que são quatro, quando virem em que estado lamentável se encontram. Vão para qualquer lugar que lhes agrade. Despesas sem limite de verba para ambos. Qualquer importância que precisarem. Vou falar com o Tesoureiro. Fique fora por um mês. Mas completamente fora de circulação, entendeu? Vocês dois já deveriam ter partido esta tarde, mas a moça tem um compromisso amanhã às onze horas. No Palácio. Foi-lhe concedida a George Cross. Mas isso não será divulgado até ao novo ano, claro. Gostaria de encontrá-la, qualquer dia. Deve ser uma excelente moça. Aliás — a expressão de M., quando levantou os olhos, era indecifrável — o Primeiro-Ministro tinha na idéia qualquer coisa para você, também. Esquecera que

nós, aqui, não admitimos essas coisas. De modo que me pediu para lhe agradecer em nome dele. Disse algumas palavras simpáticas a respeito de nosso serviço. É muito gentil.

M. esboçou um daqueles raros sorrisos que iluminavam seu rosto com uma vivacidade e calor imediatos. Bond retribuiu o sorriso. Eles compreendiam bem as coisas que não chegavam a ser ditas.

Bond percebeu que era tempo de sair. Levantou-se e disse:

— Muito obrigado, chefe. Estou muito satisfeito pela moça.

— Bom, então está tudo combinado — disse M., com uma nota de despedida na voz. — Por hoje basta. Vê-lo-emos aqui dentro de um mês. Ah, é verdade — acrescentou com naturalidade — passe pelo seu escritório antes de sair. Encontrará uma coisa que eu lhe deixei lá. Uma pequena lembrança .

James Bond desceu pelo elevador e foi mancando pelo corredor, até seu gabinete. Quando cruzou a porta interior, encontrou sua secretária arrumando alguns papéis na escrivaninha ao lado da dele.

— 008 já está de volta? — perguntou.

— Sim — respondeu ela, sorrindo feliz. — Deve voar esta noite para cá.

— Ótimo, fico alegre por saber que você terá companhia — disse Bond. — Vou partir novamente.

— Oh! — exclamou a moça. Olhou rapidamente para êle e depois desviou o olhar. — Você está mesmo com cara de quem precisa de um bom descanso.

— Pois vou tê-lo mesmo. Um mês de exílio. — Pensou em Gala. — Vai ser um período de puras férias. Nada mais. Alguma coisa para mim?

— Seu novo carro está lá embaixo. Já o examinei. O homem disse que você lhe tinha dado ordens para que o trouxessem para experiência esta manhã. É lindo! Ah, é verdade. E tem ainda o pacote que veio do gabinete de M. Quer que o desembulhe?

— Sim, por favor. . .

Bond sentou-se à escrivaninha e olhou o relógio. Cinco horas. Sentia-se fatigado. Sabia que iria sentir o mesmo durante alguns dias. Sempre tinha essas reações, no final de uma difícil missão. Era a consequência dos dias de nervos em tensão, dos temores, do medo.

Sua secretária voltou ao escritório, com duas caixas de papelão, de aspecto pesado. Colocou-as sobre a escrivaninha, e êle abriu a de cima.

Quando viu a espécie de papel que envolvia o objeto, percebeu logo o que estava para vir.

Havia um cartão dentro da caixa. Bond pegou-o e leu. Na tinta verde usada por M., este dizia: “Você pode precisar destas coisas.” Não havia assinatura.

Bond desembalou o papel impermeável e sopesou a nova e refulgente Beretta em sua mão. Um lembrete. Não. Uma recordação. Bond sacudiu os ombros e fez a arma deslizar por baixo do casaco, para o coldre vazio. Levantou-se com alguma dificuldade.

— No outro embrulho, você encontrará um Colt de cano longo — disse êle à secretária. — Guarde até eu regressar. Então, eu o levarei ao fogão da cantina e jogá-lo-ei lá dentro.

Caminhou para a porta:

— Adeus, Lil. Lembre-se a 008, e diga-lhe que tome cuidado com você. Eu estarei na França. Estação F terá meu endereço. Mas só em caso de emergência.

A moça sorriu.

— Que deverei considerar uma emergência? — perguntou.

Bond soltou uma pequena risada.

— Qualquer convite para um tranqüilo jogo de bridge, por exemplo — respondeu êle.

Saiu mancando e fechou a porta.

O Mark VI, modelo 1953, tinha uma carroçaria esportiva e elegante, côr cinza de navio de guerra como o velho quatro litros e meio que fora para a sepultura numa garagem de Maidstone. O estofamento de couro azul-marinho deu um luxuoso gemido de coisa nova, quando Bond subiu, desajeitadamente, para o assento ao lado do motorista de provas.

Meia hora depois, o motorista ajudou-o a descer na esquina de Birdcage Walk com Queen Anne’s Gate.

— Se o senhor quisesse, poderíamos ter feito maior velocidade — disse o motorista. — E se nos autorizar a ficar com êle por mais uns quinze dias, poderemos prepará-lo para chegar aos cento e sessenta horários.

— Mais tarde — respondeu Bond. — Está comprado. Mas com uma condição. De que você o leve à terminal do ferry-boat na estação de Calais, amanhã à tarde.

O motorista sorriu:

— O.K. Eu o levarei. Verei o senhor no cais, está bem?

— Combinado. Siga com cuidado pela A-20. A estrada de Dover está muito perigosa, estes últimos dias.

— Não se preocupe, sir — respondeu o motorista, pensando que aquele homem devia ser um tanto medroso, apesar de tudo o que parecia conhecer a respeito de automóveis. — Não acontecerá nada.

— Nem todos os dias — advertiu ainda Bond, sorrindo. — Vê-lo-ei em Calais.

Sem esperar a resposta, saiu mancando, apoiado à bengala, por entre os raios de luz poeirenta do crepúsculo, filtrados através das árvores do parque.

Sentou-se defronte da ilha, no lago, e puxou da cigarreira, acendendo um cigarro. Olhou o relógio. Cinco para as seis. Lembrou-se de que ela não era o tipo de pequena que não seria pontual num encontro. Reservara a mesa de um canto para o jantar. E depois? Mas, primeiro, haveria o longo e requintado planejar. De que gostaria ela? Onde gostaria de ir? Onde já teria estado? Alemanha, com certeza. França? Deixaria Paris de lado. Poderiam visitar a cidade no regresso. Mas, na primeira noite, iriam o mais longe que pudessem, bem longe do Pas de Galais. Havia aquela casa de campo, com uma comida maravilhosa, entre Montreuil e Étaples. Depois, a descida ao longo do Loire. Os pequenos lugares perto do rio, para alguns dias. As cidades dos castelos, não. Lugares como Beaugency, por exemplo. Depois, vagarosamente, para o sul, sempre seguindo pelas estradas do Oeste, evitando a vida em lugares mundanos e hotéis de cinco estrelas. Explorando lentamente o caminho. Bond teve um sobressalto. Explorar o quê? Um ao outro? Seria que êle estava levando a pequena a sério, demasiado a sério?

— James.

Era uma voz clara, bem timbrada, um pouco nervosa. Não a voz que êle esperava.

Levantou os olhos. Ela estava de pé, a poucos metros de distância. Bond reparou que usava uma boina preta, colocada num ângulo brejeiro. Tinha um ar excitante, misterioso, como alguém que vemos, em terra estranha, conduzindo sozinha um carro aberto. Alguém inatingível e mais desejável do que qualquer outra pessoa que já se conheceu até hoje. Alguém que está a caminho de um encontro amoroso com outro. Alguém que não é para você.

Bond ergueu-se, e deram-se as mãos.

Foi ela quem soltou a sua. Não se sentou.

— Gostaria muito que você fosse amanhã, James — disse Gala.

Seus olhos eram ternos quando o fitou. Ternos e suaves, mas, pensou êle, algo evasivos. Bond sorriu.

— Amanhã de manhã? Ou amanhã à noite? — disse êle.

— Não seja ridículo — respondeu Gala, rindo e corando. — Amanhã no Palácio.

— E depois? Que tenciona você fazer?

Gala encarou-o, cautelosamente. Que seria que esse olhar lembrava a êle? O olhar de Morphy? O olhar com que fitara Drax, na derradeira mão do jogo no Blades? Também não. Havia algo mais. Ternura? Pena?

A moça olhou por cima do ombro. Bond deu meia volta. Mais adiante viu a figura de um rapaz alto, de cabelos louros e cortados curtos. Estava de costas para ambos, sem fazer qualquer movimento. Matando o tempo.

Bond voltou a cabeça para Gala, e os olhos dela encontraram os seus.

— Vou-me casar com aquele homem — declarou ela, simplesmente. — Amanhã de tarde. — E então, como se não houvesse necessidade de outra explicação, acrescentou: — O nome dele é Vivian, Detetive-Inspector.

— Ah, sim — disse Bond — compreendo. — Sorriu, um tanto amargo.

Houve um momento de silêncio, durante o qual seus olhos se desviaram para longe.

Entretanto, por que motivo deveria êle esperar outra coisa diferente? Um beijo. O contato de dois corpos assustados, agarrando-se no meio do perigo. Nada mais houvera. Depois, o anel de noivado sempre estivera no dedo dela, para que Bond não tivesse dúvidas. Por que supusera êle, automaticamente, que a moça o usara apenas como estratagemas para que Drax não excedesse os limites? Por que imaginara que ela compartilhava de seus desejos e de seus planos?

E agora? conjecturava Bond. Sacudiu os ombros para expulsar a dor do fracasso... essa dor que é bem maior do que o prazer do sucesso. Afastar-se, era agora a única saída. Sair do caminho dessas duas vidas jovens e levar seu frio coração para qualquer outro lugar. Nada de penas. Nada de falsos sentimentos. Tinha de representar o papel que ela esperava dêle.

O homem duro, mundano. O Agente Secreto. O homem que era apenas uma silhueta.

Gala fitava-o, bastante nervosa, esperando ver-se desligada do estranho que tentara penetrar no átrio de seu coração.

Bond sorriu, com calor.

— Estou com ciúme — disse êle. — Tinha outros planos para você amanhã à noite.

Gala retribuiu o sorriso, grata por ter sido quebrado o silêncio.

— Quais eram esses planos? — indagou.

— Ia levá-la a uma casa de campo na França. E, depois de um jantar maravilhoso, pretendia verificar se é verdade o que dizem a respeito do grito de uma rosa.

A moça riu.

— Lamento muito não poder participar desses planos. Mas existem tantas outras, esperando serem colhidas.

— Sim, creio que sim — disse Bond. — Então, adeus, Gala.

Estendeu-lhe a mão.

— Adeus, James.

Bond tocou em Gala Brand pela derradeira vez e, depois, separaram-se, caminhando cada qual ao encontro de suas tão diferentes vidas.

JAMES BOND EM GRANDE GALA

Mais uma emocionante aventura de James Bond, o famoso agente secreto 007, enamorado da morte e também de belas, sedutoras e quase sempre sinistras mulheres.

Com suas *Berettas & Walthers*, ei-lo de novo às voltas com os percalços de sua vida inquieta, acatando as ordens do seu chefe M., cumprindo sem hesitar as perigosas missões que lhe confiam, desafiando e vencendo seus audaciosos e traiçoeiros inimigos.

Em O FOGUETE DA MORTE, James Bond põe em jogo o seu destino, enfrenta dramáticas situações, mas em compensação passa deliciosos e inesquecíveis momentos nos braços da linda e misteriosa Gala.

Mais um lançamento de categoria da
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.